



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO



ELEXANDRA SANTOS DO NASCIMENTO BAYMA

**EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA E ESPIRITUALIDADE: um estudo misto  
com pessoas servidoras públicas da UFPE e do INSS**

Recife

2020

ELEXANDRA SANTOS DO NASCIMENTO BAYMA

**EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA E ESPIRITUALIDADE: um estudo misto  
com pessoas servidoras públicas da UFPE e do INSS**

Dissertação apresentada como um requisito para aprovação no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

Área de concentração: Educação e Espiritualidade

**Orientador:** Prof. Dr. Aurino Lima Ferreira

Recife  
2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Danilo Leão, CRB-4/2213

B359e Bayma, Elexandra Santos do Nascimento.  
Educação para aposentadoria e espiritualidade: um estudo misto com  
pessoas servidoras públicas da UFPE e do INSS. / Elexandra Santos do  
Nascimento Bayma. – Recife, 2020.  
220 f.

Orientador: Aurino Lima Ferreira.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.  
Programa de Pós-graduação em Educação, 2020.  
Inclui Referências e Apêndices.

1. Educação. 2. Espiritualidade. 3. Serviço público. 4. UFPE - Pós-  
graduação. I. Ferreira, Aurino Lima. (Orientador). II. Título.

370 (23. ed.) UFPE (CE2021-018)

**ELEXANDRA DOS SANTOS NASCIMENTO BAYMA**

**EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA E ESPIRITUALIDADE: UM ESTUDO MISTO COM PESSOAS SERVIDORAS PÚBLICAS DA UFPE E DO INSS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre/a em Educação.

Aprovada *por videoconferência* em: 30/11/2020

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Aurino Lima Ferreira (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco  
*[Participação por videoconferência]*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Sandra Montenegro Silva Leão (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco  
*[Participação por videoconferência]*

Prof. Dr. Silas Carlos Rocha da Silva (Examinador Externo)  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
*[Participação por videoconferência]*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eugênia de Paula Benício Cordeiro (Examinador/a Interna)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco  
*[Participação por videoconferência]*

Aos meus avós maternos, Maria (*in memoriam*) e João (*in memoriam*) que, mesmo sem conhecê-los, influenciaram neste estudo, por não terem desfrutado do direito à aposentadoria, trazendo-me a percepção de que cuidar das raízes é tão importante quanto cuidar das folhas.

Aos meus avós paternos, Lia e Epitácio (*in memoriam*) que em suas trajetórias de vida vivenciaram a aposentadoria de maneira produtiva, inspiradora, com sonhos diversos que guardo como ensinamentos em meu coração.

À minha mãe Maria (*in memoriam*) que, em sua partida tão precoce, mostrou-me que a vida é repleta de ciclos de mortes e renascimentos, assim como o ato de aposentar-se.

Ao meu pai Ednaldo, que me ensinou desde cedo o valor do estudo como fonte de prazer e dignidade.

Ao meu companheiro Maurilio, que me ensina todos os dias a priorizar o sentido de nossas vidas.

Às pessoas servidoras públicas do INSS e da UFPE que tanto me inspiraram a repensar o sentido de minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Ao INSS, nas pessoas de Sérgio Francisco, Luciane Andrade, Márcia Sena e Marcos de Brito, por autorizar a pesquisa e conceder a liberação necessária para dedicação aos estudos.

Às pessoas que compuseram e compõem a equipe de Saúde e Qualidade de Vida da Superintendência Nordeste: Elisama, Sérgio, Monike, Manoela, Patrícia, Laura, Teresinha, Teresa, Sacha, Fábio, Elma e Isabel, pessoas queridas que incentivaram a realização deste estudo e “seguraram as pontas” durante os afastamentos para realização da pesquisa.

À Janaína, ao Luiz e à Luanna pela gentileza em cuidarem do meu processo de licença capacitação que fizeram todo o possível para que a liberação ocorresse no prazo para finalizar as fases cruciais da pesquisa.

À Leozina Andrade, que acreditou em mim mais do que eu mesma durante o processo de seleção do mestrado, dando-me força e coragem para continuar na batalha quando o ego dizia que não seria capaz.

Às pessoas servidoras do INSS que participaram desse estudo e a todas as pessoas do Instituto que são inspiração para apresentar a realidade de forma científica e assim dar passos em direção a um ambiente de trabalho mais saudável.

Aos colegas do Programa de Educação Previdenciária, nas pessoas de Renata Melo e Antônio de Pádua, que contribuíram na testagem dos instrumentos de pesquisa.

À UFPE que foi minha primeira casa no serviço público quando do retorno a Recife e lançou em meu coração a centelha da pesquisa como uma forma de crescimento pessoal, nas pessoas das Professoras Dilma Tavares, Virgínia Leal e Rosângela Lima.

Às pessoas servidoras públicas da UFPE que contribuíram na pesquisa como participantes, especialmente a Inês do Comitê de Ética em Pesquisa, pela orientação crucial a mim dedicada no processo de aprovação do parecer consubstanciado.

À bibliotecária Kátia, da biblioteca setorial do Centro de Educação pelo auxílio na fase de revisão da literatura.

Ao PPGEdU pela oportunidade de pesquisar um tema inusitado à tradição acadêmica do programa e às pessoas da secretaria, especialmente a secretária Morgana, pela forma gentil e eficiente de atender às nossas necessidades discentes.

À/Aos professora/es do programa: Paula Cordeiro, Ferdinand Röhr, Gustavo Gilson, Artur Moraes, Aurino Ferreira e Alexandre Freitas, pelos ensinamentos desde o início da jornada enquanto aluna especial.

Ao meu orientador Aurino, que consegue exigir o rigor científico com amorosidade e me fez amadurecer bastante enquanto ser humano e pesquisadora, por quem nutro grande admiração e carinho por ser um apanhador de sonhos num mundo que ficou ligeiramente louco.

Ao Núcleo de Educação e Espiritualidade, por ser um lugar de partilhas e cooperação, nas pessoas de Djailton, Tatiana, Mariana, Léo, Lúcia, Lorena, Carol, Gabi, Anderson, Alice, Diêgo, Gildete, Márcia e Paula, vocês são margens de um oceano de construções participativas do conhecimento onde apporto minhas angústias de pesquisadora iniciante.

À amiga Gabriella Matos que me acompanha desde a seleção ao mestrado e estará na minha vida para sempre, gratidão pelo bom humor que juntas criamos para lidar com perrengues de sermos pesquisadoras, trabalhadoras, servidoras públicas, mães, filhas e esposas.

Ao amigo Leonardo Xavier pelo doce acompanhamento de todas as fases dessa pesquisa que gentilmente ajudou no tratamento dos dados nos *softwares* e foi ponte na hora das dúvidas sobre os instrumentos e na construção dos dados, serei eternamente grata pela profícua cooperação.

Ao amigo José Diêgo, meu irmão de coração, que sempre se dispôs a ler, criticar e corrigir meus capítulos com tanta boa vontade que me trouxe sempre o incentivo de escrever mais, com toda a potência do meu ser.

Aos colegas da turma 36-A do mestrado que me incentivaram a ampliar o olhar de pesquisadora e às pessoas queridas Erika, George e Jéssica que são fonte de reflexão e debate contínuo acerca das questões sociais e da construção de um mundo mais justo para todes.

Às/Aos alunas/os especiais das disciplinas Pesquisa em Educação e Espiritualidade e Filosofia Dialógica, que deixaram lindas lembranças em meu coração, em especial, Alice Monteiro, Danielle Marinho, Paula, Monaliza, Monalise, Rodrigo, Ana Ivazaki, Carla e Lucas Fernandes.

À Caricelma, amiga que a seleção do mestrado trouxe à minha vida, pelo ensinamento que títulos são apenas nomenclaturas que carregamos, mas ser e estar no mundo é o fruto de uma contínua troca cocriativa interna para trocas autênticas com outras pessoas, sua resiliência sempre me inspirou.

Às amigas da UFPE para vida, Danielle Nascimento e Érica Santana, por todo o carinho que me incentivaram a prestar a seleção, ajudaram na qualificação, no texto e nas produções acadêmicas com leitura e correção ortográfica dos meus textos.

Ao Eduardo Germínio, esposo de minha querida Érica, pela revisão gentil do *abstract*.

À Joyce, minha sobrinha, presente de um ciclo muito caro de renascimento familiar, que colaborou na obtenção dos questionários na UFPE e na transcrição das entrevistas, mostrando muito potencial em ser uma futura pesquisadora.

À Gabrielle Sousa, que gentilmente colaborou com Joyce em encontrar os participantes da pesquisa no Centro de Tecnologia e Geociências, não se furtando a descer e subir as escadas dos seis andares do prédio para percorrer as salas daquele Centro em busca das pessoas participantes.

Às servidoras do Centro de Ciências Médicas, Danielle Gomes, Hemmyle Brito, Margarete Valdevino, Lindsay Pessoa por ajudar como espaço de suporte para deixar meus itens pessoais enquanto aplicava os instrumentos, realizava as entrevistas e nas idas e vindas ao Comitê de Ética em Pesquisa, bem como auxílio em localizar os participantes dos cursos ligados à saúde da UFPE.

Ao Flávio Marinho que colaborou na localização das pessoas aposentadas do INSS.

À Daniella Lisboa, que fez lindas trocas de conhecimento sobre o envelhecer e me ajudou com os questionários na Gerência Recife.

Ao Alan Soares que conseguiu expressar graficamente as confluências das abordagens transpessoais integral e participativa, dando-me várias opções de escolha, mesmo sem entender a teoria. Ele foi perspicaz em traduzir as minhas rápidas orientações, evidenciando sua genialidade como designer.

À amiga-irmã Andréa Silveira pelas inúmeras chamadas de vídeo para aliviarmos nossas angústias de sermos mulheres pesquisadoras num mundo tão opressor da essência feminina, gratidão pela grande sensibilidade em ser ninho para minhas dores.

Às terapeutas Elyane Sarkis, Juliana Sampaio, Catarina Lucena, Bruna Mazullo, Danielle Costa, Simone Souza, Alice Maciel e Monike Gouveia por terem cuidado de mim ao longo dessa jornada de pesquisadora, ensinado-me a me ver como ser integral.

Ao Leonardo de Paiva pelo trabalho integrativo realizado na UNATE no período de seleção que me fez compreender a potência das terapias integrativas como fonte de bem-estar para conviver com as vicissitudes da vida e na reconciliação com as minhas raízes.

Aos meus tios-irmãos Cosme, Erinaldo, Erivaldo, Epitácio, Edjair e Erivan por ser, cada um à sua maneira, inspiração para mim nos ensinamentos de que cada ser humano é responsável pelas suas escolhas. Aos meus tios Damião e Edson e à minha tia Edna, que não tive o prazer de conhecer e conviver, mas os/a guardo no meu coração.

À Eumecia, tia-irmã e um pouco minha mãe, que me ensina a cuidar das outras pessoas com desprendimento, a quem eu ensino a olhar mais pra si, e nessa troca vamos aprendendo juntas as sermos mulheres integrais.

À Elizangela, ao Altimar e ao Emerson, a nova família que chegou junto com o mestrado, pois a relação de amor entre irmãos se dá pela convivência e compreensão de que, nessa fase de mestranda, minha ausência foi justificável pela realização de um sonho.

Ao meu irmão Ednaldo Júnior por sempre estar tranquilo com minhas ausências nas comemorações de família para estudar, perdendo ricas trocas com sua filha Júlia, criança-luz em nossas vidas.

À mãe dos meus irmãos, Ceixa, quem me fez refletir sobre o papel dos estudos em minha vida.

Ao meu amor e companheiro de uma vida, Maurilio Júnior, por compreender que, nos nossos 25 anos de compartilhamento, sonhos carecem de sacrifícios e prescindir de minha presença em férias, feriados e fins de semana foi sempre motivo de orgulho por eu conseguir atingir as metas que me propus, assim, também sou grata por ser meu maior incentivador em todas as dimensões de minha vida.

Ao meu pai, Ednaldo, por ter me levado às aulas do Centro de Educação quando adolescente na época que fora aluno do curso de Pedagogia e hoje pude voltar como aluna do mestrado e exercer a profissão que por forças das circunstâncias não pôde exercê-la.

Ao meu avó, Epitácio (*in memoriam*), por saber que mesmo em meio ao sofrimento inevitável ainda há potência de vida e nos seus últimos momentos ainda nos ensinou importantes lições, como a melhor maneira de plantar coentro no quintal de casa.

À minha avó, Lia, por orar todos os dias para que Deus me dê entendimento em concluir essa tarefa e saber que minhas ausências têm um propósito maior, enchendo-se de orgulho em falar dos meus avanços na formação acadêmica.

À minha mãe, Maria José Almeida Filha (*in memoriam*), por ter sido portal para minha chegada a esse mundo e por ter me ensinado com sua partida tão precoce que a vida é morte e renascimento todos os dias, ao permitir que meus avós me criassem. A mãe teve que morrer

para a filha ter um destino diferente, mostrando a mim que há muito amor na renúncia. Tenho a certeza de que, no plano astral, tem torcido pela conclusão deste estudo.

À força criadora do Universo por ter permitido que eu nascesse e construísse minha história no compartilhar de meus dons com o mundo e no reconhecimento da unidade luz e sombra que habita em mim.

O pessimista é como um homem que observa com inquietação e tristeza ir afinando-se a cada dia que passa, seu calendário, do qual toda manhã destaca uma folha. No outro extremo, a pessoa que enfrenta ativamente os problemas da vida é como o homem que destaca dia a dia cada folha de seu calendário e a arquiva cuidadosa e carinhosamente com as anteriores, depois de ter anotado em seu verso algumas linhas diárias. Ele pode espelhar-se com prazer e alegria em toda a vida que viveu plenamente. O que significa para ele perceber que está envelhecendo? Tem ele algum motivo para invejar aos jovens que vê, ou para ter saudades da juventude perdida? Que motivos tem ele para invejar os jovens? Pelas possibilidades abertas aos jovens, o futuro para ele já é história? “Não, obrigado!”, pensará ele. “Em vez de possibilidades eu tenho realidades em meu passado, não apenas a realidade do trabalho realizado e do amor amado, mas também do sofrimento sofrido com coragem. Esse sofrimento são as coisas de que mais me orgulho, ainda não que sejam realidades que não inspirem inveja a ninguém”

(FRANKL, 2005, p.108-109)

## RESUMO

A aposentadoria é um fenômeno pós-industrial que possibilita acesso a direitos e bem-estar, mas que também pode provocar as pessoas trabalhadoras formalizadas profundos sofrimentos, culminando com a perda de sentido de vida, sendo necessário um processo formativo de educar para a aposentadoria. Nos órgãos públicos, há normativas que recomendam a implantação de Programas de Educação para Aposentadoria (EPA). O objetivo do presente estudo é compreender que contribuições a espiritualidade fornece ao desenvolvimento da EPA nos órgãos públicos. Para tanto, discutimos as concepções de espiritualidade apresentadas por Ferdinand Röhler, Jorge Ferrer, Viktor Frankl, Douglas MacDonald e Sidney Silva. A partir da abordagem transpessoal/integral de espiritualidade, por meio de uma pesquisa mista sequencial, foi apresentado o estado do conhecimento acerca da aposentadoria à luz da integralidade. Na fase quantitativa do estudo, utilizou-se o Inventário de Expressões de Espiritualidade Revisado (ESI-R) associado a um questionário sociodemográfico, dos quais participaram 155 pessoas servidoras públicas em situação de pré-aposentadoria, abono em permanência e aposentadoria. Os dados quantitativos passaram por análise estatística descritiva em *software* livre JAMOVI 1.2. Foram selecionados 16 servidores - 8 de cada órgão -, que obtiveram as maiores e menores médias nas dimensões Orientação Cognitiva em Direção à Espiritualidade (COS) e Bem-estar Existencial (EWB) da ESI-R. Foi utilizada uma entrevista com roteiro semiestruturado para a construção dos dados qualitativos cujo *corpus* gerado foi sistematizado por meio de análise temática com o auxílio do *software* IRAMUTEQ. Os resultados apontam que a EPA não é um campo consolidado de pesquisa no Brasil e que há carência de pesquisas voltadas à educação para aposentadoria de professores, principalmente da educação básica, bem como pesquisas sobre as relações das pessoas aposentadas com a família e o lazer (quadrante cultural). A percepção da espiritualidade das pessoas do serviço público transita entre as dimensões Religiosidade (REL), COS e EWB da ESI-R. A análise do perfil sociodemográfico evidencia o fator de escolaridade na percepção da espiritualidade na dimensão REL e o de renda na percepção de EPA. Outro dado refere-se à postergação da aposentadoria entre as pessoas com mais de 40 anos de tempo de serviço, sendo mais evidente em pessoas do sexo masculino, solteiras, sem filhos e sem religião. Na dimensão REL há variação estatística no tocante ao sexo e nas dimensões EWB e REL em relação à situação diante da aposentadoria. Os resultados qualitativos apresentam que a EPA se beneficia se abarcar desenvolvimento do senso de propósito da pessoa trabalhadora, da relação com trabalho, com o tempo livre e do processo inexorável do envelhecimento, numa perspectiva multidimensional do ser humano. Os participantes da pesquisa sugerem que a metodologia de EPA aconteça pela formação de grupos informativos, reflexivos e culturais, que façam parte de um programa de desenvolvimento humano longitudinal nas organizações pesquisadas. A principal contribuição da espiritualidade para a EPA perpassa pela abertura que a tarefa pedagógica proporciona na tomada de decisão consciente ante a aposentadoria, possibilitando a promoção do autoconhecimento e da autonomia da pessoa trabalhadora.

**Palavras-chave:** Educação para aposentadoria. Espiritualidade. Estudos mistos transpessoal/integral. Serviço público. Sentido de vida.

## ABSTRACT

Retirement is a post-industrial phenomenon that allows access to rights and well-being, but it can also cause formalized workers to suffer profoundly, culminating in the loss of sense of life, requiring a training process to educate to retirement. In public agencies there are regulations that recommend the institution of Retirement Education (RE) Programs. This study aims to understand what contributions the spirituality provides to the development of RE in public agencies. To this end, we discuss the concepts of spirituality presented by Ferdinand Röhler, Jorge Ferrer, Viktor Frankl, Douglas MacDonald, Sidney Silva within the transpersonal / integral approach to spirituality. Through a sequential mixed survey, the state of knowledge about retirement was presented in the light of comprehensiveness. In the quantitative phase of the study, the Expression Spirituality Inventory Revised - ESI-R was used, associated with a sociodemographic questionnaire, in which 155 public servants in pre-retirement, permanent and retirement benefits participated. Quantitative data underwent descriptive statistical analysis using free *software* JAMOVI 1.2. 16 servers were selected, 8 from each body, who obtained the highest and lowest averages in the dimensions of Cognitive Orientation towards Spirituality (COS) and Existential Well-Being (EWB) of ESI-R. An interview with a semi-structured script was used to build the qualitative data whose corpus generated was analyzed by thematic analysis with the aid of the IRAMUTEQ *software*. The results show that the RE is not a consolidated field of research in Brazil and that there is a lack of research aimed at education for the retirement of teachers, mainly in basic education, as well as research on the relationships of retired people with family and leisure (cultural quadrant). The perception of the spirituality of people in the public service moves between the religiosity (REL), COS and EWB dimensions of ESI-R. The analysis of the sociodemographic profile shows the schooling factor in the perception of spirituality in the REL dimension and the income factor in the perception of RE. Another data refers to the postponement of retirement among people with more than 40 years of service, being more evident in single male people, without children and without religion. In the REL dimension, there is statistical variation in relation to sex and in the EWB and REL dimensions in relation to the situation facing retirement. The qualitative results show that the RE benefits if it encompasses the development of the working person's sense of purpose, of the relationship with work, with free time and the inexorable process of aging, in a multidimensional perspective of the human being. Research participants suggest that the RE methodology should be used to form informative, reflective and cultural groups that are part of a longitudinal human development program in the organizations surveyed. The main contribution of spirituality to the RE goes through the openness that the pedagogical task provides in making conscious decisions in the face of retirement, enabling the promotion of self-knowledge and the autonomy of the working person.

**Keywords:** Education for retirement. Spirituality. Mixed transpersonal / integral studies. Public service. Sense of life.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Imagem do filme <i>Um homem chamado Ove</i> .....	25
Figura 2 -	Sistema operacional Integral de Ken Wilber.....	72
Figura 3 -	Dendograma – Resumos de teses, dissertações e artigos sobre Aposentadoria.....	101
Figura 4 -	Categorias de análise da Aposentadoria no SOI.....	102
Figura 5 -	Árvore de Similitude – resumos de teses, dissertações e artigos sobre aposentadoria.....	103
Figura 6 -	Giro cocriativo nos quadrantes do SOI.....	112
Figura 7 -	Logomarca do Programa de EPA do INSS.....	118
Figura 8 -	Nuvem de palavras: a influência da reforma da previdência na decisão pela aposentadoria.....	124
Figura 9 -	Nuvem de palavras – Entrevistas da UFPE.....	144
Figura 10 -	Dendograma da concepção de espiritualidade subgrupo UFPE.....	145
Figura 11 -	Nuvem de palavras – Entrevistas do INSS.....	154
Figura 12 -	Dendograma da concepção de espiritualidade subgrupo INSS.....	155
Figura 13 -	Dendograma das entrevistas – UFPE.....	163
Figura 14 -	Árvore de Similitude das entrevistas da UFPE.....	166
Figura 15 -	Dendograma das entrevistas dos participantes do INSS.....	172
Figura 16 -	Árvore de Similitude das entrevistas do INSS.....	175
Figura 17 -	Dendograma do <i>corpus</i> completo – UFPE e INSS.....	181
Figura 18 -	Árvore de Similitude – UFPE e INSS.....	186
Figura 19 -	Temas da EPA nos quadrantes do SOI.....	187

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Estratégias que facilitam a adaptação e a qualidade de vida na aposentadoria.....	42
Quadro 2 -	Perspectivas transpessoais de Espiritualidade.....	66
Quadro 3 -	Esquema comparativo das percepções de espiritualidade.....	67
Quadro 4 -	Esquema comparativo das percepções de espiritualidade (continuação).....	68
Quadro 5 -	Assertivas verificadoras.....	83
Quadro 6 -	Inventário de Expressões de Espiritualidade – Revisado (ESI-R).....	83
Quadro 7 -	Inventário de Expressões de Espiritualidade – Revisado (continuação).....	84
Quadro 8 -	Etapas da análise Temática segundo Minayo (2008b), Braud e Clark (2006).....	88
Quadro 9 -	Produções acadêmicas sobre aposentadoria – Norte, Nordeste e Centro-Oeste.....	92
Quadro 10 -	Produções acadêmicas sobre aposentadoria – Sudeste e Sul.....	93
Quadro 11 -	Produção Acadêmica sobre aposentadoria por área do conhecimento – Saúde.....	94
Quadro 12 -	Produção Acadêmica sobre a aposentadoria por área do conhecimento – Humanas.....	95
Quadro 13 -	Produção Acadêmica sobre a aposentadoria por área do conhecimento – Ciências Sociais Aplicadas.....	97
Quadro 14 -	Revistas com maior publicação de artigos.....	99
Quadro 15 -	Análise geral das categorias da Revisão da Literatura sobre a Aposentadoria.....	102
Quadro 16 -	Categorias da EPA – Programa Escolhas Conscientes.....	120
Quadro 17 -	Critérios de seleção para a entrevista.....	143
Quadro 18 -	Perfil sociodemográfico das pessoas entrevistadas da UFPE – Resumido.....	144
Quadro 19 -	Concepção de Espiritualidade do participante 5 – UFPE.....	146
Quadro 20 -	Concepção de Espiritualidade do participante 3 – UFPE.....	147
Quadro 21 -	Concepção de Espiritualidade dos participantes 1,2,4 – UFPE.....	148
Quadro 22 -	Concepção de Espiritualidade dos(as) participantes 4, 6, 7 e 8 – UFPE.....	151
Quadro 23 -	Concepção de Espiritualidade dos participantes 4,6,7 e 8 – UFPE (continuação).....	152
Quadro 24 -	Perfil sociodemográfico das pessoas entrevistadas do INSS – Resumido.....	154
Quadro 25 -	Concepção de Espiritualidade dos participantes 1,5,8 – INSS.....	156
Quadro 26 -	Concepção de Espiritualidade dos(as) participantes 2,3,4 e 6 – INSS.....	157

Quadro 27 -	Concepção de Espiritualidade dos participantes 2,3,4 e 6 – INSS(continuação).....	158
Quadro 28 -	Concepção de Espiritualidade do participante 7 – INSS.....	159
Quadro 29 -	Resumo das sugestões de temas e abordagens para a EPA na UFPE.....	169
Quadro 30 -	Resumo das sugestões de temas e abordagens para a EPA na UFPE (continuação).....	170
Quadro 31 -	Resumo das sugestões de temas e abordagens para a EPA no INSS.....	177
Quadro 32 -	Relação das dimensões da ESI-R e dados sociodemográficos.....	178
Quadro 33 -	Relação das dimensões da ESI-R e dados sociodemográficos (continuação).....	179

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Revisão da Literatura sobre EPA.....	74
Tabela 2 -	Revisão da Literatura sobre EPA- Teses e Dissertações - Capes.....	75
Tabela 3 -	Revisão da Literatura sobre EPA- Teses e Dissertações - IBTD.....	75
Tabela 4 -	Pessoas em situação de aposentadoria e pré-aposentáveis.....	80
Tabela 5 -	Número de participantes – Fase exploratória.....	80
Tabela 6 -	Frequência e respostas – item 32.....	84
Tabela 7 -	Comportamento entre grupos: mede vs não-mede espiritualidade .....	85
Tabela 8 -	Crerios de seleção dos participantes para a entrevista.....	87
Tabela 9 -	Escolaridade dos participantes da pesquisa .....	122
Tabela 10 -	Área de Graduação dos participantes da pesquisa.....	122
Tabela 11 -	Servidores distribuídos por unidade de trabalho.....	123
Tabela 12 -	Situação ante a aposentadoria e à reforma da Previdência.....	124
Tabela 13 -	Dados do Estado Civil e Arranjo Familiar.....	125
Tabela 14 -	Declaração sobre afiliação religiosa.....	127
Tabela 15 -	Dimensões da ESI-R de pessoas autodeclaradas sem religião.....	128
Tabela 16 -	Frequência das informações autorreferidas de Cor.....	129
Tabela 17 -	Apresentação dos dados sobre a renda familiar e a existência de plano de saúde .....	131
Tabela 18 -	Percepção EPA e participação em ações.....	132
Tabela 19 -	Percepção de EPA x Escolaridade.....	133
Tabela 20 -	Média das dimensões da ESI-R e Teste T.....	135
Tabela 21 -	Comparação das dimensões do ESI-R entre mulheres e homens.....	138
Tabela 22 -	Matriz de correlação.....	139
Tabela 23 -	Dimensões da ESI-R por situação em relação à aposentadoria.....	140
Tabela 24 -	Análise de variância das dimensões do ESI-R em função da situação diante da aposentadoria .....	140
Tabela 25 -	Teste comparativo entre as condições ante a aposentadoria das dimensões REL e EWB.....	141

## LISTA DE SIGLAS

APS	Agência da Previdência Social
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
CFPJ	Centro de Formação Profissional de Jaboatão
COS	Dimensão Orientação Cognitiva em direção à Espiritualidade da ESI-R
DGP	Diretoria de Gestão de Pessoas
DGPA	Diretoria de Gestão de Pessoas e Administração
DIROFL	Diretoria Orçamento, Finanças e Logística
EBW	Dimensão Bem-Estar Existencial da ESI-R
EC	Emenda Constitucional
ENAP	Escola Nacional de Administração Pública
EPA	Educação para Aposentadoria
EPD	Dimensão Fenomenológica/Experiencial da ESI-R
ESI-R	Inventário de Expressões de Expressões Espiritualidade - Revisado
ETFPE	Escola Técnica Federal de Pernambuco
Iapas	Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social.
Ipase	Instituto de Previdência de Assistência dos Servidores do Estado
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MPOG	Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PAR	Dimensão Crenças Paranormais da ESI-R
PASS	Política Nacional de Saúde do Servidor Público Federal
PDI	Planos de Desenvolvimento Institucional
PePsic	Periódicos Eletrônicos de Psicologia
PPA	Programas de Preparação para Aposentadoria
Progepe	Pró-reitora de Gestão de Pessoas

PUC Goiás	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Reffsa	Rede Ferroviária Federal S.A.
REL	Dimensão Religiosidade da ESI-R
SBG	Sociedade Brasileira de Geriatria
Scielo	Scientific Electronic Library Online
Siass	Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor Público Federal
SOI	Sistema operacional Integral de Ken Wilber
SQVT	Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho
SRH	Secretaria de Recursos Humanos
TAE	Técnico em Assuntos Educacionais.
UCB	Universidade Católica de Brasília
UCE	Unidades de Contexto Elementares
UCI	Unidades de Contexto Iniciais
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco.
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UnB	Universidade de Brasília
Unisinos	Universidade Vale do Rio dos Sinos
Unitau	Universidade de Taubaté
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

WHO World Health Organization

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>22</b>
1.1	ATRAVESSAMENTO PESSOAL DO TEMA .....	22
1.2	A APOSENTADORIA NO SERVIÇO PÚBLICO: PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS .....	24
<b>2</b>	<b>APOSENTADORIA: CONCEITOS E PERCEPÇÕES.....</b>	<b>35</b>
2.1	APOSENTADORIA NO SERVIÇO PÚBLICO: BREVE HISTÓRICO.....	35
2.2	EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA: SITUANDO O CAMPO DE PESQUISA.....	39
<b>3</b>	<b>A ESPIRITUALIDADE COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO.....</b>	<b>45</b>
3.1	ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O SENTIDO DA VIDA .....	51
3.2	REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA E O HODIERNO MODELO DE EDUCAÇÃO .....	53
3.3	DIÁLOGO ENTRE PERSPECTIVAS TRANSPessoAIS DE ESPIRITUALIDADE.....	58
<b>4</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS: A PESQUISA EM BUSCA DE SENTIDO.....</b>	<b>70</b>
4.1	O PORTO DE PARTIDA: A PERSPECTIVA TRANSPessoAL/INTEGRAL .....	70
4.2	O MAPA DA PESQUISA: CONSTRUINDO PROCESSOS E MÉTODOS.....	73
4.3	OS PORTOS DE DESEMBARQUE: PESQUISA NA UFPE E NO INSS.....	76
<b>4.3.1</b>	<b>A UFPE.....</b>	<b>77</b>
<b>4.3.2</b>	<b>O INSS.....</b>	<b>78</b>
4.4	A COMPANHIA DA JORNADA: OS PARTICIPANTES DA PESQUISA...	79
4.5	AS FORMAS DE ENCONTRO: OS INSTRUMENTOS E A CONSTRUÇÃO DE DADOS .....	82
<b>4.5.1</b>	<b>Escala de Expressões de Espiritualidade .....</b>	<b>82</b>
<b>4.5.2</b>	<b>Questionário Sociodemográfico.....</b>	<b>85</b>
<b>4.5.3</b>	<b>As Entrevistas.....</b>	<b>86</b>

4.6	A FOTOGRAFIA DO PERCURSO: SISTEMA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	88
<b>5</b>	<b>A EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA (EPA) NA PERSPECTIVA TRANSPESSOAL.....</b>	<b>91</b>
5.1	CAMPO ACADÊMICO E EPA: ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> .....	91
5.2	A PERSPECTIVA INTEGRAL DA APOSENTADORIA: UMA APROXIMAÇÃO.....	100
5.3	A EXPERIÊNCIA DE EPA NA UFPE .....	113
5.4	A EXPERIÊNCIA DE EPA NO INSS. ....	114
<b>6</b>	<b>ESTUDO MISTO – PARTE I: EXPRESSÕES DE ESPIRITUALIDADE DAS PESSOAS DO SERVIÇO PÚBLICO DA UFPE E DO INSS.....</b>	<b>121</b>
6.1	ANÁLISE DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO .....	121
6.2	ANÁLISE DAS EXPRESSÕES DA ESPIRITUALIDADE – ESI-R.....	135
<b>7</b>	<b>ESTUDO MISTO – PARTE II: AS CONCEPÇÕES DE ESPIRITUALIDADE NA EPA.....</b>	<b>143</b>
7.1	UFPE: COMPREENSÕES DE ESPIRITUALIDADE .....	143
7.2	INSS: COMPREENSÕES DE ESPIRITUALIDADE .....	153
7.3	APOSENTADORIA, TRABALHO E EPA: PERCEPÇÃO DAS PESSOAS PARTICIPANTES DA UFPE.....	161
7.4	APOSENTADORIA, TRABALHO E EPA: PERCEPÇÃO DAS PESSOAS PARTICIPANTES DO INSS.....	171
7.5	INSS E UFPE: PONTOS DE APROXIMAÇÃO.....	178
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTANDO CAMINHOS E A (CO)CRIAÇÃO DE ROTAS PARA A EPA NO SERVIÇO PÚBLICO....</b>	<b>192</b>
8.1	REVERBERAÇÕES DO TEMA .....	197
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>202</b>
	<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....</b>	<b>215</b>
	<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>217</b>
	<b>APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>218</b>
	<b>ANEXO A - INVENTÁRIO DE EXPRESSÕES DE ESPIRITUALIDADE- REVISADO (ESI-R-BR; MacDONALD, 2000)....</b>	<b>220</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 ATRAVESSAMENTO PESSOAL DO TEMA

A escolha desse tema surgiu de um apelo existencial da minha relação com o meu avô, que me adotou junto com minha avó, com poucos meses de vida. Senhor Epitácio teve uma vida longa, apesar de tantas circunstâncias adversas. Seu pai, muito violento, espancava-o quase que diariamente e não o permitiu estudar, pois acreditava que sua vida deveria ser dedicada à roça. Com a ajuda de sua mãe, partiu para longe da violência doméstica e foi enfrentar a vida. Saiu de Glória do Goitá-PE em direção a Escada-PE, onde foi acolhido por uma tia e, aos 13 anos, correu atrás de emprego para se sustentar. Nesse momento de sua existência, começou sua relação com o trabalho formal – apesar de já haver trabalhado, desde a tenra infância –, e com a espiritualidade, pois era o existir digno, por força de seu trabalho, sem “pegar nada do que é dos outros”, que o mantinha firme em seu propósito de vida.

Ter esse homem como patriarca da família, ouvir suas histórias nos almoços de domingo, delinear a minha relação com o trabalho. Desde muito jovem, já comecei a entender o seu valor, pois quando nasci quase todos os meus irmãos já trabalhavam: vendiam picolés, pães, faziam pequenos fretes com carro-de-mão, enfim, ajudaram nosso pai a alimentar a família numerosa. Apenas eu não precisei trabalhar na infância e nem minha irmã, que ajudava no cuidado com casa e nas costuras com minha avó-mãe. Àquela época, meu pai biológico (painho) já trabalhava formalmente, além de meus tios-irmãos, de modo que o trabalho infantil não precisou ser usado como forma de contribuição à sobrevivência familiar e como moldador do meu caráter, porém as narrativas dominicais sempre contribuíram para que eu passasse a valorizar o trabalho e a buscar uma estabilidade financeira para não sofrer com as mesmas restrições pelas quais passou minha família.

Com 14 anos de idade, fiz seleção para aluna aprendiz da Rede Ferroviária Federal (REFFSA), fiz o curso de eletricista predial, segui os caminhos de painho e do meu tio-irmão caçula com o objetivo de me tornar uma profissional da indústria. E assim começou minha relação com o trabalho formal: bater ponto, cumprir regras, atingir metas e notas exigidas pelo curso. Essa escolha levou-me a outra: fazer seleção para ingressar na Escola Técnica Federal de Pernambuco (ETEFPE). Aos 15 anos, iniciei o curso de Eletrotécnica, no turno noturno. Durante o dia, estudava no centro de formação profissional da REFFSA e à noite na ETEFPE. Desde então, não parei de trabalhar: de aluna-aprendiz, estagiária à servidora pública.

Aos 20 anos, casei-me. Escolhi o jovem de meu curso de eletricitista como companheiro. Quando ainda namorávamos, ele passou no concurso para ser militar, e eu decidi ir junto. A partir desse momento, minha carreira não foi mais no campo da indústria, pois nos anos finais da ETFPE já percebia que a área de humanas era minha paixão e que a experiência de chão-de-fábrica não me motivava. Tive experiência com recreação de festa, um trabalho *freelance* após o término do curso de eletricidade e, com a ajuda da orientação profissional no ensino médio percebi que tinha mais vocação para a área de Humanas do que a de Exatas. Fiz 4 vestibulares, 1 para administração, 2 para psicologia, 1 para pedagogia. Passei nos últimos exames, já casada, com 21 anos. Passei em Pedagogia na Universidade Estadual e em psicologia na Universidade Federal, ambas no Estado do Pará. Passei nas duas no mesmo horário, mas na segunda entrada em psicologia, que, devido à greve da época, só começou o semestre em dezembro de 2002. Não tive condições de levar as duas formações, reprovei por falta, e decidi abrir mão da vaga em Psicologia, não achei justo segurá-la para quando as condições a mim estivessem favoráveis a voltar ao curso. Então, continuei em Pedagogia.

Nos dois primeiros anos da universidade, estava na condição de estudante e esposa, cuidando dos meus estudos e do nosso lar. No primeiro momento, foi interessante não me preocupar com “trabalho”. Já havia sido aprovada no concurso da Prefeitura Municipal de Belém como assistente administrativa, em breve voltaria a trabalhar. Porém, o tempo de espera se alongou e, naquela época, comecei a vivenciar a minha primeira crise existencial. Apesar da harmonia familiar e dos recursos suficientes para nossa manutenção, estava sentindo-me perdida sem “trabalho”. Percebi aí sua centralidade em minha vida.

Ao começar a trabalhar na Prefeitura, na assistência social do município, comecei a traçar minha relação de práxis com a academia e meu fazer profissional, em tentar aplicar meus conhecimentos de estudante no novo ambiente de trabalho. Sempre me ressentia quando ouvia que “servidor(a) público não trabalha”, que executa mal sua atividade, pois sempre o fiz com muito esmero. Olhava para a história de minha família e me sentia agradecida por poder ter condições de desempenhar meu papel, em ter conseguido honrar meus pais-avós trabalhadores. E desde então tenho dedicado esforços para a manutenção e a boa qualidade de meu trabalho nas instituições por onde passei.

Ao voltar à minha terra natal, pude ingressar através de outro concurso no Instituto Nacional do Seguro Social. Neste ponto de minha trajetória, iniciei minha relação com o tema aposentadoria, não no sentido de uma política pública de previdência, mas numa perspectiva

ontológica, nas repercussões que a ausência de um trabalho formal pode causar. Pensar de onde vem essa minha ligação com a aposentadoria e de como esse tema me foi tão tocante significa olhar para a minha história de vida.

Nos grupos de discussão sobre a temática, percebi os medos e as dores que envolvem essa transição de status de “trabalhador(a)” para “aposentado(a)”. Eu a senti como uma leve sombra, ao passar quase 4 anos sem trabalhar formalmente, mas imagino que quem pautou a vida toda no trabalho, e passou por esse período sem o cuidado necessário pode ter sentido angústias e sofrimentos intensos.

Nesse ponto de minha reflexão, retomo meu pai-avô querido. Desde sua aposentadoria precoce por invalidez, nunca o vi parar de trabalhar. Foram tantos negócios, tantos sonhos... e quando o câncer o impediu de exercer a centralidade de sua vida - o trabalho -, eu o vi “murchar”. O homem ativo virou pacato, caseiro, triste.

Minha história de vida e a história do ser humano que me fez valorizar o trabalho e o fato de ser servidora pública fizeram-me querer cuidar daqueles e daquelas que se aposentarão para que não “murchem” durante esse período de suas vidas. Que as suas existências, e a minha, sejam plenas de sentido para além do trabalho, com a compreensão e o cultivo da espiritualidade com que cada um e cada uma sintam mais apropriada ao sentido de suas vidas. Eu (re)comecei o cultivo da minha.

## 1.2 A APOSENTADORIA NO SERVIÇO PÚBLICO: PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS

“Com certeza vai ser bom poder ficar mais sossegado.” Foi isso o que disseram ontem para Ove no trabalho, quando explicaram que havia “pouca atividade” e que iam “aposentar gradativamente a geração mais velha”. Mais de trinta anos trabalhando no mesmo lugar, e é assim que se referem a Ove. Uma porcaria de “geração”. Porque agora todo mundo tem trinta e um anos, usa calça justa e parou de beber café normal. E ninguém quer assumir responsabilidades. Um monte de homens com barbas bem aparadinhas, sujeitos que trocam de emprego e trocam de mulher e trocam a marca do carro. Seja como for. E o mais rápido possível. [...] “Com certeza vai ser bom poder ficar mais sossegado”, foi o que disseram ontem no trabalho para ele. E agora Ove está lá, com a bancada da cozinha polida. Não era para ele passar o tempo se ocupando com isso numa terça-feira. [...] “É bom poder ficar mais sossegado”, disseram para ele no trabalho. Entraram no escritório dele numa segunda-feira e disseram que não queriam fazer aquilo na sexta para “não estragar o fim de semana de Ove”. “Vai ser bom poder ficar mais sossegado agora”, eles disseram. O que eles sabem sobre acordar de repente numa terça e não ter mais nenhuma função? Com a internet e os cafés expressos deles, o que sabem sobre assumir responsabilidade pelas coisas? Ove fita o teto. Com os olhos semicerrados. É importante o gancho ficar centralizado, ele conclui. (BACKMAN, 2015, p. 15-19)

Em 2015, a adaptação do romance sueco de Fredrik Backman chega às telas do cinema: *Um homem chamado Ove* retrata a vida de um aposentado compulsório que tenta por diversas vezes se suicidar após ter sido convidado a deixar a empresa em que trabalhou por quase 43 anos dos seus 59 de vida. Após perder esposa meses antes, sem filhos, família ou parentes, amigos íntimos, decide cometer suicídio. Ove chega à idade adulta sem cultivar interesses diversos da relação matrimonial e do trabalho, não há *hobbies*, amigos íntimos, vida comunitária, prática religiosa e ou espiritual. A velhice vivida pelo personagem é solitária.

Figura 1 - Imagem do filme *Um homem chamado Ove*<sup>1</sup>



Fonte: Menina que comprava livros

O romance retratado pela película evidencia de forma sensível e bem-humorada como as crises existenciais podem levar ao suicídio na velhice e nos conduz a questionar: Por que o envelhecimento pode estar associado à perda de sentido da vida? Que recursos emocionais, cognitivos e espirituais são necessários para que a manutenção da vida supere as adversidades da existência? Perder o *status* de trabalhador(a), após anos de dedicação, é motivo para a ausência de sentido de vida?

A percepção negativa acerca da velhice é um traço da modernidade em que há uma falta de empatia com o sujeito velho somada às formas artificiais de prolongamento da vida no processo de finitude, o qual, por vezes, é solitário e silencioso, retirando do sujeito a significação do sentido de sua vida (BARBOSA; BARROSO, 2017).

Backman (2015) traz algumas reflexões acerca da diluição do sentido da vida diante de mortes simbólicas e reais na trajetória do personagem. Os desafios diante do envelhecimento são tratados no filme como um retorno às fases anteriores da vida do personagem, o que pode nos levar a considerar que há uma ausência de reflexão acerca dos ciclos naturais da vida. Perceber-se velho e solitário traz a Ove o desejo programado de juntar-se à sua esposa. Viver

---

<sup>1</sup> Disponível em [www.meninaquecompravalivros.com.br/2017/02/menina-que-via-filmes-um-homem-chamado.html](http://www.meninaquecompravalivros.com.br/2017/02/menina-que-via-filmes-um-homem-chamado.html), acesso em 01/03/2018.

sem ela o faz perder o sentido existencial, pois, ao longo de sua trajetória, houve falta de investimento em outras áreas da vida e, como consequência, o pensamento suicida foi algo recorrente na obra.

A falta de compreensão da velhice como um ciclo natural da vida e a não aceitação das limitações dessa fase da existência trazem o medo quanto às características desse ciclo de vida da fase adulta intermediária<sup>2</sup>. Por que Ove não quis esperar o término natural de sua existência? Há relação da velhice com a morte autoinfligida? A realidade traz dados que corroboram com a perspectiva do romancista em que perdas na velhice podem desencadear o desejo de dar cabo à vida (MINAYO; MENEGHEL; CAVALCANTE, 2012). Os dados do boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (MS) mostram o número crescente de pessoas idosas que cometem suicídio, evidenciando as fragilidades desse ciclo de vida. Vejamos:

Independentemente do sexo, as maiores taxas de suicídio foram observadas na faixa etária de 70 e mais anos (8,9/100 mil hab.) [...] Considerando-se a classificação da OMS de 1993, o Brasil apresenta um nível médio de taxa de mortalidade por suicídio (entre 5 e 15/100 mil hab.) no sexo masculino. Nesse grupo, as maiores taxas foram observadas na população idosa a partir de 70 anos; em pessoas com baixa escolaridade; solteiros(as), viúvos(as) ou divorciados(as); e que usaram o enforcamento como principal meio para cometer o suicídio. (BRASIL, 2017, p. 7)

Guardadas a diferenças culturais entre a Suécia e o Brasil, as semelhanças entre a ficção e realidade são muito próximas. Pretendemos trazer a reflexão acerca dos riscos de ausência sentido de vida na fase adulta intermediária e tardia (PAPALIA, FELDMAN, 2013) por reconhecermos a aposentadoria como um estressor da saúde mental dos sujeitos, portanto, percebe-se como um tema relevante a ser abordado pela Educação. Para que educamos senão para a Vida<sup>3</sup>?

As reflexões tratadas até o momento são importantes para entendermos a necessidade de promover nos espaços formativos voltados à educação multidimensional em que haja uma preparação para as mudanças inerentes à vida, de modo que o sentido da existência esteja para além de poder trabalhar, poder produzir formalmente e cumprir papéis sociais. O envelhecimento e as condições de trabalho podem ser fatores de risco para a população adulta

---

<sup>2</sup> Entendemos ciclo de vida como uma construção social demarcada culturalmente, segundo Papalia e Feldman (2013), os ciclos de vida são: Período pré-natal; Primeira infância (0 a 3 anos); Segunda infância (3 a 6 anos); Terceira infância (6 a 11 anos); Adolescência (12 aos 20 anos aproximadamente); Início da vida Adulta (20 aos 40 anos); Vida Adulta Intermediária (40 aos 65 anos) Vida Adulta Tardia (65 anos em diante).

<sup>3</sup> Utilizamos os verbete em inicial maiúscula para sinalizar a diferença entre a “vi.das.f 1. Conjunto de propriedades que mantém animais e plantas (HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 454)” e Vida como sentido da existência humana cuja preservação está ligada ao respeito a todos os seres, ao meio ambiente e à própria vida.

e a Educação como uma política pública pode estar atenta a essa problemática ao pensar sobre o tipo de formação que está oferecendo à juventude para a inserção no mundo do trabalho, ou para a falta de inserção em virtude do desemprego estrutural, uma vez que o Brasil apresenta grande número de pessoas fora do mercado de trabalho, somadas ao número do trabalho informal, na ordem de 24, 3 milhões pessoas (BRASIL, 2019f). Deste modo, o acesso ao direito da aposentadoria pode ser um horizonte longe de ser alcançado para quase 23% da população brasileira na força de trabalho<sup>4</sup>.

O romance retrata um trabalhador da iniciativa privada, porém o sofrimento psíquico referente ao afastamento do trabalho também é visível entre servidores públicos (CUNHA; BLANK; BOING, 2009), os quais serão o foco desta pesquisa. Estar na condição de servidora pública dentro de uma autarquia federal impele a pesquisadora na procura de conhecimentos que possibilitem processos formativos das pessoas no serviço público<sup>5</sup> as quais estão sob sua responsabilidade, que potencializem condições de superação de possíveis sofrimentos durante o estabelecimento de suas carreiras.

Para a pesquisa, interessa-nos as características da vida adulta intermediária e tardia, uma vez que as pessoas participantes da pesquisa estão aptas para a aposentadoria após um mínimo de 30 anos de serviço, se mulher, e 35 anos, se homem, cuja idade mínima será respectivamente, 56 e 6<sup>6</sup>. Dentro do paradigma do desenvolvimento humano há comportamentos e recursos biopsicossociais que caracterizam cada fase do ciclo de vida, os quais capacitam o sujeito às inerentes mudanças e suas vicissitudes.

Durante a vida adulta intermediária, é provável a ocorrência de algum declínio nas capacidades físicas. Ao mesmo tempo, muitos indivíduos de meia-idade encontram entusiasmo e desafios nas mudanças de vida – uma nova carreira e filhos adultos –, enquanto outros enfrentam a necessidade de cuidar de pais idosos. Na vida adulta tardia, as pessoas precisam enfrentar a perda de suas próprias faculdades, perdas de entes queridos e os preparativos para a morte. Se elas se aposentarem, deverão lidar com a perda de

---

<sup>4</sup> Pessoas na Força de trabalho é um conceito utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE para definir a população acima de 14 anos que está em condições de trabalho na qual estão inseridas a parcela de pessoas que exerceram algum trabalho remunerado por pelo menos uma hora semanal (ocupadas) e a aquele grupo de pessoas que tomaram alguma providência efetiva para conseguir um trabalho no período de referência de 30 dias ou não e que estavam em condições de iniciar o trabalho (desocupadas) na semana de referência da pesquisa do instituto (BRASIL, 2019f).

<sup>5</sup> A fim de garantir o respeito às diferenças de gênero utilizaremos a expressão pessoas do serviço público.

<sup>6</sup> A Emenda Constitucional - EC nº 103 de 12/11/2019 altera o sistema de previdência do serviço público federal. No artigo 4º, há um aumento da idade do tempo de serviço conforme seguinte regra: “§ 2º A partir de 1º de janeiro de 2020, a pontuação a que se refere o inciso V do caput será acrescida a cada ano de 1 (um) ponto, até atingir o limite de 100 (cem) pontos, se mulher, e de 105 (cento e cinco) pontos, se homem”. Desse modo, a aposentadoria será acessada em idade mais avançada e com mais tempo de serviço, pois antes da EC a pontuação era 86, se mulher, e 91, se homem.

relacionamentos ligados ao trabalho, mas poderão sentir-se satisfeitas com as amizades, a família, com o trabalho voluntário e a oportunidade de explorar interesses antes negligenciados. Muitas pessoas idosas tornam-se mais introspectivas, buscando significado para suas vidas. (PAPALIA; FELDMAN 2013, p. 39)

A literatura acerca da Educação para Aposentadoria (ZANELLI; SILVA; SOARES 2010; FRANÇA, 2008; MURTA; LEANDRO-FRANÇA; SEIDL, 2014) traz a centralidade do trabalho na vida do ser humano como fator primordial para o desenvolvimento da identidade. Contudo, esta seria a meta fundamental do existir humano? Não há como fugir do auto sustento pelo trabalho produtivo, mas será essa a fonte principal de realização humana? A formação para o trabalho não estaria alienando o ser de suas potencialidades e de outras formas de viver?

O desenvolver o labor é uma ação que visa à manutenção da vida, que passa pela sobrevivência humana; o trabalho carrega em si um artificialismo como um artefato humano que promova permanência e durabilidade (ARENT, 2007). Nosso interesse não é negar esse processo de desenvolvimento de uma subjetividade atravessada pelo trabalho, mas tentar compreender os danos de uma educação restrita na forma de instrumentalização, ao não contemplar a possibilidade de autoconhecimento do sujeito e nem o desenvolvimento de uma realização também, e não, exclusivamente, pelo trabalho.

A pergunta “o que você vai querer ser quando crescer?”, denota que a criança ainda não é um ser, que ela só poderá ser reconhecida como tal quando escolhe uma profissão a qual vem carregada de valores relacionados a um determinado *status quo*, diretamente relacionado a ganhos financeiros. No entanto, a ausência de uma educação para o autoconhecimento, muitas vezes, leva os adultos a não considerarem as próprias inclinações, e, conseqüentemente, as das crianças, que são expressas na inocência do universo infantil desprovido de quaisquer relações de utilitarismo. “Que tipo de ser humano você quer ser?” Esta parece ser uma pergunta mais apropriada a um ser em desenvolvimento, pois uma Educação voltada à formação humana poderia oferecer maior alicerce para escolhas éticas de vida, e não meramente escolhas pautadas numa lógica utilitarista e de consumo, na qual as escolhas, inclusive as profissionais, são regidas pelo viés meramente econômico.

O paradigma científico multifacetou a compreensão do ser humano (MORAN, 2014), anuviando a reflexão acerca de sua dimensão emocional e espiritual. “*Penso, logo existo*”<sup>7</sup>,

---

<sup>7</sup>Cogito (do lat. *cogitare*: cogitar, pensar; cogito: penso) 1. Para Descartes, o *cogito ergo sum* (“penso logo existo”) é o primeiro princípio da filosofia, inaugurando uma revolução que consiste em partir da presença do pensamento e não da presença do mundo. É na segunda Meditação metafísica que ele afirma essa verdade

trouxe uma supervalorização da racionalidade que dificulta no ser humano a possibilidade de sentir e se comprometer com valores eco-políticos-sociais abrangentes.

Com o advento do liberalismo, as correntes filosóficas utilitaristas e individualistas difundidas na modernidade vêm condicionando a formação do sujeito para a realização dos interesses individuais, afastando-o a todo custo de qualquer reflexão sobre um sentido de vida, apenas para favorecer um modo racional de alcançar desejos imediatos de poder, consumo e prazer. (JAPIASSÚ, 2012).

A escolha de uma profissão também perpassa por esses princípios norteadores. A nosso ver, esta é a principal causa de desencantamento com a chegada da aposentadoria: a pessoa que foi envolvida por essa lógica, acredita que seu valor está em sua profissão, pelo poder que auferre perante os outros, pela possibilidade de consumo agregada aos proventos recebidos e pelo prazer de ser reconhecido pela sociedade, que valoriza as premissas anteriores. Retomaremos o romance para analisar a perspectiva da personagem diante da aposentadoria.

Ela também não fala nada. Ove balança a cabeça e chuta a terra novamente. Ele não entende as pessoas que dizem que querem a aposentadoria. Como se pode ansiar durante a vida toda por se tornar desnecessário? Ficar por aí sendo um fardo para a sociedade, que tipo de homem sonha com isso? Ir para casa e só ficar esperando pela morte. Ou pior. Podem levar o sujeito para um asilo porque não consegue mais cuidar de si mesmo. Ove não imagina nada mais revoltante que isso. Depender de outras pessoas para ir ao toalete. A mulher de Ove costuma rir, provocando, ao dizer que ele é a única pessoa que ela conhece que prefere ser conduzido num caixão a ser transportado numa van para deficientes. É bem provável que haja algo de verdade nisso. (BACKMAN, 2015, p. 21-22, grifos nossos)

Apesar de se tratar de uma narrativa ficcional, ela nos leva a refletir sobre o fato do ser humano deslocado da percepção integral de si mesmo sofrer ao perceber que o trabalho, a profissão, o cargo que foi por anos a base de sua existência extinguiu-se com o exercício do direito à aposentadoria e, assim, sua vida passou a perder o sentido. Somadas às decrepitudes a que o corpo físico está submetido pelo processo natural de envelhecimento, pode ocorrer o despertar de sentimentos negativos nesta fase da vida uma vez que a sociedade valoriza o ágil e o belo padronizado pelo ideal de juventude capitalista. Nesta perspectiva, ser velho é ser desvalorizado. Ser aposentado adquire o mesmo significado.

---

“cogito, sum” (penso, existo): a primeira verdade, o modelo de toda verdade e o lugar da autenticidade consistem nessa percepção que o sujeito presente tem de sua própria existência, nessa luz de si a si: “Esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito.” (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2008, p. 57-58).

O trecho destacado do romance traz a discussão da associação da morte com aposentadoria, como que a existência humana apenas fizesse sentido na condição do ser humano que produz economicamente. Que valor possuem vidas que, por condições corporais ou culturais, não se enquadram nesse padrão? Backman (2015) nos faz refletir acerca das dificuldades vivenciadas pela personagem ao encarar a aposentadoria apenas como perdas, uma vez que Ove não percebe que haverá um ganho de tempo livre. Como ele não investiu em outras áreas de sua vida, há falta de sentido em continuar a viver sem o trabalho. Aposentadoria pode representar a escolha do que fazer com o tempo, representa o momento em que a pessoa trabalhadora olha para si mesma e tenta se enxergar para além da alienação do trabalho produtivo, se o trabalho é o único pilar da vida, pode haver um momento de crise na passagem por esse fenômeno, pois a aposentadoria representará uma grande perda.

Canizares e Jacob Filho (2011) apresentam uma compreensão acerca das perdas na aposentadoria as quais afetam a estabilidade emocional dos sujeitos. Compreendemos que ancorar o sentido de uma existência na racionalidade utilitarista não garante uma vida plena, não dá condições de uma vida realizada. Como fazer a conexão da minha prática profissional com um propósito de vida? Como me realizar por meio de minha profissão? A resposta a essa questão envolve a necessidade de compreender que o ser humano não é apenas razão, mas um ser dotado de sensações, emoções e espiritualidade.

Defendemos que o desenvolvimento da espiritualidade por pessoas adultas pode contribuir para a aceitação e compreensão do valor social de si mesmas, uma vez que a espiritualidade é uma dimensão da existência humana importante para a constituição de bem-estar, por trazer uma busca pelo sagrado ou pela transcendência, norteando a vida no processo do envelhecimento (GUTZ; CAMARGO, 2013) e, por consequência, no processo de aposentadoria.

Nesta perspectiva, a aposentadoria é um fenômeno processual que pode desencadear várias crises (MEZA-MEJÍA; VILLALOBOS-TORRES, 2008): consciência da finitude da existência e do envelhecimento, surgimento e convivência com limitações biopsicológicas e sociais com ou sem doenças crônicas etc., desta feita, é mister compreender como processos formativos ancorados na espiritualidade podem contribuir para transpassar a transição para a aposentadoria sem comprometer significativamente a saúde dos sujeitos.

Um estudo basilar sobre o fenômeno da aposentadoria, percebeu que o sujeito, ao se aposentar, apresenta uma dualidade na percepção desta, a vê como crise ou como liberdade. (LEANDRO-FRANÇA, 2014; SANTOS, 1990). A crise está associada à ausência de projetos

de vida fora do trabalho, bem como àquela aposentadoria que ocorreu em contextos desfavoráveis socioeconomicamente, aposentadorias-recusa e aposentaria-sobrevivência<sup>8</sup>, respectivamente.

A percepção positiva da aposentadoria pelas pessoas participantes da pesquisa, aposentadoria-liberdade, ocorreu pelos sujeitos que valorizaram o tempo adquirido para se dedicar a outras atividades nas quais não puderam desenvolver enquanto trabalhadoras e que parecem representar fontes privilegiadas de autovalorização, poder e engajamento social (LEANDRO-FRANÇA, 2014; SANTOS, 1990). Em nossa pesquisa, trouxemos olhar especial para essa categoria e sua relação do autoconhecimento potencializado pela percepção integral do ser, o que tange os aspectos do comprometimento com a dimensão espiritual.

A influência da educação voltada para a instrumentalização das pessoas para o trabalho reforça a potencial crise na aposentadoria. Observa-se que o desenvolvimento humano se dá na objetividade, moldando sua subjetividade para a busca de sentido na produção, no consumo e no ideal de manutenção da juventude corporal. Aliás, essa última é supervalorizada no mundo ocidental colocando o envelhecimento natural como algo pejorativo e não digno de respeito e valorização. (MEZA-MEJÍA; VILLALOBOS-TORRES, 2008). Perceber essa etapa da vida de forma positiva requer desenvolvimento de certo grau de resiliência, do qual é pouco investido na formação escolar e corporativa.

Assumimos neste trabalho o pressuposto de que o sentido que o sujeito dá ao trabalho, baseado em sua história de vida e no repertório de escolhas e possibilidades que teve ao longo de sua trajetória, é influenciador da percepção da aposentadoria, bem como da consecução de projetos de vida fora do trabalho. A problematização da centralidade do trabalho na vida da pessoa permitirá a ressignificação do trabalho e, por consequência, o estabelecimento de uma relação mais satisfatória no pós-carreira, pois a identidade individual perpassará pelo trabalho, porém não se resumirá a ele, de modo que o ser humano possua aprendizados psico-espirituais que contribuam para vivenciar essa o fenômeno da aposentadoria sem danos ao sentido de vida e como uma estratégia gerativa de existência (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Para um período de incertezas, quanto é importante que o ser humano possa ter acesso a recursos emocionais, cognitivos e espirituais para lidar com o processo de transição da vida

---

<sup>8</sup> É importante salientar que em ambos os casos, aposentadoria-recusa e aposentadoria- sobrevivência, a ausência de projetos de vida fora do trabalho foram causadores da crise, porém, na primeira situação, foi ditada pelo sentido do trabalho na vida associando a aposentadoria à velhice, à inutilidade e à ausência de objetivos de vida. A categoria aposentadoria-sobrevivência mostra a crise por percepção da uma condição econômica desfavorecida pelos sujeitos, sendo a profissão a única fonte de valorização e inclusão social, trazendo sentimentos de fracasso, inutilidade e impotência.

adulta intermediária e tardia, do envelhecimento e da aposentadoria. Nesta perspectiva, em resumo, este estudo visa contribuir na identificação da dimensão espiritual de pessoas acima dos 50 anos, bem como lançar contribuições para a promoção de uma educação para aposentadoria.

A temática da espiritualidade no desenvolvimento humano vem ganhando espaço nas pesquisas (GUTZ; CAMARGO, 2013; MARQUES, 2003; MELO *et al.*, 2015), porém, ainda não há estudos sobre as contribuições da espiritualidade no desenvolvimento de uma educação para aposentadoria, sendo esta a contribuição dessa pesquisa para o campo.

Queremos, então, refletir como a aposentadoria pode representar uma ruptura com o mundo do trabalho, mediada por uma educação multidimensional, na qual o aspecto de crise possa ser mitigado e, ao contrário, seja possibilitado acessar os objetivos mais íntimos da existência, o que proporcionará à pessoa um maior sentido à vida para além do trabalho.

Diante disso, surge a **questão de pesquisa**: que contribuições a espiritualidade oferece para o desenvolvimento de uma educação para aposentadoria? Para responder a essa pergunta, definimos como **objetivo principal** deste estudo: compreender as contribuições da espiritualidade no desenvolvimento de uma educação para aposentadoria de pessoas pré-aposentáveis e aposentadas do serviço público federal (INSS e UFPE) à luz da integralidade/transpessoalidade.

Para nos aproximarmos dessa compreensão, traçamos como **objetivos específicos**: 1) Apresentar o estado do conhecimento das pesquisas em educação para aposentadoria à luz da perspectiva integral/transpessoal visando problematizar seu desenvolvimento na UFPE e INSS. 2) Investigar os sentidos e as concepções de espiritualidade de pessoas servidoras públicas da UFPE e do INSS, em fase de aposentadoria e já aposentadas no intuito de apresentar diretrizes para o desenvolvimento da Educação para Aposentadoria. 3) Compreender as concepções de espiritualidade de pessoas servidoras públicas da UFPE e do INSS, em fase de aposentadoria e já aposentadas, visando indicar diretrizes para o desenvolvimento da Educação para Aposentadoria.

O *locus* da pesquisa foi escolhido pela vinculação da pesquisadora ao INSS de modo a poder contribuir, com os resultados do estudo, para o órgão de origem bem para a universidade à qual o programa de pós-graduação está vinculado. No tocante aos participantes serem pessoas do serviço público federal, a estabilidade laboral desta classe de trabalhadoras e trabalhadores permitiu esmiuçar a forma como a centralidade no trabalho impactou a percepção da existência e a relação da espiritualidade nesse processo uma vez que há um elo

perene delas e deles com sua instituição. Vale destacar que a Educação para Aposentadoria (EPA) é mais difundida nos órgãos públicos e ainda não possui espaço no sistema de ensino como política pública<sup>9</sup> de bem-estar para carreira docente. Dito isso, não haveria espaço para investigar a EPA na educação básica. Já nas Universidades, há legislação que recomenda execução de programas de preparação para a aposentadoria (BRASIL, 2018), o que justifica, portanto, uma pesquisa no nível superior de ensino.

Para atingir de forma ampla a compreensão da percepção de espiritualidade das pessoas do INSS e da UFPE utilizamos a pesquisa de métodos mistos explanatória sequencial (CRESWELL, 2010; CRESWELL; CLARKE, 2013). A primeira fase ocorreu por meio da exploração quantitativa com pessoas aposentadas e pré-aposentáveis dos dois órgãos, por meio do inventário de espiritualidade desenvolvido por MacDonald (2000a) e adaptado ao Brasil por Silva, MacDonald, Cunha e Ferreira (2017) e Silva (2018). Os resultados dessa fase exploratória foram utilizados como critério de seleção para entrevistas com as participantes que obtiveram maior e menor pontuação do inventário no tocante às dimensões de orientação cognitiva à espiritualidade e bem-estar existencial da escala, como está detalhado na seção 4 do presente estudo.

No tocante à fundamentação teórica, esta pesquisa dedicou-se à discussão do fenômeno aposentadoria de modo pontual, focando na delimitação do conceito de espiritualidade e na definição da EPA como um campo de pesquisa e de atuação pela educação. Apoiamo-nos numa concepção ampliada de Espiritualidade (RÖHR, 2013; SILVA, 2015; FERRER, 2017; WILBER, 2007; FRANKL, 1978/2017, 2005) numa perspectiva transpessoal (FERREIRA, 2007; FERREIRA, SILVA, SILVA, 2015) que possibilite uma base e ancoragem para a educação para aposentadoria multidimensional e espiritualmente conduzida. Construimos nosso aporte teórico refletindo sobre a o princípio educativo pautado na dimensão espiritual, questionando o modelo educacional hodierno e apresentando reflexões acerca do sentido de vida numa abordagem transpessoal, dialogando entre as perspectivas de espiritualidade, no tocante às suas aproximações

Na seção 5, trataremos das percepções acerca da revisão da literatura, discutindo a produção acadêmica nos quatro quadrantes do sistema operacional de Wilber (2007), em que apresentamos as categorias encontradas a partir da análise temática dos resumos de artigos, dissertações e teses sobre aposentadoria e educação para aposentadoria, bem como análise e discussão dos documentos da UFPE e do INSS acerca da EPA nessas instituições.

---

<sup>9</sup> Na revisão da literatura, não foram encontrados registros da EPA no sistema público de ensino.

As expressões de espiritualidade e o perfil sociodemográfico das pessoas servidoras públicas do INSS e da UFPE foram descritas, analisadas e discutidas na seção 6, em que iniciamos a primeira parte do estudo misto sequencial, a qual aprofundamos na seção subsequente, com análise e discussão das entrevistas das pessoas selecionadas conforme os critérios descritos na seção 4 deste estudo.

Por fim, apresentamos as considerações finais na seção 8 com um breve epílogo com as cocriações enativas da servidora-pesquisadora deste estudo, trazendo os aprendizados ao longo da jornada do mestrado em meio às crises pessoais, políticas e sanitárias durante esse processo.

## 2 APOSENTADORIA: CONCEITOS E PERCEPÇÕES

Nesta seção, apresentaremos uma breve discussão acerca do histórico da aposentadoria das pessoas do serviço público no Brasil, destacando os aspectos legais, e como se apresentou a necessidade de se educar para aposentadoria, trazendo os conceitos de seus principais expoentes no campo acadêmico brasileiro.

### 2.1 APOSENTADORIA NO SERVIÇO PÚBLICO: BREVE HISTÓRICO

Ao iniciar a pesquisa, não imaginávamos o quanto a aposentadoria estaria em pauta na mídia brasileira e internacional. A aprovação da Emenda Constitucional (EC) nº 103/2019 alterou as regras de Previdência das trabalhadoras e trabalhadores do serviço público federal e do setor privado no país (BRASIL, 2019a). Vale destacar que esse texto não tratará das regras da aposentadoria, tampouco analisaremos os impactos da EC nº 103/19. Nossa intenção é situar o tema da aposentadoria em sua relação com as pessoas que trabalham no serviço público federal sob o regime próprio de previdência social a fim de explicitar a importância da Educação na formação das pessoas em processo de trabalho e de aposentadoria.

Os primórdios da Previdência Social datam da aposentadoria dos funcionários dos Correios pelo Decreto nº 9.912-4 do Brasil Império, de março de 1888. No mesmo ano, foi instituída a caixa de socorros nas Estradas de Ferrovia como fundo de pensões para ferroviários e suas famílias (BRASIL, 2019b). Percebe-se que o primeiro movimento de assegurar aos trabalhadores e às suas famílias ocorreu por categorias de trabalhadores de forma isolada (carteiros, ferroviários, gráficos, militares da marinha, funcionários da fazenda, da casa da moeda e da alfândega) por meio da organização coletiva de setores da classe trabalhadora para a manutenção de suas famílias quando não pudessem mais trabalhar, seja pelo desgaste do envelhecimento, por morte ou por acidente de trabalho. Vale destacar que as leis trabalhistas datam do início da década de 30, de modo que as condições de trabalho não eram regulamentadas até então, muito menos eram exigidos equipamentos de proteção individual (BRASIL, 2019c), o que nos leva a inferir o grande número de acidentes e mortes no trabalho naquela época.

As categorias se organizaram ao perceber que o número de acidentes de trabalho e mortes inviabilizava a manutenção de suas famílias e dos trabalhadores envolvidos em sinistros. Em 1894, foram instituídas as primeiras leis sobre acidentes de trabalho, mas só em

1923, com a Lei Elói Chaves, Decreto-Lei nº 4.862, é que foi criada a Caixa de Aposentadoria e Pensões para os empregados de cada empresa ferroviária, à qual foi se incorporando as demais categorias de trabalhadores (BRASIL, 2019b). Essa legislação é o marco da criação da Previdência Social no Brasil.

No tocante às pessoas do serviço público, em 1938 foi criado o Instituto de Previdência de Assistência dos Servidores do Estado (Ipase) o qual concedia pensões e aposentadorias aos funcionários públicos contribuintes. Além da assistência e previdência, o IPASE também era responsável pelo Hospital dos Servidores do Estado (BRASIL, 2019b). Apesar do IPASE ser destinado às pessoas que trabalhavam no serviço público e, nas caixas de pensões, à classe trabalhadora de um modo geral, em 1953 foi criada uma caixa única, unindo a classe de trabalhadores do Estado às demais classes, os quais, no ano seguinte, inauguram o Regulamento Geral dos Institutos de Aposentadoria e Pensões.

Art. 1º Os Institutos de Aposentadoria e Pensões têm por fim assegurar [sic] nos seus beneficiários os meios indispensáveis de manutenção, quando não se achem em condições de angariá-los por motivo de idade avançada, incapacidade, ou morte daqueles de quem dependiam economicamente, bem como a prestação de serviços que visem à proteção de sua saúde e concorram para o seu bem-estar.

Art. 2º São "beneficiários":

I - na qualidade de "segurados", todos os que exercem emprego ou atividade remunerada ou auferem [sic] proventos de qualquer fonte, no território nacional, salvo as exceções expressamente consignadas neste Regulamento;

II - na qualidade de "dependentes", as pessoas assim definidas no art. 12.

Art. 3º São excluídos do regime dêste [Sic] Regulamento:

I - os servidores civis e militares da União, dos Estados, dos Municípios e dos Territórios, bem como os das respectivas autarquias, que estiverem sujeitos a regime próprio de previdência social;

II - os que estiverem sujeitos ao regime das Caixas de aposentadoria e Pensões.

Parágrafo único. A exclusão dos servidores das autarquias federais do regime deste [sic] Regulamento ao se refere aos benefícios de aposentadoria e de pensão, incluídos, porém, esses [sic] servidores para todos os demais fins nêle [sic] previstos (BRASIL, 2019d).

Em 1960, foi criada a Lei Orgânica da Assistência Social e, na década subsequente, as leis de previdência foram unificadas, sendo criado o Ministério de Previdência e Assistência Social. Com a Promulgação da Constituição Federal (CF) de 1988, o conceito de Seguridade Social foi consolidado e passou a estabelecer o tripé da Saúde, Assistência e Previdência Social, conforme o artigo nº 194 da Carta Magna (BRASIL, 2016). Observa-se que as legislações da década de 50, começam a delinear o que hoje conhecemos por Seguridade

Social, em que a classe trabalhadora e suas famílias têm acesso à saúde, de forma universal, à previdência, por contribuição, e à assistência, quando necessário.

A Seguridade Social foi concebida como um regime solidário em que empregados, empregadores e os governos Federal, Estadual e Municipal contribuam para a sua manutenção, bem como prevê a manutenção dos benefícios previdenciários através das gerações, em que a atual custeia as gerações anteriores. Dessa feita, a previdência é acionada quando a pessoa que trabalha e contribui não pode mais sustentar a si e à sua família, seja pela idade avançada, morte, invalidez, doença incapacitante, reclusão e acidente de trabalho e, no caso das mulheres, dá o direito à licença maternidade. A CF separa novamente o Regime Próprio (servidores públicos) do Regime Geral (trabalhadores em geral), conforme versa o artigo 40.

A partir desse breve histórico, podemos afirmar que a aposentadoria é um fenômeno pós-industrial criado como um direito adquirido pelos trabalhadores formais e está intimamente ligada à percepção que o sujeito tem de si e do trabalho em sua trajetória de vida. De forma objetiva, a aposentadoria é o afastamento remunerado das atividades profissionais da pessoa que trabalha após o cumprimento de requisitos legais para o usufruto de benefícios previdenciários da Previdência Social Pública. Aposentar-se significa um afastamento do mundo do trabalho formal. A percepção da aposentadoria vai variar de acordo com o espaço que o trabalho ocupou na vida do sujeito, quão longe pode ficar da rotina imposta por ele, sem perder a harmonia de sua vida.

Esboçar os sentidos que a aposentadoria assume perpassa necessariamente por entender como a pessoa percebe o trabalho, afinal a pessoa aposenta-se ao cumprir requisitos legais após um período determinado de dedicação ao trabalho formalizado. No caso das pessoas do serviço público federal (SOUZA, 2019), há uma tendência ao prolongamento do tempo de serviço em virtude do recebimento de abono de permanência por decidirem continuar no exercício da atividade após ter completado os requisitos para aposentadoria, cujo desconto previdenciário retorna em pecúnia ao/à servidor/a até completar a idade de 75 anos — idade limite para a aposentadoria compulsória (BRASIL, 2016).

No Brasil, segundo o portal da transparência, há 1.064.543 (um milhão, sessenta e quatro mil, quinhentos e quarenta e três) pessoas em atividade no serviço público federal, das quais 25,67% estão acima dos 50 anos (BRASIL, 2019e). Percebe-se que mais de ¼ da força de trabalho do serviço público está em condições de aposentadoria, mas têm adiado essa

decisão. Ao passo que é crescente o número de aposentadorias desde o resultado das eleições presidenciais e da aprovação da reforma da previdência

Resta-nos investigar quais as consequências das decisões pessoais ante as demandas conjunturais apresentadas. Por que há no serviço público federal o adiamento do gozo da aposentadoria? Este seria também um bom objeto de pesquisa, mas, sem receio de cometer algum devaneio, inferimos que o sentido que o mundo moderno dá ao trabalho formal e o lugar que ocupa na vida das pessoas é um elo forte para a manutenção do *status* e do ganho social que o trabalho remunerado auferi. Souza (2019) investigou as razões para o adiamento da aposentadoria com 282 servidores da UFPE em condições de aposentadoria. A pesquisadora constatou que o índice de maior postergação do usufruto do direito parte dos servidores do sexo masculino (docentes, técnicos nível E), casados ou em união estável e que não possuem religião, com forte correlação de continuar no trabalho remunerado, mesmo após usufruir do direito à aposentadoria.

Diante do quadro descrito acima, avaliamos que a percepção do trabalho como forma de afirmação da identidade somada à pressão social imposta ao homem enquanto provedor da família têm contribuído para essa postergação do exercício do direito à aposentaria. Dados sobre a taxa de suicídios entre idosos, mostram que a perda financeira na aposentadoria em que o idoso tem dificuldades de manutenção da família é um dos motivos para o suicídio nessa faixa de vida (MINAYO; MENEGUEL; CAVALCANTE, 2012), de modo que as pessoas do sexo masculino apresentam tendência à percepção da aposentadoria como crise (SANTOS, 1990).

Do ponto de vista mais elementar, o trabalho é a transformação da natureza pelo ser humano a fim de manter a sobrevivência, conduzindo a forma de organização social. Desde o capitalismo manufatureiro, o trabalho é o modo de produzir bens de consumo e os serviços necessários à sobrevivência, sendo, na perspectiva da pessoa que trabalha, o meio de obter um salário e a base do desenvolvimento de sua identidade, além disso, ocupa um largo espaço na existência humana. (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010; ZANELLI, 2012). Dessa feita, é mister que a trabalhadora e o trabalhador se eduquem para essa fase de transição, que encontrem meios de compreender que há vida fora do trabalho formal e que, se há o intento de continuar trabalhando, que esta escolha ocorra de forma consciente.

## 2. 2 EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA: SITUANDO O CAMPO DE PESQUISA

O tema aposentadoria dos servidores públicos tem ocupado espaço na gestão de pessoas há no mínimo três décadas. Em 1996, a Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) dedicou um seminário para discutir “A preparação para a aposentadoria do setor público”, em que instituiu o fórum permanente de Capacitação de Coordenadores de Recursos Humanos (BRASIL, 1996b).

O aumento da expectativa de vida tem preocupado o Estado quanto às políticas públicas da Seguridade Social. No serviço público, tal preocupação não poderia ser diferente, como observamos no objeto do seminário acima mencionado. O fenômeno do envelhecimento populacional e a diminuição da taxa de natalidade têm preocupado várias nações, uma vez que a questão solidária da seguridade social poderá ser ameaçada ao ponto que a reforma na previdência tem ganhado urgência, nos últimos tempos, em vários países do globo.

França (2008) observa que as pesquisas na área da aposentadoria são voltadas para um planejamento financeiro a fim de assegurar o futuro, deixando questões subjetivas de lado. O planejamento financeiro por si só não é suficiente para garantir atitudes positivas ante a aposentadoria. Diante disso, algumas pessoas envolvidas em pesquisas nesse âmbito tomaram o tema aposentadoria dentro da ótica subjetiva e passaram a investigá-la enquanto preparação e/ou orientação para além das condições econômicas (FRANÇA, 2008; ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010; FRANÇA; MURTA, 2014; ZANELLI, 2017).

O envelhecimento é algo marcante para o sujeito em situação de aposentadoria, por vezes fazendo-o confundir os dois fenômenos. Desde a promulgação da Lei nº 8.994/94, há, no Brasil, diretrizes para a Política Nacional do Idoso, culminando com o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003). Além de importantes para se pensar e planejar o envelhecimento da sociedade brasileira, esses marcos legais colaboraram para regular os direitos da pessoa idosa. Para nós, o envelhecimento é mais uma fase de ciclo vital que deve ser respeitada em suas particularidades e vivenciada em sua potência. Para tanto, faz-se necessário o acesso a informações que possam ajudar a pessoa na fase adulta tardia a desenvolver sua autonomia, desenvolver cuidados com a saúde, desfrutar de espaços de convivência e vivenciar processos de autoconhecimento. E a EPA precisa contemplar esses aspectos.

O envelhecimento ativo é “[...] o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, a fim de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (WHO, 2002, p. 12, tradução nossa). A Organização Pan-Americana de Saúde

destaca que a promoção de um envelhecimento saudável é um desafio global para que as pessoas em idade adulta tardia possam viver com condições funcionais preservando sua autonomia (OPAS, 2018). Não há uma forma única de envelhecer, nem tipos únicos do Ser velho; há uma diversidade de velhices que estão diretamente associadas às formas objetivas de vida, diferenças de sexo, etnia e de cultura (COUTRIM, 2010; CAMARANO, 2016; MACHADO GIBERTI, 2018). Porém, algo que não se pode negar é que há fatores que contribuem com um processo de envelhecimento saudável e que a dificuldade de acesso a eles faz com que velhices sejam mais precarizadas do que outras. A OPAS destaca alguns fatores que influenciam o envelhecimento saudável.

Esses fatores começam a influenciar o processo de envelhecimento em uma fase precoce. Os ambientes em que as pessoas vivem com crianças - ou mesmo com fetos em desenvolvimento -, combinados às suas características pessoais, têm efeitos em longo prazo sobre como elas envelhecem. Ambientes também têm uma influência importante no desenvolvimento e manutenção de comportamentos saudáveis. Manter comportamentos saudáveis ao longo da vida, particularmente tendo uma dieta equilibrada, praticando atividade física regular e evitando o uso de tabaco, contribuem para reduzir o risco de doenças crônicas não transmissíveis e melhorar a capacidade física e mental (OPAS, 2018, página digital).

Zanelli (2017) discorre sobre a temática da aposentadoria considerando os fatores preditores para uma aposentadoria saudável, subdividindo-os em duas perspectivas: Cuidar e Desfrutar. O autor afirma que, ao cuidar para desfrutar, o/a trabalhador/a está assegurando uma aposentadoria satisfatória. Assim, o autor, discute que ações precisam ser tomadas ao longo da carreira do/a trabalhador/a para que ele/a cuide de sua saúde e de suas finanças, a fim de que, ao se aposentar, possa ter condições de desfrutar do seu tempo livre e de uma aposentadoria prazerosa. Vale destacar, como pontua Coutrim (2010), que não há uma velhice universal e o envelhecimento bem-sucedido perpassa por condições sócio-históricas do sujeito, não havendo, portanto, como vivenciar uma aposentadoria prazerosa de forma homogênea, e talvez essa seja uma questão difícil de ser vivenciada pela maioria da classe trabalhadora. O que para nós é ponto pacífico consiste no entendimento de que cuidar do envelhecer não é tarefa tão somente individual, mas uma ação política multissetorial, em que o Estado tem o papel fundamental de implementar políticas públicas que colaborem com o envelhecimento saudável da sociedade.

Outro aspecto impacientar no fenômeno aposentadoria é como a subjetividade da pessoa que trabalha foi construída ao longo de sua vida laboral. No tocante à aposentadoria,

Coutrim (2010) traz uma reflexão interessante de como se deu a aposentadoria na França no início do século XX, em que o marcador da aposentadoria para burgueses e classe operária foi a velhice, só que, para os sujeitos da primeira classe, ela ocorria pela escolha e a sobrevivência se dava por recursos próprios. Já para a segunda classe, a aposentadoria acontecia pela incapacidade produtiva e apenas os trabalhadores do Estado, de ferrovias e das grandes indústrias tinham esse direito, o qual era custeado pelo Estado francês. Diante disso, mesmo sendo um direito conquistado, tanto a incapacidade produtiva quanto o sustento viabilizado pelo Estado forneciam à aposentadoria um *status* de pobreza.

O termo aposentadoria remete a aposento, a retirar-se da vida pública e se recolher à vida privada. Essa carga negativa do termo somada às ideias iniciais da aposentadoria da classe trabalhadora traz um impacto desfavorável à identidade do trabalhador e da trabalhadora que afeta a percepção acerca da satisfação na aposentadoria (COUTRIM, 2010; SANTOS, 1990; ZANELLI, 2010). De outro lado, a percepção de laços identitários fora do trabalho pode contribuir para uma experiência positiva do fenômeno aposentadoria.

Nessa perspectiva, a literatura traz os preditores de bem-estar na aposentadoria, como os fatores de proteção para uma aposentadoria saudável (LEANDRO-FRANÇA; MURTA 2014), sendo de ordem: **pessoal** (maior escolaridade, relacionamento marital, carreira contínua, status socioeconômico e segurança financeira, saúde física e psicológica, planejamento em saúde); **psicossocial** (mudança de estilo de vida, atividade física e lazer antes da aposentadoria, autoeficácia, senso de domínio, *locus* de controle, rede social positiva, laços familiares, atividade voluntária, planejamento para aposentadoria) e **organizacional** (aposentadoria voluntária e gradual).

Ao passo que os fatores de risco à adaptação à aposentadoria são de ordem: **psicológica** (perda do papel regulador do emprego), **social** (condições socioeconômicas) e **de estilo de vida** (comprometimentos funcionais decorrentes de hábitos inadequados). Diante disto, é importante o desenvolvimento de “(a) atributos pessoais (autonomia, autoestima, autoeficácia, bem-estar subjetivo e competência emocional); (b) rede de apoio social positiva (recursos institucionais, relações com amigos, comunidades e colegas de trabalho) e (c) coesão familiar (RUTTER, 1987, *apud* FRANÇA; MURTA, 2014, p. 36).

Quadro 1 - Estratégias que facilitam a adaptação e a qualidade de vida na aposentadoria

Categorias	Estratégias
Atividade física	Incentive a realização de atividade física no trabalho, em clubes, ao ar livre e próximo às residências dos participantes.
Alimentação saudável	Aconselhe os participantes a realizarem leituras sobre o tema e a consultarem especialistas, utilizando plano de saúde ou hospitais públicos regionais.
Lazer/ <i>hobby</i>	Oriente os participantes a praticarem atividades de lazer e <i>hobby</i> com as quais se identificam e que lhes dão prazer.
Voluntariado	Motive os participantes a se engajarem em atividades de voluntariado em escolas, hospitais, casas de repouso e de recuperação.
Empreendedorismo	Estimule a realização de cursos que desenvolvam competências e habilidades na criação de projetos para o pós-carreira.
Família	Encoraje a discussão de planos para o futuro com o cônjuge e de autonomia e independência financeira de filhos e netos.
Apoio Social	Incentive o resgate ou aquisição de amizades por meio de telefonemas, internet, encontros e participação em grupos na comunidade.
Finanças	Informe sobre a importância do equilíbrio financeiro, de possuir investimentos para o futuro, previdência privada e de incluir a família no manejo das finanças.
Religiosidade/ Espiritualidade	Promova atividades que permitam aos participantes refletir sobre seus valores e o que traz sentido às suas vidas.
Moradia	Oriente a negociação com o cônjuge sobre moradia e acessibilidade
Planejar-se com antecedência	Abra os programas para pessoas no início da carreira. Quanto mais tempo para planejar, melhor.

Fonte: Adaptado de Leandro-França (2014) *in* Murta, Leandro-França e Seidl (2014).

No tocante às pessoas do serviço público federal, o cuidado com a transição para a aposentadoria tem levado em consideração os programas de preparação para a aposentadoria como uma das estratégias de manutenção e promoção da saúde mental dos servidores (MPOG, 2013) as quais derivam da Política Nacional de Saúde do Servidor Público Federal (PASS) e do Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor Público Federal (Siass), conforme Brasil (2009).

No bojo da atenção integral à saúde das pessoas do serviço público está a preocupação com a transição para a aposentadoria, a qual ganhou a nomenclatura de “Educação para Aposentadoria” apenas recentemente (MURTA; LEANDRO-FRANÇA; SEIDL, 2014), cuja legislação própria aponta o termo claramente com definições e diretrizes através da Portaria nº 12/2018, da Secretaria de Gestão de Pessoas do Ministério do Planejamento (BRASIL, 2018).

A mudança de nomenclatura tem relação com a mutação do conceito, em que a preparação para a fase transitória do pós-carreira ocorra desde o ingresso das pessoas no serviço público e não mais um esforço durante os tempos próximos à aposentadoria. Observamos que este é o ponto crucial para o elo com a espiritualidade, pois as tomadas de decisão, que perpassam pelos valores de cada indivíduo, remontam desde a escolha de sua profissão à decisão de entrar na carreira do Serviço Público. A saúde integral defendida pelo SIASS envolve propiciar às pessoas do serviço público o acesso a espaços reflexivos e informativos os que os possibilitem refletir sobre suas escolhas para cuidar de sua saúde, carreira e aposentadoria de modo integral e interconectado. Vejamos quais as contribuições que a Portaria nº 12 traz neste sentido:

#### Dos conceitos

Art. 3º Para os fins desta Portaria, entende-se:

I - ageísmo: preconceitos em relação a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos baseados na idade;

II - aposentadoria: término do exercício profissional no serviço público que se caracteriza como direito da percepção de proventos mensais na fase pós-carreira por já ter adquirido as condições legais exigidas pelo Estado;

III - discriminação etária: expressão comportamental do ageísmo, ou seja, atos e comportamentos que dificultam, afastam ou excluem indivíduos de determinados direitos, atividades ou benefícios baseados na idade;

IV - educação para aposentadoria: perspectiva de que a aposentadoria é um processo e, por isso, a decisão, a transição e a adaptação para uma aposentadoria bem-sucedida exigem planejamento e educação ao longo da vida;

V - envelhecimento ativo: perspectiva de que envelhecer com bem-estar físico, social e mental ao longo da vida depende de uma série de fatores: individuais, comportamentais, econômicos, e vinculados ao acesso a serviços sociais, de segurança e de saúde;

VI - fatores de risco associados à adaptação à aposentadoria: condições pessoais, psicossociais, organizacionais e ambientais que prejudicam a qualidade de vida e o bem-estar na aposentadoria e dificultam a adaptação a esta fase da vida;

VII - fatores de proteção associados à adaptação à aposentadoria: condições pessoais, psicossociais, organizacionais e ambientais que facilitam a qualidade de vida e bem-estar na aposentadoria e promovem a adaptação a esta fase da vida; e VIII - memória institucional: registro das experiências sobre processos, produtos e serviços vivenciadas pelos servidores ao longo do seu exercício profissional na instituição, que podem servir como referência para os que estão na ativa. (BRASIL, 2018)

Percebe-se que a EPA deixa o caráter de uma preparação para a aposentadoria nos anos finais da carreira para um processo formativo contínuo, com um cuidado intergeracional e a manutenção da saúde integral de modo a:

[...]

V - possibilitar aos servidores de todas as idades a reflexão sobre a importância e o impacto de suas escolhas pessoais e profissionais ao longo de sua trajetória de vida;

VI - possibilitar aos servidores a identificação dos seus recursos pessoais, familiares, institucionais e sociais de modo a facilitar a tomada de decisão consciente e segura sobre o melhor momento para se aposentar;

VII - oferecer conhecimentos e vivências que possibilitem aos servidores a manutenção e/ou desenvolvimento de competências no campo da promoção da saúde, com ênfase na alimentação saudável, na atividade física regular, na estimulação dos processos cognitivos, no fortalecimento e/ou ampliação de vínculos socioafetivos, no planejamento financeiro, no lazer, na ocupação, dentre outros temas identificados como relevantes; e

VIII - promover o autoconhecimento dos servidores, ou seja, permitir que eles conheçam os comportamentos que devem ser mantidos e aqueles que devem ser modificados em prol de um envelhecimento ativo e de uma transição saudável à aposentadoria. (BRASIL, 2018)

O olhar para o servidor e para a servidora na legislação é num ensaio à perspectiva integral, o que nos cabe enquanto pesquisadores é perceber o quanto a prática tem fomentado o desenvolvimento de capacidades reflexivas voltadas para o desenvolvimento da dimensão espiritual. Essa Portaria traz indicativos que corroboram com os teóricos da área (FRANÇA, 2008; MURTA; LEANDRO-FRANÇA, 2014; ZANELLI, 2017). Vale destacar que não há produção científica significativa da EPA nos cursos de Educação e no eixo norte-nordeste de produção científica, uma vez que as produções estão concentradas nos teóricos da Universidade de Brasília, Universidade Gama Filho e Universidade Federal de Santa Catarina, os quais serão melhor destacados na seção 5 desta pesquisa.

Apesar do tema preparação/orientação/educação para aposentadoria estar em discussão há quase três décadas, os programas de pós-graduação em educação pouco têm despertado para essa temática, de modo que observamos que teremos muito a contribuir com a os resultados dessa pesquisa, pois a educação forma professores os quais são trabalhadores que precisam ser cuidados em sua integralidade, através de programas de EPA que possam trabalhar sua Formação Humana por meio da identificação e cultivo da espiritualidade.

### 3 A ESPIRITUALIDADE COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

Retomamos a pergunta retórica da introdução: “Para que educamos senão para a Vida?”. Quando refletimos sobre essa pergunta, pensamos na vida em uma percepção mais ampla, na valorização de tudo o que existe para a manutenção da sustentação do planeta. Estar em coerência com essa visão de mundo, em que todas as formas de vida sejam respeitadas, perpassa pelo desenvolvimento de valores humanos que coadunem com essa lógica.

Os discursos sobre educação têm ocupado cenário acadêmico por muitos séculos, pensadores e pensadoras de todas as correntes filosóficas tentam defini-la e dizer a quem se destina. Há uma distinção importante, pois muitos não discutiram a Formação Humana como uma meta educacional, mas discutiram do ponto de vista ontológico. O discurso sobre a formação humana está presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), conforme BRASIL (1996a), porém não fica claro que tipo de ser humano o sistema educacional brasileiro quer formar. A LDB versa sobre processos formativos, “princípios de liberdade”, “ideais de solidariedade”, “exercício da cidadania”.

Freitas (2012) nos faz refletir sobre a crise da educação na pós-modernidade instaurada como crise de sentido. Percebe-se, então, um conflito entre o entendimento de instrução *versus* formação em que pese a necessidade do ser humano em desenvolver suas faculdades cognitivas quanto ao raciocínio lógico e ao domínio da língua. Qual deve ser a essencial meta da educação?

Ao analisarmos o sistema educacional atual, percebemos que este tem se ocupado do processo de hominização do ser humano, uma vez que contribui para o desenvolvimento biológico, psicoemocional e cognitivo num processo de acompanhamento do amadurecimento natural (RÖHR, 2011) fortalecendo o caráter socializante e de enculturação. Estamos a discutir a educação como uma meta própria, refletindo no aspecto de humanização do ser humano, uma vez que as mudanças cronológicas físicas e cognitivas são um processo de maturação próprio da espécie. Röhr (2011) defende a perspectiva da meta da educação ser o processo de formação humana por meio da tríade educador<sup>10</sup>, educando e tarefa pedagógica. O autor leva-nos à compreensão de que a educação se destina a tornar os humanos cada vez mais humanos num processo aproximativo à plenitude das potencialidades do Ser.

---

<sup>10</sup> Usaremos o binômio educador e educando sem flexão de gênero conforme o texto original a fim de deixar a leitura mais fluída. Ressaltamos, contudo, que nossa escrita traz o respeito à diversidade de gênero quando assume a pessoa responsável pela ação.

[...] tarefa pedagógica é um ato de intencionalidade do educador, afirma que é preciso que a mesma esteja voltada para tornar o homem homem, aproximando-o da plenificação das suas potencialidades. [...]. Portanto, a meta educacional concentra-se no educando, em seus valores, no sentido significativo do seu agir na vida, e não em promessas de futuro externas a ele. Estabelecer sua própria autoeducação, ou seja, tornar o indivíduo capaz de reconhecer em si mesmo aquilo que o torna mais pleno e dar continuidade a esta longa e infundável jornada. (CORDEIRO, 2012, p. 63-64).

Percebemos que há um descompasso entre a meta da educação proposta por Röhr (2011) e a cultura contemporânea que impregna o sistema educacional vigente, fazendo-o patinar quanto à consecução da dignidade humana, pois supervaloriza o indivíduo para o consumo desenfreado, cuja ilusão de felicidade está no individualismo egoísta e narcísico, impedindo o ser humano de tornar-se um ser livre e autônomo (SEVERINO, 2010). Neste cenário, as potencialidades humanas são restritas ao poder de consumo, limitando o existir a consumir e configurar papéis sociais orquestrados por uma matriz econômica.

Os problemas generalizados que observamos no planeta no tocante às guerras, à degradação do meio ambiente, à violência, à discriminação de todas as formas de existência denotam que estamos falhando enquanto sociedade. Movemo-nos do teocentrismo da Idade Média para o cientificismo da modernidade em ciclos de avanços e recuos, sem, contudo, abandonarmos a lógica de *Mechanos*<sup>11</sup> (TORBERT; REASON, 2001), instituída no nosso modo de compreender e lidar com a realidade. Apesar dos avanços trazidos pelos processos de racionalização dos métodos científicos e da ideia de progresso embutida neste pensamento, isto trouxe consequências danosas para a natureza, pondo em risco a própria sobrevivência humana no planeta.

A ciência, ao negar e não reconhecer a importância da dimensão espiritual do ser humano, perdeu-se no processo de humanização em que nós somos a única espécie que mata para satisfazer necessidades de vingança, poder, acumulação, prazer e honra, ou seja, valores que estão para além da sobrevivência da espécie, estão na ordem da ação humana (in)consciente. Os valores aos quais os seres humanos estão aliados refletem o nível de comprometimento que possuem com a manutenção da vida no mundo. Nesta perspectiva, percebemos que a educação deve propiciar a formação humana com o respeito à diversidade cultural, proporcionando o desenvolvimento integral de todos os seres humanos, considerando

---

<sup>11</sup> O termo *mechanos* é empregado para situar o pensamento reducionista moderno que toma a realidade e o humano a partir da metáfora mecanicista do relógio. Sendo a complexidade do mundo e da vida reduzida a aspectos quantitativos do ideário cientificista de progresso que não reconhece a interdependência de todos os sistemas do planeta, contribuindo, com isso, com a crise ecológica da atualidade.

as diferenças históricas e culturais (SEVERINO, 2006). Portanto, não há como pensar a Educação fora da dimensão espiritual.

A tarefa pedagógica é a manifestação do fenômeno educativo, no qual o/a educando é vetor central, ou seja, a quem se destina a meta da educação. A finalidade da tarefa pedagógica é a humanização mais plena possível do educando; para isso, apresenta-se o terceiro elemento da tríade: o educador. Este, por sua vez, detém a intencionalidade do fazer na tarefa pedagógica, proporcionando o encontro do educando com suas potencialidades, pois este último é o principal beneficiário do processo por “ser digno, único e insubstituível” (RÖHR, 2007, p. 57).

Como o educador tem acesso à intencionalidade? Como a percebe? Como avalia se está a serviço das potencialidades humanas na tarefa pedagógica? É neste momento que a Formação Humana se intercruciza com a dimensão espiritual, uma vez que o diálogo intrapessoal com seu universo de crenças e valores propiciará compreender de onde surge sua intencionalidade e a quem serve. Há uma responsabilidade educativa que clama para uma autorreflexão e a compreensão que toda formação tradicional posta não será suficiente para responder às indagações acima, exigindo de si um tipo de comprometimento alcançado apenas pela dimensão espiritual.

A espiritualidade possibilita uma aproximação da realização plena do ser, pois permite o autoconhecimento que leva à autenticidade, permitindo a autorrealização da liberdade, sendo que está dentro do prisma da autorresponsabilização pelos atos, pelo reconhecimento dos limites da condição humana (RÖHR, 2011). Assim, a espiritualidade pode ser concebida como uma coerência prática entre sentir-pensar-agir na direção da autenticidade do outro e do respeito ao binômio liberdade-responsabilidade. O ato de educar traz implicações interpessoais de corresponsabilidade, coexistência, cooperação e cocriação entre educador-educando.

O desenvolvimento da espiritualidade é como um saber viver, o qual não deve ser compreendido como uma estratificação da vida, nem como o trabalho ou convenções sociais, mas como o cultivo de uma vida espiritual que permita constância de ações, compromissos e integralidade do ser. Uma educação voltada apenas à instrução não permite ao ser a reflexão de sentido de sua existência e, tampouco, o desenvolvimento de uma convivência aberta com todos os fenômenos humanos presentes na sociedade (POLICARPO JR, 2012).

A vida humana pode ser entendida em dimensões básicas: física, corporalidade físico-biológica; sensorial, sensações físicas ligadas aos sentidos; emocional, ligada à *psique* e aos

estados emocionais; mental, raciocínio lógico, reflexões e pensamentos; e, por fim, espiritual, cuja definição é mais complexa, pois é descrita não por si mesma, mas em relação à “[...] insuficiência das outras dimensões em relação ao homem nas suas possibilidades humanas” (RÖHR, 2013, p. 26). Neste sentido, a tarefa pedagógica se destina a compreender que humano é este, trazendo para o educador o comprometimento e abertura para esse outro humano, o educando, distinto de si, que carrega suas histórias e crenças, que traz em seu corpo marcas, símbolos e experiências sutis. Ressaltamos que, para nós, o desenvolvimento espiritual é uma postura de abertura diante da vida (FERREIRA, 2012) e, portanto, uma abertura à vida desse outro.

Nesse viés, refletimos acerca da contribuição de Ferrer<sup>12</sup> (2017, p. 21) em trazer uma perspectiva complementar à percepção da dimensão espiritual quando afirma que esta “essentially emerges from human cocreative participation in na undetermined mystery or generative power of life, the cosmos, or reality”<sup>13</sup>. Para nós, essa compreensão tem afinidade com a abertura necessária à tarefa pedagógica por trazer a singularidade e multiplicidade de formas de compreensão da espiritualidade vivenciada pelo educando. Ferrer (2017) traz a compreensão da vida humana como multidimensional, porém sua percepção difere de Röhr (2012) quando amplia para o conceito de faculdades epistêmicas implicando um saber espiritual incorporado, não só experienciado na sutileza da dimensão espiritual, uma vez que todas as dimensões humanas participam de maneira criativa no desenvolvimento do crescimento integral<sup>14</sup>.

Percebemos que a atividade pedagógica ganha em caráter de abertura quando o educador se permite compreender, também, que as dimensões humanas podem ser vivenciadas por eventos espirituais racionais, imaginais, somáticos, vitais e estéticos (FERRER, 2017). Neste sentido, o desenvolvimento espiritual não se configura como uma condição pré-dada ao ser humano, mas de

---

<sup>12</sup> Jorge N. Ferrer é um pesquisador da Psicologia Transpessoal que defende uma abordagem participativa da espiritualidade.

<sup>13</sup> Tradução: “emerge essencialmente da participação cocriativa humana em um mistério indeterminado ou em um poder gerador de vida, no cosmos ou na realidade”. Salientamos que usaremos dessa parte em diante do texto as traduções em português. No tocante ao conceito de mistério, temos: Mistério (do lat. *tardio mysterium*, *mysterium*, alteração de *ministerium*: trabalho, ocupação) 1. Tudo aquilo que não pode ser compreendido, que é inacessível à razão humana. Realidade oculta. (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2008, p.238). Para Ferrer (2017, p. 265), o mistério se refere a um “dinamismo não determinado criativo da vida, do cosmos ou da realidade”.

<sup>14</sup> Não faz parte deste trabalho realizarmos uma análise das diferenças entre as perspectivas de Ferrer e Röhr. Nosso intuito é trazer as contribuições de ambos para a composição do debate acerca da educação para aposentadoria.

um processo enativo<sup>15</sup>, o qual inclui modos humanos de conhecimentos diversos (somático, emocional, imaginal e arquetípico) e não somente o cognitivo.

Cada pessoa passa, ao longo de vida, por várias experiências, as quais são marcadas em seu sentido de vida e sua relação com a espiritualidade, trazendo atualizações e aprendizados que reverberam em seu modo de ser, pensar e agir. Uma conduta espiritualmente comprometida do educador requer uma ampliação de sua percepção para compreender a perspectiva do educando num processo de cocriação.

Assim, para entendermos melhor, Ferrer (2017) traz os conceitos de cocriação intrapessoal, interpessoal e transpessoal. Como cocriação intrapessoal, o autor defende que há uma participação colaborativa de todos os atributos humanos (corpo, energia vital, coração, mente e consciência) que percebem as representações de fenômenos espirituais. Nessa dimensão, não há hierarquia entre os atributos, todos possuem a mesma importância de evolução. Esta é uma relação do humano consigo próprio, o qual percebe o seu desenvolvimento espiritual de forma integral.

No tocante à cocriação interpessoal, ela emerge das relações cooperativas ente os seres humanos, bem como abre essa relação para entidades sutis, poderes naturais e forças arquetípicas, as quais podem ser incorporadas na *psique*, na natureza ou no cosmos, como podemos perceber nos estudos do perspectivismo ameríndio de Viveiros De Castro (1996)<sup>16</sup>. O crescimento da cocriação interpessoal acontece na relação com o outro, no espírito de solidariedade, respeito mútuo e confronto construtivo.

A cocriação transpessoal perpassa por um processo enativo com o mistério não determinado por meio de várias formas de acesso (intuições espirituais, práticas, estados e mundo). Dessa forma, a cocriação transpessoal visa retirar qualquer privilégio de colocar religiões ou dogmas como superiores entre si. Para cada tipo de cocriação Ferrer (2017) estabeleceu um princípio para promover o equilíbrio e reconhecimento da mesma importância na relação.

---

<sup>15</sup> Enação foi um termo cunhado por Varela, Thompson e Rosch (1992) em *A mente incorporada* para descrever uma abordagem não representacionista, na qual a cognição é compreendida como ação incorporada. Neste sentido a abordagem enativa perpassa pelos pressupostos de: 1) a percepção consiste em uma ação guiada perceptualmente; e 2) as estruturas cognitivas emergem de padrões sensorio-motores recorrentes que permitem a ação ser guiada pela percepção (BAUM; KROEFF, 2018).

<sup>16</sup> “O estímulo inicial para esta reflexão são as numerosas referências, na etnografia amazônica, a uma teoria indígena segundo a qual o modo como os humanos vêem os animais e outras subjetividades que povoam o universo — deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos fenômenos meteorológicos, vegetais, às vezes mesmo objetos e artefatos —, é profundamente diferente do modo como esses seres os vêem e se vêem [sic] (CASTRO, 1996, p 116-117)”. A aproximação com a cocriação interpessoal está na abertura a interagir com as percepções da relação com som seres “não humanos” na perspectiva ocidental de pensamento, mas que podem incorporar um tipo de personificação. Apesar de a terminologia tratar de cocriação interpessoal, Ferrer (2017) abre a perspectiva para a relação com outras subjetividades “não humanas”.

Para a cocriação transpessoal, Ferrer (2017) aponta o princípio da equipluralidade, o qual reconhece que há muitas enações espirituais igualmente holísticas e emancipatórias. O princípio da equiprimacia está ligado à cocriação intrapessoal em quem todas as dimensões humanas possuem a mesma importância, ou seja, corpo, energia vital, coração, mente e consciência merecem a mesma atenção no processo de desenvolvimento humano, evitando-se, assim, a negação de tradições religiosas e culturais que induzem a negar experiências da energia vital (sexualidade), por exemplo, por julgarem ser algo menor que o desenvolvimento da consciência. Por fim, na cocriação interpessoal há o princípio da equipotencialidade, em que todos estão numa mesma horizontalidade, mesmo que, por vezes, assumam posições ora superiores ora inferiores, como numa relação mestre-discípulo, porém sem causar dependência ou aprisionamento, já que ambos possuem igual importância na relação.

Percebemos que essa construção teórica traz reflexões sobre a tarefa pedagógica, em que o respeito a esses princípios contribui para atingir a meta da educação, não como algo distante só alcançado por pessoas iluminadas, mas como um processo cotidiano, na vida de interrelações.

Essa vida diversa e ampla implica a compressão de espiritualidades tão diversas quanto diversos são os mundos individuais de cada ser humano. O olhar para a multidimensionalidade humana traz implicações para a tarefa pedagógica. Desse modo, por exemplo, a Educação para Aposentadoria se beneficiaria da compreensão de que o humano na fase adulta tardia possui todas as dimensões potenciais; assim, educar para vivenciar o fenômeno de aposentar-se carece necessariamente reconhecê-las e apontar formas da tarefa pedagógica atingir sua finalidade: uma vida de potencialidades na aposentadoria.

Diante do exposto, entendemos a importância da espiritualidade no desenrolar da vida e, assim, sua implicação direta na tomada de decisões do ser ao longo de sua trajetória. Por mais que as demais dimensões forneçam os meios para o caminhar, será a dimensão espiritual que dará sentido à vida, uma vez que o fenômeno da aposentadoria pode apresentar experiências que gerem nas pessoas a perda de sentido. Assim, urge a necessidade de dialogar com os autores que buscaram refletir sobre esse momento tão delicado do existir humano.

### 3.1 ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O SENTIDO DA VIDA

Viktor Frankl dedicou-se, em sua obra, a descrever que o ser humano vive em busca de um sentido para viver. Estabelecer a conexão com o nosso caminho, com aquilo que nos faz sentir mais próximas a um estado de plenitude é estar em consonância com o sentido da vida que, por sua vez, não é fixo nem imutável e muito menos inexorável e se dá na concretude dos dias de cada ser humano (FRANKL, 1984; 2017), de modo que, se houver perda de sentido a partir da aposentadoria, ele pode ser reencontrado.

Frankl (2017, p. 105-106) destaca que o acesso ao sentido da vida pode se dar pelo viés do trabalho, do amor ou do sofrimento e ressalta que:

Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir cumprimento. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo.

Essa percepção de um sentido de vida baseado na concretude do mundo remete ao processo cocriativo dos eventos espirituais, em que a vocação - ou missão de vida - perpassa por um processo de diálogo interno intrapessoal, cuja resposta é achar o que move o ser humano a estar e ser no mundo. Frankl (2017) defende que o ser humano tem liberdade de escolhas limitadas em sua concretude de vida, mas ainda assim é um ser livre e responsável por sua própria existência. Esta, por sua vez, chama-o a dar sentido a ela pelo próprio desenrolar histórico e concreto da materialidade vivida em cada época da humanidade.

Como característica da categoria da dimensão espiritual, a liberdade não pode ser objetivamente provada, porém experienciamos este fenômeno quando percebemos o nosso movimento de sua fuga ou de sua assunção (RÖHR, 2013). O indivíduo percebe o quanto se aproximou ou fugiu daquilo que assumiu enquanto liberdade, ou seja, a responsabilidade assumida pelos atos de liberdade testando a si mesmo, dentro da atividade pedagógica dirigida a si ou a outrem. Assim, o exercício da liberdade acontece ao longo da vida, num processo de autocertificação em que é possível “[...] examinar os desvios, as falsas desculpas, as armadilhas dos equilíbrios emocionais e, principalmente, as mais variadas manipulações externas” (RÖHR, 2013, p. 51). Portanto, compreendemos que o sentido de uma vida coerente

com a dimensão espiritual perpassa por essa assunção da liberdade com uma condição da autorresponsabilização pela vida humana, dentro de uma perspectiva interpessoal.

Olhar para si em determinados momentos e buscar quem se é de verdade é um apelo para um autoconhecimento que não se dá apenas no campo da racionalidade. Estar em coerência com os princípios e valores que regem a Vida é estar em coerência com sua existência.

Só eu mesmo posso saber se a minha busca de verdade não está guiada por interesses, sejam eles individuais ou sociais; só eu mesmo posso saber do meu esforço para enfrentar os medos que me impedem de enxergar a mim mesmo como sou; só eu mesmo posso saber da minha disposição para enfrentar a realidade, sem as eternas maquiagens e distorções ao meu favor. A busca da verdade, sem cair em relativismos ou absolutizações, o simples querer-saber sem deixar-se guiar pelas consequências agradáveis ou não que a verdade traz para mim, tem origem na dimensão espiritual (RÖHR, 2011, p. 63).

Porém, há condições de não cairmos em armadilhas de fuga da responsabilização pelos atos quando nos colocamos em xeque através de questionamentos acerca do nível de nosso comprometimento espiritual em níveis intrapessoal, interpessoal e transpessoal (FERRER, 2017). Em cada esfera da cocriação, Ferrer traz um processo inquiridor para que possamos fugir de desvios através de um processo de inquirição dos princípios das dimensões cocriativa: equiprimacia, equipotencialidade e equipluralidade. Ferrer (2017) chama esses processos de inquirição como teste de dissociação, na cocriação intrapessoal, teste eco-sociopolítico, em relação à cocriação interpessoal, e teste do egocentrismo, para a cocriação transpessoal. Como educadores e educadoras, aos dispormos dessas ferramentas, podemos nos questionar: o quanto estamos supervalorizando uma dimensão humana em detrimento de outra, seja em relação à nossa própria vida ou à do educando? (equiprimacia); como a nossa intencionalidade na atividade pedagógica tem contribuído para uma justiça ecológica, social e política? (equipotencialidade); e, por fim, o quanto estamos valorizando o nosso desenvolvimento espiritual em sentimento de superioridade em relação às demais pessoas? (equipluralidade)

Diferentemente do que o senso comum pode pensar, a atividade pedagógica forjada na espiritualidade é inquisidora, é vivida no concreto, e não numa bolha de iluminação no cultivo de nobres valores, mas na concretude diária e, principalmente, no campo de atuação profissional como educadores e educadoras. Trazer esse processo inquiridor para pensar o processo de educação para aposentadoria permite que a tarefa pedagógica potencialize o acesso da dimensão espiritual entre educandos adultos e facilitadores de ações de EPA, uma

vez que permite o reconhecimento das dimensões humanas de modo equipotentes, bem como explicita o binômio liberdade-responsabilidade de todas as pessoas envolvidas no processo.

É possível questionar a centralidade do trabalho nos processos formativos de EPA, embora saibamos os limites reais de uma arraigada estrutura econômica, pois não é possível estabelecer um processo de negação dessa característica pós-industrial. Então, dentro dos limites da realidade, há um apelo para se olhar para além da forma mecânica que as relações com o trabalho se estabeleceram historicamente, procurando trazer sentido para um fazer na aposentadoria que não seja vinculado ao trabalho profissional, mas que vá ao encontro de uma missão de vida na maturidade com a potência que o reconhecimento da dimensão espiritual possibilita.

### 3.2 REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA E O HODIERNO MODELO DE EDUCAÇÃO

Diante das discussões das seções anteriores, emerge a indagação: quão perto o modelo educacional atualmente vivenciado está do pleno desenvolvimento da formação humana? O momento histórico demonstra que estamos cada vez mais perdidos enquanto sociedade, em que sobram cada vez menos espaços de autorreflexão que permitam a ascensão da dimensão espiritual e, portanto, de empreender um processo de humanização.

A concepção da educação na atualidade desloca seu princípio formativo para um forte investimento na instrução e tem se transformado na cultura do empreendedorismo (GADELHA, 2009). Desse modo, o controle da produção pelo trabalho passa para “[...] pretensão de transmutar os indivíduos em sujeitos-microempresas e de comercializar todas as relações humanas, a qualquer hora e em qualquer lugar, mediante sua inscrição em relações de tipo *concorrencial*” (GADELHA, 2009, p. 179). Dessa feita, não basta apenas ser uma pessoa trabalhadora, mas uma empreendedora, a qual se vê como uma empresa ambulante que precisa, o tempo inteiro, investir em si mesma (comprar cursos e aperfeiçoamentos impostos pelo mercado) para lograr sucesso dentro de uma ótica empresarial. Porém, esse investimento não condiz com um processo de autoconhecimento e autonomia, mas de habilidades absorvíveis pelo mercado. Onde está a formação humana? Que espaços há para a formação humana numa perspectiva empreendedora?

A meta de educar está no produzir a qualquer custo, em quaisquer condições, sem a percepção de fatores que viabilizem a dignidade humana. O modelo educacional em vigor

está muito longe de esforços efetivos de promover uma formação humana. Está voltado para a formação para o trabalho, mesmo quando não há postos de trabalho para todas as pessoas.

O trabalho é uma experiência social que pode trazer satisfação pelo seu caráter material de atingir objetivos ou tarefas úteis à sociedade, por ser uma experiência concreta e criativa, por poder corresponder a uma vocação e por possibilitar recursos de acessos aos bens culturais e serviços em geral. Porém, pode ser uma sensível fonte de sofrimento e aprisionamento (CATTANI, 2001).

Quanto maior o nível de autonomia do trabalhador e da trabalhadora, maior será sua satisfação com o trabalho, mas essa autonomia não é gratuita, mas fruto de um processo contínuo de luta, pois não é natural, nem acessível a todos. Vai depender das diferentes formas de capital cultural e simbólico<sup>17</sup> que foram acumuladas ao longo da vida pelo sujeito. Portanto, a Educação tem papel fundamental no desenvolvimento da autonomia por entendermos que:

[...] educar compreende acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para conduzir a continuidade de sua própria formação. Esta é uma das condições para que ele se construa como sujeito livre e independente daqueles que o estão gerando como ser humano. A Educação possibilita a cada indivíduo que adquira a capacidade de autoconduzir o seu próprio processo formativo (RODRIGUES, 2001, p. 241).

A atividade pedagógica pode ser um processo de autoeducação em que se é educando-educador simultaneamente. Em processos autorreflexivos, é possível desenvolver um caminho de crescimento integral, pois a atividade pedagógica almeja a formação do indivíduo livre e autorresponsável. Por isso, nosso investimento consiste em defender que a meta de educação é a formação humana, como um princípio de uma formação permanente que está para além das necessidades produtivas. A sociedade muda constantemente e tentar negar essa premissa acarretará em sofrimento e alienação dos indivíduos. Entender que uma carreira chegou ao fim em virtude de direitos conquistados pela aposentadoria, deveria ser fonte de júbilo, contudo, muitas vezes é motivo de sofrimento e estranhamento. Silva (2015, p. 25) alerta que

---

<sup>17</sup> Para Miranda e Villard (2020, p.4-5), capital cultural é um conceito de acumulação de bens culturais pelos indivíduos que podem apresentar “três formatos ou estados, segundo o entendimento de Bourdieu (2000). Em estado interiorizado ou incorporado, isto é, em forma e disposições duráveis em uma família ou grupo de indivíduos; em estado objetivado, em forma de bens culturais, quadros, livros, dicionários instrumentos máquinas, que são resultados de disputas intelectuais, de teorias e de suas críticas; e, finalmente, em estado institucionalizado, que é uma forma de objetivación que debe considerarse aparte porque, como veremos em el caso de los títulos académicos, confiere propiedades enteramente originales al capital cultural que debe garantizar’(Bourdieu, 2000, p. 136)”.

a educação hodierna tem produzido o sentido extrínseco do educar, visto que nega o caráter espiritual como princípio educativo, uma vez que:

Sob as influências de uma modernidade que recusa a espiritualidade, o processo pedagógico passou a reduzir a ideia mesma de educação focalizando unidimensionalmente os procedimentos e as competências a fim de atender às demandas do mercado capitalista. Como resultado, passamos a viver, na contemporaneidade, uma pedagogia-da-exclusão pautada em uma pedagogia-das-aprendizagens-de-competências-por-acúmulo-de-conhecimentos que sequer pode ser apreendida como um processo de formação humana na medida em que se desvincula da experiência da espiritualidade e de integralidade entre as diferentes áreas do saber, passando a ajustar os indivíduos ao meio social por meio de uma racionalidade isolada e fragmentada que visa eficiência, produtividade e qualidade total, tornando-os, ou não, empregáveis.

Remetemos essa depreciação do tempo pós-carreira à forma como a escolarização e o capital valorizam o ser produtivo. Portanto, é mister a existência de uma Educação para Aposentadoria ancorada numa perspectiva integral, de valorização do ser em todas as suas dimensões.

O princípio educativo é um dos reguladores do convívio social inerentes a qualquer sociedade e está atrelado à meta educacional de um determinado tempo histórico. Portanto, a educação é objeto de teorização de pensadores que se interessam pela vida social e pelo futuro da humanidade. Pode ser compreendida como a preparação de gerações futuras para a vida social, dentro dos dispositivos reguladores vigentes para o exercício da vida política (DURKHEIM, 1978)<sup>18</sup>, bem como um processo formativo que, além da preparação para o convívio em sociedade, permita ao ser humano a realização pessoal e o alcance de bem-estar individual e coletivo (RODRIGUES, 2001; CATTANI, 2000; SEVERINO, 2006, 2010). Os esforços dos teóricos em trazer uma aproximação ao que propomos neste estudo é uma atividade pedagógica como formação humana ancorada na espiritualidade, pois

[...] educar pressupõe articular e ancorar nossos princípios e desejos de transformação social e política em diretrizes pedagógicas que tomam por base os preceitos de natureza espiritual, na medida em que são eles que contribuem para fornecer sentido não apenas às práticas educativas, mas sobretudo à vida humana (SILVA, 2015, p. 26).

---

<sup>18</sup> Ao apresentar o conceito sociológico de Durkheim sobre Educação, queremos evidenciar a crítica a modelos restritivos de pensar o processo educativo, exemplificando que desenvolvimento de EPA pode partir de um pressuposto mais restrito de conceber a educação como ajuste à fase da aposentadoria.

A educação acontece durante todo o ciclo de vida humana, porém, em nossa cultura, é na infância e na juventude que se coloca uma maior ênfase, pois se acredita que é nessas fases que se desenvolvem o cidadão e a cidadã das gerações futuras. No entanto, a velhice precisa ser também educada ante as mudanças sociais, tecnológicas e culturais que se apresentam. Será que a instrução escolar fornecida ao ser humano na vida adulta intermediária permitiu que ele desenvolvesse condições de lidar com as frenéticas mudanças do mundo pós-moderno? A lógica restritiva de cidadania como apto para produzir não tira dos sujeitos velhos sua condição de cidadania?

É importante compreender melhor que sentidos podemos dar à educação; se a percebemos como um processo formativo amplo ou como uma instrução escolar. Se estivermos ancorados na primeira concepção, a educação pode ser concebida como um processo que define e dá sentido à vida, trazendo a possibilidade do exercício da liberdade, de autonomia e autovalorização (CATTANI, 2000). O princípio formativo da educação também deve preparar “[...] os indivíduos em crescimento (crianças e adolescentes) para assumirem papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho)” (RODRIGUES, 2001, p. 235). Em uma compreensão acerca de educação mais próxima da ideia de instrução escolar, a forma como se organizam as ações pedagógicas dá ênfase à reprodução das condições de existência. Sendo assim, a escolarização está alinhada à concepção de educação que a alicerça.

Diante disso, ao articular as percepções expostas, percebemos que a Educação se ocupa de preparar o ser humano para a vida social (cidadania), para a manutenção de sua existência (trabalho) por meio dos conhecimentos, habilidades e técnicas (RODRIGUES, 2001) e de possibilitar a vivência subjetiva da corporeidade (estética) como experiência primordial do ser humano (SEVERINO, 2010). O exercício da cidadania pressupõe que a educação do sujeito ocorra dentro dos fundamentos de liberdade, autonomia e responsabilidade (RODRIGUES, 2000).

A Educação, numa perspectiva mais ampla, tem sido prejudicada pela forma como a instrução para o trabalho desponta como objetivo principal do ato educativo no sistema formal de ensino. Como lembramos, não podemos dissociar a Educação dos contextos sociais. Com as transformações do neoliberalismo e a forma de colocar ações humanas dentro de contextos econômicos, a Economia se apropria da educação para avançar na manutenção de seu sistema produtivo.

A formação para o trabalho deve fazer parte da escolarização, porém ser praticamente o único foco do processo educativo traz prejuízos a uma parcela significativa de trabalhadores, especialmente no momento da aposentadoria. Uma educação não-integral fragmenta a percepção que o ser humano tem de si e do seu valor intrínseco.

Valorizar positivamente a pessoa que trabalha formalmente sem fazer uma análise conjuntural das condições reais de empregabilidade chega a ser um ato de crueldade com pessoas jovens e adultas desempregadas. A pessoa que não trabalha ou aquela que está se aposentando pode sentir-se sem valor por não se sentir “útil” à sociedade por não estar no mercado de trabalho.

Esse discurso valorativo tem assumido outros contornos na contemporaneidade ainda mais perversos, pois desloca qualquer crítica das desigualdades de acesso e manutenção da qualificação unicamente para o comportamento do indivíduo, sendo o único responsável por sua empregabilidade (GADELHA, 2009).

Trabalhadores e trabalhadoras que estão hoje em condição de se aposentarem, os quais dedicaram anos de suas vidas ao emprego, se veem inúteis perante esse discurso; a mudança esperada se torna motivo de desvalorização pessoal em virtude de uma escolarização que não permitiu que olhassem integralmente para si mesmos e se percebessem em sua totalidade.

Discutir a educação dentro da perspectiva espiritual é compreender que a escolarização possui limitações no sentido de formar seres humanos capazes de contemplar a vida. A educação formal não desenvolveu as aptidões físicas, emocionais, intelectuais e espirituais para uma vida com qualidade fora dos ditames de uma carreira. Não se formou o ser humano para a vida, apenas para o trabalho, de modo que se ele finda o trabalho, a vida pode perder o sentido.

Não queremos com esse discurso tirar a importância da formação para o trabalho. Aliás, “[...] educação e trabalho são processos sociais, e como tal, sujeitos à ação dos agentes, a convergências ou a conflitos de interesses” (CATTANI, 2001, p. 142), mas pretendemos problematizar como essa relação tem se dado e quais as consequências para a vida de trabalhadores que estejam em vias de se aposentar. Assim,

Educação para vida e formação para o trabalho são propostas que remetem a densos conteúdos, mas, quando desenvolvidos separadamente, os resultados obtidos ficam aquém do humano e socialmente desejável. Por mais gratificante que seja a educação intelectual e por mais qualificado tecnicamente que seja o indivíduo, não há realização apenas numa esfera da vida. Para garantir a riqueza dos seus conteúdos, é necessário que as duas propostas sejam articuladas num projeto alternativo mais abrangente (CATTANI, 2001, p. 151).

A percepção da espiritualidade como dimensão do Ser pressupõe que o ser humano não seja confundido com uma coisa, um objeto de manipulação, não seja discutido em partes, mas compreendido em sua totalidade. Educar é formar pessoas que buscam estabelecer relações autênticas, cuja adaptação difere da consciência unificada do vínculo autêntico com o outro, que, contudo, não pode ser considerada como relação íntima, mas como a receptividade para a abertura de aceitar o outro e reconhecer o tipo de respostas que se deve dar ao coletivo (SANTIAGO, 2012).

A percepção da consciência humana fragmentada ocorre dessa forma por uma exigência da modernidade, de modo que se tentou compreender o humano por meio de questões objetivas; já a pós-modernidade requer interpretações intersubjetivas dos sujeitos (FERREIRA, 2012). Esse argumento reforça a necessidade de pensar uma Educação para Aposentadoria que integre as múltiplas dimensões do ser humano, que regaste o sentido de uma formação humana, potencializando o sentido da vida em qualquer fase do desenvolvimento. Diante do exposto, percebemos que o desafio é ter uma Educação abrangente, que considere os fatores de compreensão da Modernidade e da Pós-modernidade. Este estudo lançou-se na perspectiva de trazer a EPA na assunção da dimensão espiritual como princípio educativo, o que iremos delinear a seguir.

### 3.3 DIÁLOGO ENTRE PERSPECTIVAS TRANSPESSOAIS DE ESPIRITUALIDADE

Apresentamos historicamente como se deu o processo de aposentadoria no Brasil das pessoas servidoras públicas, o que vem a ser uma EPA e em qual perspectiva de educação nos ancoramos. Agora, interessa-nos refletir como o processo de aposentadoria pode estar associado à perda do sentido de vida e o que a abordagem transpessoal pode contribuir nesse processo.

A abordagem Transpessoal é um movimento que nasceu dentro da Psicologia e que tem voltado seus estudos para o reconhecimento da dimensão espiritual como fundante da subjetividade humana e que busca incluir as contribuições das diversas escolas da psicologia no processo de formação humana. A Psicologia Transpessoal é considerada a 4ª força da Psicologia a qual derivou da psicologia Humanista de Abraham Maslow.

A Psicologia Transpessoal está voltada para a expansão do campo da pesquisa psicológica a fim de incluir o estudo da saúde e do bem-estar psicológico ótimos. Ela reconhece o potencial da vivência de uma ampla gama de estudos de consciência, em alguns dos quais a identidade pode estender-se para além dos limites usuais do ego e da personalidade. (VAUGHAN; WALSH, 1995, *apud* FERREIRA; SILVA; SILVA, 2015, p. 12).

Para ilustrar a contribuição da Psicologia Transpessoal para o desenvolvimento de uma EPA orientada à espiritualidade, retomemos o romance de Backman (2015). As ideias suicidas de Ove continuam; é nítida a perda do sentido da vida pelo personagem. Há um vazio existencial que não consegue sobrepujar, descrever ou ressignificar. Ao perder a esposa, o trabalho ocupou a posição central de sua existência. Quando esse finda-se de forma compulsória pela aposentadoria, o desejo pela morte retorna.

Este é o dia em que Ove deveria ter morrido. Ele tinha soltado o gato, colocado o envelope com a carta e todos os papéis no tapete do *hall* e pegado a arma no sótão. Não porque gostasse dela, mas porque decidiu que essa história de não gostar de armas nunca poderia prevalecer sobre quanto ele não gostava de todos os lugares vazios que Sonja deixou para trás naquela casa. Agora era a hora. Então este é o dia em que Ove deveria ter morrido. Só que alguém em algum lugar deve ter percebido que a única forma de detê-lo era botar alguma coisa em seu caminho para fazê-lo ficar bravo a ponto de deixar seu plano de lado (BACKMAN, 2015, p. 219).

Backman (2015) traz em seu romance a perda do sentido de vida com a aposentadoria pela personagem e Santos (1990) evidenciou em sua pesquisa que há uma percepção de crise na aposentadoria. Interessa-nos uma compreensão mais aprofundada do fenômeno da aposentadoria e ilustrar a compreensão da dimensão espiritual de forma consciente pode trazer uma percepção mais tranquila da transição do trabalho formal para a condição de pessoa aposentada. Souza (2019) apresentou um estudo sobre o adiamento da aposentadoria de técnicos e professores do UFPE e trouxe como resultado que há multifatores para o adiamento, mas nos chamam a atenção aqueles que encaram a aposentadoria como liberdade e anseiam por mais tempo livre e, mesmo assim, postergam a decisão. Percebemos que há um espaço para procurar respostas na dimensão espiritual para esse fenômeno.

A busca de um sentido existencial é uma característica humana. Frankl (1978, 2005) traz a reflexão de que a dimensão humana é o que unifica o ser, sendo o mal do século XX a ausência de sentido para a vida; acreditamos que esse mal tem perdurado e se intensificado neste século também. A nossa interpretação para o que Frankl (1978) chama de dimensão humana é a dimensão espiritual, pois traz a unificação das demais dimensões, sendo que “[...]”

essa unidade não é uma unidade na diversidade, mas ao contrário, é uma unidade apesar da diversidade” (FRANKL 2005, p. 49).

Nessa perspectiva, compreendemos o quanto a abordagem transpessoal pode contribuir para uma busca de sentido de vida. Frankl (2005) defende que não faz diferença entre o atendimento das necessidades humanas mais elevadas ou mais básicas “[...] ainda que o alimento seja condição necessária à sobrevivência, ele não é condição suficiente para dar sentido à nossa existência e superar a sensação de vazio e de inutilidade da nossa existência” (FRANKL, 2005, p. 34). Ove passou por essa experiência; a perda do vínculo conjugal e aposentadoria compulsória tiraram o sentido de sua existência, apesar de uma vida com conforto material.

Na psicologia transpessoal, há espaço para se discutir além do ego, ou seja, além da identidade moderna que encarcera o humano em si mesmo, através do estímulo exacerbado ao egocentrismo e da lógica liberal de consumo de ter para ser. Ela traz a reflexão de que há caminhos para dar sentido à vida pela capacidade de criar vínculos afetivos e não apenas pelo exercício de papéis sociais e adesão ao horizonte econômico como fonte única de realização e sentido existencial. Pois, muito mais importante do que construir a identidade fixa e restrita a ideais econômicos é se reconhecer como um espaço vazio e aberto que permite o exercício da liberdade de se fazer Ser, de mudar-se e, assim, adquirir novos sentidos e modos de vida.

Na perspectiva transpessoal, a experiência da espiritualidade aparece inseparável da subjetividade, pois o si mesmo que nos constitui extrapola os limites de um “eu” fixo e essencialista e abre espaço para infinitas construções de si e do outro. Esse deslocamento permite que operemos no mundo a partir de um olhar compassivo e amoroso, ao mesmo tempo que possibilita acolher e transformar nossas fixações e ilusões de separatividade geradas da ideia de um “eu” sólido e imutável. (FERREIRA; SILVA, 2015, p. 87).

Ferreira e Silva (2016) afirmam que a abordagem transpessoal permite a ampliação das fronteiras de si, favorecendo a dissolução do ego-mental-hiper-individualista para o nascimento de um sujeito participativo, forjado no processo formativo no qual a espiritualidade é elemento fundamental (FERRER, 2017). Isso permite ao ser humano a liberação das amarras condicionantes de processos de subjetivação ancorados nos valores do capital quando ousamos sair de papéis prescritos e disciplinadores da forma de ser.

Neste sentido, Frankl (1987/2017) expressa que a liberdade é uma categoria essencial da dimensão espiritual e que dela deriva a escolha do sentido da vida, o qual se modifica ao longo da jornada humana. Para esse autor, o ser humano:

[...] é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida, quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado (FRANKL, 2017, p. 107).

Por isso a proposta da abordagem transpessoal participativa traz elementos, como acessar o sentido de vida pelas esferas de cocriação, principalmente quando tratamos da interpessoal, uma vez que traz a relação como central no processo de desenvolvimento espiritual. A abordagem transpessoal participativa objetiva contribuir no surgimento de uma comunidade humana formada por individuações espiritualmente diferenciadas, em que seja desenvolvido um altruísmo integrado socialmente responsável (FERRER, 2017).

Frankl (2005) traz essa vocação humana para a transpessoalidade quando coloca o sentido da realização no mundo, chamando esse fenômeno de autotranscendência da existência humana, ou seja, a percepção de si para além de si mesmo, uma ampliação de sua consciência. Pereira (2015) destaca que, para Frankl, há três categorias constitutivas fundamentais do ser humano: o corpo, o psiquismo e o espírito, evidenciadas como um arranjo dialético que foi nomeado de “ontologia dimensional”. Destacamos que o espírito não possui cunho religioso, de modo que Frankl vem assumir a dimensão espiritual como dimensão “noológica” ou “noética”, verbetes que derivam do radical grego “*noûs*”. Nesta perspectiva,

[...] o ‘espiritual’ no homem designa, ontologicamente, aquela dimensão de lucidez e autoconsciência que pode confrontar-se com toda gama de condicionamentos – sejam estes sociológicos, biológicos ou psíquicos –, desvelando a capacidade humana de decisão e autoconfiguração (PEREIRA, 2015, p. 391).

Ao apresentar Jorge Ferrer na seção anterior, já ampliamos a concepção da multidimensionalidade, bem como apresentamos os eventos de cocriação. Com a finalidade de compreender a atuação do espírito humano dentro dessas esferas cocriativas, trazemos seus conceitos de Espírito interior, Espírito intermediário e Espírito além.

Ferrer (2017) destaca que o Espírito interior (cocriação intrapessoal) traz a necessidade da corporificação da espiritualidade, sua vivência com todos os atributos humanos, sem privilegiar uma ou outra dimensão. A visão mecânica da vida humana influencia negativamente a percepção da pessoa quando se aposenta, a qual está em fase adulta tardia, em que os traços do envelhecimento estão mais evidentes. Sobressaem as marcas corporais do envelhecimento a ponto de que a ideia de se aposentar é conformar-se com a velhice e, assim, perceber-se como não produtivo (MOREIRA; SILVA, 2013), não útil, uma peça descartável socialmente.

Desse modo, adiar a aposentadoria é retardar ou negar o envelhecimento, uma vez que, para o capital, o corpo é percebido como descartável quando não corresponde mais aos princípios da produção, cuja valorização do novo, do moderno é uma das formas de sua manutenção (MACHADO-GIBERTI, 2017). Entender que o ser humano vivencia todos os atributos humanos também na velhice traz o Espírito Interior para um diálogo profícuo com uma corporeidade não útil, que tem em si mesma o potencial de vir a Ser em meio às perdas da velhice sem uma conotação pejorativa dessa fase do desenvolvimento humano. A EPA que se destine a ser transpessoal problematizará essa visão utilitária da corporeidade humana, destronando o valor produtivo da vida humana como valor último.

O Espírito Intermediário é a espiritualidade em ação no mundo, na relação do ser humano com os outros humanos e demais seres, comunidades, grupos, enfim, na relação fora de si. E é nesse ponto que vemos convergência entre a “autotranscendência”, de Frankl, e o “Espírito intermediário”, de Ferrer, em que o sentido da vida perpassa por viver a espiritualidade no mundo, na relação interpessoal.

Por fim, a espiritualidade incorporada procura catalisar o surgimento de seres humanos mais completos - seres que, embora permanecendo enraizados em seus corpos, terra e vida espiritual imanente, tornaram todos os seus atributos permeáveis às energias espirituais transcendentais e que cooperam em solidariedade com os outros na transformação espiritual do eu, da comunidade e do mundo. Em suma, um ser humano completo está firmemente alicerçado no espírito interior, totalmente aberto ao espírito além, e na comunhão transformadora com o espírito intermediário (FERRER, 2017, p. 84).

Em se tratando de pessoas do serviço público, que permanecem longos períodos da vida laboral numa mesma instituição, a criação de vínculos com a rede social pode ficar condicionada ao ambiente de trabalho, dificultando também o usufruto da aposentadoria pelo receio de quebra desses vínculos quando esta se concretiza. Antunes e Moré (2017) ressaltam a importância de trabalhar a temática da rede social em ações de EPA para que se possa identificar como estão se apresentando os vínculos sociais da pessoa pré-aposentada no intuito de minimizar as consequências do desligamento do trabalho e potencializar a criação de novas relações. Nessa perspectiva, é recomendável que a EPA incentive a criação de um mapa da rede social uma vez que, na fase adulta tardia, há um predomínio da contração da rede social da pessoa aposentada, com possibilidade da redução da renovação desta e da manutenção de vínculos ativos (COSTA; MALAQUIAS, 2014).

Com o usufruto ao direito da aposentadoria, a pessoa tem mais tempo livre para dedicar-se ao convívio familiar, comunitário e social. O desenvolvimento do Espírito

intermediário auxilia na percepção da interdependência humana, no compartilhamento do espaço com outros seres e a natureza. A ampliação da perspectiva da vida humana fora dos ditames da produção traz a possibilidade de engajamento social, comunitário, ecológico e familiar, cujas horas de dedicação à jornada de trabalho não permitem maior envolvimento.

O Espírito Além (cocriação transpessoal) traz o caráter de abertura da abordagem participativa, quando o ser humano está em interação com as dimensões sutis do mistério. Através de práticas coerentes com a escolha pessoal, a partir de uma investigação religiosa ou não, a vida espiritual pode ampliar seu espectro de criatividade, possibilitando o desenvolvimento do Espírito Além na relação com outras alteridades e com o mundo. Nessa perspectiva, a abordagem transpessoal participativa promove a abertura para o desenvolvimento da espiritualidade dentro de tradições com uma investigação religiosa incorporada, isto é, sem colocar uma dada tradição em superioridade à outra e, ao mesmo tempo, respeitando a relação humana com o mistério não determinado.

O problema da classificação doutrinária é ainda mais minimizado tanto pela fundamentação participativa das distinções qualitativas sobre valores pragmáticos (por exemplo altruísmo integrado, incorporação, justiça eco-sociopolítica) quanto por seu princípio de equipluralidade, segundo o qual pode haver múltiplas enações espirituais, que são, no entanto, igualmente holísticos, emancipatórios e eticamente justos (ver capítulos 1 e 10). Eu mantenho esses valores – não porque os considero universais, objetivos ou a-históricos (eles não são), mas porque acredito firmemente que o cultivo deles pode efetivamente reduzir o sofrimento pessoal, relacional, social e planetário de hoje (FERRER, 2017, p. 266).

Quando nos deparamos com a pluralidade de credos e concepções cocriativas do sagrado, percebemos que o caráter equipluralista do Espírito Além traz uma importante contribuição para o desenvolvimento da EPA. O reconhecimento dessa abertura em relação ao mistério não determinado é necessário, porém vislumbramos que não há espaço para trazer tradições para a tarefa pedagógica, uma vez que estaríamos ferindo o princípio equipluralista da abordagem transpessoal participativa.

Vale destacar que há uma relação nas percepções do mistério não determinado entre Frankl e Ferrer: Frankl (2005) traz a concepção do supersentido, que pode ser compreendido pela capacidade intelectual finita humana. É com satisfação que observamos as coerências entre os autores. Por óticas distintas e processos de cocriação das respectivas teorias, de modo bem particular, em tempos históricos distantes, eles conseguiram estar próximos em seus construtos.

O que se requer da pessoa não é aquilo que alguns filósofos existenciais ensinam, ou seja, suportar a falta de sentido da vida; o que se propõe é,

antes, suportar a incapacidade de captar em termos racionais o fato, de que a vida tem um sentido incondicional. O logos é mais profundo que a lógica (FRANKL, 2017, p. 113).

O mistério não determinado<sup>19</sup> não requer entendimento, mas a abertura para experienciá-lo de forma livre, conforme a abertura que a cada pessoa permite. Percebemos aqui a contribuição ímpar do desenvolvimento da consciência humana em um processo de Educação para Aposentadoria. No construto teórico de Frankl sobre a logoterapia<sup>20</sup>, a terapia do sentido, há uma conexão com o movimento de ver para além do ego, para uma realização do Ser. A busca de sentido para vida marca a existência humana a ponto de fornecer subsídios para entender a subjetividade e seguir num processo autotranscendente que dê sentido à vida. Nessa perspectiva, Frankl (2017, p. 107) aponta três caminhos para alcançar esse sentido: “1) criando um trabalho ou praticando um ato; 2) experimentando algo ou encontrando alguém; c) pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.”

Observamos que, para Frankl, a realização humana se dá na relação com os outros, seja na realização do servir pela ação ou pelo trabalho, seja na relação experiencial do amor a alguém ou a algo significativo, a exemplo do amor que ele tivera ao seu manuscrito destruído no campo de concentração como motivo para vencer as morbidades da febre tifo e assim, reescrevê-lo ao fim dessa cruel experiência dos campos de concentração nazistas, ou seja, sua ação ante o sofrimento inevitável.

Vemos aqui sua interface com a abordagem transpessoal no que concerne na busca de vivenciar a dimensão noética em sua potencialidade e com vistas à realização da mulher e do homem como Ser espiritual. Frankl (2005, p. 50) destaca que:

Aquilo que tem o chamado de autotranscedência da vida está indicando o fato fundamental que ser homem significa estar em relação com alguma coisa ou com alguém diferente de si, seja isso um significado a ser realizado ou outros seres humanos a encontrar. E a existência vacila e desmorona se não for vivida essa qualidade da autotranscedência.

---

<sup>19</sup> Ferrer faz uma atualização do termo Mistério indeterminado para não determinado em virtude de “ [...] qualificar a natureza do mistério, acabei optando por usar a palavra não determinado por indeterminado (Ferrer, 2008). Em vez de afirmar negativamente (como o termo indeterminado faz), não determinado deixa aberta a possibilidade de determinação e indeterminação dentro do mistério, bem como a confluência paradoxal ou mesmo a identidade desses dois relatos aparentemente polares.” (FERRER, 2017, p. 264)

<sup>20</sup> A logoterapia é a abordagem psicoterápica precedida pela psicanálise freudiana e pela psicologia individual de Alfred Adler, que pode ser situada na tradição humanista e existencial, conhecida também como a terceira escola vienense de psicoterapia. A logoterapia é “psicoterapia em termos espirituais” em que o radical logo assume tanto o significado de “espírito” como de “sentido” (PERREIRA, 2015)

O processo relacional da experiência da dimensão espiritual abre um leque de possibilidades de se encontrar um sentido para vida não marcado ou determinado pelas relações trabalhistas pós-industriais, e contemporaneamente das relações da sociedade da informação pós-moderna. Encontrar valor em si para além do que o sistema social diz que devemos ser é, em nossa compreensão, um exercício de liberdade que está ancorado na dimensão espiritual. Para Ferreira (2007, p. 137), precisamos ter uma nova abordagem na relação de aprendizado e a psicologia transpessoal colabora neste sentido,

[...] por reconhecer-se a amplitude do mundo psíquico como uma cartografia que abrange desde o nível perinatal ao nível transpessoal, busca-se romper com uma visão fragmentada de mundo, herança do pensamento newtoniano-cartesiano que gera onipotência e isolacionismo entre os diversos ramos do saber.

O caráter polissêmico que o termo espiritualidade abarca apresenta uma dificuldade de dissociação do conceito à prática religiosa, apesar de concebermos que o ser humano, em sua ontologia dimensional, pode viver todas as práticas de vida, inclusive a religião, dentro de uma perspectiva autotranscedente.

Ferreira, Silva e Silva (2015) destacam que a espiritualidade concebida na perspectiva da abordagem transpessoal é uma tarefa complexa, pois a transpessoalidade impele para uma proposta inclusiva e agregadora dos discursos e narrativas sobre o numinoso, o mistério. A espiritualidade remonta desde os primórdios da existência humana, desde quando o ser humano se viu finito. Ferreira (2007) destaca que o Sagrado pode ser considerado como parte integrante da consciência humana, de modo que a Psicologia transpessoal surgiu no intuito de dar vazão à gama de fenômenos que não foram valorizados pelas perspectivas psicológicas anteriores, apesar desta fenomenologia encontrar-se presente nos registros de sua história.

Desse modo, a variada forma de expressar o entendimento humano da espiritualidade dentro das mais variadas tradições culturais, religiosas, filosóficas e sociais traz uma polissemia ao termo que se faz necessária uma ancoragem teórica ampla. Além dos autores já discutidos, adotamos também nesse estudo as perspectivas de Silva (2015) e MacDonald *et al.* (2015). A partir de uma revisão sistemática na literatura transpessoal brasileira, Silva (2015) indica 4 perspectivas centrais de espiritualidade, que nos interessam nesta pesquisa: 1) a espiritualidade como um acontecimento não religioso; 2) a espiritualidade como acontecimento de mudança e transformação; 3) o espiritual acontecendo como valores supremos e altruístas (Exemplo: amor, bondade etc.); 4) a espiritualidade como acontecimento

integral que engloba aspectos subjetivos, objetivos, intersubjetivos e intraobjetivos, conforme a teoria de Wilber (2007). E sintetiza afirmando que a espiritualidade “[...] caracteriza-se por tudo aquilo que desmonta as sólidas estruturas identitárias e aponta para a natureza criativa, aberta e sem limites da subjetividade” (SILVA, 2015, p. 81).

Já para MacDonald *et al.* (2015), os múltiplos significados de espiritualidade são sintetizados na ideia de “transcendência”, enquanto fenômeno natural da espécie humana, que envolve operações específicas no funcionamento da autoidentidade, repercutindo sobre pensamento, comportamento, estilo de vida e personalidade e, assim, promovendo mudanças em como a pessoa compreende a si mesma, ao outro e ao mundo. Em sua perspectiva empírica do estudo da espiritualidade, destacam-se cinco fatores: religiosidade; orientação cognitiva em direção à espiritualidade; crenças paranormais; dimensão experiencial/fenomenológica; e bem-estar existencial. Tais fatores serão considerados neste estudo.

Quando trazemos a perspectiva de Silva (2015) da espiritualidade, que se desenrola como um acontecimento, remetemos ao aspecto cocriativo da espiritualidade em Ferrer (2017), sendo plurais as formas de acesso à dimensão espiritual e sabendo que todas possuem a mesma importância, desenvolvendo um caminho para a integralização do ser humano de forma inclusiva e respeitando as diversidades de mundos cocriados. Para nós, as propostas dos autores dialogam entre si, complementando e ampliando a perspectiva de uma espiritualidade equiplural. No quadro a seguir, podemos resumir as percepções dos autores.

Quadro 2 - Perspectivas transpessoais de Espiritualidade

Autor	Concepção de espiritualidade	Perspectiva
Frankl	O ser humano é um ser espiritual em busca do sentido de sua vida.	Logoterápica de Espiritualidade.
Ferrer	A espiritualidade “humana emerge essencialmente da participação cocriativa humana em um mistério não determinado ou em um poder gerador de vida, no cosmos ou na realidade”.	Transpessoal Participativa da Espiritualidade.
Silva	Espiritualidade é uma experiência transpessoal por excelência. Indica, portanto, o gesto de ir além dos modos usuais de perceber e interpretar a si e ao mundo a partir da perspectiva do eu, do mesmo, do ego, do idêntico.	Transpessoal Integral da Espiritualidade.
MacDonald	A espiritualidade percebida como aspecto natural do funcionamento humano que abarca os múltiplos significados das experiências que envolvem estados e modos de consciência.	Transpessoal Estrutural Multidimensional da Espiritualidade.

Fonte: A autora

Para o trabalho que nos propomos a desenvolver, foi-nos caro trazer todas essas perspectivas de espiritualidade apresentadas, uma vez que nossa cocriação da espiritualidade perpassa pela compreensão de que a pessoa é livre para traçar seu caminho espiritual e que todos são igualmente importantes na consecução de uma comunidade humana saudável e digna. Para o fenômeno aposentadoria, há espaços para essa inquirição espiritual, a fim de que a pessoa no processo para a aposentadoria possa reconhecer com qual o caminho mais tem afinidade no seu processo histórico cocriativo. O resultado dessa autorreflexão é um ser humano mais próximo de sua liberdade decisória, não uma pessoa que se acovarda diante da escolha do gozo ao direito da aposentadoria por não ser reconhecido por um papel social atribuído a si de forma extrínseca.

Nesse viés, MacDonald *et al.* (2015) apresenta-nos uma forma empírica de visualizar como as pessoas servidoras públicas percebem sua espiritualidade e quais fatores são mais preponderantes que outros. A abordagem transpessoal participativa possui o espírito inclusivo e, portanto, percebe que há convergências que podem estar presentes nas singulares cocriações individuais. Nosso esforço, agora, é exemplificar como a matriz teórica de MacDonald abarca quase a totalidade de percepções dos demais autores discutidos.

Quadro 3 - Esquema comparativo das percepções de espiritualidade.

Aproximação das múltiplas percepções da Espiritualidade	
Autor/Percepção	Autor/Percepção
MacDonald	Silva
Orientação Cognitiva em direção à espiritualidade (COS)	<b>A espiritualidade como um acontecimento não religioso</b>
Percepções, atitudes e crenças não-religiosas sobre a realidade, a natureza e importância da espiritualidade para o funcionamento cotidiano e bem-estar pessoal.	Possibilidade de/para descobertas pessoais e florescimento da espiritualidade fora dos ritos e dogmas religiosos.
Dimensão Fenomenológica/Experiencial (EPD):	<b>A espiritualidade como acontecimento de mudança e transformação</b>
Experiências consideradas espirituais por natureza. Inclui experiências consideradas como místicas, religiosas, transpessoais, de pico e transcendentais, bem como características fenomenológicas descritivas essenciais associadas com tais experiências.	O fenômeno espiritual desponta como <i>experiências fundamentais</i> capazes de transformar a vida de uma pessoa. [...] espiritualidade é aquela experiência que tem o potencial de tornar a visão de um sujeito numinosa, ou seja, o olhar sobre si mesmo e sobre o mundo passa a ser radicalmente diferente, extraordinário, sagrado (SILVA, 2015, p.86)
MacDonald	Ferrer
Crenças paranormais (PAR):	Cocriação Transpessoal
Crenças sobre a existência de fenômenos paranormais, inclusive percepção extra-sensorial. Também inclui crença em bruxaria e espiritualismo (ou seja, espíritos).	Um encontro espiritual genuíno pode ocorrer a partir de experiências com seres sutis e/ou forças arquetípicas numa perspectiva enativa de cocriação transpessoal.

Fonte: A Autora

Quadro 4 - Esquema comparativo das percepções de espiritualidade (continuação).

Aproximação das múltiplas percepções da Espiritualidade	
Autor/Percepção	Autor/Percepção
MacDonald	Ferrer
Religiosidade (REL):	Cocriação Transpessoal
Expressão de espiritualidade através da genuína crença religiosa, prática e estilo de vida (ex. oração, meditação, participação em cultos religiosos). Próximo ao conceito de orientação religiosa intrínseca.	Há espaços para uma "individuação espiritual" criativa dentro tradições religiosas a partir do respeito ao princípio de equipluralidade.
MacDonald	Silva
Bem-estar existencial (EBW):	(3) o espiritual acontecendo como valores supremos e altruístas;
Senso de significado e propósito e percepção de si mesmo, como apto por lidar com os desafios inerentes à existência.	[...] como também a todos os estados de consciência e a todas as funções e atividades humanas que têm como denominador comum a posse de valores superiores aos comuns – valores éticos, estéticos, heróicos, humanitários e altruístas (ASSAGIOLI, 1992 apud GROF; GROF, 1992, p. 51). (SILVA, p. 87).
MacDonald	Frankl
Bem-estar existencial (EBW):	Sentido de Vida
Senso de significado e propósito e percepção de si mesmo, como apto por lidar com os desafios inerentes à existência.	A segunda maneira de encontrar um significado na vida é experimentando algo - como a bondade, a verdade e a beleza, experimentando a natureza e a cultura ou, ainda, experimentando outro ser humano em sua originalidade própria - amando-o. (FRANKL, 2006, p. 107-108)

Fonte: A autora

A espiritualidade como um acontecimento integral não nos foi apresentada pela proposta de MacDonald *et al.* (2015), mas essa perspectiva entra em nosso trabalho quando escolhemos os quadrantes de Wilber (2007) como nossa metodologia de análise da produção de EPA. A partir das discussões apresentadas, tivemos um panorama teórico que nos preparou para encontrar quaisquer aspectos da espiritualidade das pessoas servidoras públicas da UFPE e do INSS, uma vez que tentamos abarcar todas as possibilidades de expressões da espiritualidade, numa proposta de abertura participativa da pesquisadora.

Ao relacionar com o que expusemos da EPA, Leandro-França (2014) apresenta o quadro de estratégias que facilitam a adequação à aposentadoria. A autora traz a religiosidade/espiritualidade como um fator importante para a adequação ao fenômeno da aposentadoria. A contribuição do nosso trabalho é trazer a espiritualidade como central no processo de vivenciar o fenômeno da aposentadoria, por acreditarmos que o desenvolvimento espiritual torna a vida mais compreensível e possibilita a realização do ser humano em suas potencialidades.

Percebemos que foi apresentada uma delineação de proposta de EPA, ensejando uma integralidade quando aspectos da ordem individual, social e espiritual foram abarcadas nessas estratégias de adequação, palavra essa que dá uma conotação de algo extrínseco à pessoa. Queremos refletir que a aposentadoria está imbricada na vida do trabalhador e da trabalhadora e cuja decisão para o seu usufruto é um processo intrínseco e, portanto, deve ser integralmente conduzido.

#### **4 CAMINHOS METODOLÓGICOS: A PESQUISA EM BUSCA DE SENTIDO**

Nesta seção, descreveremos as escolhas metodológicas realizadas nesta pesquisa. Assim como, em um projeto de vida, é necessário escolher que caminhos percorrer para estabelecer a coerência das escolhas, também, no processo de pesquisa, esta coerência precisa estar clara na feitura de seu caminho. Neste sentido, considerando a perspectiva integral de Wilber (2007), avaliamos que a compressão da Espiritualidade na Aposentadoria perpassa por uma investigação multiparadigmática, em que as perspectivas de cada quadrante sejam consideradas. A perspectiva teórica da integralidade será a diretriz de desenvolvimento deste estudo.

Nesta pesquisa, fizemos o uso do método misto para investigar as concepções de espiritualidade das pessoas servidoras públicas da UFPE e INSS e da pesquisa bibliográfica do tipo estado de conhecimento para mapear as pesquisas em educação que tratam da Educação para Aposentadoria (EPA). A seguir apresentaremos cada um destes caminhos.

##### **4.1 O PORTO DE PARTIDA: A PERSPECTIVA TRANSPESSOAL/INTEGRAL**

Trouxemos a proposta metodológica da integralidade em Wilber (2007) como aporte epistêmico deste estudo. Como discutimos até o momento, urge a necessidade de romper com as amarras da separatividade de enxergar o outro como estranho, como concorrente ou adversário, porém é mister usar da compreensão de que o outro enxerga a realidade diferente de mim.

Neste sentido, Wilber (2007) traz os conceitos de estágios de desenvolvimento do ser humano, os quais não são estanques, mas ondas fluidas da consciência que podem ser classificados como: a) egocêntrico, em que o ser humano está voltado para si; b) etnocêntrico, cujo centramento está nos iguais (grupo, tribo, clã ou nação), com tendências de exclusão dos não-pertinentes; c) mundicêntrico, estágio em que há a preocupação com todas as pessoas sem diferenciação de raça, cor, sexo ou credo. O autor ainda faz uma analogia do estágio como EU (egocêntrico), NÓS (etnocêntrico) e TODOS-NÓS (mundicêntrico).

A visão de Wilber (2007) coaduna com as perspectivas que estamos defendendo da espiritualidade como princípio educativo para a Vida, pois temos convicção de que os processos educativos são promotores de uma consciência coletiva de bem-estar de todos os

seres, cuja convivência seja pautada na liberdade, na responsabilidade e na dignidade humana. Há de se compreender que o ser humano pode passar por esses três estágios em vários momentos da vida, e que não é um processo de hierarquização nem tampouco de qualificação, mas um esforço de tentarmos compreender as percepções acerca da consciência das relações do ser humano consigo e com os outros.

No estágio 3, a minha identidade se expande de novo, desta vez de uma identidade com “nós” para uma identidade com o “todos nós” (a passagem do estágio etnocêntrico para o estágio mundicêntrico). Aqui, eu começo a entender que além da maravilhosa diversidade de seres humanos e culturas, existem também semelhanças e atributos comuns; a descoberta da comunidade de todos os seres caracteriza a passagem do estágio etnocêntrico para o mundicêntrico e é “espiritual” no sentido de sua percepção da existência de atributos comuns a todos os seres sencientes. (WILBER, 2007, p. 34-35).

A diferenciação da consciência da identidade em três estágios pode ser comparada à analogia da experiência do ser humano consigo (EU), com a Cultura (NÓS) e com a Natureza (ISTOS). Na proposta de apreensão da realidade considerando os níveis da subjetividade, da Cultura e da Natureza, a partir de perspectiva de Wilber (2007, p. 14), entendemos a integralidade como a realidade que pode ser compreendida de forma ampla a partir de uma abordagem integral em que quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos estão “disponíveis em sua própria percepção”, de modo que é possível construir um mapa integrado do fenômeno pesquisado, o qual propicia a compreensão do humano dentro da perspectiva individual, comportamental, social e cultural. Wilber (2007) propõe que o Sistema Operacional Integrado (SOI) é um agrupamento das informações sobre: (a) os estados de consciência, (b) estágios ou níveis de desenvolvimento, (c) linhas de desenvolvimento, (d) tipos e (e) quadrantes, os quais estabelecem um diálogo inter e multidisciplinar em qualquer área do conhecimento humano de modo a promover uma compreensão integral da EPA.

Assim, utilizamos a perspectiva integral de Wilber para apreender as categorias de análise desse estudo, destacando os quadrantes do SOI, que são uma representação gráfica da decomposição de um fenômeno, fato ou estudo em perspectivas internas e externas, plurais e singulares, ou seja, do ponto de vista do eu (interno-singular), do isto (externo-singular), nós (interno-plural) e dos istos (externo-plural). Como descrevemos, o SOI é uma ampla construção do autor. Para este estudo, iremos nos deter apenas ao elemento quadrantes.

Existiam quatro territórios diferentes nos quais Wilber agrupou os mapas relativos a cada território e cada um destes foi denominado de quadrante. Os quatro tipos de quadrantes

se referem aos quatro tipos diferentes de verdade que fazem parte do Kosmos (LIMA, 2014).

Figura 2 - Sistema operacional Integral de Ken Wilber



Fonte: A autora, adaptado de Wilber (2007).

No quadrante superior esquerdo, está registrado o componente EU, que apresenta uma perspectiva de como o indivíduo vê a si mesmo. Da mesma forma, o componente ISTO é individual, porém da perspectiva externa, localizado no quadrante superior direito, que trata de como o indivíduo é visto, ou seja, seu corpo físico, sua matéria, seu comportamento etc. Já nos quadrantes inferiores estão os componentes coletivos do sistema. O quadrante inferior esquerdo demonstra os fenômenos na relação entre subjetividades, isto é, como o “eu” se relaciona com NÓS. O último quadrante é inferior direito que observa o fenômeno quanto à organização física e social, ou seja, a dimensão social em que se apresentam os comportamentos externos dos grupos, suas regras e organização social, o ISTOS.

Todos os quadrantes merecem atenção. Ao enfatizar apenas um deles, ignorando os outros mais susceptíveis, estaremos cometendo equívocos resultantes de uma visão limitada do todo, chegando a conclusões enganosas sobre determinado evento, pois cada quadrante apenas tem um quarto da verdade (LIMA, 2014).

Percebemos que a escolha da perspectiva wilberiana para compreender o fenômeno Educação para Aposentadoria (EPA) traz uma ampliação do entendimento, uma vez que

integraliza a produção científica de acordo com os quadrantes de percepção da realidade como fora apresentado em estudos transpessoais recentes (CUNHA, 2017; SILVA, 2018) e em que estágio há maior predominância a produção científica da área.

A contribuição de Wilber (2007, p. 68) perpassa pela demonstração do fenômeno nas três perspectivas e sua proposta de integralidade leva em consideração que essas três formas de percepção caminham para uma “conduta integralmente informada”, a qual permite transpor as perdas no ato de se aposentar e ressignificar o fenômeno da aposentadoria.

O desafio desta pesquisa foi lançar um olhar integral para a produção da área, a fim de produzir sentidos que focalizem a Educação para Aposentadoria como um lugar de busca de novos sentidos de existência. Para tanto, a teoria dos Quatro Quadrantes do SOI, de Wilber (2007), permite observar esse fenômeno de forma mais ampla, segundo a co-ocorrência das realidades no tocante à EPA. Esperamos ter alcançado nosso intento.

#### 4.2 O MAPA DA PESQUISA: CONSTRUINDO PROCESSOS E MÉTODOS

Nesta pesquisa, utilizamos o método misto sequencial (CRESWELL, 2010) para investigar as concepções de espiritualidade de pessoas servidoras públicas da UFPE e do INSS e da pesquisa bibliográfica do tipo estado do conhecimento (ROMANOWSKI; ENS, 2006) para mapear as pesquisas em educação que tratam da aposentadoria à luz da integralidade de Wilber (2007).

Destacar o estado do conhecimento como um objetivo específico dessa pesquisa perpassou pelo comprometimento da pesquisadora em apontar caminhos adotados pela EPA a fim de, como pontua Romanowski e Ens (2006, p. 39), ressaltar a importância de mapear a produção científica da área uma vez que “[...] a realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais”. Afinal, a condição de servidora pública da pesquisadora implica um comprometimento com o seu próprio desenvolvimento e das demais pessoas servidoras, de modo que houve um esforço no sentido de trazer as contribuições desta pesquisa para o seu campo de atuação. A EPA no serviço público tem certa perenidade, mas ainda não é um campo de pesquisa. Nosso desafio foi demonstrar seu potencial como tal e - desafio ainda maior - demonstrar a perspectiva da integralidade como um alicerce para a EPA.

A pesquisa do estado do conhecimento foi realizada em Periódicos da CAPES, como fonte primária de pesquisa, o portal *Scientific Electronic Library Online – Scielo*, e plataforma

Periódicos Eletrônicos de Psicologia – PePSIC; e, no tocante às teses e às dissertações, foi utilizada a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Banco de Dissertações e Teses da Capes. Os descritores utilizados foram <<educação>> AND <<aposentadoria>>, somente <<aposentadoria>>.

Foram selecionados os artigos, as dissertações e as teses que tiveram a educação/preparação/orientação para aposentadorias como tema disponíveis *online* no período de 2009 a 2019, anos para teses e dissertações, e sem data limite para artigos, voltados às pessoas servidoras públicas e professoras universitárias. Tivemos, com essa separação, de proceder a um estudo bem exploratório com os artigos, e mais analítico com as teses, pois a EPA é um campo muito disperso e pouco explorado.

No tocante aos artigos, fizemos uma exploração ampla da temática conforme apresentamos a seguir:

Tabela 1 - Revisão da Literatura sobre EPA

Portal	Nº de Artigos	Nº de Artigos Selecionados	Descritores
Periódicos da Capes	357	13	Educação AND Aposentadoria
<i>Scientific Electronic Library Online – Scielo</i>	4	4	Educação AND Aposentadoria
Periódicos Eletrônicos de Psicologia – PePsic	53	34	Aposentadoria
Total	<b>414</b>	<b>51</b>	

Fonte: A autora

Foi realizada uma periodização das produções, bem como sua vinculação científica (ROMANOWSKI, ENS, 2006) para a compreensão da disposição dos pesquisadores no contexto brasileiro e como se deu a mudança de percepção de programas de preparação para a educação para aposentadoria. Toda a produção mapeada está detalhada na seção 5 desse texto.

Dos 191 trabalhos que potencialmente poderiam ajudar no mapeamento integral do campo EPA, foram selecionadas 33 dissertações e 6 teses, por meio de levantamento realizado nas duas plataformas destacadas nas tabelas 2 e 3, através da leitura dos seus resumos e a vinculação com o fenômeno aposentadoria. Tais resumos foram submetidos à análise temática.

Além da produção científica, também foram analisados os documentos oficiais da administração pública para pessoas servidoras públicas no tocante à temática, bem como os documentos da UFPE e do INSS no tocante aos Programas de Educação para aposentadoria.

Tabela 2 - Revisão da Literatura sobre EPA - Teses e Dissertações - Capes

Portal	Nº de trabalhos	Selecionados		Descritores
		Dissertações	Teses	
Banco de teses e Dissertações Capes –	28	11	0	Aposentadoria AND “educação” AND Servidores
	5	3	2	“Educação para aposentadoria”
	1	1	0	“Orientação para aposentadoria”
	46	10	1	“Preparação para aposentadoria”
	20	0	1	Aposentadoria AND educação AND Ensino superior AND professores
	20 <sup>21</sup>	0	0	Aposentadoria AND educação AND professores AND ensino superior
<b>Total</b>	<b>120</b>	<b>25</b>	<b>3</b>	

Fonte: A autora

Quanto ao atendimento dos demais objetivos específicos, destacamos que Creswell e Plano Clark (2013) explicitam as definições de métodos mistos como múltiplas formas de extrair sentido do mundo social, de modo que múltiplos pontos de vista sobre o que é importante devem ser valorizados e apreciados.

Tabela 3 - Revisão da Literatura sobre EPA- Teses e Dissertações - IBTD

Portal	Nº de trabalhos	Nº de trabalhos selecionados		Descritores
		Dissertações	Teses	
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações –	29	0	2	Aposentadoria AND “educação” AND Servidores
	3	0	0	“Educação para aposentadoria”
	1	0	0	“Orientação para aposentadoria”
	29	5	0	“Preparação para aposentadoria”
	09	0	1	Aposentadoria AND educação AND Ensino superior AND professores
<b>Total</b>	<b>71</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	

Fonte: A autora

A compreensão do sentido de espiritualidade de um grupo de pessoas servidoras aposentadas e as que estão em vias de se aposentarem nos é uma tarefa mui cara, de modo que optamos por ampliar nossa percepção com o uso de métodos mistos. Desse modo, a nossa escolha se deu por entendermos que a compreensão do fenômeno será mais abrangente pela combinação de métodos qualitativos e quantitativos, exploratórios e de profundidade.

<sup>21</sup> Trabalhos já contemplados no portal de teses e dissertações da Capes.

Para este estudo, optamos por uma pesquisa de métodos mistos sequenciais (CRESWELL, 2000), em que foi realizado um estudo explanatório inicial com uma primeira fase exploratória seguida de uma fase qualitativa. Tal escolha se deu em virtude da possibilidade que a triangulação de métodos (FLICK, 2008) permite em captar a realidade social das pessoas servidoras públicas que participaram da pesquisa, no tocante às questões objetivas de seus respectivos perfis social e profissional. Corroborando com isso, também tivemos a condição de fazer um regaste histórico de suas trajetórias pela representação do trabalho nas suas respectivas instituições, o que permitiu entender as bases que possibilitaram o desenvolvimento da dimensão espiritual por elas experienciadas no desenvolvimento da EPA por meio das entrevistas.

A primeira parte da metodologia, segundo métodos mistos, buscou explicitar as expressões de espiritualidade por meio de Inventário de Expressões de Espiritualidade – Revisado (ESI-R), o qual será melhor detalhado no item 4.5.1 deste texto. Para alcançar as concepções de espiritualidade, realizamos 16 entrevistas, sendo 8 para cada órgão, 8 participantes de cada gênero, considerando a dificuldade de acesso, conseguimos entrevistar apenas 5 pessoas aposentadas, sendo 4 mulheres e 1 homem. Todos os aspectos mencionados estão detalhados a seguir nesta sessão.

#### 4.3 OS PORTOS DE DESEMBARQUE: PESQUISA NA UFPE E NO INSS

O *locus* desse estudo foi o Instituto Nacional do Seguro Social em Pernambuco e a Universidade Federal de Pernambuco, com suas unidades vinculadas. Inicialmente, intentamos em abranger as Gerências-Executivas de Caruaru, Garanhuns, Petrolina e respectivas Agências da Previdência Social. Devido às dificuldades de acesso aos participantes, o estudo abarcou a Superintendência Regional Nordeste, Gerência Executiva Recife e três Agências da Capital. Em caso análogo, na Universidade Federal de Pernambuco não tivemos êxito em pesquisar nos *campi* Caruaru e Vitória de Santo Antão, em virtude de número de pessoas em situação de pré-aposentadoria não ser significativo (menos de 1% do potencial de pessoas investigadas). Desse modo, a pesquisa na UFPE se deu no *campus* Recife.

### 4.3.1 A UFPE

A Universidade Federal de Pernambuco é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação que tem por finalidade “promover a transformação social através da formação humanizada e produção de conhecimento de excelência” (UFPE, 2019, p. 27) por meio de serviços prestados à sociedade através da Educação Superior, oferecendo ensino pela oferta de 113 cursos de graduação, sendo 109 presenciais e 5 na modalidade de Educação a Distância; 145 cursos de pós-graduação, distribuídos em três *campi*: Recife, Vitória de Santo Antão e Caruaru. Para tanto, a UFPE tem como missão “promover a formação humana, ética e solidária, e a construção de conhecimentos de excelência voltados à transformação da sociedade.” (UFPE, 2019, p. 27). Nessa perspectiva, a Universidade elencou como valores de sua atuação: cidadania, cooperação, criatividade, sustentabilidade, dignidade, diversidade, equidade e inclusão.

Para o alcance de sua missão, a UFPE possui um quadro de 6.918 pessoas servidoras, sendo 2.834 pessoas na condição de professores e 4.184 técnicos administrativos em Educação, de níveis fundamental, médio e superior. Essas pessoas são responsáveis por contribuírem com a consolidação da visão organizacional que almeja “ser uma universidade de referência mundial comprometida com a transformação e desenvolvimento da humanidade.” (UFPE, 2019, p. 27).

A carreira do magistério superior é regulada pela Lei nº 12.772, de dezembro de 2012, e a dos Técnicos administrativos em Educação pela Lei nº 11.091, de janeiro de 2005, embora como servidores públicos estejam todos regidos pelo regime jurídico da Lei nº 8.112/90 e legislações decorrentes. A compreensão de como a carreira desenvolve-se ao longo dos anos de trabalho e como se traduz em ganho pecuniário é importante para entendermos como esta pode interferir no plano de aposentadoria das pessoas servidoras da UFPE, uma vez que quanto maior a progressão maior a remuneração recebida no pós-carreira. A remuneração das pessoas servidoras é variável mediante o cargo, classe, nível de classificação (cargos na mesma hierarquia segundo alguns requisitos, a exemplo da escolaridade) e nível de capacitação.

No tocante aos professores, o desenvolvimento na carreira se dá por meio da progressão funcional (passagem para vencimento imediatamente superior) e promoção (mudança para classe superior subsequente). A progressão se dará pelo cumprimento do período de 24 meses de cada avaliação de desempenho. A promoção se dá com os mesmos

critérios acrescidos das titulações exigidas na Lei nº 12.772/12, somadas a itens específicos da avaliação de desempenho definidas pelos conselhos regimentais da UFPE.

Para os técnicos, há duas formas de progressão funcional: a) Capacitação Profissional e b) Mérito Profissional. A primeira ocorre por meio de cumprimento de cursos do programa de capacitação, com cargas horárias cumulativas, desenvolvidos na instituição a cada 18 meses e também pela participação em programas de pós-graduação *lato e strictu sensu*.

Nesta perspectiva, a tomada de decisão por quando se aposentar perpassa por um planejamento da carreira, uma vez que a classe, para professores, e níveis e classificação e qualificação interferem na remuneração ao fim da carreira e podem impactar o futuro financeiro da aposentadoria. Dessa feita, a política de desenvolvimento de pessoas tem impacto na decisão da aposentaria, bem como contribuir para sua postergação ou aceleração da aposentadoria, uma vez o aumento da idade limite para a aposentadoria compulsória das pessoas servidoras públicas ampliou dos 70 para 75 anos, aumentando o lastro de desenvolvimento da carreira (BRASIL, 2015). Segundo Souza (2019), a UFPE possuía no início deste estudo 701 servidores em abono de permanência (maio/2018). Considerando o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFPE, é objetivo estratégico da instituição redefinir a Política de Gestão de Pessoal (docentes e técnicos) com 8 ações a serem desenvolvidas, das quais destacamos “Promover capacitação, preparando o servidor para a aposentadoria (financeiro, emocional, empreendedorismo)”, sem meta para o ano de 2019, de modo que inferimos que não há ações planejadas, nem programa instituído voltado para área.

#### **4.3.2 O INSS**

O Instituto Nacional do Seguro Social é uma autarquia do Ministério da Economia que, à época de sua criação, era vinculada ao extinto Ministério da Previdência e Assistência Social; no ano de 1990, passou pela fusão do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS) com Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). O INSS tem por finalidade reconhecer direitos dos segurados do Regime Geral de Previdência.

No seu organograma, o INSS conta com uma administração central, 5 Superintendências Regionais, 104 Gerências Executivas e 1.596 Agências da Previdência Social (APS), num total de 21.631 servidores (BRASIL, 2020). Em Pernambuco, há uma

Superintendência Regional responsável pelos nove estados do Nordeste, quatro Gerências-Executivas e 69 APS. O INSS tem como missão “Garantir proteção aos cidadãos por meio do reconhecimento de direitos e execução de políticas sociais”. (BRASIL, 2020). Com as atividades desenvolvidas por esses servidores, o INSS almeja “Ser instituição de excelência no reconhecimento de direitos e gestão de benefícios sociais ao cidadão” (BRASIL, 2020) através dos valores institucionais “ética, respeito, segurança, transparência, profissionalismo, responsabilidade socioambiental” (BRASIL, 2020).

Vale destacar que Pinheiro (2015) traz outros dados importantes acerca do INSS. À época de sua pesquisa, a autarquia era vinculada ao Ministério da Previdência Social e possuía 37.838 servidores, bem como a missão e a visão do Instituto eram descritas no documento *Carta de princípios e Governança* (INSS, 2010) com versões distintas da atual. Percebemos uma redução no número de servidores de 43% nos últimos cinco anos, assim como mudanças significativas na percepção da organização expressas na alteração de seus documentos oficiais. A autora já apontava, àquela época, dificuldades no tocante à reposição da força de trabalho pela ausência de concursos públicos para suprir demanda do INSS e em substituição ao crescente número de aposentadorias dos servidores.

A forma de remuneração dos servidores é atrelada ao desempenho a depender do alcance de metas de produtividade monitoradas, as quais, até 2017, era retirado em 50% o valor da gratificação dos servidores que se aposentavam (PINHEIRO, 2020). Ressaltamos que a remuneração destes possui uma parte flexível, que é, em média, sete vezes o valor do vencimento básico, sendo nomeado como gratificação por desempenho.

#### 4.4 A COMPANHIA DA JORNADA: OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

No momento de planejamento da pesquisa, nas prévias da qualificação<sup>22</sup>, a UFPE possuía 328 (trezentos e vinte oito) professores e 745 (trezentos e quarenta e cinco) técnicos administrativos em fase de pré-aposentadoria; e 120 (cento e vinte) professores e 375 (trezentos e setenta e cinco) técnicos administrativos aposentados, perfazendo um total de 1.268<sup>23</sup> (um mil duzentos e sessenta e oito) pessoas como potenciais participantes da pesquisa, apenas nesta instituição. No tocante ao INSS<sup>24</sup>, à época, havia 656 (seiscentos e cinquenta e seis) técnicos e analistas do Seguro Social em fase de pré-aposentadoria e 219

---

<sup>22</sup> Março/2018.

<sup>23</sup> Dados fornecidos pela Pró-reitora de Gestão de Pessoas da UFPE.

<sup>24</sup> Dados extraídos do sítio eletrônico: <<http://www-inss/intraprev>>.

(duzentos e dezenove) aposentados nos últimos três anos, em Pernambuco. Para melhor compreensão do público da pesquisa segue quadro demonstrativo:

Tabela 4 - Pessoas em situação de aposentadoria e pré-aposentáveis.

Instituição	Aposentados(as)	Pré-aposentáveis	Total
INSS	219	656	875
UFPE	495	773	1.268
Total	<b>714</b>	<b>1.429</b>	<b>2.243</b>

Fonte: A autora

Nossa intenção foi chegar a uma amostra de 536 informantes, ou seja, 25% do total de possíveis para a fase exploratória desse estudo. Como destacado anteriormente ambas as instituições possuem uma ampla capilaridade. Para o alcance desse contingente de pessoas, optamos pela estratégia digital para fazer a parte exploratória desse estudo, utilizamos para isso a ferramenta gratuita de formulário digital do *google*. Essa foi a estratégia escolhida para selecionar os participantes a partir dos inventários de espiritualidade que serão detalhados a seguir. Todavia, obtivemos os seguintes números:

Tabela 5 - Número de participantes – Fase exploratória

Instituição	Pretendido	Alcançado	%
INSS	218	66	30
UFPE	318	89	28
Total	<b>536</b>	<b>155</b>	<b>29</b>

Fonte: A autora

Encontramos dificuldades na via digital uma vez que apenas 23% dos respondentes, dos 155 participantes, utilizaram o questionário digital, sendo 17% do INSS e 54% da UFPE. A adesão por professores foi mais alta na ferramenta digital, inferimos que as exigências da profissão no tocante à vida acadêmica contribuíram para a facilidade em apresentar respostas *online*. Já com as participantes do INSS, houve bastante resistência com relatos de falta de domínio digital por boa parte das pessoas aposentadas. Com as pessoas em situação de trabalho, não houve respostas aos endereços eletrônicos enviados sendo necessária a estratégia de abordagem presencial. Destacamos que não obtivemos os endereços eletrônicos dos participantes da UFPE, fato que prejudicou a forma de alcançar o número de questionários pretendido, de modo que foi a abordagem presencial que teve que ser lançada para essa parte do estudo, sendo os endereços eletrônicos coletados nas visitas às unidades daquela Universidade. No tocante aos dados das pessoas aposentadas, não obtivemos dados

peçoais de ambas as intuições. Diante disso, tivemos que recorrer às associações de classe para obter os contatos desse grupo e sensibilizar os participantes que estavam nos postos de trabalho a fornecer o contato daquelas que estavam aposentadas. De toda sorte, não obtivemos o êxito de encontrar maior número de pessoas aposentadas para esse estudo, porém quatro pessoas que estavam na condição de pré-aposentáveis à data da pesquisa exploratória já se aposentaram no período dessa análise, demonstrando o quanto esse o público é dinâmico, mas que não foi algo que prejudicou o resultado desta pesquisa. Nosso intuito foi trazer para este trabalho pessoas a três anos de completar o tempo necessário à aposentadoria ou em abono de permanência e aposentadas em até três anos do INSS e UFPE no Estado de Pernambuco, excetuando aquelas que tiveram aposentadoria por invalidez, por avaliarmos que esse processo poderia macular a forma de percepção da espiritualidade na aposentadoria pela circunstância do adoecimento e do afastamento não planejado do trabalho (LEANDRO-FRANÇA; MURTA, 2014). Percebemos, então, que a dinâmica de pessoas que adquiriram a condição de aposentadas é muito volátil e os receios quanto às regras de transição da nova previdência acelerou processos de aposentadoria no período de aplicação do questionário, agosto a novembro de 2019.

Outro dificultador para contactar os participantes se deu pelo clima da reforma da Previdência ocorrida durante o período da construção dos dados (julho a outubro/2019). Houve relatos de que não seriam fornecidas “informações ao governo”, de que “não quero nem ouvir falar em aposentadoria” e que “há muitas perguntas pessoais nesse questionário, não vou responder”, demonstrando a resistência de algumas pessoas em responder à pesquisa pessoalmente, pelo clima de desconfiança instaurado diante das circunstâncias político-sociais, fazendo o público duvidar da intenção da pesquisa: “vou responder porque é pra senhora, por que se fosse para esse governo, não respondo de jeito nenhum”<sup>25</sup>. Neste sentido, observamos que a abordagem digital pode ter passado pelos mesmos problemas de descrédito, porém sem a possibilidade de esclarecimentos imediatos por parte da pesquisadora, de modo que não havia retorno das pessoas quanto às possíveis dúvidas relacionadas ao preenchimento do formulário digital.

Como pessoas dos órgãos supracitados não forneceram os contatos de endereço eletrônico (e-mail) e telefone, utilizamos, também, as mídias sociais (Facebook e grupos de WhatsApp dos aposentados) para manter contato, porém a adesão foi baixíssima, com apenas 1 retorno via mídia social e 2 por grupos de mensagens. Diante de todas as estratégias

---

<sup>25</sup> Dados do diário de pesquisa.

lançadas, e observando que o cenário político-social não estava favorável à pesquisa, avaliamos que os 155 informantes foram suficientes para a fase exploratória, uma vez que, além de possibilitar a elaboração de um panorama geral das expressões da espiritualidade, destinou-se também a viabilizar a seleção de pessoas que deveriam participar nas entrevistas.

## 4.5 AS FORMAS DE ENCONTRO: OS INSTRUMENTOS E A CONSTRUÇÃO DE DADOS

### 4.5.1 Escala de Expressões de Espiritualidade

O encontro com os participantes precisou de uma escolha adequada de como a relação pesquisadora-informante aconteceria. Como nossa perspectiva sobre a espiritualidade é polissêmica e inclusiva, o instrumento deveria assim o ser. Neste sentido, o Inventário de Expressões de Espiritualidade – Revisado (ESI-R) (MacDONALD, 2000a) foi escolhido por apresentar esse caráter amplo e inclusivo às diversas formas de expressões que a espiritualidade pode ter.

O ESI-R foi validado no Brasil por Silva *et al.* (2017) como fruto de sua pesquisa de doutorado. Em sua tese, pudemos entender o processo de validação de uma escala em inglês para outro idioma. Dentro dos padrões estatísticos, a ESI-R atende a uma investigação dessa natureza.

Esse inventário é fruto de um questionário com cem perguntas de autorrespostas que foi realizado com estudantes universitários do Canadá, do qual foram adaptados dezenove estudos de investigação da espiritualidade (MacDONALD, 2000a). Posteriormente, Macdonald (2000b) reduziu o inventário para a versão com cinco dimensões latentes de espiritualidade por observar que havia uma concorrência de teorias que careciam de uma fundamentação mais sólida.

Optamos por esse mesmo instrumento devido à sua versatilidade e sua tentativa de congregar uma série de instrumentos que avaliavam a espiritualidade traduzindo-os em cinco fatores empiricamente derivados. O ESI-R possui a vantagem de levantar a compreensão da espiritualidade sem atrelá-la à religião e, ao mesmo tempo, sem desconsiderá-la, e assim um instrumento inclusivo e abrangente das expressões da espiritualidade.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> A validação ESI-R para o Brasil foi realizada por SILVA *et al.* 2017 e ocorreu através da tradução para o português e adaptado para uso com respondentes brasileiros. Para maiores esclarecimentos, estão disponíveis em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-294X2017000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-294X2017000200002&lng=pt&nrm=iso)

O ESI-R possui duas assertivas verificadoras que permitem observar se os participantes responderam de forma honesta ao inventário e se percebem se a escala expressa um sentido de espiritualidade válido. Vejamos:

Quadro 5 - Assertivas verificadoras

Assertiva	DF (0)	D (1)	N (2)	C (3)	CF (4)
31. Este questionário parece estar medindo espiritualidade					
32. Eu respondi a todas as afirmações com sinceridade					

Fonte: Trecho do ESI-R adaptado de Silva (2018, p.395)

MacDonald (2000a) recomenda que os instrumentos que pontuaram abaixo de dois no item 32 sejam eliminados do estudo. Já as pontuações abaixo de 2 para o item 31, podem ser analisadas e, caso o comportamento não seja discrepante do total da amostra, os instrumentos podem ser considerados válidos.

Quadro 6 - Inventário de Expressões de Espiritualidade – Revisado (ESI-R)

Dimensões da Espiritualidade	
Orientação Cognitiva em direção à espiritualidade (COS)	
ESR1COS. A espiritualidade é uma parte importante de quem eu sou como pessoa.	Percepções, atitudes e crenças não-religiosas sobre a realidade, a natureza e importância da espiritualidade para o funcionamento cotidiano e bem-estar pessoal.
ESR6COS. A espiritualidade é uma parte essencial da existência humana	
ESR11COS. Estou mais consciente das minhas escolhas de vida por causa da minha espiritualidade	
ESR16COS. Eu tento considerar todos os elementos de um problema, incluindo os aspectos espirituais, antes de tomar uma decisão.	
ESR26COS. Eu acredito que dar atenção ao próprio crescimento espiritual é importante	
Dimensão Fenomenológica/Experiencial (EPD):	
ESR2EPD. Já tive uma experiência em que eu parecia estar intimamente ligado(a) a todas as coisas	Experiências consideradas espirituais por natureza. Inclui experiências consideradas como místicas, religiosas, transpessoais, de pico e transcendentais, bem como características fenomenológicas descritivas essenciais associadas com tais experiências.
ESR7EPD. Já tive uma experiência onde eu parecia ir além do tempo e do espaço	
ESR12EPD. Eu já tive uma experiência mística, ou seja, uma experiência espiritualmente significativa que parecia ir além do entendimento humano	
ESR17EPD. Já tive uma experiência de união com uma Força maior do que eu	
ESR22EDP. Eu já tive uma experiência na qual tudo parecia divino	
ESR27EPD. Já tive uma experiência na qual eu parecia ir além da percepção normal que tenho de mim mesmo(a)	
Bem-estar existencial (EBW):	
ESR3EWB. Sempre parece que estou fazendo as coisas da maneira errada	Senso de significado e propósito e percepção de si mesmo, como apto por lidar com os desafios inerentes à existência.
ESR8EWB. Eu não me sinto confortável comigo mesmo	
ESR13EWB. Muito do que eu faço na vida parece feito por obrigação, e não de forma espontânea	

Fonte: Adaptado de Silva (2018)

Quadro 7 - Inventário de Expressões de Espiritualidade – Revisado (continuação)

Dimensões da Espiritualidade (cont.)	
<b>Bem-estar existencial (EBW):</b>	
ESR18EWB. Minha vida é frequentemente problemática	Sentido de significado e propósito e percepção de si mesmo, como apto por lidar com os desafios inerentes à existência.
ESR23EWB. Eu me sinto tenso(a) com frequência	
ESR28EWB. Eu sou uma pessoa infeliz	
<b>Crenças paranormais (PAR):</b>	
ESR4PAR. É possível se comunicar com os mortos	Crenças sobre a existência de fenômenos paranormais, inclusive percepção extrassensorial. Também inclui crença em bruxaria e espiritualismo (ou seja, espíritos).
ESR9PAR. Eu acredito que bruxaria existe	
ESR14PAR. É possível adivinhar o futuro	
ESR19PAR. Eu não acredito em espíritos ou fantasmas	
ESR24PAR. Eu acho que a psicocinese, ou seja, mover objetos com a força da mente é possível	
ESR29PAR. É possível sair do próprio corpo	
<b>Religiosidade (REL):</b>	
ESR5REL. Eu acredito que frequentar cultos ou práticas religiosas é importante	Expressão de espiritualidade através da genuína crença religiosa, prática e estilo de vida (ex. oração, meditação, participação em cultos religiosos). Próximo ao conceito de orientação religiosa intrínseca.
ESR10REL. Eu tenho um sentimento de proximidade com um Ser Superior	
ESR15REL. Eu me vejo como uma pessoa voltada para a religião	
ESR20REL. Eu vejo Deus ou um Poder Superior presente em tudo que faço	
ESR25REL. Eu pratico alguma forma de oração	
ESR30REL. Eu acredito que Deus ou um Poder Superior é responsável pela minha existência	

Fonte: Adaptado de Silva (2018)

A possibilidade de abranger os sentidos da espiritualidade dentro desse leque de dimensões denota como ESI-R foi um instrumento adequado para colaborar com a compreensão das percepções de espiritualidade das pessoas do serviço público da UFPE e do INSS por permitir a percepção de várias possibilidades de sua manifestação. Foi possível selecionar os participantes entrevistados para uma compreensão mais detalhada da relação da espiritualidade com uma EPA mais consistente e coerente, por meio da entrevista em profundidade (ver Apêndice B).

Tabela 6 - Frequência e respostas – item 32

Frequência ESI-R - Medida de Espiritualidade			
Nível	Nº	% do Total	Cumulativo %
0	6	4	4
1	12	8	12
2	35	23	35
3	69	44	79
4	33	21	100

Fonte: A autora

A análise dos instrumentos ocorreu por meio de estatística descritiva em *software* livre (JAMOVI). Dos formulários da ESI-R utilizados na análise, um foi descartado por apresentar baixa resposta ao item 32 da tabela 3. Dos demais 154 ESI-R válidos, 18 pessoas afirmaram que no ESI-R não media espiritualidade e pela frequência de respostas 0 e 1, mas como podemos ver as tabelas 5 e 6, esse dado não interferiu com comportamento do estudo.

Tabela 7 - Comportamento entre grupos: mede vs não-mede espiritualidade

Teste Independente- T-Test						
DIM ESI-R	Variável	Estatística	glf*	p**	Diferença de Médias	Diferença erro-padrão
COS	T - Student	1.34	152	0.184	0.277	0.208
EPD	T - Student	1.63	152	0.104	0.409	0.251
EWB	T - Student	-1.23	152	0.219	-0.209	0.169
PAR	T - Student	1.63	152	0.105	0.348	0.213
REL	T - Student	1.53	152	0.128	0.350	0.229

Fonte: A autora (*software* JAMOVI) - \* Graus de liberdade; \*\* Índice de significância.

Como podemos observar, através dos níveis de significância dos testes t-Student realizados em cada dimensão, os comportamentos de ambos os grupos podem ser considerados assemelhados, visto não haver uma diferença de médias significativas. Diante do exposto, os 18 questionários foram incluídos no estudo e foram utilizados para a seleção das pessoas entrevistadas.

#### 4.5.2 Questionário Sociodemográfico

Para melhor compreender os aspectos do desenvolvimento da EPA por pessoas do serviço público do INSS e da UFPE, aplicamos também um questionário sociodemográfico (APÊNDICE A). Nosso interesse foi obter informações gerais acerca do sexo, escolaridade, faixa etária tempo de serviço, religião, renda e estado civil, perguntas convencionais acerca do perfil social. Também investigamos a noção que os participantes têm a respeito da EPA e situação em relação à aposentadoria (pré-aposentável ou aposentado ou abono de permanência). Perguntas não convencionais acerca a existência de filhos, netos e plano de saúde, foram inseridas em virtude da revisão da literatura demonstrar que o aspecto da saúde e da convivência familiar são fatores de proteção à aposentadoria. Os resultados estarão detalhados na seção 6.1 desta pesquisa.

### 4.5.3 As Entrevistas

As entrevistas foram desenvolvidas em profundidade com roteiro semiestruturado, dividida em três blocos: a) Espiritualidade b) aposentadoria e c) trabalho. Esse último bloco foi incluído a partir da primeira pessoa entrevistada. Percebemos que a entrevista caminhou para trazer exemplificações da espiritualidade na sua prática a partir da representação do significado de ser servidor público naquela instituição. Desse modo, a ideia de ampliar para mais um bloco demonstrou útil para a compreensão da espiritualidade aplicada à prática profissional. Esse elemento se revelou fundante nas entrevistas subsequentes, pois evidenciar a relação da pessoa entrevistada com o trabalho se mostrou importante e, por isso, houve a necessidade de incluir uma pergunta específica, de modo que nas demais entrevistas a indagação “O que representa/ou ser servidor(a)/professor(a) dessa instituição pra você?” foi acrescida para aquelas que não tocavam nesse tema de forma espontânea, configurando o terceiro bloco de perguntas do roteiro. Vale destacar que as perguntas eram modificadas à medida que a pesquisadora percebia a necessidade de adequação cultural e de sentido à pessoa entrevistada.

As entrevistas duraram, numa média aritmética simples, em torno de 27 minutos, num total de 7:17:05, sendo aproximadamente 4 horas para os participantes do INSS e 3 horas para os da UFPE, todas gravadas em aplicativo de *smartphone*. As mulheres se expressaram por mais tempo na entrevista, explicitando mais detalhes acerca dos seus sentimentos sobre o processo. Como destinaram maior tempo às entrevistas, marcaram-na em dias que suas agendas estavam livres, de modo que ficaram com maior disponibilidade e passaram maior período com a pesquisadora. No tocante aos participantes homens da UFPE, a preocupação expressa foi que a entrevista não demorasse muito em virtude das demais atividades que deveriam fazer na Universidade, seja o retorno às aulas, seja as atividades técnicas, de modo que duraram, em média, 15 minutos, entre uma atividade e outra ou perto da saída do expediente de trabalho. Esse comportamento também foi identificado em um participante do INSS, que precisaria voltar para o setor com brevidade. Foi incluída a pergunta: “Como você está se sentindo ao dar essa entrevista?”, em atenção ao critério de risco do Comitê de Ética em Pesquisa<sup>27</sup>, a fim de ter o retorno se a entrevista causou algum sofrimento. Para nossa satisfação, todas as pessoas responderam de forma positiva, exceto em duas entrevistas na qual a pergunta foi omitida em virtude da necessidade de finalização da conversa pelos

---

<sup>27</sup> A presente pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE sob o número 3.436.922 do parecer substanciado.

participantes e como avaliamos que os participantes estavam tranquilos com as respostas fornecidas sem demonstração de desconforto ao longo da conversa, concluímos as entrevistas sem fazê-la. As entrevistas dos participantes selecionados do INSS, ao critério deles, ocorreram no mês de fevereiro deste ano, nas dependências do Instituto e nas residências das pessoas aposentadas. Já as entrevistas dos participantes da UFPE ocorreram no *Campus Recife*, exceto duas, que ocorreram a distância, por aplicativo de *streaming* no *smartphone*, em virtude do distanciamento social em decorrência da pandemia do Covid-19<sup>28</sup>, no mês de março de 2020.

O critério de seleção das pessoas entrevistadas se deu através das pontuações obtidas nas dimensões: Orientação Cognitiva para Espiritualidade (COS) e Bem-estar Existencial (BEW), da ESI-R. As dimensões citadas foram escolhidas em virtude de que são as mais apropriadas para um trabalho de desenvolvimento de pessoas na Administração Pública de uma forma geral com vistas a potencializar a dimensão espiritual dos servidores.

Tabela 8 - Critérios de seleção dos participantes para a entrevista

Dimensão		Valor		Instituição		Critério de seleção
				INSS	UFPE	
COS	EWB	Alto	Alto	Homem - Técnico - Abono -65 anos	Mulher - TAE - Aposentada - 70 anos	COS >3 e EWB >3
				Mulher - Analista - Aposentada - 58 anos	Homem - Técnico - 55 anos	
COS	EWB	Alto	Baixo	Mulher - Técnico - Aposentada - 61	Mulher - Professora - Abono - 58 anos	COS >3 e EWB <3
				Mulher - Analista - Pré-aposentada - 55	Mulher - Técnico - Abono- 65 anos	
COS	EWB	Baixo	Alto	Homem - Aposentado - Técnico - 60 anos	Homem - Professor - Abono - 65 anos	COS <3 e EWB > 3
				Homem - Pré-aposentável - Técnico - 56 anos	Mulher - Professora - Aposentada - 70 anos	
COS	EWB	Baixo	Alto	Homem - Aposentado - Técnico - 60 anos	Homem - Professor - Abono - 65 anos	COS <3 e EWB > 3
				Homem - Pré-aposentável - Técnico - 56 anos	Mulher - Professora - Aposentada - 70 anos	
COS	EWB	Baixo	Baixo	Mulher - Técnico - Abono - 72 anos	Homem - Professor - Abono - 67 anos	COS <3 e EWB <3
				Homem - Técnico - Abono - 62 anos	Homem - Técnico - Abono - 58 anos	

Fonte: A autora

A garantia de um Estado Laico não permitiria que fizéssemos um trabalho de

<sup>28</sup> A OMS declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.(OPAS, 2020).

abrangência espiritual do ponto de vista religioso, bem como a necessidade de experimentação de fenômenos das dimensões Fenomenológica/Experiencial e Paranormal seriam um impeditivo para trazer elementos de uma espiritualidade baseada nessas dimensões. Dito isso, selecionamos as pessoas a partir das maiores e menores pontuações de COS e BEW, como critério secundário o sexo (50% homens e 50% mulheres). No caso da UFPE, entrou o critério cargo, em que ficamos com 50% das entrevistas de técnicos e 50% de professores .

#### 4.6 A FOTOGRAFIA DO PERCURSO: SISTEMA DE ANÁLISE DOS DADOS

Braud e Clark (2006) trazem uma sequência de passos a serem observados, os quais dialogam com o programa de análise de Minayo (2008). Na etapa prévia, as primeiras autoras sugerem a escolha cuidadosa quanto ao tipo de análise que será escolhido, se será indutiva, a partir dos dados, ou teórica, a partir das categorias previamente estabelecidas e direcionadas teoricamente. A nossa escolha será por uma análise indutiva dos dados, pois não há intenção de prever um quadro temático pré-existente, mas do emergir livre das entrevistas com posterior diálogo com as escolhas teóricas realizadas previamente.

Juntam-se a essa decisão uma análise latente dos conteúdos apresentados por compreendermos que há um processo interpretativo a ser realizado pelos temas expostos nas entrevistas os quais devem considerar os aspectos contextuais dos participantes e dados quantitativos da etapa inicial da pesquisa. Na tentativa de melhor compreensão da análise temática, segue quadro abaixo:

Quadro 8 - Etapas da análise Temática segundo Minayo (2008b) e Braud e Clark (2006)

<b>Etapas/Fases</b>	<b>Minayo (2008)</b>	<b>Braud e Clark (2006)</b>
1	Pré-análise -	Familiarizando-se com os dados
2	Formulação e reformulação de Hipóteses e objetivos	Gerando os códigos
3	Exploração do Material (encontrar categorias)	Procurando os temas
4	Tratamento dos resultados obtidos e	Nomeando os temas
5	interpretação	Produzindo os relatórios

Fonte: A autora

A fase de preparação do material perpassou pela transcrição das entrevistas pela própria pesquisadora como forma de familiarização com os dados, a fim de induzir as categorias iniciais observadas nos discursos transcritos das pessoas entrevistadas.

Considerando a seriedade que essa fase requer, a transcrição foi revista por duas vezes para o alcance da fidedignidade do que foi dito pelas participantes a fim de preservar a precisão do discurso e, dessa forma, atender à recomendação de Minayo (2008), que sugere uma leitura fluante do material anterior à constituição do *corpus*, o qual deve ter as características de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência.

Utilizamos como ferramenta o *software* gratuito *Interface de R pour l'Analyse Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ). Este *software* permite tipos de análise de dados textuais distintos: a lexicografia básica, classificação hierárquica descendente, análise pós-fatorial de correspondências e análises de similitude. A variedade de agrupamentos lexicais que esta ferramenta proporciona contribuirá na análise temática proposta pelo método de interpretação de sentidos (BRAUD; CLARKE, 2006; MINAYO, 2008b), uma vez que acelera a etapa de recorte dos trechos das entrevistas em que são retiradas as ideias centrais dos discursos transcritos, revistos pela terceira vez e adaptado à linguagem exigida pelo *software*. Além disso, o IRAMUTEQ fornece um agrupamento de palavras pela frequência simples de aparição no *corpus*, dispondo-as de forma gráfica levando a uma compreensão a partir da disposição visual.

A geração de códigos iniciais (BRAUN; CLARK, 2006) pôde ser compreendida como a determinação de unidade de registro ou unidades de contexto (MINAYO, 2008). Como optamos pelo uso da ferramenta IRAMUTEQ, essas unidades serão realizadas pelo sistema, o qual também fornecerá a “categorização – que consiste num processo de redução do texto às palavras e expressões significativas” (MINAYO, 2008), de modo que esse *software* também possibilitou o cumprimento das etapas 2 e 3 (ver quadro 6). Braun e Clark (2006) sugerem que, nessa etapa, seja elencado o maior número de temas/padrões possível e de forma inclusiva, pois permitirá identificar possíveis contradições, bem como explicitar um mapa temático que evidencie certo padrão de dados e a relação entre eles.

Nesta perspectiva, o uso do IRAMUTEQ viabilizou esse processo de forma objetiva, uma vez que contribuiu com o resultado de análise do *corpus*, pois executou análises lexicais clássicas, ao transformar Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE), bem como reduziu palavras com base em suas raízes (CAMARGO; JUSTO, 2013), de modo que permitiu gerar unidade de sentido (fase 2) que, posteriormente, transformamos na categorização (fase 3 e 4). Assim, o *software* facilitou a fase de localização dos temas, bem como a expressão gráfica deles.

A análise de similitude do IRAMUTEQ faz o agrupamento do tema pela conexão entre as palavras, o que potencializa o *corpus* para a próxima fase de tratamento dos resultados obtidos e a interpretação (MINAYO, 2008). Esta é a fase mais delicada da análise temática, pois é a parte interpretativa da construção dos dados, que perpassa pela necessidade do diálogo com o arcabouço teórico escolhido previamente, porém é importante destacar que a opção feita foi uma análise temática latente e indutiva, em que os dados são primazes no emergir das categorias para a compreensão do fenômeno durante o processo de tratamento dos dados.

Nas seções subsequentes explicitaremos os resultados da pesquisa, com suas respectivas discussões e análises.

## 5 A EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA (EPA) NA PERSPECTIVA TRANSPESSOAL

Nesta seção, discorremos sobre a produção acadêmica acerca da aposentadoria para delinear como a academia tem pensado a Educação para Aposentadoria no Brasil. Subdividimos a seção em uma análise do campo acadêmico acerca das produções sobre EPA, no primeiro tópico e, no segundo, apresentamos as categorias que emergiram do nosso levantamento com as correlações da perspectiva de integralidade (WILBER, 2007), da transpessoalidade participativa (FERRER, 2017) e da nossa construção de espiritualidade (FERREIRA, 2007; SILVA, 2015; MACDONALD 2000a; 2000b; 2015; FRANKL, 2017). Na sequência, apresentamos as experiências de EPA na UFPE e no INSS no que se refere às propostas documentadas por essas instituições.

### 5.1 CAMPO ACADÊMICO E EPA: ANÁLISE DO *CORPUS*

A produção acadêmica sobre a EPA tem se mostrado crescente na última década. Em conformidade com os critérios descritos nos caminhos metodológicos deste estudo, foram selecionadas 30 dissertações, 6 teses e 51 artigos a fim de proceder à análise das produções do ponto de vista da integralidade (WILBER, 2007). Diferentemente de Silva (2018), que trouxe a análise pautada na metodologia, buscamos trabalhar os resultados obtidos via quadrantes do SOI, por meio da análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006) dos resumos das teses, dissertações e artigos ligados à aposentadoria e mais especificamente à EPA. A maioria dos estudos das teses e dissertações está no eixo Sudeste-sul (64%), seguidos pelo Centro-Oeste (22%). Nordeste (11%) e Norte (3%) praticamente não possuem expressividade de pesquisas na área (ver tabelas 1, 2, 3). As universidades com maior número de trabalhos foram: UnB (3), UFSM (3); UFF (2); UFSC (2), Unisinos (2), PUC – SP (2), Unifap (2) e UFPB (2). Apesar do Nordeste estar com número inexpressivo de produções, destacamos a UFPB pelo interesse no tema, sendo dissertações ligadas ao mestrado de Psicologia Social e profissional em Administração.

Inferimos que a concentração dos estudos sobre essa temática no sudeste e sul tem ligação com a localização de pesquisadores da área como França (2008, 2012), Zanelli (2010) estarem vinculados às universidades destas regiões. A emergência da UNB associa-se à

pesquisadora Murta (2014) como orientadora de pesquisas na área EPA na região Centro-Oeste.

Quadro 9 - Produções acadêmicas sobre aposentadoria – Norte, Nordeste e Centro-Oeste

Região	Programa	Instituição de Ensino	Tipo	Nº de trabalhos
CENTRO-OESTE (8)	Doutorado e Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura	UNB	Pública	3
	Mestrado em Sociologia	UFG	Pública	1
	Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas	UFT	Pública	1
	Mestrado Profissional em Ensino em Saúde	UEMS	Pública	1
	Mestrado em Serviço Social	PUC-GO	Privada	1
	Mestrado em Gerontologia	UCB	Privada	1
NORDESTE (4)	Mestrado Profissional em Gestão Empresarial	CENTRO UNIVERSITÁRIO FBV WYDEN	Privada	1
	Mestrado em Psicologia Social Mestrado Profissional Em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior.	UFPB	Pública	2
	Mestrado em Gerontologia	UFPE	Pública	1
NORTE (1)	Doutorado em Educação	UFPA	Pública	1
Total				13

Fonte: A autora

Quanto à área do conhecimento, Ciências da Saúde conta com 8 trabalhos (22%), Ciências Humanas com 16 pesquisas (44%) e Ciências Sociais Aplicadas com doze trabalhos (33%). Destacamos a área interdisciplinar da Gerontologia (17%) com seis pesquisas, cinco vinculadas aos programas da área da saúde e uma à área de Humanas. Os demais programas de pesquisa com interesse na área foram os de Psicologia (28%), Administração (25%), Educação (8%), Educação e Ensino de Ciências (6%) e Serviço Social (6%). Tiveram incursões únicas (3%) nos programas: Enfermagem, Sociologia, Teologia e Sociais e Humanidades.

Observamos que o binômio trabalho-aposentadoria apresenta um interesse da Administração, por esta ser uma área que se destina a formar executivos para desempenhar atribuições nos mais variados espaços ocupados pelo trabalho formal nas organizações. O Parecer CNE/CES nº 438/2020 (BRASIL, 2020, p. 15) versa sobre as competências a serem formadas pelos egressos dos cursos de Administração, dentre as quais destacamos a necessidade de ter um equilíbrio entre as competências humanas, analíticas e quantitativas, sendo necessário para tal, obter conhecimentos nas áreas de “[...] Economia, Finanças,

Contabilidade, Marketing, Operações e Cadeia de Suprimentos, Comportamento Humano e Organizacional, Ciências Sociais e Humanas.”

Dessa feita, a aposentadoria como um fenômeno ligado ao trabalho formal levanta o interesse das pós-graduações afins ao tema pela influência que o comportamento da pessoa trabalhadora tem no desempenho das organizações. No *corpus* estudado, grande parte das dissertações ligadas às Pós-graduações de Administração/Gestão está voltada a investigar a pessoas trabalhadoras do serviço público em sua relação com a aposentadoria e/ou os programas de preparação para a aposentadoria.

Quadro 10 - Produções acadêmicas sobre aposentadoria – Sudeste e Sul

Região	Programa	Instituição de Ensino	Tipo	Nº de trabalhos
SUDESTE (12)	Mestrado em Economia Doméstica	UFV	Pública	1
	Doutorado em Psicologia	UFSCAR	Pública	1
	Mestrado Em Gerontologia	USP	Pública	1
	Mestrado Profissional em Sistemas de Gestão Mestrado Profissional em Administração	UFF	Pública	2
	Mestrado Profissional em Gestão Pública	UFES	Pública	1
	Mestrado em Gerontologia	PUC-SP	Privada	2
	Mestrado Profissionalizante em Gestão e Desenvolvimento Regional Mestrado Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais	UNITAU	Privada	2
	Mestrado Profissional em Psicogerontologia	INSTITUTO EDUCATIEHOOG DE ENSINO E PESQUISA LTDA	Privada	1
	Mestrado em Administração	Unihorizontes	Privada	1
SUL (11)	Mestrado Em Psicologia	UFSC	Pública	2
	Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Públicas Mestrado em Gerontologia Doutorado Em Educação	UFMS	Pública	3
	Mestrado em Enfermagem	UEL	Pública	1
	Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional	UTFPR	Pública	1
	Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde	UFRGS	Pública	1
	Mestrado em Psicologia	UNISINOS	Privada	2
	Mestrado Profissional Em Teologia	ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA	Privada	1
Total				23

Fonte: A autora

Nessa mesma vertente, a área de Psicologia soma mais pesquisas que os demais programas sobre a aposentadoria pela investigação da relação da pessoa com o trabalho

formal, pretendendo compreender o fenômeno e minorar os impactos do trabalho alienado na subjetividade humana, além disso, as pessoas precursoras na investigação da EPA possuem formação em Psicologia (MURTA; LEANDRO-FRANÇA, 2014; ZANELLI, 2010; FRANÇA, 2008).

Quadro 11 - Produção Acadêmica sobre aposentadoria por área do conhecimento - Saúde

N <sup>o</sup>	GRANDE ÁREA	ÁREA	TIPO DE ESTUDO	TÉCNICAS E FERRAMENTAS	ANÁLISE DOS DADOS	ANO
1.	Ciências da Saúde	Enfermagem	Quantitativo	Exploratória Escala	Estatística descritiva e regressão linear simples e múltipla	2015
2.	Ciências da Saúde	Gerontologia	Misto	Entrevista semiestruturada, escalas, questionário.	Estatística descritiva Análises de Corpus Textuais.	2018
3.	Ciências da Saúde	Gerontologia	Quantitativo	Survey Escala Questionários	Estatística descritiva	2019
4.	Ciências da Saúde – Multidisciplinar	Gerontologia	Misto	Entrevistas Escala	Não expresso	2010
5.	Ciências da Saúde e Biológicas	Gerontologia	Qualitativo	Descritiva Estudo de caso Entrevistas Escala	Análise de Conteúdo	2019
6.	Ciências da Saúde – Multidisciplinar	Educação em Ciências:	Qualitativo	Psicodinâmica do trabalho Entrevistas coletivas	Análise de Núcleo de Sentido.	2016
7.	Ciências da Saúde – Multidisciplinar	Ensino em Saúde	Quantitativo	Escala Questionários	Estatística descritiva	2017
8.	Ciências da Saúde – Multidisciplinar	Gerontologia	Misto	Questionário (questões abertas) RV	Análise estatística Inferencial e descritiva Análise de Conteúdo	2019

Fonte: A autora

A maior produção nos últimos 11 anos (2009-2019) se deu na segunda metade do período, com 11 trabalhos até 2014 e 25 trabalhos de 2015 a 2019. Os estudos tiveram a abordagem qualitativa (20) em 56% dos trabalhos, a quantitativa (8) e a mista (8) em 22% das pesquisas, cada. As escalas foram utilizadas em 12 estudos, sendo, 7 de natureza quantitativa, 5 mistos e 1 qualitativo. Ressaltamos que apenas 2 estudos quantitativos (bibliográfico, estudo de caso) não utilizaram escalas como instrumento de construção de dados, destacando as áreas de Saúde (37%) e Psicologia (50%), com abordagem quantitativa, que fizeram uso da escala. As escalas também foram utilizadas em 63% dos estudos mistos (5).

Quadro 12 - Produção Acadêmica sobre a aposentadoria por área do conhecimento - Humanas

Nº	GRANDE ÁREA	ÁREA	TIPO DE ESTUDO	TÉCNICAS E FERRAMENTAS	ANÁLISE DOS DADOS	ANO
1.	Ciências Humanas	Educação	Qualitativo	Entrevista semiestruturada	Análise de conteúdo Bardin (2007)	2017
2.	Ciências Humanas	Educação	Qualitativo	Narrativa Sociocultural Entrevista narrativa	Abordagem narrativa sociocultural (BOLZAN, 2016).	2018
3.	Ciências Humanas	Educação	Qualitativo	Entrevistas Pesquisa documental	Análise de conteúdo Bardin (2007)	2019
4.	Ciências Humanas	Gerontologia	Qualitativo	Questionário Entrevistas	Não expresso	2014
5.	Ciências Humanas	Psicologia	Qualitativo	Entrevista semiestruturada e a elaboração de uma redação	Análise de Conteúdo	2009
6.	Ciências Humanas	Psicologia	Misto	Estudo longitudinal – Grupo focal	Análise de conteúdo Método JT – dados quantitativos	2012
7.	Ciências Humanas	Psicologia	Qualitativo	Descritiva exploratória, Entrevistas	Análise descritiva e de conteúdo.	2012
8.	Ciências Humanas	Psicologia	Qualitativo	Exploratória Documental Entrevistas	Análise de Conteúdo	2012
9.	Ciências Humanas	Psicologia	Misto	Quase-experimental Escalas Intervenções, entrevistas.	Análise estatística Inferencial Análise de Conteúdo Temática e Estrutural (Bardin, 1977).	2015
10.	Ciências Humanas	Psicologia	Quantitativo	Descritivo, transversal Escala Questionário	Análise de variância multivariada	2015
11.	Ciências Humanas	Psicologia	Misto	RV- Narrativa e Integrativa Escalas Entrevistas Questionários	Estatística não paramétrica e descritiva Análise de conteúdo	2016
12.	Ciências Humanas	Psicologia	Quantitativo	Scopus Iramuteq Estudos de casos múltiplos – Escalas; Questionários e Intervenções.	Lahlou CCC (Vilardaga, Hayes, Levin, & Muto, 2009)	2016
13.	Ciências Humanas	Psicologia	Quantitativo	Bibliográfica Descritiva	Estatística descritiva e inferencial	2017
14.	Ciências Humanas	Psicologia Social	Quantitativo	Estudo empírico Escalas Questionário	Estatística descritiva	2014
15.	Ciências Humanas	Sociologia	Qualitativo	Entrevistas	Hermenêutica Weller (2010)	2016
16.	Ciências Humanas	Teologia	Qualitativo	Bibliográfica	Não expresso	2018
17.	Ciências Humanas - Multidisciplinar	Sociais e Humanidades	Misto	Exploratória Questionário, Escalas Entrevistas	Análise estatística Descritiva Análise de Conteúdo	2017

Fonte: A autora

No tocante aos estudos qualitativos, houve uma dificuldade na descrição dos tipos de estudos promovidos, mesmo depois de lermos o método descrito no trabalho, porém conseguimos identificar que o estudo de caso (4) configurou 4% das pesquisas e foram utilizadas as entrevistas em 79% dos 21 trabalhos com abordagem qualitativa como estratégia de obtenção dos dados. Destacamos que quatro trabalhos de abordagem qualitativa foram documentais (4%) e 1 bibliográfico (1%).

Apesar dos estudos sobre o envelhecimento no Brasil datarem da década de 50, com a fundação da Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG) em 1961, percebemos que a ampliação da perspectiva “Envelhecimento ativo”, adotada pela OMS em 2002 - trazendo a vivência da velhice para além de aspectos biológicos, sobretudo no seu aspecto social e político -, possibilitou a participação pesquisadores em programas multidisciplinares de gerontologia com profissionais de outras áreas para além da carreira médica. Tal fato corrobora com o aumento de pesquisas na área de gerontologia a partir de 2014 (tabela 4), sendo este estudo dentro da grande área de Ciências Humanas, ao invés de Ciências da Saúde, área à qual usualmente os cursos de gerontologia estão vinculados.

Na tabela 3, percebemos que a política da OMS impactou uma década após seu surgimento nas pesquisas das pós-graduações. A compreensão ampliada do envelhecimento para além dos impactos da corporalidade possibilitou aos programas de gerontologia discutirem questões sociais e políticas, trazendo a aposentadoria como um interesse específico da área.

Também percebemos que o envelhecimento populacional trouxe impactos nas regras de aposentadoria, com crescimento de expectativa de vida das pessoas em situação de trabalho formal, o aumento no tempo em que os benefícios de aposentadoria deverão ser mantidos pelas previdências públicas. França (2008, p. 47) já alertava que mudanças seriam adotadas pelo Estado a fim de aumentar a idade mínima para a aposentadoria, requerendo da sociedade a reorganização do mundo do trabalho. No fim de 2019, esse alerta se materializou, apesar da ampliação da idade mínima para aposentadoria ter passado por diversas mudanças nos últimos governos (NAKODO; SAVOIA, 2008; FERNANDES *et al*, 2019), mas a maior mudança da previdência é, sem dúvida, a da Emenda Constitucional nº 103/19.

Os impactos das reformas da previdência no mundo do trabalho culminaram com o interesse das áreas de Psicologia e Administração em estudar o fenômeno da aposentadoria e seus impactos na vida das pessoas em trabalho formal. Outro fator que ampliou o interesse da aposentadoria no que tange aos Programas de Preparação para Aposentadoria (PPA), mais

especificamente no serviço público, deu-se pela Portaria nº 1.261/2010, da Secretaria de Recursos Humanos do extinto Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, que incentiva a criação de PPAs, o que aponta para o interesse de analisá-los nas Autarquias e Organizações Públicas do Governo Federal. Desse modo, houve repercussão no meio acadêmico com a ampliação do número de pesquisas após 2014, se considerarmos o tempo de seleção, curso e finalização das pesquisas.

Assim, a publicação da Política da OMS sobre o envelhecimento ativo, as recomendações ministeriais sobre a implantação de PPAs e as reformas da Previdência efetivadas no Brasil influenciaram as pesquisas sobre a aposentadoria, com o viés de preparo para a vivência desse fenômeno, principalmente na esfera do serviço público federal.

Quadro 13 - Produção Acadêmica sobre a aposentadoria por área do conhecimento – Ciências Sociais Aplicadas

Nº	GRANDE ÁREA	ÁREA	TIPO DE ESTUDO	TÉCNICAS E FERRAMENTAS	ANÁLISE DOS DADOS	ANO
1.	Ciências Sociais Aplicadas	Administração	Misto	Exploratório Entrevistas	Não exposto	2013
2.	Ciências Sociais Aplicadas	Administração	Qualitativo	Estudo de caso	Análise de conteúdo Bardin (2007)	2016
3.	Ciências Sociais Aplicadas	Administração	Qualitativo	Estudo de caso	Análise de conteúdo	2018
4.	Ciências Sociais Aplicadas	Administração	Qualitativo	Descritiva Entrevistas em profundidade	Análise de Conteúdo	2018
5.	Ciências Sociais Aplicadas	Administração	Qualitativo	Bibliográfica e estudo de caso	Análise de Conteúdo (Bardin)	2019
6.	Ciências Sociais Aplicadas	Administração Pública	Qualitativo	Entrevistas	Análise de Conteúdo	2017
7.	Ciências Sociais Aplicadas	Administração Pública	Qualitativo	Descritiva exploratória Documental	Não exposto	2019
8.	Ciências Sociais Aplicadas	Serviço Social	Qualitativo	Entrevistas	Análise do discurso Patrick Chareudeau	2011
9.	Ciências Sociais Aplicadas	Serviço Social	Qualitativo	Entrevista e questionário	Método dialético	2016
10.	Ciências Sociais Aplicadas – Multidisciplinar	Engenharia/ Tecnologia/ Gestão	Qualitativo	Questionários Entrevistas	Não exposto	2017
11.	Ciências Sociais - Aplicadas Multidisciplinar	Interdisciplinar Administração	Quantitativo	Descritiva documental Estudo de caso	Não exposto (tabulação em Excel)	2011

Fonte: A autora

No tocante ao tipo de análise, do total dos 36 trabalhos, 7 (19%) não apresentaram claramente qual a forma de análise, sendo 2 de estudos mistos, 1 quantitativo, 5 qualitativos, dos quais um é bibliográfico e outro documental. No mais, a análise de conteúdo (11)

predominou em 52% dos trabalhos, sendo 1 trabalho de cada tipo de análise: Sociocultural (Bolzan), Núcleo de sentido, Análise do discurso (Patrick Charedeau), Materialismo Dialético e Hermenêutica (Weller). Nos trabalhos de abordagem mista, 5 também dispuseram da análise de conteúdo, sendo 55% dos trabalhos, excetuando aqueles que descreveram de forma pouco clara sua metodologia de análise.

Diante dessa descrição inicial, podemos compreender que a aposentadoria enquanto objeto de educação/preparação para o futuro tem sido uma preocupação de psicólogos e administradores, uma vez que 53% dos estudos dos programas estão vinculados às áreas de Psicologia e Administração.

Neste sentido, complementaremos nossa discussão por meio da análise dos artigos, que compõem o estudo proposto com os textos selecionados, os quais apresentaram estudos qualitativos (41%), quantitativos (25%), de revisão de literatura (12%), estudos teóricos (12%), relato de experiência (4%) e mistos (6%). Considerando as regiões do Brasil, o eixo Sul (37,25%) e Sudeste (37,25%) detém quase a totalidade de publicações sobre essa temática, com 1 artigo (2%) de dupla autoria de professoras da Universidade Salgado Filho (RJ) e da UFSC. Houve 2 publicações de pesquisadores estrangeiros (3,92%). Não houve publicações de pesquisadores da região Norte. As demais regiões, Nordeste (7,84%) e Centro-Oeste (13,73%), constam com apenas 4 e 7 publicações, respectivamente.

Percebemos aqui que há um padrão de publicação dos artigos, assemelhando-se ao número de pesquisas *strictu sensu* realizadas. Como consequência, as publicações são das mesmas regiões onde há o maior número de pesquisas afeitas ao tema. Vale destacar que o *corpus* dos artigos foi mais amplo para explorar mais o tema. Mesmo assim, evidencia a tímida expressão do tema nas demais regiões fora do eixo sul-sudeste.

As áreas de formação dos pesquisadores são: Psicologia, Economia, Medicina, Sociologia, Administração e Pedagogia, porém a Psicologia (83%) tem maior número de pesquisadores. Compreendemos que o elevado número de pesquisadores serem psicólogos é decorrente do fato de que a formação desses profissionais se dá de maneira ampla, voltada para

[...] os processos de orientação e aconselhamento, que envolvem, em diferentes contextos de trabalho, intervenções que, embasadas em diagnósticos específicos, ofereçam suporte a indivíduos e grupos para tomadas de decisões críticas para o seu crescimento e para o desenvolvimento pessoal ou profissional (BRASIL, 2019).

Destacamos que utilizamos a classificação da formação pela autoria principal do artigo, sendo seis artigos de autoria única (12%), 27 de dupla autoria (53%) e 18 com três ou mais autores (35%). Percebemos que o campo de pesquisa da aposentaria possui uma hegemonia no tocante às pesquisas ligadas à área de Psicologia, o que se reflete nas revistas especializadas da área, com maior número de publicações, excetuando 2 da área de Saúde, como podemos ver no Quadro 9.

De forma análoga ao que aconteceu com as teses e dissertações, a concentração em revistas da área de Psicologia está relacionada à formação inicial dos pesquisadores, uma vez que, mesmo em programas de Ciências Aplicadas ou da Saúde, há predominância de pesquisadores psicólogos.

Quadro 14 - Revistas com maior publicação de artigos

Revista	Vinculação	Número publicações
Aletheia	Curso de Psicologia e pelo Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde - ULBRA	2
Cadernos de Psicologia	Sociedade Brasileira de Psicologia	2
Ciência & Saúde Coletiva	ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva	2
Pensando Famílias	DOMUS - Centro de Terapia de Casal e Família	2
Psicologia: Reflexão e Crítica	Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2
Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia – RBGG	UERJ	4
Revista Brasileira de Orientação Profissional	Associação Brasileira de Orientação Profissional	7
Revista Psicologia: Organizações e Trabalho	Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho (SBPOT)	7
		28

Fonte: A autora

A produção científica foi maior no período de 2010 a 2019 com 38 (75%) artigos publicados, e apenas 13 (25%) até 2009, o que demonstra o crescimento quanto ao interesse de investigar o fenômeno da aposentadoria, porém não como uma área de desenvolvimento formal da educação de adultos maduros, mas como uma área de intervenção da Psicologia do Trabalho ou Social, ou como uma ação derivada do envelhecimento. Tal situação ratifica a constatação realizada anteriormente quanto às teses e dissertações.

Percebemos que os Programas de Educação não estão atentos a esse campo de pesquisa, uma vez que apenas 3 estudos estão vinculados a Programas de pós-graduação em Educação até 2018; voltados para a percepção do bem-estar de servidores técnicos administrativos em educação (LIMA, 2017) e da investigação acerca de professores de

Universidades Públicas que postergam o usufruto do direito de se aposentar (CABRAL, 2019) e que retornam ao magistério como voluntários após a aposentadoria (RHODEN, 2018). Percebemos que os Programas de pós-graduação ainda podem investir mais no campo da Educação para Aposentadoria, como fruto de discussões da “Educação e Trabalho”.

Em que pese o recorte desta pesquisa - que focaliza as pessoas servidoras públicas federais de universidades e do INSS, bem como as pessoas professoras universitárias de IES públicas -, ainda há um campo inexplorado pela Educação, uma vez que servidores são pessoas que passam pelas mesmas precarizações do mundo do trabalho, cuja aposentadoria pode ser tão irrefletida como em relação aos/às demais trabalhadores . A contribuição deste trabalho é deixar uma provocação à Educação, enquanto área do saber, evidenciando que espaços existem para problematizar a EPA como um campo da educação do e no trabalho.

Para a Psicologia, a EPA configura-se como um campo de intervenção para ajustes e cuidados à aposentadoria. Ao tentar problematizar de forma mais profunda, no tocante ao sentido de vida e das percepções de espiritualidade, nosso estudo tenta sair da esfera do ajuste para a um processo multidimensional da percepção da aposentadoria.

## 5.2 A PERSPECTIVA INTEGRAL DA APOSENTADORIA: UMA APROXIMAÇÃO

O desafio que assumimos com essa pesquisa foi trazer um olhar ampliado da questão da educação para aposentadoria dentro da perspectiva da integralidade. A primeira análise já aponta que não há produção de “EPA” a ponto de constituí-la como uma zona de interesse, quiçá um campo de pesquisa. Há iniciativas de apontar caminhos para que o indivíduo desenvolva ajustes à transição para a aposentadoria, pensando o fenômeno, mas a EPA ainda tem produções incipientes.

Apresentar a EPA numa perspectiva transpessoal perpassa por ir além de ajustamentos puros e simples à vida sem o trabalho, mas em questionar a centralidade do trabalho como promotora de desvios de sentidos de existência à parte significativa das pessoas. O investimento em EPA nas organizações pode colaborar para desenvolver recursos intrapessoais e interpessoais das pessoas as quais, comprometidas com o seu desenvolvimento integral, atingirão os resultados sociais esperados pelo seu trabalho ao longo da carreira, com condições de estabelecer relação segura e saudável com seu término. Para tanto, realizamos um estudo através da análise temática dos resumos de teses, dissertações e artigos com o auxílio do IRAMUTEQ, o qual trouxe a elucidação de 4 categorias centrais de análise.

Na figura 1, o *corpus* foi dividido em dois eixos, as Classes 1 e 3; e as Classe 2 e 4. O eixo 1 trata da parte subjetiva da percepção das aposentadorias, apontando os estudos voltados para o sujeito que se aposenta enquanto uma pessoa que reconhece e sofre o processo de envelhecimento e da identidade profissional de pessoas aposentadas do serviço público federal. Nesta perspectiva, nomeamos as classes como: 1. Aposentadoria- impactos subjetivos e 3. Aposentadoria – comportamentos profissionais. Esse eixo marca como a aposentadoria é percebida internamente pelo sujeito em processo de aposentadoria, sua percepção intrapessoal.

Já o segundo eixo traz as relações estabelecidas a partir do processo do aposentar-se, uma vez que demonstra o processo interventivo das organizações na aposentadoria de seus/suas trabalhadores e a análise da organização da vida na aposentadoria. Nesse sentido, nomeamos o eixo 2 como Relações na aposentadoria, sendo a classe 2. Aposentadoria - Relações intersubjetivas e classe 4. Aposentadoria - Relações Interobjetivas.



Em suma, a nossa interpretação dos dois eixos explicita as relações do sujeito com a aposentadoria: numa perspectiva Intrapessoal, Interpessoal e Interobjetiva (relação com as

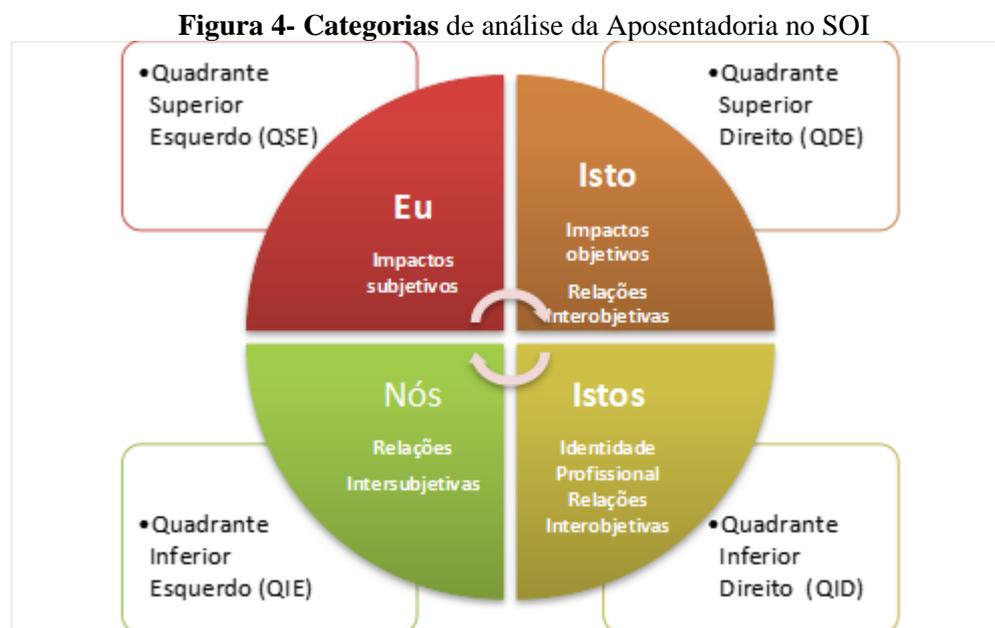
organizações de forma geral: empresas, estudos parametrizados, sistema legal, organizações sociais etc.).

Quadro 15 - Análise geral das categorias da Revisão da Literatura sobre a Aposentadoria

Ordem	Eixo	Classe no dendograma	Categoria
1.	Relação Intrapessoal	Classe 1	Aposentadoria - Impactos subjetivos e objetivos
2.	Relação Intrapessoal	Classe 3	Aposentadoria - Identidade profissional
3.	Relações na aposentadoria	Classe 2	Aposentadoria - Relações intersubjetivas
4.	Relações na aposentadoria	Classe 4	Aposentadoria - Relações interobjetivas

Fonte: A autora

Os eixos podem ser divididos na perspectiva interna (Relações intrapessoais) e na perspectiva externa (Relações Interpessoais e Interobjetivas). No tocante às categorias, podemos destacar que a categoria **Aposentadoria - Impactos subjetivos e objetivos** refere-se ao EU e ISTO. O NÓS agrupa a categoria **Aposentadoria - Relações intersubjetivas**. A categoria **Aposentadoria - Relações Interobjetivas** transitam pelos quadrantes ISTO e ISTOS. Por último, a categoria **Aposentadoria – Identidade Profissional** está enquadrada no quadrante ISTOS. Para um melhor entendimento, dispomos a forma gráfica a seguir



Fonte: A autora, adaptado de Wilber (2007).

A aposentadoria possibilita uma reflexão sobre a trajetória profissional do sujeito, de modo que traz impactos em sua subjetividade. Não por acaso, a categoria **Aposentadoria – Impactos subjetivos e objetivos** foi a de maior volume de aglutinação lexical (33,9%).



1: velhice. Observa-se que esse tema reverbera na compreensão da corporalidade da pessoa que se aposenta com seu viés comportamental e objetivo e, portanto, essa primeira categoria transita pelos quadrantes EU e ISTOS, ora a aposentadoria é vista por sua percepção subjetiva, ora por sua percepção objetiva nas características da fase adulta tardia.

Percebemos como a construção do fenômeno da aposentadoria a partir da associação à velhice tem impacto na subjetividade do sujeito que se aposenta, como apontam os estudos de postergação da aposentadoria do *corpus* em questão (SOUZA, 2019; CABRAL, 2019, RHODEN, 2018). Adiar a aposentadoria traz uma sensação de estar em produtividade e, assim, manter-se jovem. A imagem de si como inadequado torna a velhice marcante no processo de aposentadoria e traz medos e frustrações.

A percepção do envelhecimento ligado a uma imagem corporal associada a mudanças corporais parece traduzir bem o momento histórico em que vivem esses entrevistados. Ou seja, aprisionados pela cultura do corpo, se deparam com padrões estéticos inacabáveis colocados por um “ego ideal”, resultando numa insatisfação crônica com o próprio corpo. [...] Por outro lado, apontar o envelhecimento como algo positivo parece contrastar com a cultura contemporânea em que o sujeito é quase que proibido envelhecer, sendo isso visto quase que como algo vergonhoso. [...] Esta neutralidade em se posicionar pode estar relacionada com a violência exercida pelo discurso que exalta a juventude e a produtividade [...] (MOREIRA; SILVA, 2013, p. 141).

Decidir sobre se aposentar ou não sugere ao sujeito aceitar sua condição de pessoa envelhecida, que pode trazer postergação ou negação de usufruto desse direito. Diante disso, uma EPA que se destine a ser espiritual precisará problematizar essa noção de normatização dos corpos do trabalhador e da trabalhadora, pois a dimensão espiritual possibilita “[...] superar obstáculos existenciais, apresentar níveis cada vez maiores de saúde psicossomática e bem-estar” (SILVA, 2018, p. 48). A multidimensionalidade humana permite problematizar a percepção de si focada no corpo físico, como se as emoções, a intelectualidade e o aprimoramento espiritual tivessem menos valor em relação ao vigor físico perdido com a velhice. Nesse ponto, o princípio da equiprimacia (FERRER, 2017) é fundamental para proporcionar à pessoa em processo de aposentadoria reflexões que permitam uma valorização equânime de todos os atributos humanos, permitindo conviver com a sensação de perdas que a velhice possa proporcionar.

O aposentar-se representa dispor de mais tempo livre, não regulado pelo trabalho, como se a pessoa retomasse sua vida. Essa é a palavra que se destaca na árvore de similitude e se associa à categoria **Aposentadoria - Relações Intersubjetivas**. As pesquisas trazem a preparação para a aposentadoria com o desfrutar a vida com qualidade.

A percepção que os garis têm da aposentadoria pode ser traduzida como um possível recomeço, focada nos relacionamentos e nas atividades realizadas com cônjuges, filhos e comunidade. A família tem lugar de destaque nos seus projetos, quer continuem trabalhando ou se aposentem definitivamente. Os resultados confirmam os estudos anteriores sobre a importância das relações familiares para o bem-estar na aposentadoria (FRANÇA, MENEZES, SIQUEIRA, 2012, p. 742).

Os estudos que se interessam pela qualidade de vida na aposentadoria trazem o interesse de investigar como as relações sociais influenciam no bem-estar do sujeito aposentado ou prestes a isso, com lentes para sua relação com a família, a cultura e o lazer (ócio).

Os aposentados pesquisados percebem e vivem a aposentadoria de uma forma prazerosa, por “estarem liberados” das obrigações profissionais rotineiras, dos horários, o que lhes possibilita lançar-se em novas atividades, investir mais no relacionamento familiar e levar um estilo de vida mais relaxado e com autonomia. A tarefa de ser avô cuidador agora é negociada com os filhos, em vista das suas atividades de lazer (AZEVEDO, CARVALHO, 2006, p. 80).

Os *fatores de proteção* à aposentadoria (LEANDRO-FRANÇA; MURTA, 2014) trazem a perspectiva do estabelecimento de uma rede social positiva (família, amigos, voluntariado, associações etc.) pela pessoa em processo de aposentadoria, com vistas ao estabelecimento de relações interpessoais saudáveis que ocupem o tempo no pós-carreira. Nesse viés, percebemos que a abordagem participativa contribui para pensarmos uma EPA cocriativa interpessoal (FERRER, 2017), cuja ação no mundo, em qualquer fase do desenvolvimento humano, perpassa pela relação com os outros, sejam os outros mais próximos à família (NÓS), sejam outros as diversas configurações sociais (ISTOS) em que a pessoa aposentada possa se envolver.

O estudo de Macedo (2018, p. 16) trouxe a percepção de pessoas servidoras públicas federais sobre o lazer e sua relação com a qualidade de vida na aposentaria, cuja conclusão evidenciou que quanto maior o investimento em lazer maior a percepção de uma vida de qualidade na aposentadoria, pois possibilita o “[...] reestabelecimento das forças de trabalho, equalização das perdas da aposentadoria, maior bem-estar psicológico, mais tranquilidade e prazer, e potencialização das relações familiares”. Desse modo, sua pesquisa incentiva que o PPA da instituição pesquisada utilize as estratégias de lazer e que sua prática, segundo os participantes do estudo, também dá sentido à vida. Esta pesquisa traz mais um indício de que o princípio da equiprimacia dá acesso a um modo de vida no qual há espaço para o lazer como

uma forma de expressão estética, imaginal e emocional que trazem prazer à vida da pessoa aposentada.

Outro fator que potencializa a **Aposentadoria - Relações intersubjetivas** é o desenvolvimento da resiliência pela pessoa que se aposenta. Campos (2017), através de um estudo misto, aplicou uma escala de resiliência aos participantes de PPA de uma empresa. Uma das contribuições desse estudo perpassa pela compreensão de que o desenvolvimento de valores espirituais, como a resiliência, permite que a subjetividade da pessoa aposentada não seja aplacada pela ideia pejorativa da velhice. Nesse sentido, a cocriação transpessoal abre espaço para a pessoa aposentada se relacionar com sua ideia de sagrado, com o mistério não determinado, cocriada ao longo de sua trajetória de vida e, assim, trazer elementos para dar sentido à vida na fase do desenvolvimento em que, inexoravelmente, haverá perdas.

Verifica-se ainda que os fatores predominantes nos depoimentos estão direta ou indiretamente relacionados às seguintes questões: ter saúde, um sentido para vida e o uso constante dos recursos intelectuais, emocionais e sociais. Ressalta-se que esses aspectos e ações contribuem para o envelhecimento bem-sucedido (CAMPOS, 2015, p. 148-149).

Camarano (2016) destaca que a velhice foi retardada pelos avanços tecnológicos na medicina, pelas políticas públicas, como o Estatuto do Idoso, porém reconhece que esse aspecto tardio não é vivido de forma igualitária por toda a sociedade, tornando a população idosa mais heterogênea. Nessa perspectiva, compreende que não há uma velhice, mas velhices, uma vez que o ato de envelhecer acontece numa “pluralidade de culturas, grupos, interações de experiências, existências no mundo-vida de cada pessoa envelhecete” (FRANCILEUDO, 2018, p. 39). Uma EPA integralmente direcionada com o princípio da equipotencialidade está comprometida com o fator singular de cada ser que envelhece aliado ao sentido de justiça social, pois não basta apenas reconhecer que cada ser humano é único e digno, mas criar condições materiais para que as velhices sejam vivenciadas sem abismos entre os que podem vivê-la na integralidade e àqueles que têm suas potencialidades aplacadas por falta de acesso à renda e aos bens públicos de saúde, educação e lazer.

Modificar a percepção da velhice é algo com que a perspectiva transpessoal da EPA pode contribuir, ao deslocar a percepção da aposentadoria do foco do trabalho como algo que confere *status* social e normaliza o Ser como produtivo para o trabalho que traz sentido à vida. Desse modo, a percepção da passagem do tempo e do envelhecimento não será a degradação do corpo produtor ou do sujeito senil que não acompanha as tecnologias, mas do Ser que viveu experiências que são imensuráveis, como defende Frankl (2017, p. 136):

No passado, nada fica irremediavelmente perdido, mas, ao contrário, tudo é irreversivelmente estocado e entesourado. Sem dúvida, as pessoas tendem a ver somente os campos desnudos da transitoriedade, mas ignoram e esquecem os celeiros repletos do passado, em que mantêm guardada a colheita das suas vidas: as ações feitas, os amores amados e, não menos importantes, os sofrimentos enfrentados com coragem e dignidade. A partir disso se pode ver que não há razão para ter pena de pessoas velhas. Em vez disso, as pessoas jovens deveriam invejá-las. É verdade que os velhos já não têm oportunidades nem possibilidades no futuro. Mas eles têm mais do que isso. Em vez de possibilidades no futuro, eles têm realidades no passado – as potencialidades que efetivaram os sentidos que realizaram, os valores que viveram - e nada nem ninguém pode remover jamais seu patrimônio do passado.

Dar sentido à vida é uma tarefa que acompanha toda a existência humana e que está para além das condições objetivas de vida, de modo que se aposentar na velhice pode não ser um fardo desde, que essa compreensão de sentido de vida esteja desenvolvida pelo sujeito. Não advogamos que se deve ter um conformismo com situações degradantes de aposentadorias pífias que não conferem condições de dignidade, mas que a procura do ser ao invés do ter venha a se tornar um valor balizador da pessoa, o qual possibilita ter mais satisfação com a vida que envelhece, não estando atrelada aos padrões de produtividade contemporâneos. Assim, a tarefa pedagógica da EPA passa pela intencionalidade e comprometimento em proporcionar espaços de autorreflexão para que as pessoas que estejam nos programas de PPA tenham espaço de inquirir sobre o sentido de suas vidas.

Note-se que nosso trabalho, ao eleger pessoas do serviço público federal, traz uma faixa econômica mais abastada do que a média da população brasileira. Poderíamos inferir, portanto, que as questões ligadas à sobrevivência estariam mais equalizadas. Todavia, Bressan (2011) pesquisou a significação do trabalho para servidores (Técnico-Administrativos e Professores) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), a partir da percepção das perdas diante da aposentadoria e dos fatores de bem-estar, com vistas a subsidiar o PPA daquela instituição. No caso específico desse estudo, o bem-estar está associado à dimensão *fatores de risco e sobrevivência* (LEANDRO-FRANÇA; MURTA, 2014): saúde e finanças. Vamos trazer essa comparação aos dados por nós construídos nas próximas seções, mas o que essa análise nos leva a refletir é que as relações interpessoais ainda são pautadas por questões muito objetivas, quando da garantia da sobrevivência e manutenção da saúde, trazendo um paralelo à percepção de Zanelli (2017) de cuidar das finanças e da saúde para desfrutar do tempo das relações sociais: família, amigos e lazer. Cabe, então, indagar se as ações de EPA têm trazido reflexões acerca do sentido de vida das trabalhadoras e dos trabalhadores.

Verificamos que as pesquisas que tratam das relações intersubjetivas procuram trazer reflexões acerca de como a vida se organiza na aposentadoria, sendo potencializadas pela rede de relações estabelecidas. Percebemos que há uma dinamicidade entre os eixos e, por consequência, entre os quadrantes do SOI. Apesar de um determinado estudo estar mais voltado para o quadrante interno singular, este mesmo estudo pode trazer elementos do quadrante plural, ou até os quadrantes externos.

No quadrante ISTOS, ficaram as categorias **Aposentadoria - Identidade Profissional** e **Aposentadoria - Relações Interobjetivas**. Esta última categoria apresenta também pesquisas que se destacam pela investigação do comportamento humano ante o processo de aposentadoria vinculado aos estudos de intervenção em programas de preparação para aposentadoria. Nesse sentido, a **Aposentadoria - Relações Interobjetivas** também está presente no quadrante externo singular, o ISTO.

Como exemplos, citamos uma tese e uma dissertação que investigaram os efeitos de PPA por estudos de intervenção e *follow-up* de grupos que participaram em estudos quase-experimentais com abordagem mista a partir das intervenções, que ora aponta para o comportamento ante a aposentadoria, ora avalia o processo de forma global na instituição. Leandro-França (2012, 2016) fez uma proposta de intervenção em grupos de PPA e avaliou seus efeitos aplicando-os numa universidade pública.

Por fim, outra colaboração científica deste estudo são os resultados de impacto (em termos de mudança comportamental) de três programas de preparação para a aposentadoria usando os estágios do Modelo Transteórico de Mudança. Este modelo fornece *insights* sobre os estágios de mudança de comportamento e sobre como o processo de mudança ocorre. O conhecimento deste processo pode ser útil aos facilitadores de programas de preparação para aposentadoria no auxílio aos trabalhadores quanto à gestão dos últimos anos de suas carreiras (LEANDRO-FRANÇA, 2016, p. 256).

Ao longo de 8 anos de investigação do tema, a autora também divulgou os resultados de sua pesquisa nas revistas brasileiras através de publicações de artigos, tendo autoria principal em 4 deles (LEANDRO-FRANÇA *et al* 2013; LEANDRO-FRANÇA; MURTA, VILLA, 2014; LEANDRO-FRANÇA; MURTA; IGLESIAS, 2014; LEANDRO-FRANÇA; IGLESIAS; MURTA, 2018) e coparticipação em outro artigo sobre avaliação de impactos de cursos de EPA (SEIDL; LEANDRO-FRANÇA; MURTA, 2018). Podemos verificar que seus estudos tiveram grande influência sobre o *corpus* expresso na árvore de similitude nas

palavras estudo e programa. Quando fazemos o contraponto com o dendograma (figura 4), percebemos que a categoria **Aposentadoria- Relações Interobjetivas** inicia-se com a palavra intervenção, seguida das palavras instrumento, avaliação e breve, o que remonta às contribuições de Leandro-França (2016) para avaliação e aprimoramento de PPAs no Brasil.

A **Aposentadoria – Identidade Profissional** apresentou um número significativo de estudos com foco em PPAs de Universidades e Instituições Federais de Ensino Superior, trazendo à discussão a perspectiva dos servidores dessas instituições no tocante à aposentadoria. Quando observamos esta categoria, percebemos que ela é uma derivação da palavra estudo, pelo destaque na palavra servidor na árvore de similitude (figura 6). Dessa feita, as palavras programa, estudo e servidor remontam em pesquisas diferentes do PPA, ora em sua estrutura macro - enquanto estruturação de um programa ou intervenção (ISTOS) -, ora na investigação de mudança de comportamentos dos participantes através de escalas de avaliação (ISTO), evidenciando a interrelação entre as categorias **Identidade Profissional e Relações interobjetivas** no quadrante ISTOS.

Também conforme o objetivo proposto pela presente pesquisa, um dos aspectos a serem sugeridos à Instituição é o desenvolvimento de um programa de preparação para o pós-carreira como uma política de desenvolvimento humano. Um programa de preparação para o pós-carreira é uma tentativa de levar o servidor a discutir e pensar alternativas de atividades para um melhor enfrentamento após a sua aposentadoria, no sentido mais pleno agregando um processo de reconhecimento e validação de quem foi o servidor e como foi sua carreira, não da maneira tradicional e formal por meio de reunião, presentes ou festa de despedida, mas, como parte essencial que acompanha todo o processo de preparação para o pós-carreira (CRUZ, 2011, p. 92, grifo nosso).

O autor do trecho acima investigou os fatores que geram o adiamento da tomada de decisão para a aposentadoria de uma autarquia federal de pesquisa. Percebemos que uma das contribuições de sua pesquisa foi o quanto a valorização da identidade do “servidor público” foi importante para os sujeitos participantes do estudo, uma vez que houve receio destes em serem esquecidos após a aposentadoria. Por esse motivo, essa pesquisa se enquadrou na categoria **Aposentadoria - Identidade profissional**.

Venturini (2013) traz uma proposta de investigação semelhante com os servidores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em que investigou a percepção da aposentadoria de técnicos-administrativos para promover a melhoria do programa de preparação a para aposentadoria daquela instituição, denominado “Transformar o Hoje”. A autora é técnica-administrativa da UFSM, sua pesquisa visa contribuir com a melhoria do

PPA, no qual desempenha suas atividades profissionais. As pesquisas que investigam os PPAs ou as percepções de aposentadoria cujos pesquisadores são servidores das instituições pesquisadas foram recorrentes (SILVA, 2018b; PARREIRA, 2017; LIMA, 2017; LARA, 2017; COSTA; 2014). Todas estão relacionadas na classe 3 do dendograma (figura 4), categoria **Aposentadoria - Identidade profissional**. Neste sentido, apesar das pesquisas procurarem os significados da aposentadoria, a vinculação profissional sobressai nos resumos de seus trabalhos, reforçada pelas palavras da árvore de similitude (servidor, instituição, pública, federal, universidade), marcam sua relação com a representação social da ocupação de servidor público federal .

Fonseca (2019), servidora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), trouxe, em seu estudo, uma abordagem mais abrangente ao pesquisar acerca dos PPA nos Planos de Desenvolvimento Institucional – PDI das Universidades Públicas Federais (63). Seu interesse de pesquisa perpassou por levantar as ações que as Universidades públicas estavam promovendo para preparação de seus/suas respectivos servidores para a aposentadoria, dentro da perspectiva da responsabilidade social dessas instituições.

Os principais sensibilizados por esses programas, os servidores públicos federais, contam com a estabilidade proporcionada por cargos públicos, e possuem regime previdenciário próprio. Nesse sentido há que se levar em consideração que muitos desses servidores iniciaram suas carreiras ou grande parte dela dentro dessas instituições. Esse vínculo estabelecido aos longos dos anos de dedicação ao serviço público nas universidades acaba sendo associado a sua identidade e ao seu *status* pessoal. Assim, os programas que oportunizam reflexão e preparação para a aposentadoria podem servir de instrumentos facilitadores para seu desligamento laboral. [...] Esta investigação revela que as universidades públicas de ensino superior reconhecem a importância do tema, mas ainda são tímidas as leis, orientações e normativas que subsidiam os gestores públicos a desenvolver práticas institucionais relativas a esse tema (FONSECA<sup>29</sup>, 2019, p. 92-93, grifo nosso).

Levantar a vinculação profissional dos pesquisadores foi importante para compreender como a categoria foi estruturada de forma a sobressair na aglutinação lexical do *software* a questão da identidade profissional: servidor público federal. Reforça a ideia de que a ciência não é neutra, mas uma construção a partir da intencionalidade do/a pesquisador.

---

<sup>29</sup> De acordo com Fonseca (2019) a UFPE não apresentou PPA apesar de constar em seu PDI (2014-2018) o “*Objetivo Estratégico: Promover programa de preparação dos servidores para aposentadoria*”, dado importante para nosso estudo.

O ser humano (construtor) constrói sua realidade no mundo “objetivo” a partir da interação com as informações, os contextos, os ambientes, as situações e outros construtores (nem todos eles talvez concordam), usando um processo que está enraizado na experiência anterior, nos sistemas de crenças e valores, nos medos, nos preconceitos, nas esperanças, nas frustrações e nas conquistas do construtor (GUBA, LINCON, 2011 p. 159-160).

Como pesquisadores vinculados a IES públicas, é natural que seus esforços estejam voltados a fazer com que suas pesquisas contribuam para a melhoria de situações objetivas e subjetivas de suas respectivas organizações, finalidade também desta pesquisa. Além disso, a qualificação por meio de cursos em programas de pós-graduação reflete em suas remunerações, conforme expresso na Lei 11.091/2005. NesTe sentido, a identidade profissional sobressaiu nos resumos, o que caracteriza um limite do método de pesquisa ao passo que a utilização dessa ferramenta possibilitou um agrupamento inusitado ante as nossas próprias construções, revelando percepções não esperadas pela pesquisadora.

Caminhando para finalização dessa seção, refletimos que a procura de sentido de vida quando a aposentadoria chega é um repensar do sentido do trabalho. Frankl (2017) reflete que “o para quê viver?” traz um sentido de vida, de modo que o trabalho pode assumir esse sentido, mas será que o trabalho é o único? Wilber (2007, p. 37) compreende que “parte da sabedoria integral consiste em descobrir no que somos melhores e, com isso, oferecer ao mundo nossos dons mais profundos”, de modo que a descoberta da pessoa que se aposenta a respeito de qual outro fazer pode continuar a realizar contribui para dar sentido à vida.

Pesquisar numa abordagem transpessoal pressupõe que todos os aspectos singulares e plurais de um fenômeno sejam considerados. A complexidade da aposentadoria inicia-se na tomada de decisão por sair do palco do trabalho formal, exigindo do sujeito o conhecimento intrapessoal: o EU. Contudo, o tempo livre que terá disponível implicará uma ressignificação de sua vida a partir das relações sociais que estabelece entre si e outros sujeitos (família, cultura), o NÓS, e entre este e a organização social, o ISTOS, num processo enativo de cocriação. Nessa perspectiva, trazemos a figura 6 para ilustrar como percebemos a confluência entre a perspectiva integral dos quadrantes do SOI e a perspectiva transpessoal participativa dentro da revisão da literatura sobre a aposentadoria.

Figura 6 – Giro cocriativo nos quadrantes do SOI



Fonte: A autora

O processo de cocriação intrapessoal, interpessoal e transpessoal acontece de forma circular nos quadrantes do SOI, uma vez que acreditamos que são processos enativos que acompanham a vida, mesmo sem a consciência da pessoa. Nesses processos de cocriação, há aspectos que são de ordens pessoal, social e cultural (WILBER, 2007), bem como de ordens mais sutis (FERRER, 2017, p. 25) como “[...] motivos cosmológicos, configurações arquetípicas, visões e estados místicos” a depender do espaço de abertura que a pessoa possui.

O diálogo intrapessoal permite que o sujeito em aposentação possa olhar para si e perceber quais aspirações ainda podem ser realizadas; o que esteticamente o motiva; como sua identidade forjada no e pelo trabalho pode transcender essa percepção de utilidade a que “os outros” dizem de si. Francileudo (2018) destaca que a contribuição do pensamento de Frankl está no convite ao ser humano em assumir ou não a própria vida, em se perceber entre uma existência autêntica e inautêntica.

A associação da aposentadoria à velhice é um estigma que ronda as pessoas que se aposentarão. Uma postura generativa de vida em que sentidos de vida podem ser reconfigurados a todo o momento exige do sujeito uma postura transpessoal, quando deslocamos o valor da existência do papel que desempenhamos ante os valores hodiernos de juventude e poder, mas “[...] relaciona-se com o que fazemos para tornar a vida plena não de

títulos, mas de sentido, com o que fazemos para cultivar não nossos papéis, mas a capacidade de criar vínculos afetivos” (FERREIRA; SILVA, 2016, p. 82).

Nessa perspectiva, a EPA procura refletir sobre o retorno da pessoa ao ambiente familiar e como a qualidade desses vínculos afetivos se encontram na fase da aposentadoria. Essa é a experiência do NÓS, de como essa realidade pode ser vivenciada de forma coletiva, com toda a influência cultural que as trocas intersubjetivas proporcionam.

Como forma de estudo do *corpus*, a EPA procura lentes objetivas para investigar as relações intrapessoais e interpessoais na aposentadoria, trazendo as escalas e intervenções, com a finalidade de aprimorar essa transição, permitindo que o sujeito possa estar mais ajustado a essa fase da vida. Estamos, assim, tratando do ISTO de forma singular e plural. Esses estudos dão elementos para que o EU como promotor de sentido de vida possa tomar as melhores decisões, seja o EU (servidor) que está em processo de aposentadoria, seja o ISTOS (gestores ou equipe técnica) responsável para dar forma aos PPAs. O ISTO se revela nas ações das pessoas em processo de aposentadoria em cuidar de seus comportamentos para a adoção de um estilo de vida que promova bem-estar, sendo um reflexo observável de suas respectivas subjetividades.

Essa percepção da EPA enquanto um estudo dinâmico das esferas da integralidade (EU, ISTO e NÓS) permite que a tarefa pedagógica destinada ao sujeito que trabalha proporcione a esse indivíduo em fase de aposentação encarar a sua vida como um binômio liberdade-responsabilidade, de modo que, mesmo nos limites da vida objetiva, faça suas escolhas entendendo que não é um ser isolado, mas um Ser de relações, um ser espiritual.

### 5.3 A EXPERIÊNCIA DE EPA NA UFPE

No período da construção dos dados, oficializamos o pedido de informações acerca de ações de EPA na UFPE, além de ter mantido contato pessoal com pessoas da reitoria que trabalhavam na Pró-reitoria de Gestão de Pessoas - PROGEPE. Infelizmente, não logramos êxito no pedido, de modo que tivemos que lançar mão dos documentos oficiais da Universidade. Pesquisamos no sítio da UFPE por documentos, relatórios de gestão, ofícios, comunicados, enfim, documentos que pudessem mostrar as ações de EPA naquela instituição.

No PDI (2019 -2023) da UFPE consta a necessidade de instaurar ações de preparação para a aposentadoria através da ação 11.2 “Promover capacitação, preparando o servidor para aposentadoria (*financeiro, emocional, empreendedorismo*)” (UFPE, 2019a, p. 130), sob

responsabilidade da PROGEPE, através de cursos, que, para o ano de 2019, não houve meta estipulada. Fonseca (2019) analisou os PDIs (2014-2018) da UFPE e percebeu a intenção de promover um programa de Preparação para Aposentadoria, todavia, no PDI subsequente, a palavra programa não aparece novamente, fato que se evidencia no relatório de gestão em que, ao que cabe à gestão de pessoas, não aparecem cursos destinados às pessoas em processos de aposentadoria (UFPE, 2019b).

Durante as entrevistas das 8 pessoas selecionadas, estas alegaram não terem participado de nenhum curso com essa finalidade, apesar de, em alguns relatos, ter sido registrado que havia chegado algo em seus e-mails ou algum cartaz em seus centros referente a palestras e cursos sobre EPA. Nos questionários sociodemográficos, dos 89 participantes apenas 2 pessoas participaram de alguma ação de educação para aposentadoria propiciada pela UFPE, ambas em abono de permanência.

Diante dos dados apresentados nas entrevistas e nos questionários, solicitamos da UFPE, por meio de ofício, informações acerca de quaisquer ações que tivessem como público-alvo servidores acima de 50 anos, porém não obtivemos retorno. Dessa feita, tornou-se inviável quaisquer análises da EPA desenvolvida naquela instituição. O que foi possível perceber foi o interesse da PROGEPE em trazer reflexões sobre a aposentadoria no tocante às questões financeiras, emocionais e ocupacionais (empreendedorismo) conforme está destacado em seu PDI (2019-2023).

#### 5.4 A EXPERIÊNCIA DE EPA NO INSS

O INSS possui um programa, instituído desde setembro de 2017, chamado Programa Escolhas Conscientes: educação para aposentadoria, vinculado à Diretoria de Gestão de Pessoas<sup>30</sup> - DGP. Este programa foi desenvolvido para atender às determinações propostas pelas legislações que versam sobre a saúde e a qualidade de vida dos servidores públicos federais e, mais especificamente, dos servidores na idade adulta tardia em atendimento às legislações do envelhecimento ativo (Lei nº 8.842/ 1994; Lei nº 10.741/2003.)

A Secretaria de Recursos Humanos publicou a Portaria nº 1.261/2010, que trata de ações de saúde mental e instituiu os princípios, diretrizes e ações em saúde mental para os

---

<sup>30</sup> À época da publicação da portaria, o INSS dispunha de uma Diretoria da Gestão de Pessoas (DGP). Atualmente o INSS uniu as Diretorias de Gestão de Pessoa (DGP) com a Diretoria Orçamento, Finanças e Logística (DIROFL), sendo nomeada como Diretoria de Gestão de Pessoas e Administração (DGPA). – Decreto 9.746/19.

servidores públicos federais, dentre elas: “XV - incentivar na Administração Pública Federal a implantação de Programas de Preparação à Aposentadoria – PPA” (BRASIL, 2010).

Neste sentido, a equipe técnica ligada ao Serviço de Qualidade de Vida do Servidor iniciou as discussões acerca das Diretrizes para a educação para aposentadoria, a qual culminou com a publicação da Resolução nº 180/2012/INSS, que estabeleceu as seguintes diretrizes para a elaboração de projetos e ações de EPA no âmbito do INSS:

- I - promover reflexão sobre o significado do trabalho, auxiliando as pessoas a vivenciarem o momento presente de forma saudável e, ao mesmo tempo, vislumbrarem a construção de perspectivas futuras, com possibilidades de realização pessoal;
- II - promover a inserção de atividades que tratem de aspectos relativos ao envelhecimento no planejamento das ações correlatas à saúde e à qualidade de vida no trabalho;
- III - incentivar a realização de ações coletivas, tais como palestras, oficinas e encontros, em que sejam abordados temas relativos às mudanças advindas da aposentadoria, qualificando a busca de novos sentidos, informações e percepções a respeito dessa etapa;
- IV - preservar a memória institucional por meio da gestão estratégica do conhecimento;
- V - promover ações de interação entre servidores com diferentes idades, estimulando a valorização e o reconhecimento mútuo das experiências;
- VI - disseminar os direitos e deveres declarados no Estatuto do Idoso;
- VII - realizar aperfeiçoamento e capacitação dos servidores envolvidos no planejamento e na execução dos projetos de educação para aposentadoria;
- VIII - realizar a efetiva migração das informações fornecidas pelos servidores relativas ao Tempo de Serviço e respectivas averbações para o Siape, tão logo forem apresentadas aos setores competentes, a fim de manter os registros funcionais atualizados propiciando que os dados constantes do sistema sejam fontes fidedignas de informações;
- IX - formar equipes de trabalho multiprofissionais; e
- X - fomentar parcerias na busca de melhores resultados, fortalecendo a atuação em rede e adoção de cooperação intra e interinstitucional (INSS, 2012, p. 1-2).

Essa Resolução pode ser considerada, em âmbito nacional, na esfera no INSS, o nascedouro das proposições de EPA. Nota-se que a instituição já utiliza a nomenclatura “Educação para aposentadoria” com uma percepção mais ampliada da Portaria nº 1.261/ 2010 SRH/MPOG, em que a recomendação era para a implantação de Programa de Preparação para Aposentadoria. No anexo à Resolução nº 180, a epígrafe do texto traz a frase: “Educar para o presente, para a transição e para o futuro, promovendo saúde.” (INSS, 2012, p. 6), já trazendo uma perspectiva de cuidado com o servidor de forma longitudinal, em todas as fases de sua carreira. Esse documento, segundo o anexo citado, foi fruto de uma ação denominada

“Oficina de Preparação para aposentadoria” que teve contribuições das unidades das Superintendências Regionais e Gerências Executivas do INSS.

Em sequência, dois memorandos internos (Memorandos-circulares 11 e 26/DGP/2012) regulamentaram as ações de EPA de forma descentralizada, esmiuçando competências e as orientações em sua implantação nas Gerências e Superintendências do INSS. Esses documentos já apontavam para a forma de organização do Programa do INSS. Nesse momento, cada unidade (Superintendência e Gerência Executiva) deveria propor o seu programa, podendo ser continuado (8 a 20 encontros), intensivo (4 dias consecutivos, totalizando 32 horas) ou breve (30 minutos a 3 horas de duração), cujos conceitos foram tratados por Leandro-França (2012) e Murta *et al* (2014). Percebemos que a equipe técnica responsável pelo desenvolvimento da EPA no INSS fez um intercâmbio com as pesquisadoras da UNB, de modo que o referencial teórico-metodológico desenvolvido pelas pesquisadoras daquela Universidade está presente nos documentos do INSS.

Outro fator importante que esses documentos discutiam refere-se à condução dos processos formativos vivenciais. Considerou-se ser de responsabilidade das equipes multiprofissionais com formação em nível superior (psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, pedagogos, médicos e enfermeiros do trabalho e engenheiros de segurança do trabalho) e em localidades que não dispusessem desses profissionais nas equipes de Saúde e Qualidade de Vida. Os tipos de ação de EPA deveriam ser realizados em parceria com a equipe SIASS mais próxima e/ou com os profissionais que trabalhassem nas equipes de Reabilitação Profissional e Serviço Social do INSS. Esses documentos tentavam dar orientações básicas para que as equipes locais pudessem desenvolver ações de EPA enquanto ainda não havia um programa estruturado.

Em 2016, a EPA entra como uma ação pactuada do Plano de Ação do INSS (Memorando-Circular nº 8/DGP/INSS), em que cada unidade deveria prever quantas pessoas seriam atendidas por ações informativas (palestras, rodas de conversas) com os seguintes temas: Educação financeira; Envelhecimento ativo/saúde integral; Desenvolvimento de novas competências; Fundamentos legais da aposentadoria; Projeto de vida/processo de mudança. As ações formativas deveriam adotar o formato de encontro breve, o qual deveria ser realizado seguindo uma metodologia específica definida pela Administração do INSS. Ainda sem programa constituído, as ações deveriam ser realizadas respeitando as legislações vigentes.

O Programa Escolhas Conscientes resultou dessa discussão ao longo de 5 anos de emissões de documentos internos, regulamentando a prática dos profissionais das equipes de SQVT voltadas ao atendimento de servidores em situação de pré-aposentadoria. Foi instituído em setembro de 2017, através da Portaria nº 120/INSS (2017, p. 1).

Art. 1º Fica instituído o Programa Escolhas Conscientes: Educação para Aposentadoria que se caracteriza por um conjunto de ações de desenvolvimento pessoal e profissional realizadas no decorrer da trajetória laboral do servidor no INSS.

Art. 2º O objetivo do Programa é propiciar aos servidores reflexões sobre suas escolhas, gerando impactos positivos em sua vida pessoal e social, incentivando-os a planejar sua transição para aposentadoria e elaborar projetos de vida promotores de saúde e bem-estar.

O programa adota os mesmos temas descritos no memorando 26, apenas retira as palavras “envelhecimento ativo” e “processo de mudanças”, mudando o conceito de “tema” para “eixos temáticos”. Foi adotada uma identidade visual (Figura 7), a qual traz um aspecto de liberdade das escolhas por cada servidor/a, sendo o INSS responsável por promover ações que eduquem para o presente (desenvolvimento contínuo), para a transição (pré-aposentadoria) e para o futuro (aposentadoria).

Nessa perspectiva, o programa é dividido por ciclos: básico (serão ofertadas ações aos servidores em marcos específicos na carreira, desde a posse até a aposentadoria); básico atemporal (serão disponibilizadas atividades para acesso do servidor em qualquer fase da carreira) e o ciclo complementar (serão ofertadas ações desenvolvidas localmente diante das condições de cada unidade e em respeito às recomendações da Portaria nº 120/17/INSS).

O ciclo básico pretende marcar a trajetória do servidor com ações que qualifiquem sua chegada ao INSS com informações acerca da previdência complementar (Lei nº 12.618/2012), e demais informações importantes para os recém-ingressos e também marcos de reconhecimento (cartas de homenagem) ao longo da vida laboral do/a servidor/a: fim do Estágio Probatório, 10 anos, 20 anos, abono de permanência e aposentadoria voluntária e por invalidez. O ciclo básico também permite a participação do/a servidor/a em ações de voluntariado. Como última ação, o INSS oferta um curso modular presencial para os servidores que já implementaram ou que em até três anos implementarão os requisitos para a aposentadoria, bem como atenderá aqueles aposentados há até dois anos. O curso tem o objetivo de propiciar reflexão sobre a aposentadoria, “numa abordagem teórica vivencial que fomente a mudança de atitudes e valorize a escuta qualificada das experiências pessoais dos participantes” (INSS, 2017, p.4)

O ciclo básico atemporal consiste em ações educativas disponíveis na página da intranet do INSS, que são materiais como: cartilhas, links de cursos externos; dicas de filmes e cursos em EAD promovidos pelo INSS segundo os eixos descritos na portaria. A página do Programa Escolhas Conscientes é a plataforma onde o acesso ao ciclo atemporal fica disponível a todas as pessoas servidoras, sob a responsabilidade da Coordenação de Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho do INSS, vinculada à Diretoria de Gestão de Pessoas. Na página, estão disponíveis as cartilhas produzidas pela equipe técnica, além de material de apoio, como artigos e material de divulgação (Ex. – Filipeta: Como me sentirei quando eu parar de trabalhar?).

Figura 7 - Logomarca do Programa de EPA do INSS



**Fonte:** INSS, 2017

As cartilhas estão em formato digital e tentam abarcar o eixo Fundamentos Legais da Aposentadoria, numa cartilha exclusiva para esse tema, e a Cartilha Escolhas Conscientes, que abarcou os temas: Educação Financeira; Saúde Integral; Desenvolvimento de Novas competências e Projeto de Vida.

O ciclo complementar cabe às unidades locais, as quais estão livres para propor e executar ações de acordo com os eixos temáticos descritos na Portaria nº 120/17/INSS, podendo dispor de atendimento breve individualizado, rodas de conversa, cine debates, encontros grupais, desde que sejam disponibilizados profissionais da área de Medicina, Pedagogia, Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional e apresentem os seguintes requisitos: a) competência teórica; b) competência técnica; c) competência interpessoal; d) sensibilidade ética; e) saúde mental.

A portaria também prevê a revisão, a cada 2 anos, dos produtos e das etapas de execução. Vale destacar que a Cartilha de Fundamentos Legais para Aposentadoria precisa ser revista devido à reforma da previdência promulgada no fim de 2019, bem como o ciclo básico uma vez que o Decreto nº 9.149/2017 foi revogado, destituindo o Programa Nacional de Voluntariado.

No que tange à proposta do Programa do INSS, percebemos que o nome (Escolhas Conscientes) já é sugestivo, por pensar que as escolhas podem e devem ser feitas de modo consciente em qualquer etapa da vida profissional. Procurar atender aos profissionais ao longo da carreira, não só o pré-aposentáveis, traz um caráter de perenidade ao trabalho da EPA no INSS. Segundo Fonseca (2019), os PPAs que foram analisados trazem referência à qualidade de vida pós-aposentadoria, como uma ideia de futuro; em algumas instituições, nem título o programa possui. A autora chama a atenção para o fato dos nomes dos programas investigados trazerem no tema a ideia de envelhecimento ativo, para uma percepção positiva dessa fase da vida. Silva (2018c) analisou a identidade visual de PPA de uma organização pública, Nova Vida, cujo objetivo é ressignificar a aposentadoria.

Ao observar a cronologia dos documentos do INSS podemos perceber que o Programa Escolhas conscientes foi um processo de amadurecimento do trabalho com servidores mais velhos, se observarmos que é decorrente do cumprimento das legislações sobre a saúde e qualidade de vida dos servidores públicos (Portaria nº 1.261 SRH/MP/2010; Portaria Normativa nº 3 SRH/MP/2010; Portaria Normativa nº 3 SRH/MP/2013), mas que destoa de um PPA comum porque se volta para todo um corpo de trabalho com ações para os servidores ingressos, em meio de carreira, os pré-aposentáveis, sem ter o foco unicamente no envelhecimento, mas ter uma proposta generativa de saúde e bem-estar.

No tocante aos eixos formativos, dispomos de acordo com as categorias levantadas pela produção acadêmica apresentada nas seções anteriores. Ousamos fazer o enquadramento dos temas do programa do INSS a partir de como foi pensada a distribuição dos eixos nas cartilhas conforme destacamos no Quadro 17. Cada categoria levantada foi associada ao eixo que, por sua vez, foi esmiuçado nos títulos e subtítulos descritos nas cartilhas, sendo a produção de mais fácil categorização, uma vez que os documentos analisados dão um panorama geral do programa. Os eixos tentam dar uma compreensão geral, chegam a abranger a os quadrantes de acordo com as categorias que estão dispostas na Figura 4.

Analisamos que, do ponto de vista conceitual, os eixos trabalham todos os aspectos das categorias levantadas no estado do conhecimento. Destacamos que, no envelhecimento ativo,

há um texto que fala da saúde espiritual, trazendo a perspectiva da espiritualidade como uma forma de enfrentar as vicissitudes da velhice, “[...] então, a aposentadoria também pode ser um momento para estar mais conectado a si mesmo, ao outro e ao universo (INSS, 2017, p. 31)”. Apesar de tocar no tema da espiritualidade, o texto é muito resumido e não avança no conceito, nem no desenvolvimento de ações que potencializem essa dimensão no processo formativo, porém já demonstra uma abertura ao tema.

Quadro 16 - Categorias da EPA – Programa Escolhas Conscientes

Ordem	Categoria	Eixos	Temas na cartilha
1.	Aposentadoria – Impactos subjetivos e objetivos	Desenvolvimento de novas competências Projeto de vida  Saúde integral	Aposentadoria: a competência de lidar com o tempo livre Lidando com as mudanças Projeto de vida e Aposentadoria  Envelhecimento Ativo Envelhecer com saúde
2.	Aposentadoria - Identidade Profissional	Desenvolvimento de novas competências	Novas perspectivas profissionais Aprender sempre
3.	Aposentadoria - Relações intersubjetivas	Desenvolvimento de novas competências	Relacionamentos familiares e sociais saudáveis na aposentadoria Redescobrir o lazer Voluntariado, por que não?
4.	Aposentadoria -Relações Interobjetivas	Fundamentos Legais para Aposentadoria  Educação financeira	Espécies de aposentadoria Orientações para requerer a aposentadoria  Educação Financeira Lidando adequadamente com as finanças Tipos de investimento em razão do tempo.

Fonte: Autora

O apelo à espiritualidade que o título do programa enuncia “Escolhas Conscientes” ainda foi pouco explorado pelas ações e materiais pedagógicos desenvolvidos. Percebemos que há um espaço que pode ser explorado pela EPA realizada no INSS no que diz respeito ao desenvolvimento de uma ação educativa com base espiritual, a fim de desenvolver o ser humano que trabalha e também se aposenta. Veremos, com o diálogo interobjetivo da ESI-R e do intersubjetivo das entrevistas, que contribuições os sujeitos que estão vivenciando o processo de aposentadoria podem dar ao processo de repensar a EPA no INSS e, no caso da UFPE, podem colaborar para a sua implantação.

## **6 ESTUDO MISTO – PARTE I: EXPRESSÕES DE ESPIRITUALIDADE DAS PESSOAS DO SERVIÇO PÚBLICO DA UFPE E DO INSS**

Nesta seção, abordamos os resultados da pesquisa no tocante às expressões de espiritualidade das pessoas do serviço público da UFPE e do INSS, que se dispuseram a colaborar com a pesquisa. Ao decidir que esse estudo era válido no sentido de que as instituições poderiam investir na dimensão espiritual do corpo de trabalhadoras e trabalhadores, precisávamos de instrumentos que possibilitassem evidenciar à qual espiritualidade estávamos nos referindo. Como a perspectiva de espiritualidade por nós adotada é polissêmica (SILVA, 2015; FRANKL, 2006, 2017) e participativa (FERRER, 2017), nossa escolha também deveria o ser.

Assim, nesta seção do texto, vamos descrever os resultados da parte quantitativa do estudo misto, em que levantamos os dados do perfil sociodemográfico das pessoas participantes do INSS e da UFPE. Em seguida, apresentamos as expressões de espiritualidade, fazendo contrapontos com as tradições culturais, sexo e entre instituições, para ter um panorama de como a espiritualidade se expressa de forma geral em relação àquelas instituições segundo as dimensões da perspectiva por nós nomeada como Transpessoal Estrutural Multidimensional da Espiritualidade de MacDONALD (2000a, 2000b) expressas no Inventário de Expressões de Espiritualidade Revisado– ESI-R.

### **6.1 ANÁLISE DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO**

Aliado à ESI-R, aplicamos um questionário sociodemográfico, a fim de trazer esclarecimentos sobre o perfil do público da pesquisa. O número de maior participação foi de pessoas da UFPE, 89 pessoas (57,4%), já do INSS participaram 66 pessoas (42,4%). Obteve-se um maior número de participantes do sexo feminino (63%) na UFPE: 56 formulários foram respondidos por mulheres e 33 por homens (42,6%). No INSS, os participantes foram equânimes, sendo 33 pessoas para cada sexo. Quanto à escolaridade podemos destacar:

Tabela 9 - Escolaridade dos participantes da pesquisa

Escolaridade	INSS		UFPE		Total	
	n	%	n	%	N	%
Fundamental Incompleto.	2	3	0	0	2	1
Ensino Fundamental	1	2	2	2	3	2
Ensino Médio	19	29	11	12	30	19
Graduação	26	39	19	21	45	29
Especialização	18	27	19	21	37	24
Mestrado	0	0	14	16	14	9
Doutorado	0	0	17	19	17	11
Pós-doutorado	0	0	7	8	7	5
Total	66	100	89	100	155	100

Fonte: A autora

Nota-se que o ensino superior representou o nível de escolaridade predominante entre as pessoas pesquisadas, correspondendo a 67% no INSS e 85% na UFPE. Das 155 pessoas participantes, 120 possuem ao menos a graduação com os cursos de maior número em: Administração e áreas afins<sup>31</sup> (15%); Engenharias<sup>32</sup> (13%); Psicologia (11%); Ciências Biológicas (7%); Pedagogia (5%), Comunicação Social (5%) e Serviço Social (5%), os demais cursos pontuaram abaixo de 4% cada, mas as áreas foram agrupadas segundo a tabela 7:

Tabela 10 - Área de Graduação dos participantes da pesquisa

Área de Formação	INSS		UFPE		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Humanas	22	50	44	58	66	55
Exatas	5	11	10	13	15	13
Saúde	5	11	9	12	14	12
Duas Graduações	11	25	10	13	21	18
Não informado	1	2	3	4	4	3
Total	44	100	76	100	120	100

Fonte: A autora

Quanto ao local de trabalho, a pesquisadora teve maior acesso para encontrar as pessoas lotadas na Superintendência do INSS (50%) e nos centros, em relação à UFPE (80%), segundo os critérios de seleção. Como já relatado na metodologia, a dificuldade de acesso às Agências da Previdência Social-APS, pela conjuntura de aumento da demanda de tarefas, digitalização dos processos de trabalho, deixou o grupo de pessoas da APS do INSS muito

<sup>31</sup> Cursos de Gestão de Recursos Humanos, Gestão Pública, Gestão Financeira e Tecnólogo Logística.

<sup>32</sup> Engenharias Civil, Elétrica e Mecânica.

reduzido (12%), bem como a estratégia de questionário *online* não obteve o sucesso esperado. Esse desataque é importante para compreender o limite desse estudo, uma vez que a operacionalização da política de previdência acontece nas APS, de modo que a escuta das pessoas que trabalham nelas teria dado mais robustez a pesquisa.

Já na UFPE a disponibilidade foi maior nos centros, uma vez que as Universidades Federais tiveram que lidar com o contingenciamento do orçamento em 2019<sup>33</sup>, de modo que não havia muita disponibilidade dos servidores da reitoria em dispor de tempo para responder à pesquisa, uma vez que estavam em processo de reorganização das atividades diante das demandas de cortes nos orçamentos das Pró-reitorias.

Dessa feita, compreendemos a situação apresentada naquela ocasião e não envidamos esforços para conseguir mais questionários respondidos naquelas unidades. No entanto, avaliamos que o número de pessoas atingido foi representativo para validar um estudo misto.

Tabela 11 - Servidores distribuídos por unidade de trabalho

INSS			UFPE		
Unidade de Trabalho	Nº	%	Unidade de Trabalho	Nº	%
Superintendência	33	50	Reitoria	9	10
Gerência Executiva	25	38	Centros	80	90
Agência da Previdência Social	8	12			
Total	66		Total	89	

Fonte: A autora

No tocante à aposentadora, a situação em abono de permanência foi a que mais predominou, sendo 119 participantes (76,8%), pelas situações descritas na seção 4 deste texto, o número de servidores aposentados foi de 14% (22), sendo que a situação na UFPE foi de apenas 5,6%, pois apenas 5 pessoas aposentadas responderam ao estudo, das quais 2 foram selecionadas para as entrevistas.

A situação de pré-aposentadoria, ainda foi mais difícil de localizar, pois as informações não foram repassadas, sendo o contato na aplicação da ESI-R a forma de localizar as pessoas nessas condições, de modo que apenas 14 pessoas participaram na condição de pré-aposentadoria.

<sup>33</sup> “Orçamento da Educação sofre corte de R\$ 5,83 bilhões” matéria publicada em 02/04/2019 <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/orcamento-da-educacao-sofre-corte-de-r-5-83-bilhoes1>> .

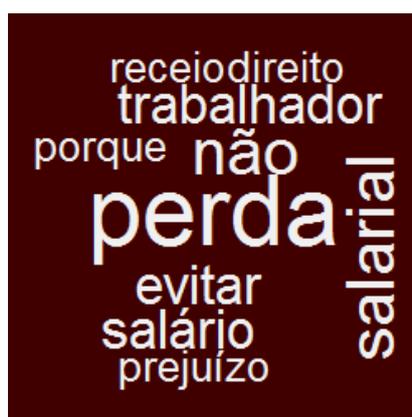
Tabela 12 - Situação ante a aposentadoria e à reforma da Previdência.

Situação	Total		INSS		UFPE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Abono	119	77	38	58	81	91
Aposentado (a)	22	14	17	26	5	6
Pré-Aposentado (a)	14	9	11	16	3	3
Reforma da Previdência	Total		INSS		UFPE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Antecipou a decisão pela Aposentadoria?</b>						
Não	121	78	46	70%	75	84,
Sim	29	19	20	30	9	10
Sem resposta	5	3	0	0	5	6

Fonte: A autora. Obs. \*RP – Reforma da previdência.

No que tange à influência da reforma da previdência na antecipação da decisão por se aposentar, essa situação foi apresentada por 19% das pessoas e 3% não responderam. Os participantes que perceberam a influência da reforma em sua decisão pela aposentadoria relataram a situação da perda salarial e dos prejuízos aos trabalhadores de uma forma geral, conforme é mostrado na nuvem de palavras da figura 8. O receio de que as mudanças trouxessem prejuízos financeiros e mudanças em suas rotinas de trabalho os influenciou na antecipação da aposentadoria.

Figura 8 - Nuvem: a influência da reforma da previdência na decisão pela aposentadoria



Fonte: A autora, *software* IRAMUTEQ

Foi recorrente a informação de que a reforma da previdência não teve influência na decisão pela aposentadoria pelas pessoas que responderam “não” no formulário, uma vez que já alcançaram direito adquirido, de forma que foi relativamente baixo o número de pessoas que se sentiram ameaçadas com a reforma previdenciária a ponto de esse fato ter tido

influência na decisão pela aposentadoria do grupo participante. Há uma recorrência no adiamento para o usufruto do direito à aposentadoria ante à necessidade de adiar a percepção do envelhecimento (FREITAS; CAMPOS, GIL, 2017; BARBOSA; TRAESEL, 2013); à ideia de improdutividade com a saída do trabalho formal e ao receio do retorno à vida familiar (SELIG; VALORE, 2010; BARBOSA; TRAESEL, 2013). Desse modo, há uma tendência de pessoas do serviço público realizarem o adiamento da aposentadoria.

Em relação à família, o estado civil casado e união estável, foi apresentado como realidade para 91 pessoas (58,7%) e a presença de filhos na vida destas representa 83,9%, somadas à presença de netos (44,5%) e enteados (11,0%). Tais dados são importantes para que possamos compreender a extensão da vida social dos participantes, uma vez que a rede social pode dar sentido à vida na aposentadoria bem como pode ser uma situação estressora por conflitos que são camuflados pela rotina de trabalho. De modo que a aposentadoria tardia se apresenta como uma solução para a manutenção da vida matrimonial (ANTUNES; MORÉ, 2014).

Tabela 13 - Dados do Estado Civil e Arranjo Familiar

Estado Civil	Total		INSS		UFPE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Casado(a)	77	50	36	54	41	46
Solteiro(a)	25	16	10	15	15	17
Divorciado (a)/Separado(a)	29	19	15	23	14	16
União Estável	14	9	2	3	12	15
Viúvo (a)	10	6	3	5	7	8
<b>Nº de Filhos</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Sem filhos	25	16	9	14	16	18
1	34	22	17	26	17	19
2	59	38	23	35	36	40
<b>Acima de 2</b>	37	28	17	26	20	22
Há enteados e netos?	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Enteados	17	11	5	8	12	13
Netos	69	44	32	49	37	42

Fonte: A autora

No seu estudo da revisão da literatura, Antunes e Moré (2014) perceberam que o tema “Família e Aposentadoria” possui poucos estudos, sem linhas de pesquisas instituídas nos programas de pesquisa, sendo as produções acerca da aposentadoria voltadas às questões mais individuais e/ou organizacionais. Também destacam que:

De igual maneira, a análise das questões em torno da aposentadoria e da família permitiu identificar a interconexão entre os temas, denotando que o

contexto familiar está intrinsecamente vinculado ao processo de desligamento laboral na medida em que se configura como um elemento que compõe desde expectativas até condições para a efetivação e a adaptação a esse período. Contudo, embora diversas pesquisas tenham referido a influência da família na vivência da aposentadoria, não foram encontradas, de modo expressivo, produções científicas que se proponham a discutir especificamente essa relação (ANTUNES; MORÉ, 2014, p. 152).

Nosso estudo não teve esse viés de compreender a influência da família no processo de aposentar, apesar de que as falas dos entrevistados trazem as configurações familiares e suas influências no processo de aposentadoria. Como a nossa perspectiva é de uma EPA transpessoal, faz-se necessária a compreensão do quadrante NÓS nos estudos e nas proposições de ações educativas que tragam esse caráter integral. Dito isso, percebemos que, de uma forma geral, a rede familiar dos participantes desse estudo pôde colaborar para o sentido de vida, uma vez que influencia o “para quem viver” (FRANKL, 2017). Ao usar o romance de Backman (2015) para ilustrar o nosso objeto de pesquisa, mostramos que a ficção evidenciou que a falta de uma rede de relacionamentos traz ideias suicidas à personagem, de modo que cultivar uma rede social saudável configura-se um fator de proteção à transição para a aposentadoria (LEANDRO-FRANÇA; MURTA, 2014). Souza (2019) realizou uma pesquisa com servidores da UFPE em abono de permanência. A evidência de maior o índice de postergação do usufruto ao direito à aposentadoria e tendência de retorno ao trabalho remunerado está entre os servidores do sexo masculino (docentes, técnicos nível E), casados ou em união estável e que não possuem religião. Em nosso entendimento, esses dados podem ser um indício de uma rede de apoio pouco fortalecida ou com conflitos interpessoais no âmbito familiar. Mesmo o trabalho sendo uma ação que dê sentido à vida, os dados apresentados pela pesquisadora assemelham-se à trajetória ficcional de Ove (BACKMAN, 2015) e à percepção de aposentadoria como crise (SANTOS, 1990) pelas pessoas do sexo masculino.

Nesta perspectiva o desenvolvimento humano numa abordagem participativa perpassa a cocriação interpessoal (FERRER, 2017) como um fator de proteção à aposentadoria, uma vez que traz a importância da dimensão relacional do ser humano para o desenvolvimento de suas potencialidades compreendendo o profundo valor da troca entre humanos e destes com a natureza e o cosmos, na cocriação da realidade com mais justiça social. Na compreensão de EPA espiritualmente conduzida, percebe-se que há um caminho de fortalecimento dos fatores de proteção, uma vez que saímos de prescrições do que deve ser feito por cada participante

dos PPAs para descobertas enativas das perspectivas intrapessoal, interpessoal e transpessoal na atividade pedagógica contida na potência da relação educador-educando.

O ser e estar no mundo da pessoa aposentada acontece nos quatro quadrantes do Kosmos (WILBER, 2007), de modo que outro fator que contribui para uma rede social positiva é a cultura em que cada pessoa está inserida. No tocante a isso, as afiliações religiosas têm contribuições para a vida social das pessoas aposentadas.

Dos participantes pesquisados apenas 9% assinalou nenhuma religião (14), sendo o catolicismo (57%) a maior expressão religiosa. A UFPE traz maior percentual de pessoas sem tradição religiosa (12,4%) do que o INSS (9%). Ao cruzarmos os dados com a escolaridade, percebemos que todas as pessoas que responderam a alternativa “nenhuma religião” possuem nível superior.

Tabela 14 - Declaração sobre afiliação religiosa

Religião	Total		INSS		UFPE	
	Nº	%	Nº	Nº	Nº	%
Católica	89	57	37	56	52	59
Espírita	24	16	10	15	14	16
Evangélica	20	13	10	15	10	11
Nenhuma	14	9	3	5	11	12
Outras*	8	5	6	9	2	2

Fonte: A autora. \*Nota: A alternativa “Outras” inclui: espiritualidade não específica, além de judaísmo, islamismo, matriz afro-indígena, matriz oriental e sem resposta.

Os achados sugerem que as reflexões acadêmicas propiciam a vivência de uma espiritualidade para além de uma prática religiosa. Das 14 pessoas que não têm religião, 10 (71%) pontuaram abaixo de 2 na escala ESI-R na dimensão religiosidade, evidenciando que as respectivas expressões de espiritualidade não estão voltadas para uma prática religiosa, sendo inexistente para 3 delas (21%).

Há uma predominância de participantes do sexo masculino (57%) sem prática religiosa. Para os 43% de participantes do sexo feminino, mesmo sem religião expressa, a dimensão REL tem significado para 50% delas, como percebemos na tabela 7, pela média acima de 2 no ESI-R.

Tabela 15 - Dimensões da ESI-R de pessoas autodeclaradas sem religião

INF. GERAIS		DIMENSÕES				
Sexo	Idade	COS	EPD	EWB	PAR	REL
F	56	2,67	2,83	1,50	1,83	3,17
M	63	2,00	3,00	3,00	2,67	2,50
F	62	2,67	0,50	3,67	1,67	2,33
F	64	2,50	2,33	2,67	1,67	2,17
M	63	2,17	1,67	3,00	2,67	<b>1,83</b>
M	63	3,00	0,67	3,83	0,33	<b>1,83</b>
M	67	1,33	0,33	3,33	1,00	<b>1,33</b>
F	59	1,83	2,00	4,00	2,33	<b>1,17</b>
M	62	1,67	0,00	3,00	0,00	<b>0,83</b>
<u>M</u>	67	0,67	1,17	2,17	0,00	<b>0,33</b>
F	59	1,50	0,00	3,17	0,67	<b>0,17</b>
F	66	1,17	2,00	2,83	0,17	<b>0,00</b>
M	65	0,00	0,00	3,50	0,00	<b>0,00</b>
M	65	4,00	0,50	4,00	0,83	<b>0,00</b>

Fonte: A autora

A inclusão da alternativa “orientações espiritualistas” foi uma necessidade observada durante a testagem do instrumento, quando houve a crítica de pessoas que não se enquadravam em nenhuma religião, porém alegavam ter ritos e reflexões rotineiras sem vínculo específico com uma determinada tradição religiosa. E também não contradiz nossa percepção de espiritualidade, uma vez que reconhecemos que esta também pode ser manifesta dentro de uma tradição. O que não nos apraz é o movimento dominador de várias tradições religiosas como forma de domínio de corpos. Ferrer (2017, p. 22) destaca que, em grande medida, as tradições religiosas tendem ao reprodutivismo, centrando suas práticas em reencenar rituais e/ou “replicar a iluminação de seu fundador ou atingir o estado de salvação ou liberdade descrito em alegadas escrituras reveladas”.

Reconhecemos, no entanto, que a prática comunitária que a religião traz pode fortalecer elos com a rede social, podendo ampliá-la na aposentadoria. Os participantes solteiros, sem filhos e sem religião merecem maior atenção, pois podem estar mais susceptíveis à solidão durante a aposentadoria de modo a postergá-la, sendo a rede social resumida ou inexistente um fator de risco à aposentadoria (LEANDRO-FRANÇA; MURTA, 2014) e possível indício de ideações suicidas (MINAYO; MENEGHEL; CAVALCANTE, 2012).

Quanto à declaração de cor, seguimos o padrão do IBGE e a maioria das pessoas se autodeclararam brancas (47,1%), conforme descrito na tabela 8. Das pessoas que se declararam pretas (21), 42,8% possuem até o ensino médio e 57,2% nível superior, dos quais

16,7% do INSS e 83,3% da UFPE são pessoas com graduação ou pós-graduação. Ao cruzarmos com a renda, percebamos que a remuneração está diretamente ligada ao nível de escolaridade em que a faixa de renda familiar acima de 10 Salários Mínimos - SM está entre os participantes com maior escolaridade, num total de 96,6%, sendo destes apenas 0,09 % de pessoas que se declaram pretas, 26,8% pardas e 0,02% das pessoas que não responderam ao quesito cor.

Tabela 16 - Frequência das informações autorreferidas de Cor

Cor	Total		INSS		UFPE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Branca	73	47	27	40	46	54
Parda	54	35	29	44	25	28
Preta	21	13	8	12	14	14
Indígena	1	1	1	1	0	0
Sem resposta	6	4	2	3	4	4

Fonte: A autora

O reflexo da desigualdade social também se apresenta nas instituições públicas, uma vez que o atual acesso a elas se dá pelo concurso público; os cargos de maior remuneração exigem nível superior. Apenas 3 sujeitos com ensino médio possuem renda familiar acima de 10 SM. As pessoas que possuem apenas escolaridade até ensino médio são as com menor renda familiar (até 4 SM), sendo 50% das delas com ensino médio, 15% com graduação; 12,5%, Ensino Fundamental incompleto e 6,25% com Ensino Fundamental.

Na presente pesquisa, a faixa salarial que enquadra um maior número de participantes é de 4 a 10 SM (53,5%), sendo a UFPE (14.6%) com maior número na faixa mais baixa (de até 4 SM). Tal dado reflete o estudo de Bressan (2011), em que a preocupação com as finanças e saúde pelos técnicos em educação da UFV se sobressai em relação às demais dimensões do aposentar, uma vez que, em relação aos/às servidores do INSS, a remuneração é menor para os cargos que exigem a mesma escolaridade. Vale destacar que ambas as categorias funcionais tiveram melhoria remuneratórias na década de 2000, com a promulgação das Leis nº 11.091/2005, para as pessoas de cargos técnicos das universidades públicas, nº 10.855/2004 para as pessoas em cargos de analistas e técnicos do INSS.

Diante disso, observamos que a relação com o consumo poder ser algo a ser explorado pela EPA, pois se infere que, com maior remuneração, o fator de risco em relações às finanças poderia estar mais equalizado. Como estamos numa lógica de acúmulo de coisas, em que a manutenção das grandes corporações perpassa pela manutenção do consumo exacerbado, há

uma tendência para um descontrole financeiro das pessoas de um modo geral e as em processo de aposentadoria podem estar preenchendo vazios de outras ordens pelo consumo. De modo que as perdas salariais advindas com a aposentadoria e, mais especificamente, a perda da gratificação do abono de permanência podem configurar uma decisão tardia para se aposentar.

Neste sentido, para além da necessidade de uma segurança financeira, a EPA pode lançar mão das inquirições eco-sociopolíticas da cocriação interpessoal para instaurar um processo de reflexão que contribua na atividade pedagógica de ampliação das perspectivas das pessoas em processo de aposentadoria.

Considerando os fatores de risco à sobrevivência (LEANDRO-FRANÇA; MURTA, 2014), também tivemos o interesse de ter a informação acerca da existência de plano de saúde nas famílias. Quanto maior a renda dos participantes, maior o número de pessoas com plano de saúde, pois apenas duas pessoas (0,02%) com renda acima de 10 SM não o possuem. Para aquelas com até 4 SM de renda familiar, 62% não possuem plano de saúde e na faixa de 4 até 10 SM 18,5 % não têm.

Apesar do conceito de saúde não estar unicamente atrelado à questão de acesso aos recursos médicos e tecnológicos, avaliamos que não dispor desse serviço pode gerar um processo de não cuidado, cuja dificuldade de acesso ao Sistema Único de Saúde pela grande demanda de atendimento pode contribuir para a não realização de exames preventivos a doenças crônicas ou ao não tratamento diante de possíveis adoecimentos. Vale destacar que os servidores da UFPE podem ter acesso ao Núcleo de Atenção à Saúde do Servidor (NASS), o qual dispõe de consultas ambulatoriais e psicológicas, de modo que pode ser um dos motivos que levam os 19,1% dos servidores a não terem plano de saúde naquela instituição.

Quando analisamos a renda, percebemos que daqueles que não possuem plano na UFPE: 47,0% tem renda até 4SM, 41,2% de 4 a 10SM e 11,8% acima de 10 SM. No tocante ao INSS, duas pessoas (0,03%) com renda familiar até 4SM não possuem plano de saúde, e oito pessoas (12,1%) com renda entre 4SM e 10 SM. Todas as pessoas com renda acima de 10 SM possuem plano de saúde no INSS.

Tabela 17 - Apresentação dos dados sobre a renda familiar e a existência de plano de saúde

Renda Familiar	Total		INSS		UFPE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
> 10 SM*	56	36	25	38	31	35
4 a 10 SM	83	54	38	58	45	50
Até 4 SM	16	10	3	4	13	15
Possui Plano de Saúde?	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não	27	17	10	15	17	19
Sim	127	82	56	85	71	80
Sem resposta	1	1	0	0	1	1

Fonte: A autora. \*Nota: SM = Salário Mínimo

A saúde integral é um tema do Programa Escolhas Conscientes do INSS, de modo que, acerca desse assunto, é importante para a instituição dar uma atenção para as pessoas que não possuem plano, uma vez que não podem contar com um serviço semelhante ao NASS da UFPE.

Observamos que a cocriação intrapessoal configura-se um caminho para a saúde integral em que a equiprimacia dos atributos humanos traz aspecto de equilíbrio do ser humano integral, em que os aspectos preventivos colaboram na mitigação do aparecimento de doenças e da necessidade de utilizar hospitais e serviços de saúde. Também tivemos o interesse de investigar a percepção dos participantes acerca da EPA e quantos participaram de ações promovidas por suas respectivas instituições. Na UFPE, apenas duas pessoas (2,25%) passaram por ações EPA, já no INSS foram 19 pessoas (28,79%). Dada a importância de preparar para a fase da aposentadoria, as duas instituições estão com percentual baixo em relação às pessoas com acesso ao programa de EPA, segundo o grupo pesquisado. Como já discutimos na seção 5, no INSS, há programa estruturado; já a UFPE não dispõe ações planejadas nesse sentido. Pelo número pequeno de pessoas que passaram por ações de EPA (13,5%), observamos a falta de uma ação perene nesse sentido nas duas instituições.

Quanto ao entendimento de EPA, as percepções são bem variadas sem nenhuma sobressair em relação às demais. O processo formativo de autorreflexão (28%) foi a proposta com mais respostas, seguidas do gozo a tempo livre (24%). Nesse ponto, a nossa pesquisa difere-se da de Bressan (2011), pois a percepção dos sujeitos não está voltada aos fatores de risco à sobrevivência, mas na percepção global do fenômeno aposentadoria como um processo reflexivo que impacta na ocupação do tempo livre oportunizado pela ausência de

rotina do trabalho formal, uma vez que as finanças e saúde ocuparam juntas 29% da percepção das pessoas.

Tabela 18 - Percepção EPA e participação em ações

<b>Percepção de EPA</b>	<b>Qte</b>	<b>%</b>	<b>INSS</b>	<b>%</b>	<b>UFPE</b>	<b>%</b>
É um processo formativo que permite autorreflexões para o meu bem-estar ao longo de minha carreira.	44	28	24	36	20	22
É uma preparação para gozar do tempo livre depois de aposentar	38	24	19	29	19	21
É um planejamento financeiro para não ter impactos no orçamento quando parar de trabalhar	29	19	12	18	17	19
Não sei do que se trata	18	12	3	5	15	17
É aprender a cuidar da saúde para aproveitar a aposentadoria	16	10	8	12	8	9
Duas ou mais opções	9	6	0	0	9	10
Sem resposta	1	1	0	0	1	1
<b>Participou de ação de EPA?</b>	<b>Qte</b>	<b>%</b>	<b>INSS</b>	<b>%</b>	<b>UFPE</b>	<b>%</b>
Não	130	84	43	65	87	98
Sim	21	14	19	29	2	2
Sem resposta	4	2	4	6	0	0

Fonte: A autora.

Esses dados sugerem que a elevação da escolaridade permite maior compressão do processo de saúde e adoecimento, de modo que pode haver um predomínio do cuidado de si durante a vida laboral ao ponto de haver maior preservação das condições de saúde. Assim, a aposentadoria não vai configurar um tempo para recuperação das condições de saúde, não sendo necessário um aprendizado específico durante os momentos que antecedem a tomada de decisão para o usufruto desse direito.

Como foi percebido que a maior escolaridade repercute na maior renda dos participantes, vemos que nesse dado há uma confluência ao se dispor de recursos para investir na saúde (BRESSAN, 2011) para as pessoas com menor renda e escolaridade. Diante disso, o fator renda e escolaridade precisam ser observados na tarefa pedagógica, uma vez que podem ter necessidades de ações específicas da área saúde e finanças na EPA.

Percebemos que, de forma geral, não há disparidade no perfil sociodemográfico entre as pessoas participantes, comparando-se as duas instituições. O único destaque que fazemos é em relação ao número de mulheres<sup>34</sup> discretamente superior na UFPE; percebe-se que,

<sup>34</sup> Segundo o relatório Gestão UFPE (2019b) há 6.603 pessoas do serviço público em atividade, das quais 3198 são homens (48%) e 3.405 são mulheres (52%).

percentualmente, tivemos maior participação delas nesta instituição. Durante a aplicação do questionário de forma presencial<sup>35</sup>, houve uma maior disponibilidade das mulheres em receber e devolver o questionário, fato que influenciou no percentual das participações na UFPE.

Tabela 19 - Percepção de EPA x Escolaridade

Percepção de EPA	Até Ensino Médio				Ensino Superior			
	INSS	UFPE	Total	%	INSS	UFPE	Total	%
É um processo formativo que permite autorreflexões para o meu bem-estar ao longo de sua carreira.	5	2	7	20	19	18	37	31
É uma preparação para gozar do tempo livre depois de aposentar	5	2	7	20	14	17	31	26
É um planejamento financeiro para não ter impactos no orçamento quando parar de trabalhar	4	3	7	20	8	14	22	18
Não sei do que se trata	3	1	4	11,	0	14	14	12
É aprender a cuidar da saúde para aproveitar a aposentadoria	5	5	10	<u>28</u>	3	3	6	<u>5</u>
Duas ou mais opções	0	0	0	0	0	9	9	7
Sem resposta	0	0	0	0	0	1	1	1

Fonte: A autora

No tocante à escolaridade, percebe-se uma maior predominância do Nível Superior na UFPE. Tal dado reflete o incentivo à progressão por titulação que está no plano de cargos e salários para as pessoas que ocupam cargos de técnicos e de professores do magistério superior nas instituições de ensino superior. É importante destacar que, no INSS, não há esse incentivo de qualificação, sendo que a manutenção da remuneração se dá pelo cumprimento da produtividade pré-estabelecida e a progressão ocorre de acordo com o tempo de serviço.

Neste estudo, estarmos tratando de autarquias do Poder Executivo com finalidades bem diferentes e, também, forma de organização distintas, o que se reflete em seus respectivos planos de carreira. Porém, é nítida a diferença salarial para os cargos de mesmo nível de escolaridade, em que, mesmo com a progressão por titulação da UFPE, a

<sup>35</sup> Considerando a dificuldade de acesso lançamos mão de uma pesquisa assistente para localizar e aplicar os questionários sociodemográficos e a ESI-R a fim de cumprir o prazo da pesquisa. No diário de campo da pesquisadora principal e da auxiliar foi registrada a dificuldade contato com pessoas do sexo masculino e maior abertura do sexo feminino.

remuneração do INSS é um pouco maior, sendo mais uma evidência do processo de desvalorização do ensino público. Se compararmos as pessoas servidoras do INSS e da UFPE às do legislativo e do judiciário, essa diferença é ainda mais evidente, em que esses últimos poderes do Estado possuem maior remuneração e melhores condições de trabalho. Não é nossa intenção fazer juízo de valor entre qual serviço prestado à sociedade é de maior ou menor relevância, porém esse estudo traz algumas reflexões acerca da organização social do serviço público e das disparidades entre instituições em que há o mesmo nível de exigência de escolaridade.

No tocante à rede de apoio, o percentual de pessoas casadas ou com união estável se assemelha nas duas instituições 57% (INSS) e 60% (UFPE), bem como a existência de filhos (86% no INSS e 82% na UFPE), de modo que, do ponto de vista desse fator de proteção à aposentadoria, há um indício de razões para se viver e possibilidades de ocupar o tempo livre a partir do fortalecimento das relações familiares.

Vale destacar que o incentivo à cocriação interpessoal atinge as pessoas em todas as formas de arranjo familiares, uma vez que o espírito intermediário induz a pessoa para uma extensão do convívio para além do núcleo familiar à medida que traz reflexões do campo ecológico, político e social. A relação com as questões comunitárias, as práticas inquiridoras nas tradições religiosas e a consciência ecológica que o Espírito Intermediário impele trazem uma potencialidade para a vida de todas as pessoas aposentadas quando se dispõem a olhar para o seu entorno e promover uma participação social mais efetiva e eticamente conduzida.

Neste sentido, a EPA precisa criar atividades pedagógicas que promovam o despertar da autotranscendência da pessoa em processo de aposentadoria. Há, sim, um potencial na família, no convívio com as novas gerações, mas há também um potencial na realização de si no mundo, através de causas eco-sociopolíticas das mais diversas ordens.

Ao se destinar a essa reflexão mais ampla de estar e ser no mundo com os outros, a EPA estará num claro processo de formação humana, pois, através do entendimento acerca da relação intrapessoal, a pessoa pode desenvolver um autoconhecimento respeitoso com as dimensões humanas e estar numa relação de abertura às alteridades diversas, e, assim, se permitir viver a transpessoalidade de uma vida espiritualmente engajada, cujo sentido de vida é retroalimentado no mundo concreto.

## 6.2 ANÁLISE DAS EXPRESSÕES DA ESPIRITUALIDADE – ESI -R

Com as pesquisas de Cunha (2017) e Silva (2018), pudemos conhecer o Inventário de Expressões de Espiritualidade Revisado (ESI-R) (MacDonald, 2000a), que nos trouxe uma percepção ampliada de como a espiritualidade poderia ser expressa a partir de uma escala, considerando a pluralidade de credos, enações cocriativas e as diferentes percepções que cada sujeito da pesquisa poderia ter da própria espiritualidade.

O ESI-R atendeu aos critérios de pluralidade e permitiu que tivéssemos um panorama da percepção de espiritualidade das 154 participações válidas. Salientamos que um ESI-R foi descartado do estudo por não ter atendido à resposta verificadora 32, de modo que 72% assinalaram a assertiva que indica total sinceridade (concordo fortemente), 21% a de sinceridade (concordo) e 1% não opinou acerca desse tema (neutro).

No tocante às dimensões do ESI-R, percebemos que o grupo do INSS pontuou todas as dimensões de forma mais alta que o da UFPE, dentre as quais destacamos as mais significativas: a Orientação Cognitiva em direção à Espiritualidade; e a Religiosidade. Na dimensão Bem-estar existencial quase não observamos mudanças, sendo a variação mínima entre os dois grupos, conforme expresso no teste –T de comparação de médias realizado no *software* Jamovi.

Tabela 20 - Média das dimensões da ESI-R e Teste T

ESI-R Dimensão	INSS			UFPE			Teste – T		
	Nº	Média	DP	Nº	Média	DP	T	gl	p
COS	66	3.30	0.657	88	2.90	0.873	3.104	152	0.002
EPD		2.03	0.937		1.86	1.011	1.041	152	0.300
EWB		3.11	0.672		3.04	0.650	0.599	152	0.550
PAR		1.83	0.814		1.75	0.853	0.584	152	0.560
REL		3.23	0.782		2.93	0.952	2.081	152	0.039

Fonte: A autora.

Já as dimensões Crenças Paranormais (PAR) e a Dimensão Fenomenológica/Experiencial (EPD) tiveram médias baixas nos dois grupos. Como já tínhamos descrito na metodologia, as dimensões citadas não poderiam ser utilizadas como parâmetro para o desenvolvimento de EPA pelo limite que a tarefa pedagógica tem dentro de ambientes institucionais. Portanto, de forma exploratória, essas percepções são válidas para compreender o processo da espiritualidade, uma vez que essas dimensões são vividas dentro

de um processo de cocriação intrapessoal que pode ser conduzido de forma restrita dentro do ambiente de trabalho, uma vez que requer uma disponibilidade que educador-educando não dispõem dentro da rotina laboral para estarem envolvidos com ações de mergulho interior, pois

[...] essas experiências podem ser mobilizadas em duas grandes categorias: o divino imanente e o divino transcendente...[...] O que podemos perceber é que a experiência espiritual pode ser vivenciada por meio de duas ordens inseparáveis e interdependentes; e por isso dizemos que na transpessoal o que há é um jogo constante entre uma transcendência na imanência e imanência em transcendência. De tal modo que adentrar o espiritual não significa deixar de viver nossa vida e ir para algum reino sobre-humano ou sobrenatural [...] Pois, o termo espiritual apresenta uma conotação de transformação, de um processo a ser trilhado na intenção de encaminhar o indivíduo a novas formas de experienciar a si mesmo, a modos mais amplos em que as maneiras usuais de se ver são modificadas em suas bases (SILVA, 2015, p. 85-87).

A resposta interna da pessoa que vivencia a espiritualidade através das experiências fenomenológicas ou crenças paranormais é algo muito particular que limita a atuação do educador numa ação de EPA institucionalizada. Ferrer (2017) destaca que há uma correlação entre as três dimensões da cocriação, muito embora a intrapessoal e a transpessoal estejam muito próximas, uma vez que o elo entre mente e consciência abre espaço para formas espirituais mais sutis. Essa investigação da percepção da pessoa quanto às formas mais abrangentes de conceber o mistério não determinado em suas manifestações arquetípicas, cosmológicas, de visões e de estados místicos requer um trabalho mais aprofundando pelo educador.

Observamos que o ESI-R, ao trazer essas dimensões, tenta dar visibilidade de forma empírica a essas expressões de espiritualidade, as quais não foram significativas nesses grupos. A relação que cada pessoa tem com o Sagrado ou o Numinoso ou o mistério não determinado, como melhor se apresente a ideia à pessoa, para a tarefa pedagógica não tem maior relevância, porém a abertura que se apresenta ao binômio educador-educando para o acolhimento das diversas formas de expressão do Sagrado é condição *sine qua non* para o respeito ao princípio da equipluralidade. As assertivas dessas dimensões levaram estranhamento para alguns participantes, os quais disseram expressamente que não concordavam com elas, de modo que esse reflexo foi percebido estatisticamente nos resultados.

Destacamos que matriz cultural cristã sobressaiu entre 70,3% do grupo, sendo 57,4% católicos e 12,9% evangélicos. Tal dado nos leva à reflexão de que o estranhamento às

percepções outras de manifestações espirituais ficaram evidentes na baixa pontuação dessas dimensões. Neste sentido, esta análise reforçou a exclusão das dimensões Crenças Paranormais (PAR), Fenomenológica/Experiencial (EPD) e Religiosidade (REL) para o aprofundamento das entrevistas entre as pessoas participantes, mais especificamente nesta última, destacamos que

Como podemos perceber, o problema é que a religião, há muito, perdeu a ligação com seu aspecto vital, com suas bases e o que lhe deu origem. E, uma vez que o processo de *religare* se torna organizado e institucionalizado tende a perder a ligação com suas bases espirituais, passando a se preocupar menos com experiências de modificação pessoal e mais com dogmas, ritos e formalismos vazios de sentido (SILVA, 2015, p. 83).

Tal argumento reforça que eleger a investigação da dimensão Religiosidade do ESI-R como um aprofundamento das contribuições da espiritualidade no desenvolvimento da EPA traria para nosso estudo um viés que fere a abordagem participativa na qual estamos nos apoiando, pois não houve um equilíbrio entre os credos nos grupos pesquisados, havendo a predominância da matriz cristã, e, dessa forma, um privilégio à essa tradição.

Diante disso, as dimensões Orientação Cognitiva em Direção à Espiritualidade (COS) e Bem-estar Existencial (EWB) nos trouxeram mais segurança na exploração de uma percepção ampliada da espiritualidade uma vez que ambas as dimensões trazem a percepção de bem-estar de maneira ampla, na perspectiva de senso de propósito e necessidade de atenção à dimensão espiritual como parte da vida cotidiana. A mudança de estilo de vida com a integração da dimensão espiritual na vida das pessoas aposentadas, cuja nova dinâmica se apresenta nas dimensões intrapessoal, interpessoal e transpessoal possibilita ao ser humano transitar pela vida com mais consciência, uma vez que sempre há algo para contribuir no mundo (FRANKL, 2017). Esse caminho de encarar a existência de outra forma é um processo que pode ser conduzido pelo educador de EPA, uma vez que os processos de inquirição espiritualmente conduzidos vão colaborar com a pessoa em processo de aposentadoria, contribuindo para que ela chegue às conclusões que a façam mudar sua perspectiva de ver a si, às outras pessoas e ao mundo, pois

O sujeito não precisa de regras ou normas externas que garantam o bem viver ou o equilíbrio social. Nem mesmo de normas que digam que ele precisa ser mais amoroso ou paciente. Esses valores ocorrem de modo natural e não por uma força que vem de fora. O indivíduo coloca-se, ele mesmo, em trabalho de perceber o valor de certas qualidades e atitudes. Não

por uma lei que diz que precisa ser assim, mas porque ele acredita que assim é o melhor para o mundo, para vida, para o universo (SILVA, 2015, p. 88).

Aqui fica-nos a reflexão do quanto a inquirição eco-social-política da cocriação interpessoal contribui na intencionalidade da tarefa pedagógica para que seja sempre revista pelo educador no sentido dos autoquestionamentos: a quem serve o meu trabalho? Quanto este tem se aproximado do desenvolvimento do binômio liberdade-responsabilidade das pessoas em processo de aposentadoria?

Avaliamos que a relação interpessoal precisa estar mais presente na EPA, uma vez que as demais cocriações, intrapessoal e transpessoal, requerem um conhecimento mais aprofundando do processo de experiências espirituais que serão vividas pela pessoa em aposentadoria. É evidente que a tarefa pedagógica pode lançar mão de atividades que visem à reflexão sobre essas dimensões, principalmente no que tange ao princípio da equiprimacia para que as atividades não priorizem um determinado atributo humano em detrimento dos outros. Diante disso, reforça o intuito de compreender como as dimensões de Bem-estar Existencial e Orientação Cognitiva em Direção à Espiritualidade se manifestaram no grupo pesquisado, pois nessas dimensões há uma latência para o respeito à equipotencialidade das relações humanas estabelecidas no fenômeno de aposentar.

Assim, percebemos que, para o grupo do INSS, a COS é dimensão mais significativa, já para grupo da UFPE fica evidente que a EWB é a expressão de espiritualidade de maior média. Vale destacar que a dimensão Religiosidade para o INSS é, também, muito significativa, uma vez que teve média 3,23 e a COS 3,30, muito embora entre os dois grupos não houve, a partir dos testes estatísticos, significativas disparidades entre as médias das dimensões do ESI-R.

Tabela 21 - Comparação das dimensões do ESI-R entre mulheres e homens

ESI-R Dimensão	Feminino			Masculino			Teste – T		
	Nº	Média	DP	Nº	Média	DP	T	gl	P
COS	88	<b>3.21</b>	0.739	66	2.89	0.869	2.481	152	0.014
EPD		1.97	0.986		1.89	0.978	0.481	152	0.631
EWB		3.08	0.724		3.06	0.564	0.223 <sup>a</sup>	152	0.824
PAR		1.82	0.805		1.72	0.876	0.714	152	0.476
REL		<b>3.23</b>	0.819		2.82	0.939	2.872	152	0.005

Fonte: A autora

Quando fizemos a comparação entre o grupo de mulheres e homens, percebemos que a variação das dimensões COS e REL é significativa, evidenciando que há maior abertura para

experienciar a dimensão espiritual dentro perspectiva religiosa pelas mulheres do que pelos homens do grupo pesquisado. Acerca da EWB, não há variação significativa no tocante ao sexo, como podemos visualizar na tabela anterior (Tabela 21).

Esses dados nos permitem refletir que a dimensão da espiritualidade EWB está, em certa medida, bem estabelecida, o que traz segurança para situações estressoras na aposentadoria para esse grupo, em que o senso de propósito está assegurado. Minayo e Cavalcante (2010) evidenciaram, na revisão de literatura sobre suicídio, que pessoas idosas têm maior tendência a ideações suicidas, sendo as mulheres os sujeitos que mais pensam na morte autoinfligida e os homens aqueles que mais a efetivam. Desse modo, investir na dimensão espiritual na EPA colabora com a proteção à vida da pessoa aposentada, pois haverá um reforço nos anos que antecedem a aposentadoria para um processo de redescobrir o sentido de vida para além dos ditames do trabalho formal.

Tabela 22 – Matriz de correlação

Matriz de Correlação										
	Id	Filh	TPub	TPriv	Idl°trab	COS	EPD	EWB	PAR	REL
Id	—									
Filh	0.305***	—								
TPub	0.354***	0.186 *	—							
TPriv	0.149	0.089	-0.456 ***	—						
Idl°trab	0.133	0.021	-0.072	-0.161 *	—					
COS	-0.201*	-0.105	-0.064	-0.062	-0.042	—				
EPD	-0.168*	-0.134	0.025	-0.040	-0.116	0.578 ***	—			
EWB	-0.080	-0.038	-0.079	0.062	-0.076	0.132	-0.099	—		
PAR	-0.170 *	-0.177*	-0.042	-0.083	-0.012	0.441 ***	0.453 ***	-0.079	—	
REL	-0.161*	-0.146	0.035	-0.140	-0.018	0.705 ***	0.460***	0.074	0.311 ***	—

Fonte: A autora, *software* Jamovi. Nota: \*  $p < .05$ , \*\*  $p < .01$ , \*\*\*  $p < .001$

A tabela 22 reforça a potencialidade que a dimensão EWB possui no grupo pesquisado, uma vez que a idade teve pequenas associações negativas, em comparação com as demais dimensões do ESI-R (COS, EPD, PAR e REL). Na análise da situação ante a aposentadoria, percebemos que a situação de pré-aposentáveis pontua mais baixo na dimensão de EWB e REL. Quando fazemos um teste comparativo entre as dimensões e as situações ante a aposentadoria, a fragilidade das pessoas em situação de pré-aposentadoria é maior na dimensão EWB. Utilizamos a comparação das médias gerais das pessoas do serviço público aposentadas, pré-aposentáveis e em abono de permanência através de análise de variância unidirecional (*one way ANOVA*).

Tabela 23 – Dimensões da ESI-R por situação em relação à aposentadoria

<b>Dimensão</b>	<b>Situação</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>
COS	Abono	118	3.02	0.825
	Aposen	21	3.36	0.762
	PreApo	14	3.01	0.705
EPD	Abono	118	1.88	0.933
	Aposen	21	2.17	1.190
	PreApo	14	2.06	1.071
PAR	Abono	118	1.75	0.830
	Aposen	21	1.79	0.910
	PreApo	14	1.98	0.821
REL	Abono	118	2.98	0.945
	Aposen	21	<b>3.50</b>	0.645
	PreApo	14	2.99	0.496
EWB	Abono	118	3.04	0.629
	Aposen	21	<b>3.44</b>	0.666
	PreApo	14	2.77	0.736

Fonte: A autora

Desse modo, pudemos perceber como as expressões de espiritualidade se apresentaram mediante cada subgrupo. A tabela abaixo mostra as dimensões que tiveram valores significativos ( $p < 0,05$ ), a serem consideradas nas análises.

Tabela 24 - Análise de variância das dimensões do ESI-R em função da situação diante da aposentadoria

<b>dimensão</b>	<b>F</b>	<b>df1</b>	<b>df2</b>	<b>p</b>
COS	1.714	2	27.7	0.199
EPD	0.661	2	24.8	0.525
PAR	0.445	2	26.1	0.645
REL	5.267	2	34.4	0.010
EWB	4.343	2	25.4	0.024

Fonte: A autora

Tal dado nos leva à reflexão de que a EPA precisa ser uma ação longitudinal, a fim de proteger a pessoa trabalhadora durante todo o seu percurso laboral. Dado o estado de conhecimento levantado nesta pesquisa, consideramos que as exigências do mundo do trabalho e a desconexão com a dimensão espiritual que a modernidade potencializou refletem-se na relação que o pré-aposentável apresenta com o sentido de vida.

Como o gozo a aposentadoria configura-se um horizonte distante para esse grupo, a percepção de seu bem-estar existencial pode estar atrelada à percepção negativa que tem sua atividade laboral. A tendência de aumento dessa percepção pelas pessoas aposentadas por usufruírem de maior disponibilidade de tempo para viverem outras experiências para a realização das quais, durante a jornada laboral, havia maiores restrições de agenda.

Essa hipótese se configura na pontuação mais elevada da dimensão REL das pessoas aposentadas em relação às pessoas em abono de permanência, de modo que a perspectiva de maior tempo livre pode abrir espaço para vivenciar a espiritualidade em ambientes religiosos.

A parte quantitativa deste estudo trouxe um panorama que possibilitou observar como está configurada a expressão de espiritualidade de pessoas na fase adulta tardia. Destacamos que a média de idade do grupo pesquisado é de 60 anos, sendo 50% das pessoas que começaram a trabalhar antes do 21 anos.

Tabela 25 – Teste comparativo entre as condições ante a aposentadoria das dimensões REL e EWB

Teste comparativo (Teste- t) – REL				
Situação	Estatísticas	Abono	Apo	PreApo
Abono	Diferença de Média	—	-0.523*	-0.0107
	Valor -p	—	0.035	0.999
Aposen	Diferença de Média	—	—	0.5119
	Valor -p	—	—	0.214
PreApo	Diferença de Média	—	—	—
	Valor -p	—	—	—
Teste comparativo (Teste -t) – EWB				
Situação	Estatísticas	Abono	Apo	PreApo
Abono	Diferença de Média	—	-0.397	0.266
	Valor -p	—	0.027	0.313
Aposen	Diferença de Média	—	—	0.663**
	Valor -p	—	—	0.009
PreApo	Diferença de Média	—	—	—
	Valor -p	—	—	—

Fonte: A Autora. Nota: . \* p < .05, \*\* p < .01, \*\*\* p < .001

A questão da centralidade do trabalho é muito evidente nesse grupo, uma vez que 19% deles já possuem mais de 40 anos de contribuição, o que denota uma dificuldade em decidirem se aposentar, pois já cumpriram todos os requisitos para a aposentadoria. As pessoas nessa condição são 63% de homens em abono de permanência, dos quais 42% são do INSS e 68% da UFPE. Observamos que esse dado está próximo dos resultados apresentados por Souza (2019), em que há uma tendência para o adiamento da aposentadoria na UFPE mais evidente no público masculino com estado civil casado (92%). No tocante aos 47% de mulheres que passaram dos 40 anos de serviço, 75% são da UFPE e 25% do INSS. Quando observamos o estado civil dessas mulheres, 75% são divorciadas e 25% viúvas, o que pode ser um indício de uma rede de apoio frágil em que o trabalho pode estar ocupando o espaço das relações na rede de apoio. Desse modo, percebemos que há uma inversão entre as

características do adiamento ao gozo da aposentadoria em relação às pessoas com mais de 40 de anos de serviço, no tocante ao sexo e o estado civil.

A questão central da EPA espiritualmente conduzida é trazer a reflexão de que o sentido da vida está em criar vínculos afetivos no trabalho e para além dele, inculcando na pessoa a abertura para a desconstrução do eu e para a ressignificação de sua identidade nos momentos-chave de sua existência. Para a pessoa adulta na fase tardia, esse movimento pode ser mais restrito, de modo que há uma tendência à postergação em decidir se aposentar por parte das pessoas do serviço público quando observamos as características levantadas. Desse modo, a EPA não pode focar, apenas, nos anos finais da carreira das pessoas trabalhadoras, pois, para aquelas na fase adulta tardia, há um esforço maior em reconhecer e restabelecer novos vínculos em vez de retroalimentá-los ao longo da vida.

O estabelecimento de um diálogo intrapessoal fornece caminhos para o autoconhecimento da pessoa aposentada e, assim, o exercício da liberdade sem estar presa às amarras do exercício de papéis sociais impositivos. A dimensão espiritual estará bem estabelecida quando a pessoa compreender que é livre e responsável por suas escolhas, mesmo nos limites objetivos da vida, ainda, há uma margem para se tomar decisões e redescobrir o sentido de sua vida em cada momento histórico (FRANKL, 2017). O reconhecimento e o exercício da dimensão noética do ser humano fornecem uma lucidez e um autoconhecimento genuíno que o liberta de uma gama de condicionamentos externos.

O fato do grupo da UFPE ter tido menor pontuação na dimensão REL evidencia a necessidade de desenvolvimento de ações que priorizem o senso de propósito da dimensão EWB naquela instituição. Priorizar essa dimensão também no INSS pode colaborar com o desenvolvimento do princípio de equipluralidade que a abordagem transpessoal participativa defende, e, também, com a laicidade do Estado Brasileiro. A dimensão COS estatisticamente não representou para a UFPE uma dimensão relevante, mas pode ser também explorada por um programa de EPA naquela instituição.

Como já foi explicitado na seção 5 deste estudo, há poucas produções científicas que trabalhem as relações interpessoais das pessoas aposentadas (família, lazer, cultura), de modo que ambas as instituições precisam atentar para o incentivo de ações de EPA que potencializem as cocriações interpessoais, pois é nos afetos da vida em relação que há a potência de (re)criar sentido para a vida na concretude do mundo.

## 7 ESTUDO MISTO – PARTE II: AS CONCEPÇÕES DE ESPIRITUALIDADE NA EPA

Nesta seção, estamos chegando aos quilômetros finais da caminhada acerca das reflexões sobre a EPA e a contribuições da espiritualidade para as pessoas em processo de aposentadoria. Como já discutido anteriormente, o critério de seleção para os participantes desta fase da pesquisa foi identificar as pessoas com maiores e menores médias nas dimensões de Bem-Estar Existencial e Orientação Cognitiva em Direção à Espiritualidade, conforme os critérios abaixo:

Quadro 17 - Critérios de seleção para a entrevista

Dimensão		Valor		Critério de seleção
<b>COS</b>	<b>EWB</b>	Alto	Alto	COS >3 e EWB >3
<b>COS</b>	<b>EWB</b>	Alto	Baixo	COS >3 e EWB <3
<b>COS</b>	<b>EWB</b>	Baixo	Alto	COS <3 e EWB > 3
<b>COS</b>	<b>EWB</b>	Baixo	Baixo	COS <3 e EWB <3

Fonte: A autora

Na seção anterior, ficou clara a diferença entre os grupos, em que o INSS teve maior média em relação à Orientação Cognitiva em Direção à Espiritualidade e a UFPE no Bem-Estar existencial, de modo que tal característica refletiu-se também na forma de conceber a espiritualidade pelas pessoas entrevistadas. Diante disso, organizamos nossa análise em subseções uma para cada subgrupo e finalizamos com uma confluência da percepção de todo o grupo, conforme descrito a seguir.

### 7.1 UFPE: COMPREENSÕES DE ESPIRITUALIDADE

Foram entrevistadas oito pessoas da UFPE, com idades de 55 a 70 anos, ocupantes dos cargos de técnico em educação, técnico em assuntos educacionais e professor do magistério superior. As entrevistas ocorreram em fevereiro e março de 2020, nas dependências da UFPE e por chamada de vídeo (em virtude da pandemia do covid-19). Foram entrevistadas quatro mulheres, sendo duas professoras (uma aposentada e uma em abono de permanência); uma técnica em assuntos educacionais aposentada e uma técnica em educação de nível médio em abono de permanência. Quanto ao público masculino, foram entrevistados quatro homens,

sendo dois professores e dois técnicos em educação (um de nível médio e 1 de nível superior), todos em abono de permanência.

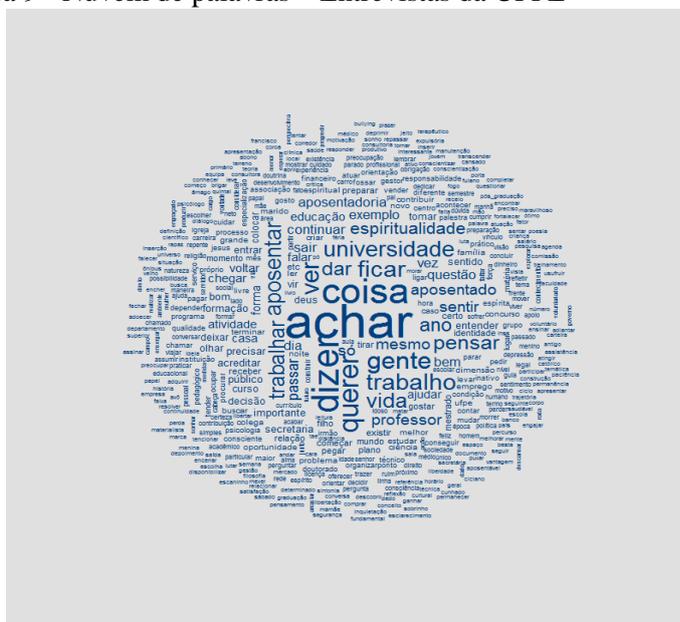
Quadro 18 - Perfil sociodemográfico das pessoas entrevistadas da UFPE - Resumido

Partic.	Sexo	Cargo	Situação	Estado	Filhos	Religião	Cor
1	M	Professor	Abono	Divorciado	Sim	Nenhuma	Branca
2	F	TE	Abono	Casada	Sim	Católica	Parda
3	M	Professor	Abono	União estável	Sim	Nenhuma	Branca
4	F	TAE	Apos.	Casada	Sim	Católica	Branca
5	M	Técnico	Abono	Solteiro	Não	Espírita	Parda
6	F	Professor	Apos.	Casada	Sim	Católica	Branca
7	M	Técnico	Abono	Casado	Sim	Católica	Branca
8	F	Professor	Abono	União estável	Não	Espírita	Branca

Fonte: A autora. Nota: Classificação dos participantes por ordem das entrevistas.

A entrevista teve início com as seguintes perguntas “O que você entende por espiritualidade? Ela faz parte de sua vida? Se sim ou não, comente.”. Percebemos que tais questionamentos pegam as pessoas de surpresa uma vez que é uma dimensão humana que habitualmente não é conversada na academia. Como vemos na figura 9, os verbetes achar e coisa se sobressaem como uma forma de nomear o que não se tem segurança, a se colocar de forma genérica quanto à espiritualidade ou situações outras em que se quer aprofundar na definição.

Figura 9 - Nuvem de palavras – Entrevistas da UFPE

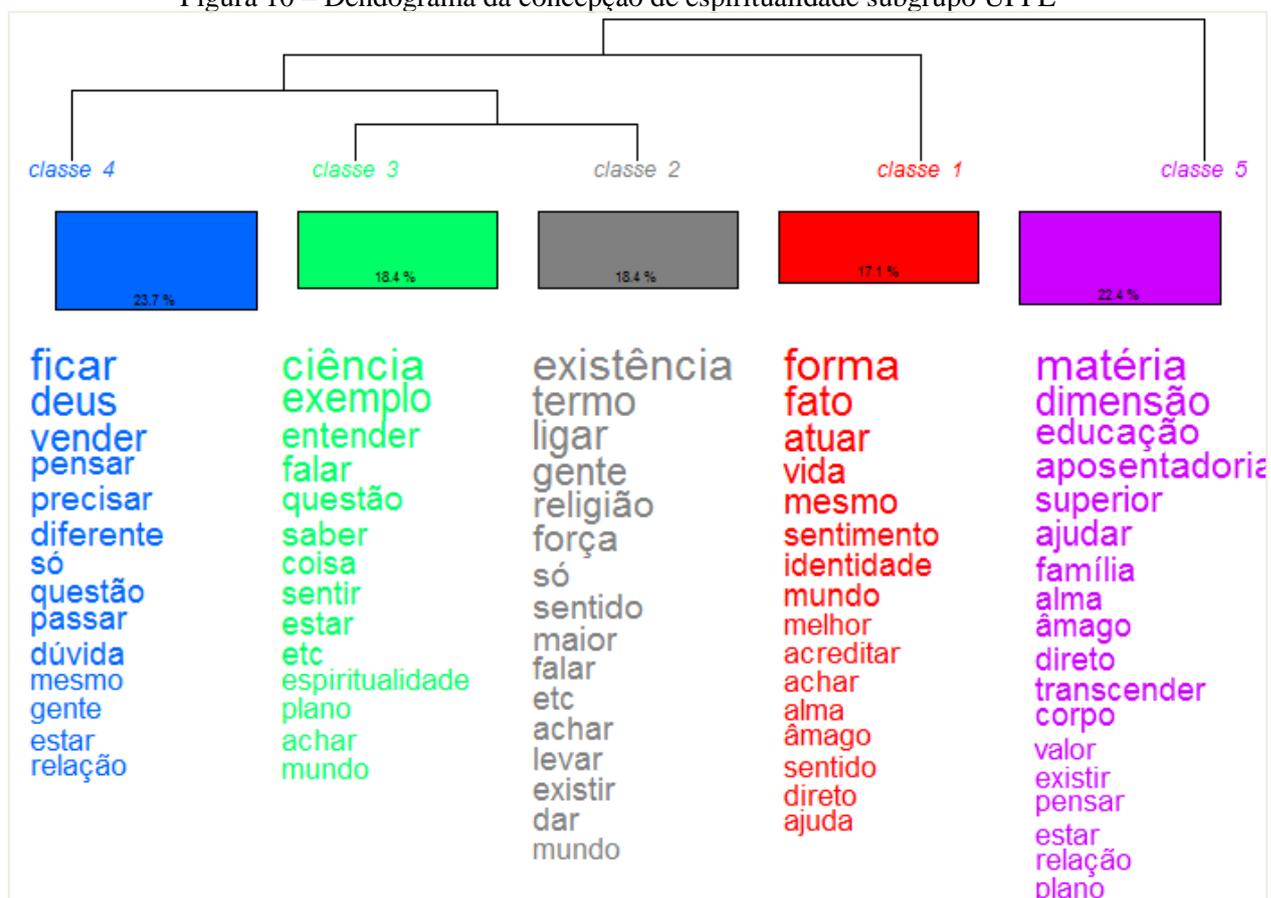


Fonte: A autora. Software - Iramuteq

Notamos que a palavra espiritualidade aparece pouco nos agrupamentos lexicais do *corpus*. O grupo da UFPE foi bastante objetivo nesse tópico da entrevista. Mesmo tentando

inquirir acerca de outras formas de expressar a concepção de espiritualidade das pessoas entrevistadas, percebemos que havia certo limite de para esses questionamentos. Neste sentido, percebemos que, durante toda a entrevista, seria necessário um olhar focado para essa temática, uma vez que a espiritualidade iria ficar eclipsada na análise lexical, como percebemos na nuvem de palavras. Diante disso, selecionamos os trechos relacionados com as perguntas acima e tratamos no IRAMUTEC, de modo que tivemos os seguintes agrupamentos lexicais:

Figura 10 – Dendograma da concepção de espiritualidade subgrupo UFPE



**Fonte:** A autora.

Percebemos que o grupo apresentou uma percepção imanente da espiritualidade (classes 1 a 4) e uma transcendente da espiritualidade (classe 5). Com percepções claras de sua manifestação de um evento não religioso, de um relacionamento com o Divino, que transcende o corpo, mas traz sua concretude através da relação interpessoal. A classe 5 traz uma visão essencialista da espiritualidade como uma dimensão que está no âmago do ser humano que é transcendente (matéria, dimensão, superior). Já as demais classes trazem uma

espiritualidade imanente, que se revela na relação com a divindade (Deus, ficar), da compreensão da vida (existência, ciência) e na ação no mundo (atuar, vida).

Quando analisamos as falas dos participantes, percebemos que se evidenciou para esse subgrupo como a espiritualidade é vivenciada fora dos ditames da religiosidade, exceto pelo participante 5. A prática religiosa dentro de um centro espírita trouxe a concepção de que a espiritualidade depende do processo cocriativo transpessoal com guias espirituais que o orientam nas tomadas de decisão em sua vida, inclusive quando for a hora de decidir se aposentar. Para esse participante, a espiritualidade configura-se em sua relação com o espírito que o acompanha, seu guia.

Quadro 19 - Concepção de Espiritualidade do participante 5 - UFPE

Sujeito	Concepção	Confluência teórica
5	<i>Espiritualidade ela faz parte comigo de tudo e tudo eu gosto de fazer com a espiritualidade junto de mim, com a orientação da espiritualidade. Participo de centro espírita, faço tratamento em centro espírita, tudo eu pergunto a ele, guia espiritual, para me orientar, eu gosto mais de uma orientação espiritual do que um psicólogo, mas tudo meu eu gosto de primeiro entrar em sintonia com a espiritualidade para ela me responder as perguntas, sabe, para ela realmente me dá sim uma ideia, o caminho é esse? Essa história, é assim que eu sigo esse caminho dentro da espiritualidade.</i>	Religiosidade/Crenças paranormais (MacDONALD, 2000a)

**Fonte:** A autora

Apesar do participante 5 ter média 4,0 na dimensão COS, percebemos que, na entrevista, a religiosidade se sobressaiu, sendo a média nesta dimensão de 3,5. Esse fato nos leva à reflexão de que as expressões de espiritualidade dialogam entre si, de modo que há uma tendência das pessoas que compreendem a importância da espiritualidade como uma dimensão da vida a também vivenciá-las numa perspectiva religiosa. Esse argumento também será visível mais adiante na fala da participante 4.

Um movimento completamente diferente foi observado no participante 3, em que há uma percepção da espiritualidade como um acontecimento não religioso cujas ciências são o seu direcionador de estar e ser no mundo.

O participante 3 relata que, no seu processo de formação familiar, houve um incentivo para se questionar dogmas ou doutrinas de quaisquer ordens, sendo um direito dos indivíduos daquele núcleo optar por seguir ou não uma tradição religiosa. Tal perspectiva revelou-se nos resultados do ESI-R, em que as todas as dimensões pontuaram abaixo de 2, sendo a REL 0,33 e a COS 0,67.

Quadro 20 - Concepção de Espiritualidade do participante 3 - UFPE

Sujeito	Concepção	Confluência teórica
3	<i>A minha dimensão de espiritualidade ela está ancorada ou abrigada no campo da Filosofia e das Ciências Humanas. Na minha prática cotidiana e na minha prática acadêmica e também profissional eu procuro me guiar por essa linha, pela linha das Ciências da Filosofia e das Ciências Humanas. Olha eu podia dizer que eu tive uma grande parte da minha produção é um pouco movida pela teoria da complexidade, podia citar Edgar Morin (...).</i>	A espiritualidade como um acontecimento não religioso (SILVA, 2015)

Fonte: A autora

Nesta perspectiva, a concepção de espiritualidade que mais se aproxima da perspectiva desse sujeito é a espiritualidade como um acontecimento não religioso (SILVA, 2015). O processo enativo em que foi submetido em sua família, junto com o processo de formação profissional, trouxe uma percepção de espiritualidade no campo de atuação, muito crítica e numa perspectiva científica das ciências sociais, mas não o configura numa perspectiva de Orientação Cognitiva em Direção à Espiritualidade, sendo a perspectiva de Silva (2015) a que mais se aproxima da concepção do participante 3.

Olha eu nunca tive assim nenhuma prática e nenhum tipo de influência familiar pró a religiosidade nós tivemos uma educação mais dirigida uma crítica a religião então eu fui criado numa família cujo pai, meu pai era professor da universidade da área de química e minha mãe também nos deu uma liberdade muito grande em relação a fazer a crítica a questão do pensar de uma de uma prática de responder a comportamentos ditados por uma doutrina ou qualquer que seja ela. [...]Eu digo isso para diferenciar do lado biologicista, um lado cientificista e pode ser um viés materialista, mas eu sou não espiritualista de uma área clínica não biologista cujos os fenômenos são movidos por forças sociais e forças movidas da ciência da filosofia e não da ciências da natureza (PARTICIPANTE 3, UFPE).

Observamos que ambos os sujeitos destoam da perspectiva geral que foi registrada na análise do ESI-R do subgrupo da UFPE. Os outros 6 sujeitos tiveram maior semelhança em suas concepções de espiritualidade, conforme quadros seguintes.

Quadro 21 - Concepção de Espiritualidade dos(as) participantes 1,2,4 - UFPE

Sujeito	Concepção	Confluência teórica
1	<i>O que eu entendo é o seguinte a minha visão da espiritualidade seria a questão de se você está bem com você e com sua vida e de você achar que o que você faz é a coisa correta</i>	Bem – Estar Existencial (MacDONALD, 2000a)
2	<i>Assim, o que a pessoa pensar tudo certo, passado de tudo não adianta. Tudo certo. Pensar o que é bom que vai progredir, eu penso assim sabe. Nada do que é ruim não adianta, tem que pensar o que é bom, tanto para mim quanto para os outros. É aquele momento, tem dia que é bom tem dia que tem problema, tem dia que não tenha. Mas somente pedir a Deus força e ajuda a Ele porque só Ele em primeiro lugar.</i>	
4	<i>Eu entendo o quê, espiritualidade ela não está só no plano da religião em si, eu entendo que espiritualidade é um conjunto de valores que a gente vai construindo que na verdade eu acho que são valores que vão se construindo a partir de suas experiências e interações, então, isso são sentimentos que nos fortalecem para enfrentar a vida para entender a vida.</i>	

Fonte: A autora

Os valores que regem a vida do ser humano ficaram mais evidentes na fala desses participantes. Além disso, há em suas falas um cuidado com a manutenção do bem-estar financeiro durante a aposentadoria. Apenas para o sujeito 4, houve influência da espiritualidade na tomada de decisão por se aposentar; nos demais, o equilíbrio financeiro tem adiado uma possível decisão pela aposentadoria:

Eu acho que geralmente pelo menos eu entendo que eu me sinto fortalecida pelo fato de sentir vivendo uma espiritualidade. [...] Eu acho que sim, porque eu acho as convicções que eu fui criando na vida, esses conceitos de vida que eu fui formando me deram a certeza que a minha vida não ia se acabar que eu não ia me tornar menor porque eu estava me aposentando, que haveria outras áreas onde eu poderia atuar e seria muito feliz e continuar desenvolvendo outras questões que eu por estar tão ocupada, tão presa aquela rotina por causa do trabalho e deixava de desenvolver (SUJEITO, 4, UFPE).

As características dos sujeitos 1 e 2 reforçam que os fatores de risco à sobrevivência ainda são muito evidentes na realidade de pessoas em processo de aposentadoria, mesmo aquelas que possuem remuneração acima da média da população brasileira. Há uma preocupação com a saúde financeira, reforçada pelas questões familiares, quanto à tomada de decisão por se aposentar, como podemos visualizar nas falas do participante 1 e do sujeito 2:

Eu acho que agente chega também uma época que você sente que já vivenciou tanto aquela coisa que tem uma vontade de fazer ao mesmo tempo existem restrições por conta de necessidades de recursos, de dinheiro. Também eu penso um pouco, hoje eu não tenho muitas condições de mudar a forma de vida que eu tenho hoje, eu vivo com a minha mãe ou ela comigo, a gente está decidindo ainda isso aí, e não teria condições de fazer aquilo que eu gostaria de fazer. Eu tenho muitos sonhos, mas fica um pouco limitado por conta disso. A aposentadoria por mim fica muito reservada sobre esse aspecto, mas eu teria vontade sim de me aposentar. [...]Assim, o que eu teria a maior preocupação que eu tenho é receio de financeiro que a coisa possa desandar e eu ter problema financeiro porque eu tenho muita gente que depende de mim, então eu tenho essa preocupação, esse é o maior. Enquanto vida, não (PARTICIPANTE 1, UFPE).

Eu digo assim, eu quero me organizar. Digamos assim, se eu quisesse tirar 100 reais para uma geladeira, um fogão, eu como estou trabalhando não vou tirar tudo não. Eu vou me organizando, porque a gente perde umas coisas, quando está trabalhando, ticket alimentação, eu sei que eu não vou mais ganhar mais aquilo, então para que eu... Eu estou me organizando. [...]E até minha filha diz assim: “Ela mata e morre por trabalho, porque não se cuida desse cabelo, não se cuida mais da banha”. [...] Isso pra mim foi uma grande coisa, foi uma grande coisa porque o que eu passei, eu não tinha, eu não tinha trabalho assim não. Meu marido, bom que eu colocava a mão no fogo por ele e trabalhava em casa. Não faltava as coisas, mas passei de desconfiada. Quando eu vim saber, ele com uma mulher, já tinha dois filhos. Eu não sabia, minha sobrinha. Ele nunca deu demonstração, nunca [...] (SUJEITO 2, UFPE).

As questões financeiras e a rede de apoio são muito importantes para que a tomada de decisão ante a aposentadoria seja feita de forma consciente. O receio de que falte segurança financeira na aposentadoria é evidente nas falas dos sujeitos 1 e 2. Porém, junto a essa preocupação, fica evidente que o arranjo familiar de ambos também contribui para a decisão tardia, uma vez que aposentar-se significa mais tempo livre para a vida doméstica e se defrontar com os cuidados com pais idosos (participante 1) e com crises conjugais não dirimidas ao longo da vida laboral (participante 2). Em contraste, a fala da participante 4 denota que estar em processo de desenvolvimento de uma espiritualidade mais rica de experiências permite que tenha mais segurança em tomar decisões, uma vez que o vazio existencial a que a experiência humana é submetida está para além da satisfação das necessidades básicas (FRANKL, 2005), pois envolve a criação de vínculos afetivos como promotores de sentido de vida numa perspectiva autotranscendente (FRANKL, 2005) e transpessoal (FERREIRA; SILVA, 2015).

A participante 4 descreveu uma rotina de trabalho extenuante, em que deveria dar conta do trabalho formal, da vida doméstica com os filhos e a ascensão profissional de modo que a aposentadoria possa proporcionar mais bem-estar do que continuar trabalhando. Em sua

análise, não haveria riscos à sua sobrevivência devido à reflexão acerca de suas finanças e valores de vida.

O ponto chave para mim foi a espiritualidade, porque veja a gente quando está ficando mais velha, a gente sai questionando os valores nossos com relação aos valores dos outros. Outro dia meu irmão... a minha família por ser muito grande também é mais ou menos assim dividida meio a meio, uns muito abonados financeiramente, outros mais medianos, não tem ninguém pobre, mas medianos e bem abonados. E eu fico vendo, por exemplo, eu fiquei assim questionando isso, meu irmão foi fazer uma visita a minha filha que teve neném e na conversa saiu que a filha dele caçula, que mora fora do país, já tinha formado um patrimônio que ele, o patrimônio que ela conseguiu formar, ela tem menos de 40 anos, trinta e poucos anos; ele só foi formar aos 60 anos de idade. E aquilo ficou mexendo com minha cabeça o tempo todo “Meu Deus, engraçado eu sempre pensei em trabalhar, mas eu nunca fui absorta, instigada pelo tenho que fazer, tem que ganhar mais, tenho que ter isso, tenho que ter dois carros, tenho que ter três carros”. Eu sempre sonhei ter a minha vida decente, sempre. Eu sempre dizia assim “não quero mais estar contando tostões na minha vida” e sempre desejei, mas para mim esses valores de que o que eu tenho já basta para eu ser feliz. Então, isso me ajudou muito no processo de aposentadoria (PARTICIPANTE 4, UFPE).

Ferrer (2017) destaca que a espiritualidade é um elemento fundamental para forjar um sujeito participativo e liberto de processos condicionantes da subjetivação a que o humano está submetido na contemporaneidade. O trecho acima demonstra que a participante 4 instituiu um processo de inquirição intrapessoal para poder tomar decisões que nortearam sua vida analisando aspectos que promovessem seu bem-estar. A abordagem transpessoal traz uma riqueza de experimentações concretas de uma espiritualidade complexa e plural, sendo parte integrante a consciência humana (FERREIRA; SILVA; SILVA, 2015; FERREIRA 2007).

Neste sentido, quanto maior a riqueza de cocriações enativas a que a pessoa se submeta experienciar de forma consciente, mais abrangente será sua concepção de espiritualidade. No caso da participante 4, houve média similar (4,0) nas dimensões COS, EWB e REL do ESI-R, fazendo configurar sua concepção de espiritualidade nas três perspectivas.

Como os sujeitos 3 e 5, que destoaram do conceito de espiritualidade em relação ao subgrupo, o sujeito 4 também teve o mesmo comportamento pela forte representatividade nas três dimensões apresentadas em seu discurso.

Eu estou apoiada por uma espiritualidade religiosa, mas também me apoio em filósofos e escritores que vão dando a você, vão trazendo para você certos valores que você vai assimilando porque também está fundamentada eu acho numa educação que você recebe da família (PARTICIPANTE 4, UFPE).

A perspectiva de um estudo misto permitiu evidenciar a riqueza de detalhes entre os métodos no sentido de construir os dados de modo a realizar um processo comparativo entre as dimensões da escala a fim de compreender a percepção de espiritualidade amplamente. No caso do participante 6, houve certa contradição, uma vez que a dimensão COS teve média baixa (2,0) mas o discurso apresentou uma abertura à espiritualidade transcendente. Esta participante não percebeu influência alguma da dimensão espiritual no processo de aposentadoria.

Aquilo que você tem que ter uma crença que existe a alma, que existe esse ser superior à matéria que transcende. É algo que transcende a matéria, eu não sei cientificamente como é que se explica, mas no meu entendimento é isso. É uma coisa que lhe ajuda a refletir sobre aquilo que você é, sobre a sua identidade como pessoa, como ser que atua no mundo, para atuar no mundo. É o ser. Não diretamente, não vejo assim uma ligação que a espiritualidade que, digamos assim, o meu ser ia mudar o que ia ajudar por ser por eu ser a pessoa que sou. Assim, eu não vejo essa relação direta, que aquilo que eu acredito que você é além da matéria tenha me ajudado a pensar ou refletir se, de tomar a decisão de aposentar ou não. Eu acho que foi mais assim uma situação que eu me preparei para encerrar um ciclo porque eu também vejo que o ciclo não se encerra ali. Não é porque meu aposentei que a vida e o ser vai deixar de ser, eu continuo sendo (SUJEITO 6, UFPE).

Quadro 22 - Concepção de Espiritualidade dos(as) participantes 4,6,7 e 8 - UFPE

Sujeito	Concepção	Confluência teórica
4	<i>[...] Resumindo, eu acho que a espiritualidade é esse sentimento de um mundo que vai além da materialidade, para mim é um plano que eu vivencio me sentindo que ele não está aqui que ele não é terreno, ele passa para o terreno através de minhas ações, mas é uma coisa que eu consigo ver além dessa, numa outra esfera, numa outra dimensão que me transpõe para outros valores mais eternos.</i>	Orientação Cognitiva à Espiritualidade (MacDONALD, 2000)
6	<i>Espiritualidade para mim é algo assim, que está ligado uma dimensão, uma dimensão da pessoa, como uma dimensão que não é matéria para mim. É uma dimensão que vai além do que é corpóreo, algo que você está assim como um espírito, não é? No pensar, no nível que não é corpóreo. Para mim é o que eu entendo por espiritualidade é aquilo que está além do corpo, da matéria. Porque eu penso assim, como uma pessoa que sou, não é, como algo que eu acredito que existe além do ser, além do ter e do poder. É algo que está, que eu dizia, como uma alma que está além do meu ser concreto.</i>	

Fonte :A auora

Quadro 23 - Concepção de Espiritualidade dos(as) participantes 4,6,7 e 8 – UFPE (continuação)

7	<i>Espiritualidade eu acho que é um estado emocional e psíquico que você se conecta com uma força, na minha visão, uma força mais cósmica uma força que emana do universo e a depender da religião vai dando definições diversas, mas eu acredito muito em energia. Na medida do possível eu procuro pensar positivamente, porque eu acho que isso atrai energia. Eu não pratico, eu não pratico, pratiquei no passado. Eu na verdade sou católico, mas deixei de frequentar a igrejas etc. porque eu acho que essa espiritualidade você pode de exercer exatamente consigo mesmo e em conexão com o universo e na medida do possível pensando positivamente, é isso que eu procuro nas adversidades agir dessa forma.</i>	
8	<i>Eu acho que espiritualidade é uma coisa que transcende ao que a gente tem de corpo material, de mundo físico que a gente acredita que dá esse suporte ligado a uma força maior que não precisa ser necessariamente religiosa, acho que tem muita gente que não acredita em Deus, mas que tem uma espiritualidade um jeito de encarar a vida diferente que não é superficial, não é desconsiderando o outro, que pensa na coletividade. Então, é uma coisa para mim tão ampla, tão abstrata que eu nem sei direito como conceituar, mas eu acho vai por essas coisas que eu mencionei.</i>	

Fonte: A Autora

Como as participantes 4 e 6 foram as únicas que vivenciaram o fenômeno da aposentadoria, estas tiveram condições de explicar se suas respectivas concepções de espiritualidade auxiliaram na tomada de decisão. Como já foi percebido, para a participante com visão da espiritualidade mais imanente (SUJEITO 4), a espiritualidade influenciou, pois permitiu uma revisão dos valores que conduziam sua vida. A concepção transcendente da espiritualidade da participante 6 não influenciou em sua tomada de decisão, uma vez que configurou o encerramento natural do ciclo laboral. Os demais sujeitos não percebem a influência direta da respectiva compressão de espiritualidade. Apenas o participante 5 atrelou a sua decisão à orientação direta do seu guia espiritual.

Sim, eu estou pensando, mas ainda vou entrar em sintonia com meu guia espiritual que eu converso com ele, lógico, ele está perto de mim porque ele está me orientando. Eu vou conversando com ele procurando saber se realmente é hora, o momento da minha aposentadoria. Eu, estou pensando muito desse ano ainda entrar na minha aposentadoria, é para isso que eu vou pedir uma orientação da parte dele, guia espiritual (PARTICIPANTE 5, UFPE).

Percebemos que o sujeito 5 demonstra uma percepção da espiritualidade cocriativa transpessoal (FERRER, 2017) em que possui a abertura para interações com seres sutis em sua vivência espiritual, demonstrando o desenvolvimento do Espírito Além. Essa abertura também é visível na fala do participante 7 quando expressa que a espiritualidade é “*uma força mais cósmica, uma força que emana do universo e a depender da religião vai dando definições diversas*”, o que denota que ele demonstra uma abertura para o princípio da equipluralidade, uma vez que afirma “*Eu na verdade sou católico, mas deixei de frequentar a igrejas etc. porque eu acho que essa espiritualidade você pode de exercer exatamente consigo mesmo e em conexão com o universo*”.

O Espírito Intermediário foi percebido na fala da participante 8 quando afirmou que, na sua visão, a espiritualidade “*não é desconsiderando o outro, que pensa na coletividade*”. Para ela, a espiritualidade acontece em ação no mundo (FRANKL, 2006) através de sua ação como professora, pensa na melhoria social através das cocriações interpessoais do Espírito Intermediário:

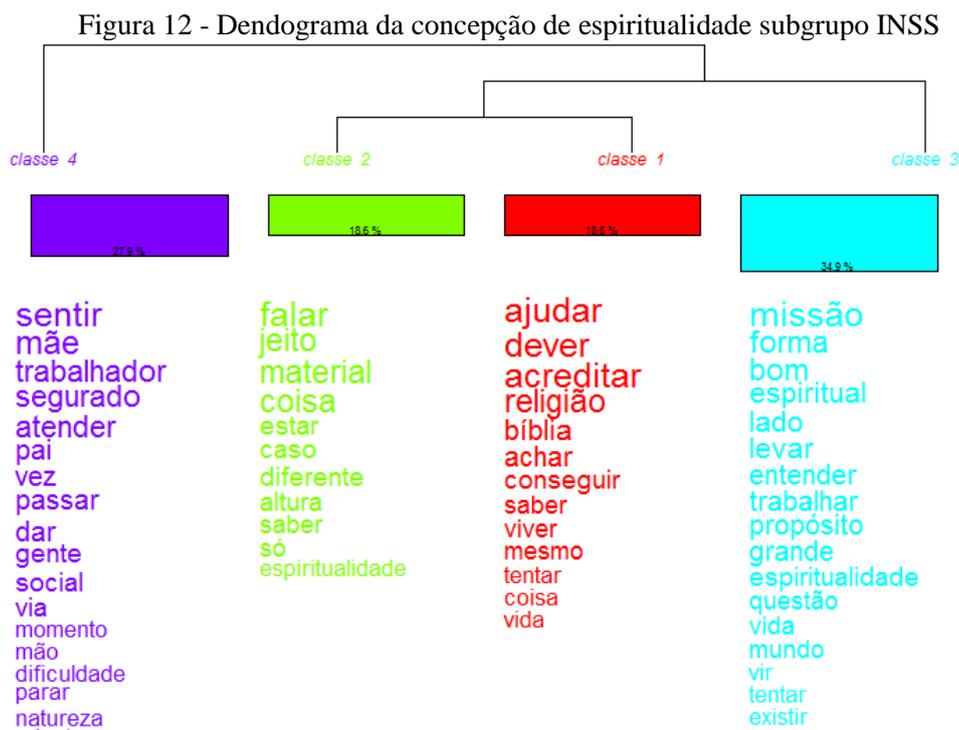
Eu acredito muito no que eu faço, então, nesse caso eu acho que tem a ver, um pouco da espiritualidade pelo fato de acreditar que está contribuindo, que tem um senso de utilidade para a sociedade de uma forma geral, nesse sentido. Quando eu me aposentar meu plano é continuar trabalhando, de outras formas de uma maneira voluntária, sempre eu quero estar contribuindo para alguma coisa na sociedade, não pretendo ficar em casa descansando não. Não é o meu perfil (PARTICIPANTE 8, UFPE).

Didaticamente, trouxemos as aproximações das concepções de espiritualidade do subgrupo da UFPE correlacionado com as dimensões de espiritualidade que foram discutidas na fundamentação teórica. Vale destacar que, no processo cocriativo da dimensão espiritual, há processos de ordens intra, inter e transpessoal, podendo a mesma pessoa transitar por todas as dimensões apresentadas por MacDonald (2000a) ou em nenhuma delas, como o participante 3. A fim de não esgotar a discussão por ora, vamos discutir acerca das concepções de espiritualidade do subgrupo do INSS, para retomar o tema em seguida.

## 7.2 INSS: COMPREENSÕES DE ESPIRITUALIDADE

No subgrupo do INSS, tivemos oito entrevistas, sendo três pessoas de cargo Analista do Seguro Social e cinco de Técnico do Seguro Social. Entre os participantes, há duas pessoas em situação de pré-aposentadoria e uma na condição de aposentada, fato diferente do grupo





Fonte: A autora. *Software IRAMUTEC*

Como podemos perceber, não houve a nítida percepção dos caracteres imanente e transcendente da dimensão espiritual. Percebemos que, nesse subgrupo, há um forte apelo para a espiritualidade em ação no mundo em que essa é vivenciada com uma missão (classe 3) de vida, um propósito que possibilita ajudar (classe 1) as pessoas e, como servidores e servidoras públicas, ter uma ação direcionada ao segurado e ao trabalhador (classe 4).

Também ficou visível que a espiritualidade tem o potencial de mudar o jeito das pessoas levarem a vida (classe 2) e que, nesse ponto, tem uma característica transcendente de não estar voltada à parte material da existência.

Apesar desse grupo ter apresentado média maior em COS, percebemos que a formação religiosa do grupo teve impacto no *corpus*. As palavras religião e bíblia tiveram bastante destaque na classe 1, de modo que a COS, em certa medida, ficou eclipsada nas entrevistas, nas quais foi dada maior ênfase às dimensões de Bem-estar Existencial e Religiosidade.

Percebemos que, para os participantes dos quadros 25 e 26, a espiritualidade denota a forma de ser e estar no mundo, na relação consigo e com as pessoas de uma forma geral. Fica evidente que, para essas pessoas, a dimensão noética da espiritualidade sobressaiu, como uma característica da concepção de espiritualidade.

Quadro 25 - Concepção de Espiritualidade dos(as) participantes 1,5,8 - INSS

Partic.	Concepção	Confluência teórica
1	<i>Olha, pra mim, espiritualidade é uma coisa bem maior. É uma coisa de foro íntimo. Sua projeção de vida, seus valores. Basicamente isso. A espiritualidade foge totalmente de qualquer conotação religiosa na questão intrínseca que cada um tem de nós tem, pode até ter um amparo religioso. No meu caso, absolutamente não, a questão de foro íntimo, moral, ético. Ela realmente sempre norteou no meu processo, não só profissional, mas no meu processo de vida. A espiritualidade pra mim muito calcada na parte ética, ela é o meu princípio maior.</i>	
5	<i>Bom, eu acho que a espiritualidade seria a forma que eu me relaciono com as pessoas que estão ao meu redor e com algo que eu acredito que esteja acima de nós. Então, pra mim, espiritualidade é tudo que está ao meu redor, tanto do ponto de vista do material ou até de outras pessoas mesmo, e como me relaciono com essas pessoas, tendo sempre o foco de que existe algo além nessa relação entre as pessoas, e que entre as pessoas, existe algo além e acima de nós. E que tá norteando nossas vidas. É mais ou menos por aí que eu entendo a espiritualidade.</i>	Bem – Estar Existencial (MacDONALD, 2000a)
8	<i>Espiritualidade vem de espírito de paz, da pessoa, tranquilidade, cabeça firme. Conviver bem e em harmonia com a família, em um ambiente de trabalho, com os amigos. Ter um tempo pra você e para o lazer para você e pra esportes, pra descansar. Aí se você tem tudo isso, acho que você está tranquilo de espírito. Paz de espírito, separando trabalho, família, diversão e descanso.</i>	

Fonte: A autora

O participante 8 traz um indício de princípio da equiprimacia, como um aprendizado após um sofrimento inevitável (FRANKL, 2017), quando relata que, após um adoecimento, conseguiu separar os tempos de sua vida em que se dedica ao descanso (EU), ao trabalho (ISTOS), à família e ao lazer (NÓS), conforme a perspectiva de integralidade de Wilber (2007).

Então, estou preparado para me aposentar. Eu me aposentando não vai interferir na minha tranquilidade, na minha vida pessoal, no meu emocional, porque já me preparei, há uns cinco anos venho me preparando pra isso. Desde quando eu passei por uma cirurgia, eu já entendi que: “Não, agora eu vou cuidar da minha vida pessoal”. E comecei a dividir em quatro pilares, em quatro pontos que são, momento de trabalho é trabalho, momento de lazer é lazer, momento de descansar é descansar e momento da família é da família.

Quando eu estou com a família, eu desapego de celular, de trabalho, de tudo. Quando eu estou no trabalho, eu me desapego da família, de todo o lazer. Comecei a separar as coisas por etapa (PARTICIPANTE 8, INSS).

A religiosidade se apresentou de forma significativa nesse grupo, diferenciando-os bastante dos participantes da UFPE. Percebemos uma tendência às pessoas que têm escolaridade mais baixa conceber a espiritualidade dentro do aspecto religioso, uma vez que 50% das pessoas entrevistadas do INSS possuem até o ensino médio.

Quadro 26 - Concepção de Espiritualidade dos(as) participantes 2,3,4 e 6 - INSS

Partic.	Concepção	Confluência teórica
2	<i>Na minha visão, espiritualidade para mim é tudo que me liga, a um ser superior. Eu creio que existe algo superior que comanda todas as coisas, um designer que previu tudo que a gente, o mundo, a minha vinda aqui a terra , tudo isso. Então a minha espiritualidade, eu acho que a espiritualidade é esse contato, essa dimensão que sabe do Divino, de um Ser Superior, que tem para mim, eu chamo Deus. É. eu entendo que desde minha concepção. Assim, houve um Ser que pensou que eu viria aqui na terra com uma missão, com algum propósito. Eu acho que nada na vida é sem propósito. Então eu creio que, desde a minha concepção, antes dela, Deus que como eu falei, para mim esse Ser Supremo é Deus . Ele na sua onipotência, na sua onisciência, já sabia que de alguma forma eu viria a este mundo com algum propósito, com algum objetivo e dentro dessa concepção que eu tenho e através da palavra que, eu creio muito na palavra de Deus, então eu vejo muita conexão em toda a Bíblia.</i>	Religiosidade (MacDONALD, 2000a)
3	<i>O que eu entendo, eu acho que é uma coisa assim, sei lá, não tem muita explicação não. Você não escolhe espiritualidade. Eu acho uma coisa assim meio abstrata. Eu não consigo ver, mas eu acredito. É como Deus, você consegue ver Deus? Mas você sabe que existe, você acredita. É como o lado do espiritual da gente, a gente não consegue ver, mas a gente acredita nele. A gente acredita que existe, a gente acredita, pelo menos eu.</i>	
4	<i>Olhe, eu entendo por espiritualidade assim, algo que toca assim, no interior de cada pessoa. Voltada para, vamos dizer assim, para um ser Criador. Esse é o meu conceito. Até porque, assim, eu sou evangélico e não sei se estaria respondendo a altura ou alguma coisa assim. Mas eu acho que a espiritualidade está voltada pra isso, pra um determinado ponto, um determinado fim. Que vai levar justamente a um único Ser criador de todas as coisas. Inclusive, criador do próprio ser humano, que faz com que ser humano tenha um direcionamento na vida dele. Sabendo que ele não está sozinho, assim, aleatoriamente no mundo, nem ele faz as coisas aleatória sem que tenha uma supervisão e um controle e um comando de algo superior. Que a gente, assim, só vai entender isso, muitos só vão entender isso por meio de uma coisa chamada fé.</i>	

Fonte: A autora

Quadro 27 - - Concepção de Espiritualidade dos(as) participantes 2,3,4 e 6 – INSS (continuação)

6	<p><i>A espiritualidade, pra mim, tá muito ligada à religião. Eu acredito que por mais, pelo menos a mim me ajudou muito, que antes eu não tinha uma religião. Mas eu tinha espiritualidade. De orar, de agradecer, de pedir. Mas, eu achei assim, que depois que eu me envolvi com a religião, no caso eu sou católica, a coisa abriu mais a minha mente. É como se eu fosse buscar algum professor pra me ensinar. Mesmo questionando as coisas, pois eu sou muito de questionar. Nem tudo que um padre diz, nem tudo que um pastor diz, na minha cabeça é daquele jeito.</i></p>	
---	---	--

Fonte: A Autora

Para a participante que possui concepção religiosa e que tem nível superior, a concepção da espiritualidade tem um caráter do Espírito Intermediário quando fala da espiritualidade como uma ação de coletividade e de participação em comunidades religiosas como uma forma de trazer a justiça social.

Eu acho, quando eu digo assim que Deus, como eu falei para mim é Deus, esse ser supremo, até quando eu fiz a Universidade eu já estava dentro de um plano dele, cadeira, alguma coisa nesta área que pode trazer assim uma. Agregar alguma coisa que a gente lutasse por algo melhor pra humanidade. É assim que a gente sempre tentou. [...] E outra coisa que muito me ajudou nas dificuldades é que na minha vida não era só trabalho. Trabalho para mim fazia parte de um plano que Deus tinha na minha vida, de uma missão de estar ali. Mas tinha a família, tinha a minha igreja. A igreja para mim é importante, porque é o local onde, você está ligado ao Criador em todas as horas, mas ali você dedica um tempo especial. Ali também na comunidade, no coletivo, porque gosto muito das coisas que é direcionada para o coletivo. Então, a igreja para mim também faz parte desse coletivo. Assim como nos movimentos sociais, no trabalho, a igreja para mim faz parte do coletivo, onde eu me reúno, eu me congrego. A gente pode ser influenciada e influenciar em algumas coisas. Discutir, ter uma visão diferente de mundo assim, eu sempre na minha vida, a minha vida foi para além do trabalho (PARTICIPANTE 2, INSS).

Na fala da participante 2, percebemos que há também a manifestação do Espírito Além, em que a sua relação com o Sagrado estabelece um diálogo para saber o quanto está caminhado em direção ao seu propósito de vida, pois acredita que Deus “*já sabia que de alguma forma eu viria a este mundo com algum propósito, com algum objetivo e dentro dessa concepção que eu tenho*”. A relação da participante com o numinoso também contribuiu para fazer escolhas profissionais e direcionar a carreira dentro do INSS, em que ela dialoga com o Espírito Além para que seu propósito de vida possa estar mais claro dentro do trabalho.

E aí veio de novo a questão da espiritualidade. De buscar mais a Deus, para ele me guiar, o que seria melhor nesse sentido. Não que fosse melhor para mim, assim, mas o que seria melhor, o que Ele queria de mim dentro desse contexto, nessa situação. Então, aí, a partir disso e sempre escutando, porque eu acredito muito que as pessoas são usadas, às vezes, por Deus, por esse Ser, que eu vou continuar dizendo que eu chamo Deus, que algumas pessoas, até numa fala é Deus falando com você. Então, você tem que está com o ouvido espiritual, a Bíblia fala muito disso, do ouvido espiritual aberto pra gente escutar uma mensagem que vem direcionando alguma coisa. Então eu orei e tudo, e eu creio que Deus tem algo nessa área aqui pra mim também (PARTICIPANTE 2, INSS).

Como já apresentado na seção 6, a Religiosidade teve uma média alta (3,23) no grupo do INSS, de modo que esse fato se apresentou nos discursos dos participantes, tendo mais destaque que a COS (3,30). Essa dimensão ficou mais evidente na fala o participante 7, como podemos observar a seguir.

Quadro 28 - Concepção de Espiritualidade do participante 7 - INSS

Sujeito	Concepção	Confluência teórica
7	<i>Eu já li alguma coisa a respeito. Espiritualidade é diferente de coisas religiosas. Espiritualidade é bem a relação do que a pessoa tem com o mistério, com o mundo exterior. E saber que transcenda essas coisas materiais. A espiritualidade, na verdade, é uma saída do lado material para o lado extra_material. Eu tenho assim que, no caso, não seja a religiosidade. É uma coisa mais ou menos assim, é a busca por algo fora desse contexto material que vivemos. Eu acho que com a experiência que eu já tive, até hoje na vida aos 62 anos, eu hoje renego muitas coisas que no passado valorizava. Coisas materiais, não muito apegado. Eu acho que isso tem alguma coisa a ver.</i>	Orientação Cognitiva em direção à Espiritualidade (MacDONALD, 2000a)

Fonte: A autora

A fala desse participante foi, para nós, intrigante, pois teve todas as médias do ESI-R abaixo de 3, sendo a COS 1,5. Quando vamos analisar as demais informações acerca do participante 7, ele assinalou a opção “Orientações Espiritualistas” como religião, evidenciando que está aberto a discussões acerca do tema. O que nos chama a atenção é que a EWB também teve média baixa e, quando analisamos a rede de apoio, percebemos há uma fragilidade no quadrante NÓS (WILBER, 2007) desse participante:

Eu acho que eu sempre fui assim, já ajudei muito a minha família, hoje eu sou uma pessoa solteira. Eu não tenho, não moro com ninguém, moro sozinho, desde que minha mãe faleceu em 2011 e eu vivo a minha vida sozinho. Não como solitário. Eu me sinto muito bem e já me adaptei. E não vou abrir mão talvez desse mundo que eu já vivo hoje, não se trata nem de uma redoma, de uma bolha, se trata de algo que eu me sinto bem, eu já percebi isso, entendeu. Eu sinto que muitas vezes eu queira ter uma relação afetiva assim, que eu vá me sentir bem. Porque a gente se acostuma. A gente se acostuma com a convivência e a não convivência. Porque antes ter a necessidade de ter aquele espaço, que é um espaço que você tá acomodado. Aquele espaço que a gente já se sente seguro. Qualquer interferência incomoda. Isso é tão natural. Hoje seria pra mim difícil uma relação afetiva, assim, com alguém, porque pra eu sair, sair desse paradigma que me encontro, pra viver outras experiências, a não ser que a pessoa tenha mais ou menos a mesma sensibilidade que tenho (PARTICIPANTE, 7, INSS).

A reduzida rede apoio traz para as pessoas em processo de aposentadoria tardio nesse usufruto, uma vez que o trabalho pode se configurar como a principal, senão a única, rede de apoio existente. É para as pessoas nessa situação que as instituições precisam estar mais atentas e esse fato reforça a necessidade de um programa de EPA longitudinal que acompanhe as pessoas ao longo da carreira. Quando analisamos as falas das pessoas solteiras e divorciadas desse grupo, percebemos que o trabalho passa a ser mais central e encarado como uma terapia ou uma forma de retardar o sentimento pejorativo que acompanha a velhice.

Ah, eu gosto de trabalhar, eu gosto mesmo. Eu não trabalho porque, assim, você pode acreditar como eu gosto de trabalhar do jeito que eu entrei aqui no primeiro dia, eu hoje eu gosto, eu saio feliz de casa. É que assim. Eu sou tão besta para me emocionar. E sinceramente, foi uma parte da minha vida, assim, que me deixou bastante emocionada, bastante fragilizada foi essa de ter sido convidada com 38 anos de serviço, quando você vê muitas pessoas. “Não, não quero fulano tá velho. Não quero mais que trabalhe comigo”. (PARTICIPANTE 3, INSS)

Após o relato de um adoecimento grave, a participante 3 recebe um convite para trocar de setor. Mesmo com tempo de serviço e idade para se aposentar, não o fez e não há previsão para tomar a decisão pois, quando questionada sobre a aposentadoria, relata que ainda não tem planos pois afirma: *de repente, eu vou achar outra coisa pra fazer* (PARTICIPANTE 3). Quando observarmos o seu estado civil, estão assinaladas as alternativas “divorciada” e “sem filhos”. Diante disso, as pessoas com rede social resumida possuem uma tendência a ficar em abono de permanência e adiar sua decisão para usufruir da aposentadoria. Há um comportamento semelhante ao do participante 7, solteiro e sem filhos que, quando questionado sobre a aposentadoria, percebe que não possui planos de curto de prazo.

A minha dúvida é esta: O que é que eu vou fazer? Eu vou cair em vícios, em rotinas piores do que a do trabalho? Pelo menos a do trabalho, de qualquer forma, a gente tem essa relação com o outro e de qualquer forma isso ajuda. E há muito tempo eu tinha dito que o trabalho pra mim é uma terapia. E eu ficar sem essa terapia, eu não sei como vai ser a minha reação. Mas eu não estou, ainda, não parei para pensar, ainda tenho muita coisa pra fazer (PARTICIPANTE 7, INSS).

Diante do exposto pelos participantes 2 e 7, percebemos que o desenvolvimento de um propósito de vida autotranscendente contribui para que a vida possua experiências outras que fortaleçam as cocriações intra, inter e transpessoais, de modo que a ligação ao trabalho não seja a principal via de satisfação com a vida. É necessário associar a permanência no trabalho a um reflexo do propósito de vida numa perspectiva de respeito ao princípio da equiprimacia, em que a pessoa observe que estar em atividade no trabalho formal é uma decisão consciente. A percepção do participante 1 reforça a compreensão de que a decisão tardia acerca da aposentadoria pode ocorrer por problemas vividos fora do ambiente do trabalho, sendo esse último espaço um lugar de fuga ou distração.

Olha, eu sempre digo e é verdade um pensamento meu, o trabalho de alguma forma é uma terapia, não tenho a menor dúvida. O dia a dia de convívio, não é só o trabalho em si, não é só o dinheiro em si, o convívio no trabalho, salvo alguns casos atípicos, mas ele é sempre sadio. E é de uma força fantástica. Então, veja bem, você tirar as pessoas desse envolvimento, desse processo e de alguma forma para muitos é um suporte de tudo que tem de ruim lá fora, na vida pessoal. Então você tirar essas pessoas, e as colocar elas saírem por qualquer que seja a contingência, e as colocar na inatividade, o adoecimento é, não tem a menor dúvida que ele vai de vir (PARTICIPANTE 1, INSS).

O tema espiritualidade foi tocado de forma esporádica durante as falas ao longo das entrevistas quando perguntamos acerca dos sentimentos em reação à aposentadoria e de como a EPA poderia contribuir nesse processo. De toda sorte, percebemos, nos dois grupos, que a espiritualidade, em suas diversas expressões, tem feito parte da vida cotidiana das pessoas do serviço público na UFPE e no INSS. A partir desse momento da análise, trataremos dos temas aposentadoria, EPA e Relação com trabalho.

### 7.3 APOSENTADORIA, TRABALHO E EPA: PERCEPÇÃO DAS PESSOAS PARTICIPANTES DA UFPE

Nesse momento da entrevista, buscamos investigar se a aposentadoria ou a ideia dela representou um fator estressante para os participantes. Pretendemos expor de forma mais clara as concepções de espiritualidade, as quais aparecem como classe 3 da figura 13, e das demais

aglutinações que representam os demais blocos da pesquisa. Percebemos que o *corpus* se dividiu em dois eixos: classe 4 e a subdivisão das classes 1 e 2. Como a classe 3 foi esmiuçada na seção 7.1, não faremos novas análises. As palavras marido, filho, Jesus remontam as falas da participante 2, em que a crise familiar foi relatada na entrevista e, como podemos perceber, tornou-se uma classe específica sem subdivisão.

Marido passou três meses sem falar comigo, disse que eu tinha que escolher ou emprego ou ele. Eu disse: “Eu quero emprego e quero você que eu sou casada com comunhão de bens. Você vai escolher”. Três meses ele passou, ele dormia no sofá e eu dormir na cama, quando ele ia para cama, eu ia para o sofá. Aí, Jesus me deu o emprego, trabalhei até hoje e apesar de tudo vi, até hoje, chega no fim do mês, a partir daí cumpra com suas obrigações porque eu não posso colocar o marido para fora porque ganho mais do que ele (PARTICIPANTE 2, UFPE).

Concluimos, então, que essa entrevista teve poucas aglutinações com as demais em virtude do relato acima ter sido a tônica do discurso. O regresso ao lar proporcionado pela aposentadoria trouxe reflexões sobre a história de vida da participante 2, de modo que contá-la na entrevista foi o ponto de reflexão sobre o fenômeno.

Figura 13 – Dendograma das entrevistas – UFPE



Fonte: A autora.

Já as classes 1 e 2 trazem as reflexões acerca do processo de aposentadoria e seus desdobramentos e a relação com o sentimento de serem pessoas servidoras da UFPE, respectivamente. As palavras decisão e realmente denotam que a aposentadoria, para esse grupo, é um processo a ser refletido e que, apesar da palavra financeiro aparecer com destaque na classe 2, esta não tem maior impacto pela decisão da aposentaria do que a ocupação do tempo livre.

Olha, enquanto eu tiver condições de ocupar, não é eu ocupar o espaço, o trabalho. Eu reflito muito hoje foi um dia que eu fiz uma reflexão grande sobre: Hoje eu vou iniciar um semestre, aí eu me pergunto será que eu vou. Eu tenho 67 anos, vou fazer 68 e vou fazer 43 anos aqui na instituição. Será que eu vou fazer esse semestre ou completar o ano, eu fico sempre colocando em que medida vai funcionar, vai me fazer, vai me gratificar porque eu estou numa idade que eu conto o tempo para dizer assim, o que me sobra de vida eu vou ocupar com coisas que me dê e que qualifiquem esses anos que eu tenho ainda de vida. O trabalho para mim ou aposentar é muito mais qualidade do tempo ocupado (PARTICIPANTE 3, UFPE).

Bem, tem horas que dá vontade de você parar realmente, mas é como eu te falei, eu acho que eu não tomei a decisão ainda porque independente do lado financeiro que de uma certa maneira interfere por quê você tem abono de permanência para você continuar, então não deixa ter uma certa compensação financeira, mas é mais no sentido de que eu não me vejo pelo menos por enquanto parado, de repente não ir mais trabalhar e ficar em casa. Eu acho que eu tomaria uma decisão mais confiante se me vislumbrar alguma outra atividade que eu possa exercer e a partir daí me aposentar, mas não nesse momento apesar de já passar um ano que eu podia me aposentar, mas que ainda por não ter essa visão do que eu faria exatamente, eu preferi continuar (PARTICIPANTE 7, UFPE).

Então, eu não penso em aposentadoria pelo menos por mais 15 anos, eu me vejo trabalhando mais uns 15 anos pela frente, a não ser que eu seja obrigada a optar pelas condições do país ou seja lá o que for, que afete de tal maneira a universidade que eu não consiga trabalhar em paz, tendo, vamos dizer assim, achando que eu estou sendo produtiva, aí realmente eu vou pensar na aposentadoria, mas não está nos meus planos. Eu penso daqui a 15 anos (PARTICIPANTE 8, UFPE).

Os participantes destacados acima possuem nível superior e ocupam cargos de professor (PARTICIPANTES 3 e 8) e técnico. As características da qualidade da ocupação do tempo e a percepção de que ainda têm condições de contribuir com a Universidade possibilitam refletir que a elevação da escolaridade reflete diretamente na remuneração e diminui os fatores de risco à sobrevivência na aposentadoria. Todavia, essa não é uma realidade universal, uma vez que o participante 1 traz uma reflexão de um forte vínculo com o trabalho trazer um apelo existencial às pessoas servidoras daquela instituição:

Eu acho que sim porque, veja, acho que tudo que for esclarecedor, que for conhecimento importa em qualquer situação, porque tem muita gente, eu tenho muitos colegas que na minha ótica: “Se esse cara se aposentar ele vai morrer.” Porque eu vejo que a vida deles é isso aqui, tornaram a Universidade com a própria vida, então, eu acho que pudesse esses casos e de outros também, casos similares, seria importante sim para ajudar até para pessoa se autoconhecer em relação a essa questão, ver até que ponto, porque um dia vai ter que ter, é inevitável. Como a morte é inevitável (PARTICIPANTE 1, UFPE).

A fala do participante 1 traz uma preocupação com aquelas pessoas que, nitidamente, apresentam uma desordem entre as dimensões da vida, com tendência ao quadrante ISTOS, e desse modo, de se enveredar na execução do papel social de servidor/a público/a, resumindo seu modo de ser à identidade profissional. Nesta perspectiva, a abordagem transpessoal pode contribuir com o desenvolvimento de uma individuação (FERREIRA; SILVA, 2016) com respeito ao princípio da equi-primacia (FERRER, 2017) e a pessoa possa viver a vida em todos os quadrantes dos Kosmos (WILBER, 2007).

É nessa perspectiva que trazemos a discussão da EPA, uma vez que ela pode beneficiar a todas as pessoas envolvidas no processo, mas principalmente àquelas que possuem relações interpessoais restritas e apresentam em relação ao trabalho um vínculo não saudável. É nessa perspectiva que a cocriação intrapessoal leva a pessoa a inquirir como está seu modo de vida, o quanto de bem-estar ela está proporcionando. A tarefa pedagógica implicará contribuir para que os educandos em processo de aposentadoria confrontem sua realidade e assumam a liberdade das escolhas e, conseqüentemente, a responsabilidade por elas. Este apelo da dimensão espiritual não é realizado no processo de racionalização apenas, aliás, mentalmente pode haver vários esconderijos para não se assumir quem se é e o que se quer de verdade.

Então, eu acho que precisava uma preocupação com os aposentados porque ... a gente tem uma colega aqui em pouco tempo de aposentada, ela faleceu. Essa pessoa era saudável no meio da gente, alegre, faleceu. Eu tomei um susto, “Fulana, faleceu?” Vim saber por acaso me encontrando com uma colega no meio do caminho. Eu vejo, por exemplo, os aposentados lá do meu setor mesmo, que tem um monte de gente que já poderia estar aposentada mas não está, não está porque? É engraçado, eu tenho questionando, não está porque está com problema financeiro e não pode largar esse acréscimo que a gente tem quando não está mais descontando o INSS, abono de permanência. Eu sempre me questiono porque as pessoas terminam viciadas no ambiente de trabalho, não querendo fazer mais nada, passam o dia todo no jogo eletrônico, no Facebook. Eu fico vendo assim “Meu Deus do céu que ociosidade dessas pessoas, elas estão adoecendo sem se aperceberem”. (PARTICIPANTE 4, UFPE).

A fala acima exemplifica que a EPA não trata apenas de trazer reflexões para quando a pessoa decide se aposentar, mas de promover reflexões para que o exercício do trabalho tenha senso de propósito e gere bem-estar. Há espaços no trabalho formal para trazer sentido à existência em que o ser humano seja instigado para tal. Vemos aqui a contribuição de FRANKL (2017) em que trazer o sentido de vida pode ser sempre ressignificado. O trecho acima traz uma conotação de que as pessoas não conseguem achar sentido no trabalho e muito menos fora dele porque não se aposentam para encontrar novas possibilidades de vida. Trazer a cocriação interpessoal para a tarefa pedagógica traz consigo o princípio da equipotencialidade, que pode mitigar a falta de comprometimento com o bem-estar de outras pessoas, uma vez que estamos tratando de pessoas do serviço público que são remuneradas com impostos pagos por toda a sociedade.

É talvez sim porque eu acho que o cara que é totalmente ateu tem nenhuma espiritualidade nesse sentido a gente está falando, ligada a uma força externa, a uma força maior, alguém que você recorre em algum momento de desespero e etc. Acho que as pessoas sejam menos suscetíveis a ter essa sensibilidade que a gente mencionou em termos de caráter, responsabilidade e etc. possa ser, não posso dizer necessariamente é, mas acho que o cara que tem uma espiritualidade nesse contexto ele talvez seja mais sensível, mais susceptível a entender o próximo, a ajudar ao próximo a entender o seu papel na sociedade no ambiente de trabalho etc. possivelmente eu diria que sim (PARTICIPANTE, 7).

A nossa defesa de uma EPA espiritualmente conduzida visa despertar um estado de bem-estar ancorado numa abordagem participativa, cujo princípio eco-social-político esteja evidente. Sabemos dos limites a que educador-educando estão submetidos, porém sempre há um espaço de liberdade na ação desses sujeitos (FRANKL, 2006).

No intuito de aprofundar a discussão sobre a percepção do trabalho da UFPE pelo grupo, trouxemos a árvore de similitude do *corpus* desse grupo, na figura 14. Nela, são apresentados os agrupamentos lexicais segundo os blocos da entrevista. As ramificações derivadas das palavras trabalho, querer, universidade e sentir estão voltadas para a percepção que os precipitantes têm acerca de sua atuação na UFPE as implicações para a aposentadoria. O ramo pensar é bem restrito traz a percepção do grupo sobre a EPA, de modo que vamos deixar esse aspecto por último na análise. Quanto às palavras espiritualidade, ver e gente remontam às concepções de espiritualidade já trabalhadas anteriormente.

O fenômeno aposentadoria está ligado à percepção que a pessoa tem do trabalho e a tomada de decisão pela saída mexe profundamente com a identidade profissional da



em outra trincheira, em outro de outro lugar eu falo hoje de outro lugar (PARTICIPANTE 6, UFPE).

Eu digo não estou devendo, eu fiquei com a sensação ao ouvir, não sei se estou falando demais, eu fiquei com uma sensação muito interessante no dia que o Centro homenageou os aposentados, cada um que dizia assim eu não suporto essa palavra aposentado, eu ainda estou vendo os professores, eu não suporto essa palavra aposentado, eu não me sinto aposentado, porque isso eu não quero perder, esse termo me deixa um pouco menor [...] (PARTICIPANTE 4, UFPE).

Observamos que o comportamento institucional ante a aposentadoria pode alterar a relação que pessoa vai ter com o fenômeno, de modo que compreender que esse momento é marcante no desenvolvimento da vida de pessoas adultas na fase tardia configura um respeito ao processo de equipotencialidade da existência humana, em que a educação contribui para o alcance do estado de plenitude do ser.

E eu acho que a sociedade também precisa do idoso com a visão de experiência diferente de anos de carreira, já que ele está se aposentando. Então, ele pode contribuir de várias formas dessa experiência para o mercado, para as instituições, para o serviço público e para várias outras instâncias. Se a gente tivesse um planejamento de como engajar o idoso (PARTICIPANTE 8, UFPE).

A vida é pulsante em qualquer fase do desenvolvimento, de modo que a aposentadoria não deveria colocar limites nas possibilidades de existência. O que percebemos é que essa visão pejorativa que as pessoas acabam por absorver tem muito da percepção que a sociedade tem do ser velho na contemporaneidade ocidental (COUTRIM, 2010; MACHADO-GIBERTI 2018), de modo que o envelhecimento e a EPA são temas que devem caminhar juntos, bem como as reflexões acerca da relação da pessoa com o trabalho.

Observarmos que a palavra querer na árvore de similitude está voltada aos desejos que o grupo tem de realizar durante a aposentadoria. Percebemos que há um desejo de usufruir o tempo livre em viajar, em estudar e em se envolver com o voluntariado.

Então, eu estou conseguindo realizar essas coisas, está entendendo, eu estou fazendo voluntariado com crianças e com idosos esses dois extremos, esses dois polos. Eu estou me sentindo feliz porque estou compartilhando uma coisa, estou tendo mais tempo para me dedicar a minhas leituras (PARTICIPANTE 4, UFPE).

Quando eu me aposentar meu plano é continuar trabalhando, de outras formas de uma maneira voluntária, sempre eu quero estar contribuindo para alguma coisa na sociedade, não pretendo ficar em casa descansando não. Não é o meu perfil (PARTICIPANTE 8, UFPE).

Eu gosto muito, gostava muito de viajar eu gostava muito assim, e minha mãe estava precisando muito de assistência também, mas não foi isso o fator

determinante. Eu já vim me preparando para também usufruir enquanto era tempo porque também você se aposentar já sem poder usufruir das coisas que a vida lhe oferece e do que você também é o momento de colher de viajar na hora que quer e também ficar no ócio em casa, e se quiser ficar deitada, se quiser ficar lendo um livro, assistindo a um filme, (PARTICIPANTE 6, UFPE).

As palavras da ramificação sentir estão voltadas aos sentimentos em relação à aposentadoria. Há um indício de que aposentadoria pode trazer um estado de depressão, principalmente quando é uma decisão não amadurecida pela pessoa. Por isso, a classe 2 (figura13) tem a palavra decisão com maior ênfase.

Eu acho que é mais nesse sentido, de você fazer a pergunta é você realmente vai se aposentar, mas você se aposentar porque que motivo?, Tentar descobrir o motivo fazendo com que a pessoa tome a melhor decisão porque eu acho que o grande problema da aposentadoria de pessoas que trabalharam sempre desde cedo é exatamente é parar de repente. Será que você está preparado para essa mudança de rotina desde que você vai preencher essa mudança com coisas que lhe apraz eu acho que aí é benéfico (PARTICIPANTE 7, UFPE).

No tocante ao ramo da Universidade, há avaliações bem positivas das pessoas por terem sido e continuarem sendo servidoras daquela instituição. Há uma sensação de muita satisfação entre as pessoas da equipe técnica e do magistério da instituição. No geral, há sentimento de muito orgulho de fazer parte da instituição.

Eu acho que ser servidor é de uma responsabilidade, servir a universidade foi para mim uma responsabilidade muito grande, sabe. Eu peguei esse cargo sabe e sempre eu respondi a altura, sempre cumpri com os meus horários e responsabilidade para mim é cumprir os seus horários, cumprir com seus serviços, o atendimento com o público, está entendendo? (PARTICIPANTE, 5, UFPE).

Olhe é uma coisa que eu tenho muito orgulho e muita satisfação porque eu acho que é a forma que eu tenho de contribuir para formação de muita gente. Desses 39 anos, muita gente eu acho já consegui passar alguma coisa, ajudar de alguma forma, uns mais outros menos, uns basicamente a questão técnica, outros na questão humana, a questão mais geral, política, e para mim não é todo mundo que tem essa possibilidade de conseguir no seu trabalho ajudar as pessoas e de alguma forma de contribuir com a melhoria (PARTICIPANTE, 1, UFPE).

Simbolicamente é muito importante para mim porque meu pai era da área de química, eu sou da medicina e a universidade teve sempre pra mim uma questão de me qualificar como ser humano e o ambiente para mim muito, muito bom. Eu não tenho nenhum tipo de arrependimento de ter passado esses 43 anos aqui na instituição, eu não tenho nada do que reclamar. Para mim sempre foi muito simbolicamente importante e sentimentalmente muito importante ser professor da UFPE (PARTICIPANTE, 1, UFPE).

Nenhuma das pessoas entrevistadas passou por ação de EPA, de modo que as sugestões acerca da temática são dadas a partir da vivência cotidiana no trabalho. Quando perguntamos qual seria o conceito de uma EPA para a UFPE, as palavras conscientização, melhor decisão e identidade do sujeito sobressaem. As propostas são voltadas para que a pessoa saiba a hora correta para tomar a decisão pela aposentadoria através de um processo de autoconhecimento.

Educação para aposentadoria é a formação no plano da espiritualidade e da própria identidade do sujeito (PARTICIPANTE, 4, UFPE).

Eu acho o seguinte a educação para aposentadoria é a conscientização, conscientizar, de ele estar consciente do que realmente vai fazer porque tem gente que já está aqui há muito tempo tem que sair, vai ter que sair, mas ele não está com consciência do que realmente... ele vai fazer futuramente aí ele entra depressão, ele vai entrar em depressão. Então, ele tem que se conscientizar a própria pessoa dentro si para que não haja problemas futuros. É uma educação que ele vai ter com a própria pessoa que vai ter que trabalhar na sua mente, está entendendo. Eu acho que é por aí. (PARTICIPANTE, 5, UFPE).

Em resumo, eu acho que o foco dessa preocupação é fazer com que o aposentável tenha certeza que está tomando a melhor decisão para não entrar em depressão posteriormente etc. Eu acho que é educação no meu ver é mais nessa linha porque, a não ser que você esteja determinado de sair do que está fazendo, talvez uma educação possa lhe contextualizar melhor (PARTICIPANTE, 7, UFPE).

Baseados nas falas dos participantes, condensamos as sugestões acerca de um programa de educação para aposentadoria na UFPE. Percebemos que a tomada de decisão consciente perpassou as falas dos participantes, muito ligadas à ocupação do tempo livre. As pessoas entrevistadas sugeriram tanto um local específico para que pudessem ter acesso a um acolhimento, bem como à formação de grupos em que o debate possa ser realizado. A seguir, segue o resumo das sugestões:

Quadro 29 - Resumo das sugestões de temas e abordagens para a EPA na UFPE

Participante	Temas
1	Processos reflexivos sobre a ocupação do tempo livre. Educação Financeira
2	Ocupação do tempo livre
3	Processos reflexivos sobre a ocupação do tempo livre. Autonomia da pessoa (limites entre decisão autônoma em aposentar e necessidades familiares)
4	Plano de formação que abarque as questões formais da aposentadoria (perdas, vantagens, legislações) Grupos terapêuticos Trabalho com identidade do sujeito (individualização) Autonomia e valores pessoais (Espiritualidade)

Fonte: A autora

Quadro 30 - Resumo das sugestões de temas e abordagens para a EPA na UFPE (continuação)

Participante	Temas
6	Curso preparatório para o desligamento. (questões legais da aposentadoria e orientações para a tomada de decisão) Programa de reinserção na Universidade prestando serviço à sociedade (Banco de talentos para consultorias diversas) Eventos culturais (recitais, rodas de poesia, filmes) Processo formativos de autorreflexão ( <i>O que é aposentadoria? Como é? Como é os benefícios que pode buscar? Que apoios como é a vida.?</i> ) Trabalhar a identidade profissional.
7	Tomada de decisão consciente Ocupação do tempo livre Possibilidade de continuar contribuindo com Universidade
8	Manutenção da saúde Saúde mental da pessoa aposentada Qualidade de vida na Aposentadoria Direitos da pessoa idosa Novos caminhos profissionais

Fonte: A autora

Observamos que há um apelo a continuar com vínculo com Universidade, seja contribuindo formalmente com uma menor jornada de trabalho, seja compondo um banco de talentos para prestar serviços especializados à sociedade. Notamos que o fato da pessoa servidora pública estar durante anos numa mesma instituição contribui para que seja criado um vínculo que é difícil de ser rompido, de modo que é salutar a criação e o incentivo de existência de espaços de convivência para as pessoas aposentadas na instituição, para além das organizações de classe.

Como já foi evidenciado na seção 6, a saúde não é um tema que desperte a preocupação das pessoas entrevistadas, pois apenas uma delas chamou a atenção para esse tema, bem como as questões das finanças. Percebemos que a tomada de decisão consciente sobre a aposentadoria tem sido o maior desafio para esse grupo, de modo que reflete diretamente no tema a ocupação do tempo livre. Até os temas derivados, como organização da rotina, programa de reinserção na UFPE e novos caminhos profissionais são formas de ocupar o tempo livre.

Percebemos que esse tema foi comum aos cargos técnicos e do magistério superior, em que um possível programa de EPA na UFPE venha a contribuir com a reflexão acerca do tempo livre deixado pelo trabalho formal na aposentadoria. Vale destacar que a contribuição desse estudo é trazer a inquirição intrapessoal (FERRER 2017) como um recurso a fim de que as pessoas participantes dos programas de EPA possam ter espaços reflexivos para que conheçam a si de forma franca e compreendam suas vidas de forma multidimensional de modo

que a consciência de si possibilite escolhas conscientes durante a permanência no trabalho formal para a vivência do fenômeno da aposentadoria.

#### 7.4 APOSENTADORIA, TRABALHO E EPA: PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES DO INSS

Semelhantemente ao que aconteceu com o grupo da UFPE, percebemos na figura 15 que uma entrevista destoou das demais, de modo que configurou um eixo em separado, subdivido em duas classes (2 e 3) distantes das demais, e a espiritualidade ficou bem resumida na forma dos agrupamentos da classe 4. A participante 3 usou o tempo da entrevista para falar sobre sua trajetória de vida, suas experiências dentro do INSS e tocou muito pouco na perspectiva da aposentadoria, e ainda menos em EPA. Afirmou que não foi convidada e não acha necessário passar pelo programa agora. O trecho abaixo traz uma fala que representa a classe 3.

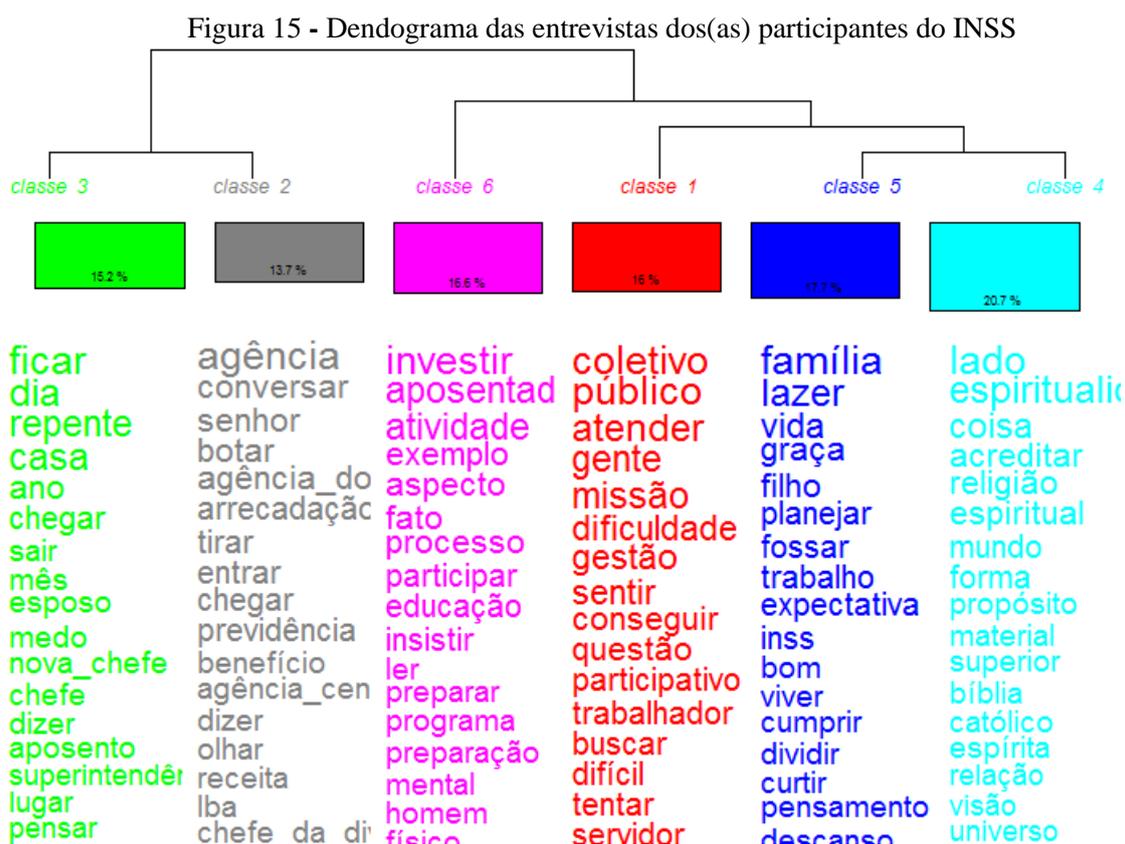
Quando eu me separei do meu marido, aí eu tinha três opções da minha vida, eu tenho uma história bonita, bem novinha. Eu tinha três opções, ou eu voltava pra morar na casa do meu pai, ia ser dominada por aquele pessoal todo que eu morava com ele, por minhas irmãs, meu pai e minha mãe, todo mundo, coisa que eu nunca aceitei na vida. Aliás, lá em casa, dizem que eu sou muito rebelde, faço o que dá na cabeça e no fundo é isso mesmo. Ou ia viver da pensão do marido pobre, que ele era bancário, marido pobre; ou ia trabalhar (PARTICIPANTE 3, INSS).

Percebemos que a classe 3 traz as relações interpessoais da participante (marido, chefe) e as relações intrapessoais (ficar, repente, sair). Diante dessa fala, notamos que o trabalho no INSS deu um novo sentido à vida da participante 3 após a separação, de modo que pode estar havendo uma fuga do processo de aposentadoria, pois está em abono de permanência, não havendo empecilhos legais para lograr o direito, como já evidenciamos na seção 7.2. Então, a entrevista transitou entre suas experiências no Instituto (classe 2) que, em certa medida, foi muito válido para nosso estudo. A dificuldade resultou apenas do fato de que as unidades de contexto iniciais não tiveram conexão com as unidades das demais entrevistas.

Eu acho que não vou ficar me devendo nada no dia que eu me aposentar. Vai tá tranquila. Assim, nunca encontrei um segurador ruim. Qual a missão da instituição, e pra o que tá saindo, o que é que ele fez. Porque não foi só eu que fiz isso. Muita gente lutou pela previdência. Reconhecimento. Eles têm que saberem que eles deram muito deles pra previdência. E tava na hora de outros darem. Dá pra entender o que é que eu estou pensando? [...] Eu sempre trabalhei no que eu gosto. Você não é obrigada a fazer o que você não gosta. Aliás, como eu lhe disse, eu tenho uma história de vida aqui dentro do INSS e

assim, é uma história que eu gosto dela, eu não acho ela ruim (PARTICIPANTE 3, INSS).

Percebemos que, na classe 3, houve uma demonstração da relação interobjetiva (WILBER, 2007) da participante com o INSS, em que descreve os espaços e as ações executadas ao longo dos seus 39 anos de serviço público.



Fonte: A autora

A condição de ser servidor e servidora pública foi algo bem marcante nas entrevistas. A classe 1 demonstra bastante a ideia de que há uma missão pessoal e institucional em que é primaz o atendimento ao público através de um trabalho coletivo.

É, o INSS tinha. Nós temos uma missão que é muito nobre, na grande parte das pessoas que tão envolvidas nesse processo de gerenciamento do INSS, essa missão ela não é uma coisa que está arraigada em cada um. Isso não está sendo apreendido por essas pessoas. Eles estão, não estou dizendo que sejam bons ou ruins administradores, mas eles estão geralmente querendo gerenciar sem se preocupar com a missão que é extremamente nobre dessa casa. O efeito social que nossa atividade leva lá para fora, ela é muito grande. Então esse conceito da missão em si ele teria que estar bem arraigado em cada um desses administradores, que infelizmente, independente de ser bom ou ruim administrador, esse conceito está praticamente fora, descartado. É um mero

gerenciamento, é um mero estar gerenciando uma atividade (PARTIPANTE 1, INSS).

Que a missão é essa mesma, é enfrentar essas dificuldades, é buscar força pra ver como a gente consegue superar no coletivo. Sozinhos ou um grupo dentro de uma instituição às vezes não consegue, então tem que, além de se ficar coeso, esse grupo que acredita nisso, ele ficar coeso (PARTIPANTE 2, INSS). A previdência é viável. Entender a missão. Entender que a missão da gente não é só o segurado não. Também tem a previdência em si. E depois a gente se aposentasse tranquilo, como eu vou me aposentar. Vou me aposentar, assim, você pergunta como é se aposentar. A sensação do dever cumprido. Onde precisou da previdência, onde precisou eu estar, eu estive (PARTICIPANTE 3, INSS)

Tem que ser público, mas tem que ser um público de qualidade. Ele realmente tem que funcionar, ele realmente tem que servir ao seu objetivo e a sua missão. E aí eu sempre tentei, eu acho que eu sempre tentei fazer com que esse objetivo institucional pudesse ser alcançado. Eu acho que olho pra trás e vejo como eu nunca fui uma pessoa que ficou de braços cruzados, deixando o caos acontecer (PARTICIPANTE 5, INSS).

Da classe 1 derivam-se as classes 4 e 5, de modo que é através da compressão da missão de vida que a espiritualidade emerge. Com isso, a cocriação intrapessoal, em que os diálogos internos são responsáveis contribuem para que a pessoa clarifique seu propósito de vida, em que a relação interpessoal (família, lazer, vida) se desdobra. Como neste grupo tivemos mais um participante aposentado, a classe 6 teve mais ênfase que a aglutinação do dendograma da UFPE, em que a aposentadoria já está na esfera do investimento em vez do campo da decisão.

A classe 6 demonstra as perspectivas da EPA para o INSS. Há receio no ato de aposentar-se também nesse grupo, porém em menor número. O participante 4 evidencia que há pessoas que não estão preparadas para vivenciar o fenômeno da aposentadoria, de modo que, por ter passado por uma ação de EPA, acredita que o programa deve continuar e pode contribuir para que as pessoas vençam seus receios.

Assim, foi uma ação muito boa, porque é assim, não é o meu caso não, mas tem pessoas que às vezes fica pensando assim “Poxa, vou me aposentar, não tenho o que fazer em casa. Chego em casa, não tenho o que fazer. Vou ficar ocioso lá, não sei o que é que eu vou fazer. Acho que vou terminar beber por aí, encher a cara para só chegar em casa de noite”. Eu acho que deve ter gente que pensa desse jeito aí. Tem. A ação que teve lá “Não, não é assim não”. Foi dito que a pessoa se torna útil e você não é pra ficar pra baixo, que é pra você ter, assim, uma visão de como você vem sempre tendo. Apenas porque você mudou de função que você vai “Ah, vou ficar ali no canto, vou esperar a morte chegar. Não, não é desse jeito não”. Entendeu? Então, essas ações que teve, e eu acho que provavelmente ainda vai continuar (PARTICIPANTE, 4, INSS).

A participante 6 mostra que, nos primeiros meses de aposentada, sentiu um certo vazio com sentimentos negativos em relação à aposentadoria, porém que, depois de vivenciado o fenômeno, já se sentia melhor ao se perceber como uma pessoa aposentada e com mais tempo livre. Também relata que a ação de EPA, que teve oportunidade de vivenciar, colaborou no processo. Em sua percepção, há, no imaginário de algumas pessoas do INSS, o receio de as ações de EPA serem um incentivo a deixar a instituição, quando, na verdade, o que acontece é um momento de reflexão para que a decisão seja amadurecida.

Vinha aquela sensação de perda, de ser inútil, de o que é que eu vou fazer agora. Além disso, as pessoas que se aposentavam diziam “Ah, se eu pudesse, eu voltava”. E assim vinha o medo “E agora?”. Mas, assim, não me senti falta de nada do trabalho, a não ser das pessoas. [...] Eu fui mais por curiosidade do que pedir ajuda. Porque já era uma coisa que eu tinha na minha cabeça. Na vida tudo tem seu tempo. E o meu tempo chegou. Na minha cabeça, era isso. Eu não vou ficar nem mais rica, nem mais pobre [...]. Então assim, a aposentadoria na minha vida fez até eu dizer. Agora esse curso para quem realmente para quem tem muita dúvida, pra quem tem muita resistência, eu acho que ajuda muito mais. [...] Eu conheço pessoas que depois que fez o programa, que tava decidido a não se aposentar nem tão cedo, logo depois viu o quê? Eu me aposentei depois que fiz ela uns três anos. A pessoa depois dos quatro anos depois que fez o curso, eu vi essa pessoa se aposentar, logo um ano depois que eu. Eu fiquei “Como? Como assim?”. Então mexeu em alguma coisa, deve ter mexido muito. Eu não conheço assim as razões, às vezes as razões vêm e eu não sei a razão dessa pessoa. Mas eu acredito que a gente conversou, a gente conversou antes, e a gente conversou depois. E ela viu realmente muita diferença naquele despertar de vai viver, tu já fez a tua parte, vai viver (PARTICIPANTE 6, INSS).

As três pessoas aposentadas do grupo passaram por ações de EPA. Seria ingênuo de nossa parte pensar que tais ações foram as únicas responsáveis pelo bem-estar relatado em suas falas. No entanto, percebemos, na fala dos participantes, o potencial que a tarefa pedagógica possui para trazer momentos de profunda reflexão e tomada de consciência.

Participar daquele um grupo, a visão é diferente. Então pra mim foi válido demais e eu fico feliz, contente e digo e até oro para que esse programa permaneça. Que as pessoas não desanimem. As dificuldades são grandes, mas os profissionais, eles pegam isso como uma missão da vida deles para dar continuidade a isso, porque são muitas as adversidades para que não continuem. Mas que esses profissionais continuem com essa garra, continuem tentando da maneira que conseguirem, mas não desistam. Porque é muito valioso para quem vai se aposentar sim. Para mim foi bênção, bênção e bênção (PARTICIPANTE 2, INSS).

Observamos que há um reconhecimento positivo da contribuição do programa de EPA do INSS, em que as pessoas que o vivenciaram sentiram os benefícios em seus respectivos



Neste sentido, a EPA precisa estar proporcionado reflexões sobre o princípio da equiprimacia, para que a pessoas que participam do programa possam olhar sua vida de forma integral, se há um desejo para ter mais tempo para o lazer que, por sua vez, é promotor de bem-estar (MACEDO, 2018), a reflexão sobre o tempo livre não pode esperar até os anos próximos à aposentadoria. No tocante às palavras achar e trabalhar, há referência à aposentadoria, em que é preciso ter um momento ideal para parar com o trabalho formal e que esse tempo pode ser preenchido com situações que deem felicidade à pessoa aposentada.

Olha, no resto, não há menor dúvida que você fazer um processo de forma, sei lá, causada por circunstâncias diversas, não é bom. Porque você sempre se programa de alguma forma tanto com a tua cabeça, como no teu pensar. De alguma forma isso não faz bem. Não resta a menor dúvida de que essa saída antecipada pode até não trazer nenhum malefício maior, mas que causa bem, não. Interiormente você vai sentir esse impacto. Mas volto a insistir, desde que você direcione esses potenciais para algo que você gosta, eu acredito que a aposentadoria para mim não será nenhum problema de ordem maior (PARTICIPANTE 1, INSS).

A palavra pessoa traz as sugestões desse grupo em relação à EPA por trazer em sua aglutinação palavras como processo, programa, gostar, investir. A concepção que as pessoas participantes possuem de EPA está muito ligada a um processo de investimento sem si mesmas, na descoberta daquilo que gostam e, neste sentido, evidencia que a aposentadoria é um fenômeno que tem muitos pontos positivos de descobertas e de redescobertas.

Logicamente que não voltado, eu acredito que deveria ser voltado pra você sair, se aposentar, e trabalhar de novo, não é isso. Mas para você poder construir espaços que você possa também fazer com que a cabeça não deixe de funcionar. Mas o importante é você não deixar que a cabeça fique sem nenhum tipo de atividade (PARTICIPANTE 5, INSS).

Assim, condessamos as sugestões que foram apresentadas nos discursos dos participantes quanto às sugestões para o programa de EPA no INSS. A educação financeira e a ocupação do tempo livre despontaram como os principais temas sugeridos. Também houve a sugestão de olhar para as questões familiares e para momentos reflexivos em que possam desenvolver a autoestima das pessoas em processo de aposentadoria.

Quadro 31 - Resumo das sugestões de temas e abordagens para a EPA no INSS

Participante	Sugestão de EPA
1	Educação financeira Reflexões sobre a aposentadoria como um processo inevitável e salutar Ocupar o tempo livre através das potencialidades (autodescoberta) Relações familiares
2	Missão de vida (autoconhecimento e espiritualidade – Quem eu sou?) Relações interpessoais (Coletivo – para quem estou?)
3	Orientação especializada para ocupar o tempo livre Reconhecimento profissional ( <i>Eles têm que saberem que eles deram muito deles pra Previdência</i> )
4	Reuniões com a pessoas aposentadas (Anuais) Atendimento individualizado para orientação Trabalhar o tema da autoestima e sentido de vida
5	Diagnóstico prévio dos interesses individuais Atendimento individual Pequenos grupos para desenvolvimento de habilidades segundo os interesses individuais Ocupação do tempo livre Autoestima (o que te faz feliz?) Saúde do idoso Empreendedorismo
6	Educação financeira Bem-estar Relações familiares Ocupação do tempo livre
7	Educação financeira Reconhecimento profissional
8	Educação financeira

Fonte: A autora

Os temas tiveram comportamento diferente do subgrupo da UFPE, uma vez que o que sobressaiu foi a Educação Financeira; até mesmo o empreendedorismo vem nessa vertente de buscar ocupar o tempo livre com algo que gere renda e seja, ao mesmo tempo, prazeroso às pessoas aposentadas. Apesar da EPA ter como tema “*É um planejamento financeiro para não ter impactos no orçamento quando parar de trabalhar*”, para apenas 18% das pessoas que responderam ao questionário, percebemos que teve bastante relevância para o grupo entrevistado. Observamos que, para as pessoas (participantes 2 e 4) que passaram por ação de EPA, a educação financeira não configura um tema de relevância; apenas para a participante 6 que, trouxe o tema como uma preocupação baseada em sua história de vida em que as questões financeiras impactaram bastante na sua forma de preparação para a aposentadoria.

Para mim eu digo tudo porque minha estrutura de vida, minha estrutura financeira, tudo começou aí. Eu trabalhava no comércio ganhando um salário mínimo e de repente, eu faço esse concurso, passo cinco anos pra ser chamada e sou chamada (PARTICIPANTE 6, INSS).

Desse modo, percebemos que as ações de EPA no INSS desmitificam que a decisão pela aposentadoria perpassa pela organização das finanças. De fato, esse é um tema muito importante, porém notamos que as pessoas que trouxeram essa preocupação como tema principal ainda não passaram por ações educativas. O INSS já possui um programa estruturado de modo que os temas sugeridos podem ser muito úteis no planejamento das ações de EPA.

A seguir, vamos discutir as confluências das percepções nas entrevistas das 16 pessoas entrevistadas, trazendo as semelhanças e divergências em seus discursos e as perspectivas de espiritualidade, EPA, aposentadoria e a relação com o trabalho dos grupos da UFPE e INSS.

### 7.5 INSS E UFPE: PONTOS DE APROXIMAÇÃO

Como esperávamos, as percepções das pessoas que trabalham e trabalhavam em autarquias com finalidades diferentes refletiriam nos discursos e nas concepções de espiritualidade. Percebemos que as entrevistas refletiram as evidências que os dados quantitativos trouxeram em suas maiores médias. A dimensão Religiosidade foi mais forte no INSS refletindo nas entrevistas, de modo que corroborou com dados estatísticos apresentados.

Já na UFPE, a dimensão da Religiosidade não é representativa, fato que refletiu nas entrevistas, em que apenas o participante 5 possui essa dimensão como fator mais preponderante em sua concepção de espiritualidade. Nos quadros 32 e 33, percebemos que a maior parte das pessoas que possuem a religiosidade como dimensão mais representativa têm escolaridade até o ensino médio. Aquelas que possuem nível superior estão envolvidas nas atividades religiosas de suas respectivas comunidades, trazendo um reforço à respectiva concepção de espiritualidade.

Quadro 32 - Relação das dimensões da ESI-R e dados sociodemográficos

Dimensão ESI-R	Partic.	Órgão	Sexo	Cargo	Situação	Escolaridade	Religião
COS	7	INSS	M	Analista	Abono	Nível Superior	Orientações Espiritualistas
	6	UFPE	F	Professor	Apos.	Nível Superior	Católica
	7	UFPE	M	Técnico	Abono	Nível Superior	Católica
	8	UFPE	F	Professor	Abono	Nível Superior	Espirita
EWB	1	INSS	M	Técnico	Abono	Nível Superior	Nenhuma
	5	INSS	F	Analista	Pré-apo	Nível Superior	Católica
	8	INSS	M	Técnico	Pré-apo	Ensino médio	Católica
	1	UFPE	M	Professor	Abono	Nível Superior	Nenhuma
	2	UFPE	F	TE	Abono	Ensino médio	Católica

Fonte: A autora

Quadro 33 - Relação das dimensões da ESI-R e dados sociodemográficos (continuação)

Dimensão ESI-R	Partic.	Órgão	Sexo	Cargo	Situação	Escolaridade	Religião
EWB/COS/REL	4	UFPE	F	TAE	Apos.	Nível Superior	Católica
REL	2	INSS	F	Analista	Apos.	Nível Superior	Evangélica
	3	INSS	F	Técnico	Abono	Ensino médio	Católica
	4	INSS	M	Técnico	Apos.	Ensino médio	Evangélica
	6	INSS	F	Técnico	Apos.	Ensino médio	Católica
	5	UFPE	M	Técnico	Abono	Nível Superior	Espírita
NSA	3	UFPE	M	Professor	Abono	Nível Superior	Nenhuma

Fonte: A autora

Percebe-se que as pessoas aposentadas tendem a utilizar o tempo livre frequentando reuniões de suas tradições religiosas, potencializando práticas que já faziam antes da aposentadoria ou iniciando projetos nas respectivas comunidades religiosas.

Não que meu trabalho não fosse uma coisa que eu queria, que eu amasse, que eu fiz com muito amor. Mas, assim, eu pensei que sentiria mais falta. E a religião ela me preencheu, assim, muito. Fora o lazer também com o marido, essas coisas. Mas falando de espiritualidade, a igreja me ajudou muito. Eu me empenhei mais, trabalho mais, assim, ficou uma coisa bem mais preenchida comigo. Então assim, a falta que eu achava que iria sentir, eu preenchi através da religião (PARTICIPANTE 6, INSS).

Então, como eu ia falando da questão, para mim, essa questão de me aposentar não foi doloroso, não foi doloroso. Eu tinha uma perspectiva lá fora quando eu falei. E não era só trabalho a minha vida, então eu tinha outras perspectivas que agora eu iria ter tempo para me dedicar. Eu sempre digo até lá na igreja, eu passei 31 anos trabalhando assim secularmente. E agora eu queria dar um pouco de volta na igreja. Porque trabalhamos com casais, a gente trabalha com os idosos, com as crianças, os enfermos, tem muita coisa por fazer que faz parte dessa minha missão que Deus me dirigiu pra isso (PARTICIPANTE 2, INSS).

Nós devemos ver de tudo, rever todas as coisas e reter apenas aquilo que nos interessa. Aquilo que é bom, que é eficaz. eu tenho mais tempo pra tudo. Tenho mais tempo pra me dedicar à igreja, tenho mais tempo pra ler, tenho mais pra fazer minhas atividades aqui. Assim, da minha nova ocupação. Assistir alguma coisa, notícia, me inteirar mais com as coisas do mundo, da atualidade (PARTICIPANTE 4, INSS).

Por exemplo, eu hoje faço o trabalho voluntário me sinto realizada porque eu achava que era uma dívida que eu tinha com meu próximo, essa coisa de você dizer assim, puxa, porque eu já me transporto um pouco para religiosidade, você que tem uma religião e você aprende que você precisa está mais em função desse outro, principalmente desse outro mais carente mais desfavorecido, essas minorias (PARTICIPANTE 4, UFPE).

Todas as falas acima são de pessoas aposentadas que encontraram em suas respectivas tradições religiosas formas de ocupar de forma prazerosa o tempo livre. Observamos que a cocriação transpessoal da espiritualidade, que é vivenciada pelas pessoas em processo de

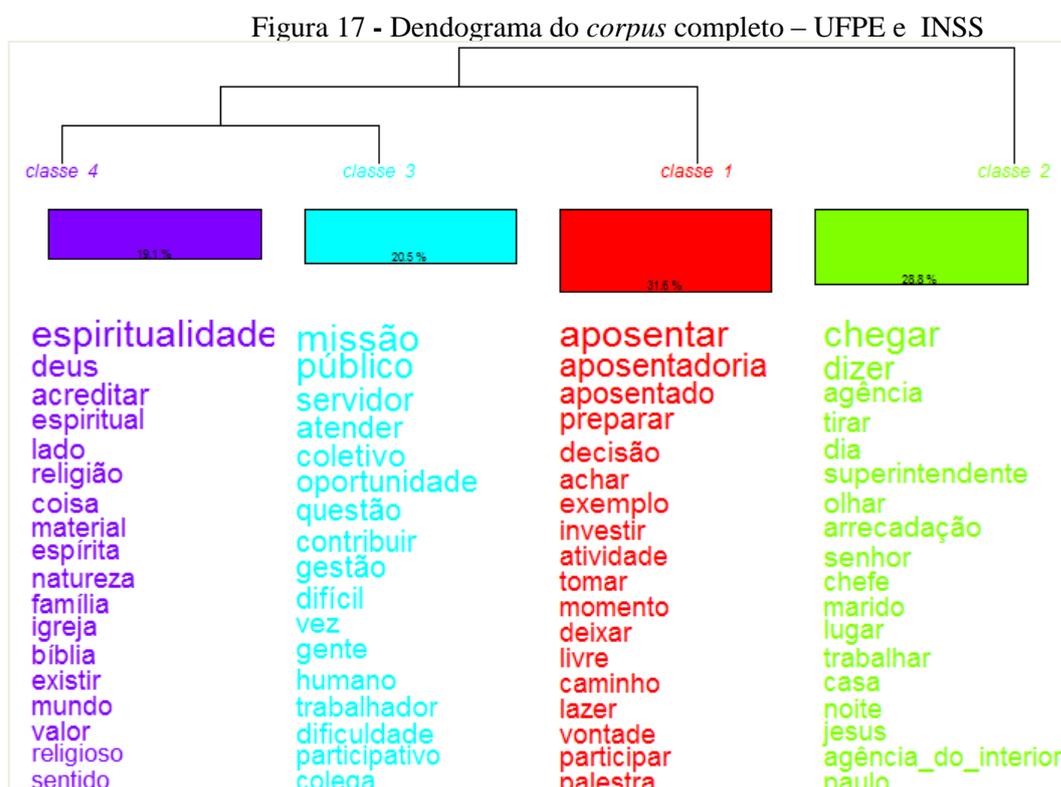
aposentadoria, colabora para reencontrar sentido de vida para além do trabalho formal com a perspectiva de utilizar seu tempo para o desenvolvimento do Espírito Intermediário por meio da materialização das ações voluntárias nas comunidades religiosas. Desse modo, percebemos que, apesar de nossas ressalvas quanto à religião e à laicidade a que o Estado brasileiro é submetido, o “Quadrante Nós” pode ser potencializado pelas práticas religiosas comunitárias, sendo um excelente fator de proteção de transição à aposentadoria, como percebemos na fala das pessoas anteriores.

O que se faz necessário aqui é uma viravolta em toda a colocação da pergunta pelo sentido da vida. Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós. Falando em termos filosóficos, se poderia dizer que se trata de fazer uma revolução copernicana. Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora - perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise, viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento (FRANKL, 2017, p. 86).

O trecho acima colabora na percepção de que o voluntariado pode configurar-se uma importante dimensão da cocriação interpessoal, em que a espiritualidade pode ser manifesta pelo Espírito Intermediário em ações que (re)criem sentido à vida na relação com outras alteridades. Tal percepção pode não acontecer caso a centralidade da vida das pessoas do serviço público esteja no trabalho, sendo necessária uma reflexão também do que o trabalho representa na vida daqueles que estão vivendo o processo de aposentadoria. Para melhor compreender a forma como todas as pessoas participantes das entrevistas percebem os fenômenos, apresentamos, na figura 17, o dendograma com classes que emergiram do *corpus* das 16 entrevistas.

Como era de se esperar, as entrevistas das participantes dois (UFPE) e três (INSS) destoaram do *corpus*, gerando a classe 2, em que suas experiências de vida e a relação com o trabalho deslocaram sua percepção acerca do tema, como já discutimos nas seções anteriores. A classe 1 traz a relação das pessoas participantes no tocante à aposentadoria e à EPA. Curiosamente, a subdivisão das classes 3 e 4, que partem do mesmo eixo, a percepção da espiritualidade e da relação com serviço público, faz-nos compreender que a condição de servidoras e servidores traz um apelo à missão de vida de servir à sociedade, a qual é balizada

pela compreensão de espiritualidade que os participantes nutrem. Como foi descrito nas seções anteriores, essa percepção é mais evidente nos discursos das pessoas do INSS, porém o trabalho com o ensino desenvolvido na UFPE também traz um apelo à missão de servir à sociedade.



Fonte: A autora

Observamos que, em ambas as instituições, há espaço para discutir e aprofundar a espiritualidade como uma dimensão que traga sentido à vida na aposentadoria, bem como durante a carreira profissional.

Veja eu sou apaixonada por essa carreira, por essa profissão. É uma coisa que desde criança minha brincadeira era dar aula para as minhas irmãs. Então, eu desde criança já gostava desse negócio. Então, assim a UFPE tem suas dificuldades é uma universidade do nordeste do Brasil, a gente não vai dizer que é o lugar mais maravilhoso do mundo, mas é para mim o lugar que eu escolhi. Foi uma escolha realmente, [...] Então, não passou pela minha cabeça, meu ideal, vamos dizer, assim, eu acho que tem a ver com a espiritualidade de ser uma professora, de pesquisar, foi muito mais forte porque eu nem parei para pensar. Muita gente me criticou, na época, porque eu fiz essa opção de ficar desempregada com uma bolsa na universidade, mas mesmo assim eu não titubeei, foi muito assim do coração, não sei não tive dúvida, não tive. Foi um chamado, não tenho essas coisas de chamado (PARTICIPANTE 8, UFPE).

Vale destacar que o tema espiritualidade traz equívocos de entendimento em que as pessoas, independente da escolaridade, podem confundir o conceito com a dimensão paranormal apresentada por MacDonald (2000a).

A gente acredita que existe, a gente acredita, pelo menos eu. Eu acredito que exista uma reencarnação. Acredito que quem tá lá do outro lado deve tá vindo a gente deve tá ajudando também. Agora se você perguntar, é espírita? Não, sou Católica Apostólica Romana, mas eu acredito. Eu acredito que é uma coisa que vem comigo, não foi uma coisa assim adquirida, não. Aliás, eu tenho muito medo de espírito, era um trauma de criança, era um medo de morrer (PARTICIPANTE 3, INSS).

Então, porque essa palavra espírito liga muito a segunda existência, uma terceira sei lá, a que você vai ter uma segunda reencarnação, o espírito não sei de é bem isso aí. Acho que diria a você que é isso aí. Eu acho que é uma deficiência minha não ter muita clareza, eu acho que eu deveria explorar melhor isso aí, não tive oportunidade de fazer isso ou não fiz.. É de como eu vejo o mundo, o lócus que eu enxergo a forma de agir das pessoas (PARTICIPANTE 1, UFPE).

Percebemos que há uma confusão entre a tradição religiosa espírita e termo espiritualidade. Silva (2015) já apontou em sua pesquisa que essa percepção equivocada da espiritualidade acontece corriqueiramente. Portanto, as ações que visem o desenvolvimento da espiritualidade no desenvolvimento desta dimensão podem abster-se do termo, desde que as perspectivas de formação humana façam parte da tarefa pedagógica de forma clara em seus projetos. Caso as instituições pesquisadas queiram investir no fortalecimento do bem-estar dos servidores e servidoras por meio das perspectivas da abordagem participativa, sugerimos que os princípios da equiprimacia, equipotencialidade e equipluralidade sejam respeitados para que a integralidade humana floresça, pois, apesar da relação muito positiva, os participantes têm e tiveram com suas respectivas instituições momentos de sofrimento relatados em seus discursos, os quais trazem a conotação de que a sua instituição é “sem alma” pela forma com que trata as pessoas do serviço público, em que há um descompasso entre a missão da organização e forma com que está sendo conduzida no momento.

Você pesar os prós e contras que vai ter se você está mesmo no tempo, porque uma coisa é a expulsória,<sup>36</sup> outra coisa é você no meio do caminho querer se aposentar por mil razões, por necessidades outras, mas assim, eu acho que é uma preparação, e a preparação pode se dá via cursos, via conversas, via leituras. Talvez a instituição tivesse essa preocupação com a pessoa, com aquele ser espiritual que ele é, com aquela alma, mas termina que a instituição não tem alma, não tem espiritualidade, digamos assim, porque ela não cuida

---

<sup>36</sup> Termo utilizado pela participante para fazer referência a aposentadoria compulsória.

dessa outra parte do ser pessoa, da pessoa, porque espiritualidade pra mim é a pessoa, é a identidade, é o eu. Agora ela não é, pensa assim, eu acho, não vejo, mas devia pensar. Como foram 24 anos de construção de identidade (PARTICIPANTE 6, UFPE).

Eu acho que existe um estigma em cima do técnico. Aí, eu fui entrando num curso outro dia, depois eu estava metida nos cursos, tinha uma professora que deu um depoimento quando eu terminei de falar lá, ela disse assim, “essa é uma criatura de altíssimo valor, mas universidade subutiliza, está subutilizada”. Aí, eu refleti essa pessoa que disse isso ela tinha sido minha coordenadora como é que ela não fez nada naquela época? Eu estou te um falado de um caso meu pessoal como TAE, mas esse deve ser uma inquietação e inquietações outras devem existir em tantas outras pessoas, ou que vão se aposentar por que não aguenta mais, sei lá, os outros eu não sei. [...] Mas, eu ainda comecei a dizer, tanto que eu disse assim aqui nessa universidade eu fui muito feliz, mas também tive meus momentos de sofrimento, ainda cheguei a dizer isso, mas não explorei não era o lugar de explorar (PARTICIPANTE 4, UFPE).

A percepção de que há uma desvalorização do trabalho executado e um descompasso entre as pessoas que acreditam que podem contribuir mais, por questões de gestão nos ambientes de trabalho, tendem a antecipar a decisão pela aposentadoria, uma vez que a organização do trabalho vai de encontro às premissas de vida de alguns/algumas participantes. Há um senso de propósito claro entre os participantes, os quais reconhecem o valor de suas respectivas contribuições para a instituição, no entanto, às vezes, sentem que há mais a contribuir, mas o ISTOS (sistema), a forma como a organização se coloca dificulta um melhor desempenho.

O que eu entendo é que, volto a insistir, a espiritualidade no sentido ético, princípios. Infelizmente o processo público hoje na administração pública, ele não tem considerado esses princípios que para mim são importantes. Então, como fica muito difícil você inserir princípios dentro do INSS, acima das diretrizes que existem, eu realmente creio que está na hora de eu me afastar e me dedicar a outras atividades. A falta desses princípios, insisto muito nesse aspecto de princípio, a falta deles me levaria a não estar bem no processo de atividade. E não estando bem, eu tenho a filosofia do quê, que o seguinte, muito simples, enquanto eu estiver me sentindo bem pra vir à atividade, está funcionando independente de qualquer problema. No momento que isso está se tornando pesado, está se tornando não tão agradável como sempre aconteceu ser, então eu tenho que ter consciência que é o momento de eu dar um o tempo nesse processo de trabalho (PARTICIPANTE 1, INSS).

Mas que o funcionalismo público é acomodado? É. Agora, se a culpa é do servidor, eu acho que não. Porque as lideranças, essas pessoas que estão no topo, que tá na parte estratégica não falam disso, fazem política. Então, enquanto eles estão lá fazendo política, querendo se promover. Não está preocupado com isso. O que é que acontece, vai lá, vai bater lá na base, que não tem cobrança. [...] Porque não acaba o serviço público não é funcionário, é uma estrutura antiga, viciada. Como todos os setores, principalmente no setor público. Então, aí eu queria assim, estabilidade, essas coisas todas, ser uma contrapartida. Aqui se alguém quiser fazer alguma coisa faz, se não

quiser não faz, e ganha, e no final do mês o salário é o mesmo, ou até maior do que aqueles que tem iniciativa. Isso tem muito no serviço público. Desestimula, não tem uma carreira bem estruturada, não tem planos de meta, não tem cobrança. Então isso deixa triste. Talvez seja um dos motivos que muita gente não gosta de serviço público. Então, se eu me aposentar amanhã, eu vou levar o que de bom que eu encontrei aqui? Eu nunca fui desafiado, eu mesmo me desafiei (PARTICIPANTE 7, INSS).

Os programas de EPA precisam estar no bojo de um programa maior de desenvolvimento humano nas instituições públicas para que a organização do trabalho possa mitigar os sofrimentos a que as trabalhadoras e trabalhadores estão submetidos, devido aos limites construídos por humanos que estão em cargos de gestão, sendo responsáveis pelas políticas internas.

A abordagem transpessoal observa o humano numa lógica não mecanicista e compreende a complexidade expressa na relação com o trabalho e, por consequência, com a aposentadoria, permitindo ressignificar os sentidos com o trabalho ao passo que fortalece a condição humana para dialogar com as adversidades, tornando as pessoas do serviço público resilientes aos processos de desvalorização nos ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que as fortalecem para lutar por melhoria nas condições de exercício de suas atividades.

Passei muitas dificuldades na instituição. Do entendimento, do quê seria a nossa função, do entendimento do social. Tudo que a gente entendia pela vida que a gente tinha, desde meu pai que sempre me ensinou, e eu via que ele era ligado às questões sociais, às questões do trabalhador. [...] Eu não era uma privilegiada, eu estava ali como trabalhadora também. Eu via que as pessoas não entendiam, que de se colocar assim no lugar da pessoa. E algumas vezes eu tive muitas dificuldades, que era o sistema, lutando contra um sistema, que eu até hoje não aceito muito, mas tentei correr assim dentro dos movimentos sociais para ver o que a gente podia ajudar para amenizar aquela situação. Porque entendia que a gente estava ali porque era necessário. E que Deus não nos dá alguma coisa que a gente não suporte (PARTICIPANTE 2, INSS).

O reconhecimento da dimensão espiritual da participante 2 e o aparente desenvolvimento do Espírito Intermediário trouxe clareza para sua ação em construir coletivamente soluções para a melhoria do atendimento ao público. Sabemos que, na conjuntura atual, tem se ampliado o discurso de desvalorização do serviço público em que há afirmações pejorativas pelo alto escalão do governo brasileiro<sup>37</sup> acerca do desempenho de servidores e servidoras públicas.

---

<sup>37</sup> Deputados comentam fala de Paulo Guedes sobre servidores “parasitas”. Fonte: Agência Câmara de Notícias, disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/636274-deputados-comentam-fala-de-paulo-guedes-sobre-servidores-%E2%80%9Cparasitas%E2%80%9D>> .

Tal fato evidencia que a lógica na qual estamos imersos não pode ser maior do que nossa capacidade de reflexão, em que as pessoas que dividem as preciosas horas do seu dia, lado a lado na prestação de serviços à sociedade, não podem ser encaradas como uma peça descartável, como um recurso que pode ser trocado quando não é mais útil.

A dimensão espiritual empodera o homem com a capacidade de tornar inteligíveis as dinâmicas de determinação e controle de que ele participa, transformando o que a princípio mostra-se como automatismo em autonomia. Encontramos, aí, a dimensão distintiva e essencial do ser do homem, fonte dos fenômenos tipicamente humanos (PEREIRA, 2015, p. 391).

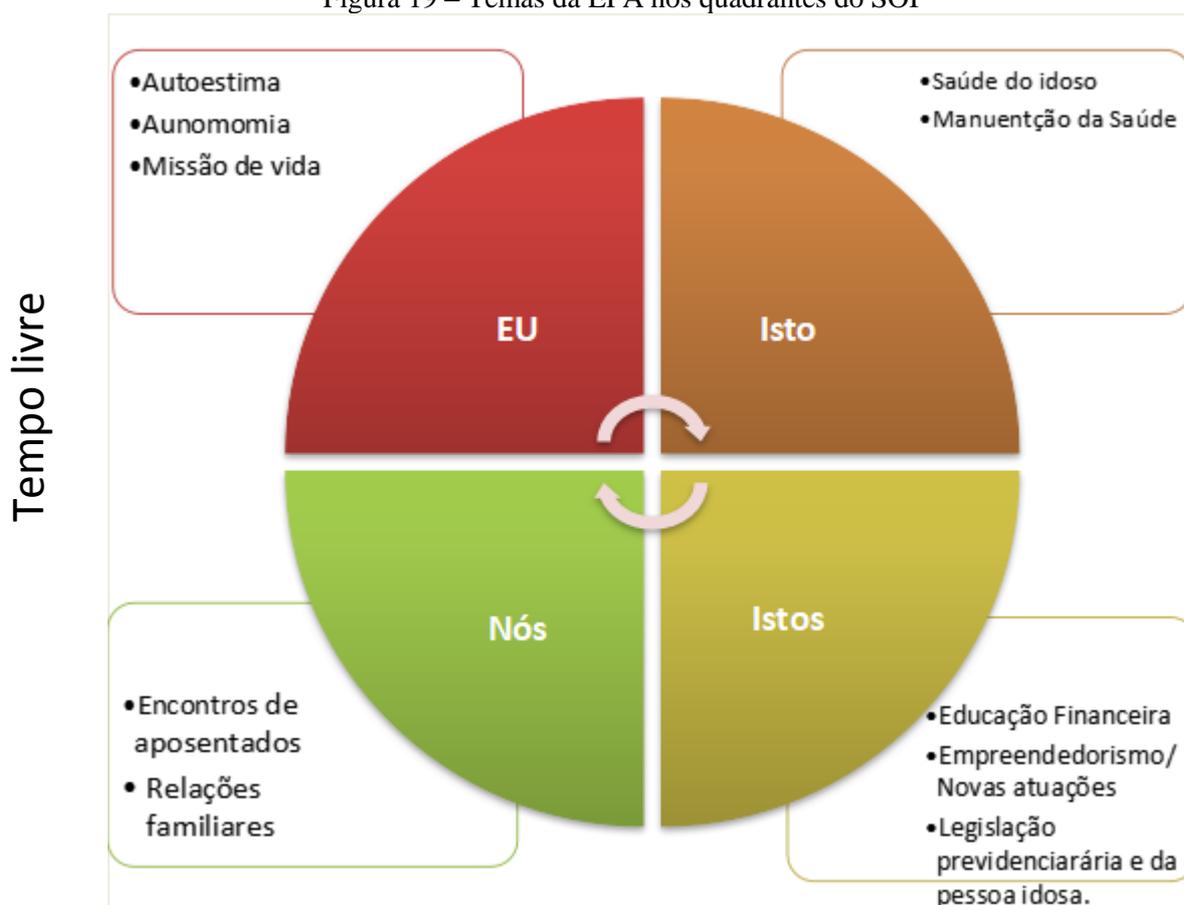
A racionalidade tem levado a sociedade e as instituições a comportamentos violentos que tiram a percepção de valor do ser humano, que cria normas, metas e procedimentos que são de ordem mecânica e não orgânica, desconsiderando a multidimensionalidade humana. Desse modo, a violência institucional é reproduzida de forma automática. A EPA espiritualmente conduzida precisa estar atenta a esses aspectos para que não transforme o público participante em mais um número, metas a serem cumpridas, pois será mais do mesmo a ser realizado.

Só que nos departamentos, não é assim que acontece, a primeira coisa que aquele funcionário que você esteve com esse tempo todo, que deu todo seu esforço, a sua contribuição, construiu toda sua vida, a primeira providência é a luta por espaço, então, você tem que desocupar a sala imediatamente porque já tem outro para colocar no lugar ou para assumir. A outra coisa seu escaninho desaparece então você vira um zero à esquerda, você vira um número, um nome, aposentado. E aquilo ali você praticamente é esquecido, então, eu acho que isso aí para alguns é muito duro assim, para outros não porque não tinha aquilo ali como fim, mas assim a universidade não vê assim o aposentado para ela, tchau. Eu acho que a universidade podia, pensar, não sei se é tarefa dela até, mas assim, você é tratado como o fim da carreira e tchau! E eu por isso que eu quando sai tirei meus livros, tirei tudo, levei tudo, tudo que tinha colocado eu levei, e tirei a minha placa para que outros não façam, eu disse “quem vai tirar minha placa sou eu da sala” e eu tirei porque o escaninho já tiram, não precisa você nem pensar. A primeira providência é tirar seu escaninho, você virou zero é assim que tratam você. Quando acaba, acabou, tchau (PARTICIPANTE 6, UFPE).

Observamos na fala dos participantes a necessidade de cuidar das pessoas, dos sentimentos que perpassam pelo fenômeno de se aposentar. São décadas de dedicação à instituição a que fizeram parte e esse vínculo precisa ser respeitado, ao passo que, como já foi expresso pelo grupo, as condições de trabalho precisam estar em constante desenvolvimento para que a promoção do bem-estar aconteça durante toda a fase laborativa.



Figura 19 – Temas da EPA nos quadrantes do SOI



Fonte: A autora

Eu acho que um dos pontos principais é você conhecer cada pessoa que tá nesse programa e você procurar saber o que ela gosta mais de fazer. Mesmo sem tá aposentado. Por exemplo, se for uma pessoa que gosta de leitura, , pode ser uma pessoa que pode ser trabalhada nessa situação que ela gosta de ler, e trabalhar nessa questão dela participar de oficinas, de leitura, de conhecimento. Porque, no caso, é uma coisa que ela gosta. Eu acho que é primeiro buscar o que é que a pessoa gosta de fazer (PARTICIPANTE 5, INSS).

A promoção de ações culturais e artísticas pode contribuir para que as ações de EPA sejam ampliadas e não se restrinjam ao aspecto cognitivo apenas. Apensar dos cursos formais também terem sido sugeridos (Educação Financeira, Empreendedorismo/Novas atuações, Legislação previdenciária e da pessoa idosa), ações que toquem na dimensão emocional de forma mais sutil na existência humana são indispensáveis. Percebemos que a UFPE pode ter maior abertura para ações mais estéticas, por ser um espaço de formação por natureza. Porém, o INSS poderá enfrentar mais restrições, uma vez que tem caminhado para o teletrabalho (PINHEIRO, 2020).

Geralmente, a gente só sai mais velha e mas se você ajudar na criação dos netos ou de amigos, então tem também assim, ela podia promover também atividades culturais, não é por exemplo, música, poesia, teatro, cinema, sessões de filmes que eu acho que pegava os aposentados e os não também e aí eu acho que tem várias frentes que a universidade se quisesse podia dar esse apoio (PARTICIPANTE 6, UFPE).

Desse modo, a cocriação interpessoal poderá ser comprometida no INSS, uma vez que foi nítida a recomendação pelas pessoas entrevistadas da manutenção de encontros em grupo, cujas trocas são muito significativas para a vivência da aposentadoria.

A minha proposição como docente é a sua pergunta é o mais pedagógico seria a aproximação com diálogo em grupo, formar grupos de quem se identifique por alguma forma ou afetivo ou por local de trabalho ou por questão profissional dos aposentados ou por qualquer outro motivo, mas que seja em grupo numa coisa dialogada em grupo, em coletivo do que uma forma mais individual, Não é mais individual, eu acho que o coletivo bem mais interessante (PARTICIPANTE 3, UFPE).

Percebemos que a metodologia de formação de grupos reflexivos (EU), informativos (ISTO, ISTOS) e culturais (NÓS) é uma demanda apresentada pelo grupo, uma vez que isso potencializa as trocas interpessoais, fortalecendo a tomada de decisão consciente, como foi apresentado pela pessoa que vivenciou ação de EPA no INSS.

E até porque as pessoas que pensam diferente uma das outras, enquanto eu vejo a coisa por um lado, e outra pessoa vê por outra. “Ah, eu já me aposentei, já não tem mais sentido mesmo. Só prestava quando eu estava lá, mas hoje em dia [...]”. Não, não é assim não. Você continua sendo útil do mesmo jeito, apenas parou aquela função que estava fazendo ali e foi fazer outras. Eu acho que seria bom ser feito isso daí. Porque assim agora, eu acho que o universo de pessoas que estavam para se aposentar, já em sua maioria, já aconteceu. Mas, conforme a demanda de quem está lá envolvido com essas atividades, conforme a demanda de pessoas que ainda tem para se aposentar, e até aqueles que já se aposentaram, tendo contato com eles, eu acho que seria importante. Se uma vez por ano ou dois em dois anos, sempre, sei lá, ter algo que sempre incentivassem as pessoas de alguma forma. (PARTICIPANTE 4, INSS).

Observamos que o cuidado com a pessoa do serviço público em atividade ou gozando da aposentadoria é uma preocupação do grupo pesquisado em que, como expresso nas seções anteriores, há um desejo de manutenção do vínculo com suas respectivas instituições, de

modo que sugerem encontros anuais para reunir as pessoas aposentadas ou programações culturais para integrar todas as pessoas em quaisquer fases da carreira.

Tais percepções reforçam a necessidade do investimento na cocriação interpessoal, cujo contato com alteridades outras permite o aprimoramento da dimensão espiritual, bem como o fortalecimento da rede de apoio na aposentadoria. Neste sentido que o tema relações familiares foi destacado na fala das pessoas participantes e, como já apresentado na seção 5, é uma temática que necessita de maior investimento em pesquisas.

Depois do financeiro seria o quê, você ver o seu bem-estar. Você ver aonde é que você vive, como vai ser a minha vida, o dia a dia sem sair de casa pra trabalhar. Qual a vontade que eu vou ter quando voltar, porque ter essa casa pra mim. O bem-estar do ir e do voltar. Porque aí ela ver que ela vai ficar ali. Porque a gente viaja, a gente tem a igreja. Roda, roda, roda, mas a gente volta pro nosso bem-estar, para nossa casa. A nossa casa, que é aonde você vive com as pessoas ou sozinho (PARTICIPANTE, 6, INSS).

Eu só penso coisas boas dessa nova fase, mas eu presencio vários servidores do INSS, desesperados não querem nem ouvir falar de aposentadoria. O sentimento que eu tenho, é que essas pessoas são, eu não diria assim vazias, mas elas parecem que perderam os seus laços familiares, perderam os seus laços de amizades. E elas se sentem com medo de se aposentar, porque vão se sentir mais sozinhas ainda. É essa a impressão que eu tenho (PARTICIPANTE 5, INSS).

Diante de tudo o que foi expresso pelas pessoas que participaram deste estudo, chegamos ao entendimento de que a missão de vida é um tema que traz uma apelo para reflexões que promovem um diálogo sincero com as dimensões intrapessoal, interpessoal e transpessoal da trabalhadora e do trabalhador. De modo que, quando nos dispomos a olhar profundamente para o que dá sentido às nossas vidas, temos uma relação autêntica com quem nós somos e como nós somos na interrelação com o mundo. Portanto, investir numa EPA multidimensional (RHÖR 2011; FERRER, 2017) que atenda aos aspectos singulares e plurais (WILBER, 2007) é um possível caminho para a promoção do bem-estar das pessoas em processo de aposentadoria, bem como ao público de trabalhadoras e trabalhadores do serviço público.

A busca por sentido certamente pode causar tensão interior em vez de equilíbrio interior. Entretanto, justamente esta tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde mental. Ouso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido. Há muita sabedoria nas palavras de Nietzsche: "Quem tem por que viver suporta quase tudo como." Nestas palavras eu vejo um lema válido para qualquer psicoterapia. (FRANKL, 2006, p. 102).

Vale destacar que podemos encontrar barreiras no desenvolvimento de uma EPA espiritualmente conduzida, uma vez que isso se configura uma saída da lógica competitiva em que o mundo do trabalho está mergulhado (GADELHA, 2009), inclusive o serviço público. Ações espiritualmente conduzidas configuram uma quebra de paradigma que não será simples, porém, as falas das pessoas entrevistadas expressam que o cuidado com a pessoa é primaz num programa de EPA. É possível compreender que somos pessoas fazendo políticas de desenvolvimento humano para outras pessoas, sendo a EPA uma ação política dentro desse universo.

Diante disso, para o INSS, que já tem um programa estruturado dentro de sua instituição e que está, do ponto de vista da integralidade, pensando nos quatro quadrantes do SOI, a contribuição dessa pesquisa consiste em trazer o foco na dimensão espiritual como premissa de trabalho, em que haja investimento no desvelamento do sentido de vida dos funcionários como um fator de proteção básico, o qual colabora com a missão da instituição. Na fala dos participantes, há um afeto claro em relação à natureza da atividade exercida que, por si só, é responsável pelo sentido do trabalho. Portanto, um trabalho de resgate da missão institucional do INSS pode ser uma forma de trabalhar o sentido dos servidores e servidoras do início da carreira, sendo uma tarefa de programa de EPA longitudinal.

Eu acho que não vou ficar me devendo nada no dia que eu me aposentar. Vai *tá* tranquila. Assim, nunca encontrei um segurado ruim. Qual a missão da instituição, e pra o que *tá* saindo, o que é que ele fez? Porque não foi só eu que fiz isso. Muita gente lutou pela Previdência. Reconhecimento. Eles têm que saberem que eles deram muito deles pra Previdência. E *tava* na hora de outros darem. Dá pra entender o que é que eu *tô* pensando? Eu acho que *tá* na hora de você e outros que estão chegando agora, tomarem as rédeas. [...] Aí *tá* vendo que é uma história? Tem que fazer sentido. Tem que dar prazer. A gente não pode trabalhar só porque precisa. Não fico triste, não vou me sentir mal. Eu me senti bem, eu achei que com essa entrevista de qualquer maneira eu *tô* dando uma colaboração para nossa previdência continuar viva, *né?* (PARTICIPANTE 3, INSS).

É, o INSS tinha. Nós temos uma missão que é muito nobre, na grande parte das pessoas que tão envolvidas nesse processo de gerenciamento do INSS, essa missão ela não é uma coisa que está arraigada em cada um. Isso não está sendo apreendido por essas pessoas. Eles estão, não estou dizendo que sejam bons ou ruins administradores, mas eles estão geralmente querendo gerenciar sem se preocupar com a missão que é extremamente nobre dessa casa. O efeito social que nossa atividade leva lá para fora, ela é muito grande. Então esse conceito da missão em si ele teria que estar bem arraigado em cada um desses administradores, que infelizmente, independente de ser bom ou ruim administrador, esse conceito está praticamente fora, descartado. É um mero gerenciamento, é um mero estar gerenciando uma atividade. (PARTICIPANTE 1, INSS).

As falas acima remetem à necessidade de fazer ações que fortaleçam os valores institucionais que deixem a “Previdência continuar viva”, uma vez que vislumbram uma política pública importante para a sociedade, com uma “missão que é muito nobre”. Observamos que essas falas dos participantes do INSS trazem um dado significativo de como a dimensão espiritual pode contribuir para o processo de EPA naquele órgão.

Quando pensamos em como seria a EPA na UFPE, vemos que a ótica é similar, no tocante à necessidade de valorização das pessoas de um modo geral, em um processo de reconhecimento daqueles que estão saindo. Não há programa estruturado, porém há previsão legal no PDI daquela instituição em promover ações nesse sentido. Nesta perspectiva, as contribuições dessa pesquisa, a partir das falas colhidas nas entrevistas, podem ser um norte para a estruturação de um programa na UFPE, com a sinalização dos princípios de equiprimacia, equipotencialidade e equipluralidade.

## **8 REFLEXÕES FINAIS: APONTANDO CAMINHOS E A (CO)CRIAÇÃO DE ROTAS PARA A EPA NO SERVIÇO PÚBLICO**

A educação para aposentadoria não se configura, ainda, uma área de interesse nas pós-graduações. Observamos a importância do tema para o bem-estar das trabalhadoras e dos trabalhadores de uma forma geral, mais efetivamente para aqueles que estão prestes a vivenciar o fenômeno da aposentadoria quando já completam os requisitos para usufruir desse direito.

Apesar do magistério ser uma área do mundo do trabalho em que as pessoas vivenciam todos os tipos de fenômenos a ele conectados, percebemos que a aposentadoria, ou melhor, a relação que professoras e professores têm com esse fenômeno não despertou o interesse dos pesquisadores da área de formação de professores e/ou de educação e trabalho. Acreditamos que nosso estudo pode contribuir nesse sentido, pois, da perspectiva da integralidade, observamos que as pesquisas sobre o tema demonstram que a aposentadoria é um fenômeno das relações intrapessoal, interpessoal e interobjetivas.

No estado do conhecimento levantado nesta pesquisa, descrevemos o fenômeno a partir de relação interna da pessoa trabalhadora, a qual questiona sua identidade que, por vezes, é atrelada e confundida com seu papel profissional, apontando os impactos em sua percepção do corpo em envelhecimento e das questões subjetivas ante o fenômeno.

A produção acadêmica sobre a aposentadoria também apresenta como a pessoa se relaciona com os sistemas sociais no tocante aos espaços de trabalho, ao sistema legal, aos programas de preparação para aposentadoria, ou seja, como se comporta ante as relações interobjetivas na aposentadoria. Outra linha de resultados das produções trabalha na perspectiva de identificar as influências das relações intersubjetivas que a pessoa aposentada tem com a família, o lazer, a vida social, enfim, todos os relacionamentos que se potencializam com o término da jornada de trabalho diária que a aposentadoria proporciona.

A contribuição que nossa pesquisa se propõe a oferecer consiste em pensar a aposentadoria como um fenômeno integral e, portanto, a tarefa pedagógica da EPA perpassar pelo comprometimento em trazer as reflexões de sentido de vida para as práticas em Programas de Educação para Aposentadoria. Educar para a aposentadoria é uma ação multidimensional cocriada pelos agentes da tarefa pedagógica, educador-educando, por meio de reflexões sobre o sentido da vida ao longo da trajetória profissional.

Diante disso, defendemos que há uma necessidade perene de pesquisas na área de aposentadoria, mais especificamente em relação à EPA, em que a percepção de outras categorias profissionais possa ser investigada. A percepção do fenômeno por pessoas do serviço público da UFPE e do INSS traz um recorte que pode e deve ser ampliado com outras categorias profissionais. Para nós, fica a curiosidade de como professores da educação básica refletem sobre o término de suas carreiras docentes e quais os impactos objetivos e subjetivos da aposentadoria em suas vidas.

Apesar do limite do nosso estudo quando selecionou pessoas do serviço público, este pode contribuir para pesquisas de estado da arte sobre a temática aposentadoria, bem como em outros temas cujo viés de pensar os fenômenos de forma integral, uma perspectiva que vem se construindo na linha Educação e Espiritualidade com o auxílio de métodos mistos e utilização de escalas que sinalizam a parte objetiva de compreensão da realidade.

Destacamos que o uso dos *softwares* potencializou a análise temática dos resumos, porém para o uso das entrevistas, há maior dificuldade em encontrar unidades de sentido de forma mais clara, devido à linguagem coloquial exigindo mais perspicácia da pesquisadora. Desse modo, concluímos que o IRAMUTEC pode dificultar em análise de entrevistas, e potencializar a análise temática de textos escritos.

O instrumento de construção de dados, o ESI-R, configurou-se muito válido em descrever as expressões de espiritualidade estrutural multidimensional (MacDONALD, 2000a, 2000b). O alcance da nossa pesquisa foi razoável, tendo limites em sua execução no tocante às pessoas servidoras públicas que trabalham nas Agências da Previdência Social.

Os dados sociodemográficos levantados acerca dos arranjos familiares trouxeram uma percepção importante sobre para “quem se vive” e se evidenciou traços de postergação do usufruto a aposentadoria das pessoas com mais de 40 anos de tempo de serviço, sendo mais evidente em pessoas do sexo masculino solteiras, sem filhos e sem religião. Diante disso, a EPA a ser desenvolvida nessas instituições, precisa levar em consideração o risco a que pessoas com esse perfil estão submetidas no processo de aposentadoria.

Outro dado relevante do levantamento do perfil sociodemográfico é a tendência de pessoas com maior escolaridade a desenvolver menor participação em tradições religiosas e até não ter nenhum tipo de credo, bem como o inverso foi observado nas entrevistas, as pessoas com menor escolaridade conceberam a dimensão Religiosidade do ESI-R com maior ênfase que as pessoas com formação em nível superior.

O levantamento quantitativo sobre as concepções de EPA dentro de nossa amostra aponta que as finanças e saúde não configuraram temas prioritários para o desenvolvimento da EPA. As definições dos conceitos de inquirição eco-sociopolítica e de equiprimacia podem configurar estratégias importantes para o desenvolvimento dos respectivos temas, uma vez que quanto menor a renda maior foi a sinalização das pessoas em ter na aposentadoria um tempo para investir na saúde. Diante disso, sugere-se que os programas de EPA observem o recorte de renda e escolaridade para o planejamento de suas ações.

No tocante às expressões de espiritualidade, as maiores médias no INSS foram da Orientação Cognitiva à Espiritualidade e da Religiosidade; e na UFPE foi o Bem-estar Existencial, sem haver, estatisticamente, disparidades entre as dimensões do ESI-R nas duas instituições. Quanto ao sexo, mulheres têm a tendência de pontuar mais alto na dimensão Religiosidade. Em relação à situação ante a aposentadoria, as pessoas pré-aposentáveis tiveram médias mais baixas no Bem-estar Existencial e Religiosidade do que as pessoas aposentadas e em abono de permanência.

A parte inicial do estudo misto levou-nos à reflexão de que a EPA precisa ter um caráter longitudinal pela tendência que as pessoas, na fase pré-aposentável, apresentaram em relação à percepção de bem-estar aplacada pela rotina laboral, conforme dados reforçados nas entrevistas, bem como um olhar para as pessoas do sexo masculino que têm a tendência à postergação da aposentadoria. Para as mulheres, um recorte do estado civil precisa ser observado pela tendência de pessoas viúvas e/ou divorciadas em permanecer no trabalho. Recomenda-se que a EPA potencialize as relações interpessoais em suas ações.

Como foi observado na parte subsequente do estudo misto, a aposentadoria é um fenômeno cuja decisão intrínseca sofre influências internas e externas, de modo que a dimensão espiritual pode contribuir na tomada de decisão consciente diante do fenômeno. No grupo das pessoas entrevistadas da UFPE, a espiritualidade tem concepções que transitam entre a transcendência e a imanência. Nas entrevistas, ficou evidente que as pessoas que concebem a Orientação Cognitiva à Espiritualidade têm a tendência de viver a dimensão espiritual também na Religiosidade. As pessoas aposentadas que possuem a dimensão Religiosidade como principal em suas vidas tendem a intensificar participação em atividades religiosas quando aposentadas, de modo que a dimensão espiritual configura-se um importante fator de proteção à aposentadoria.

A ocupação do tempo livre foi uma temática recorrente nas falas das pessoas aposentadas, sendo uma tônica mais evidente na UFPE, instituição em que a EPA é pouco

explorada. As falas representaram o campo da reflexão inicial diante do fenômeno. O programa de EPA do INSS coloca as pessoas no campo da ação de modo que há uma sinalização mais clara da ocupação do tempo livre, bem como a necessidade premente de organizar as finanças para usufruto do direito previdenciário.

Em ambos os grupos foi colocada a necessidade de respeito às emoções e aos sentimentos que o fenômeno desperta, sendo necessárias ações de reconhecimento, bem como o fortalecimento de relações interpessoais através da cultura. No tocante a isso, as tradições religiosas são espaços de fortalecimento da rede de apoio, bem como a renovação do sentido de propósito em respeito à cultura de cada participante do projeto. Assim, sem ferir o princípio da equipluralidade, a EPA deve incentivar as pessoas do serviço público a estarem mais próximas às suas respectivas tradições culturais.

Os dados construídos nesse estudo mostram que a EPA carece de reflexões acerca do senso de propósito da pessoa trabalhadora em que haja espaços para a reflexão da relação com o trabalho e com o tempo livre, bem como a relação desta com o processo inexorável do envelhecimento. Desse modo, a EPA tem o papel de desenvolver a formação humana das pessoas trabalhadoras por meio da promoção do autoconhecimento e da autonomia em meio às trocas promovidas pelas relações interpessoais no e fora do trabalho, sedimentadas pelos valores da dimensão espiritual. Já existe um apelo à dimensão espiritual do grupo entrevistado, uma vez que há uma compreensão de que a missão de servir ao público é nobre e dá sentido à vida das pessoas entrevistadas.

Para tanto, o grupo sugere que grupos reflexivos, informativos e culturais sejam formados com todas as pessoas daqueles órgãos, a fim de desenvolver a EPA dentro de um processo mais amplo de um programa de desenvolvimento humano naquelas instituições. Como já é estruturado o programa no INSS, este estudo trouxe, a partir das falas nas entrevistas, a necessidade de se reinvestir na missão institucional, de modo a potencializar o engajamento e o sentido de propósito dentro daquela autarquia. Em relação à UFPE, esta pesquisa pode ser o pontapé para a construção do programa naquela Universidade, em que a percepção de pessoas do magistério e da equipe técnica evidência quais os primeiros passos nesse intuito.

No bojo da Saúde e Qualidade de Vida da pessoa do serviço público federal, esse estudo contribuiu para a percepção integral do fenômeno da aposentadoria, a qual a outra face da moeda é a relação que a pessoa estabelece com o trabalho. Pensar a EPA é pensar nas relações estabelecidas com o trabalho. Como apontamos no início de nossas reflexões finais,

ainda há um grande número de categorias profissionais que não se beneficiam de programas de EPA, muito por desconhecimento sobre a temática, e talvez, pela carência de profissionais sensíveis ao tema. Nosso desejo é que este estudo inspire outros sobre as percepções do fenômeno de docentes da educação básica, bem como outros estudos que contrastem as percepções de Instituições de Ensino Superior com os achados desta pesquisa.

No tocante à tradição das pesquisas do PPGEduc, percebemos que este trabalho trouxe um debate da EPA para a academia, uma vez que este fica fechado nas escolas de governo quanto ao bem-estar da pessoa em processo de aposentadoria, em compreender que a docência é exercida por pessoas trabalhadoras cuja função de professora e professor não as blindam dos sofrimentos de vivenciar esse fenômeno. Outro estudo que pode ser realizado a partir deste consiste na relação entre as categorias profissionais de docentes e técnicos na UFPE, de como a delimitação do espaço entre as carreiras influencia nas inter-relações, e por conseguinte, no bem-estar geral da Universidade, uma vez que as entrevistas apontaram momentos de sofrimento nas duas categorias.

De forma pragmática, os dados construídos nas instituições pesquisadas podem auxiliar nas (re)formulações de ações de EPA, principalmente na UFPE que está como seu programa em fase embrionária, podendo até usar dos instrumentos construídos neste estudo para ampliar o diagnóstico do público daquela instituição.

Os dados gerados por este trabalho podem servir de exemplo para discentes dos programas de pós-graduação que queiram enveredar pela pesquisa de estudos mistos, a qual é, por vezes, desafiadora pelo tempo exíguo de um mestrado, no entanto, amplia o olhar trazendo elementos objetivos e subjetivos que se complementam e se inter-relacionam, ampliando a compreensão do fenômeno.

Finalizamos nossas considerações conscientes que há um vasto número de pesquisas a serem desenvolvidas a partir da EPA e da Espiritualidade; a contribuição desta última perpassa por todos os campos do saber, uma vez que, por mais técnica que seja uma área de conhecimento, é um ser humano que conduz a pesquisa, sendo este dotado de todas as dimensões humanas, das quais a espiritualidade é parte integrante. Portanto, não há como esgotar pesquisas nesse campo, pois sempre precisamos retroalimentar o sentido da vida em nós para que tenhamos uma sociedade mais saudável em relação aos fenômenos da vida, para que menos “Oves” sofram a perda da vontade de viver por não terem investido na dimensão noética da existência.

## 8.1 REVERBERAÇÕES DO TEMA

A sensação de finalizar esse trabalho é muito satisfatória por ter cumprido o meu propósito nesta tarefa. Quando me lancei a ser uma pesquisadora *stricto sensu* - pesquisar sempre foi uma característica pessoal - foi um evento que aconteceu para ressignificar o sentido da minha existência. Nos anos que antecederam a seleção, estava vivenciando um luto bem pesado. Uma condição clínica impossibilitou-me de realizar um sonho íntimo muito caro, de modo que tudo em minha vida perdeu a cor e o brilho, até o prazer de ser uma servidora pública estava ofuscado. Então, segui o caminho da pós-graduação em Educação, a fim de ressignificar um sentido para a minha vida, pois vejo que podemos ter mais de um.

Desse modo, na minha pesquisa foi imprescindível um objeto que fizesse meu coração pulsar porque objetivamente ser mestre na instituição em que eu trabalho não me traria nenhum benefício imediato, não impactaria na minha carreira ou nas oportunidades de trabalho. Assim, teria que ser um objeto que fizesse sentido a mim e, também, para a instituição.

Em relação ao campo de conhecimento da EPA, sentia que precisava ser algo que pudesse ter um sentido mais profundo, uma vez que o próprio conceito de educação para aposentadoria já se configura como um marco para a área de desenvolvimento de pessoas que, até o momento, concebiam o campo de conhecimento como uma preparação para a aposentadoria.

Assim, eu comecei a observar como poderia ser a minha contribuição e o contato com duas mulheres servidoras públicas, hoje aposentadas, fez-me ver que havia algo de especial naquelas pessoas, as quais conseguiam superar os limites que o sistema impôs às suas atuações profissionais. Apesar dos limites de serem servidoras públicas em organizações que, cada vez mais, estavam sendo transformadas em empresas competitivas, havia em suas práticas a abertura para a construção coletiva, colaborativa e cooperativa. Então, comecei a perceber nelas qual o diferencial de suas respectivas visões de mundo. Percebi que, apesar de serem pessoas com pós-graduação, altamente críticas, não perdiam o olhar da dimensão humana, conseguiam enxergar o outro e trazer para sua prática uma criticidade amorosa, a qual tem cada vez mais sido aplacada nos ambientes de trabalho, para que metas sejam atingidas a quaisquer custos. E, assim, surgiu a percepção de que o que elas tinham de diferente era uma dimensão espiritual clara, retroalimentada de formas distintas, mas com a

uma grande abertura ao Espírito Além, por reconhecerem a pluralidade de maneiras de se estabelecer e se desenvolver essa dimensão humana.

Então, em meio ao sofrimento inevitável de um sonho não realizável ou, melhor, não realizado até agora, elas me inspiraram a pesquisar inicialmente a categoria projeto de vida, categoria essa que se transformou numa subcategoria da espiritualidade. A nossa relação interpessoal foi inspiração para investigar como a espiritualidade pode ser a base de um processo de reflexão para o desenvolvimento de uma educação para aposentadoria.

Ao fim do processo desta pesquisa, trazer essa reflexão é muito importante para que eu perceba, enquanto pesquisadora, que atingi o meu objetivo pessoal de trazer esta contribuição para o campo teórico, uma vez que, especialmente, o encontro com a teoria de Viktor Frankl foi-me muito significativa, pois, aprendi que é preciso compreender o quanto o sofrimento inevitável está a todo o momento nos fazendo refletir sobre o sentido de nossas vidas e nos chama a ressignificá-lo, uma vez que, desde a seleção ao mestrado até o momento das últimas linhas digitadas, tive que ressignificar minhas perdas.

O ingresso no mestrado foi a ressignificação do vazio de um sonho não realizado, marcado por eventos dolorosos, como o fato de, no dia em que recebi a notícia de que fui aprovada na parte eliminatória da seleção, estar no hospital providenciando o velório de minha mãe. Na primeira semana de aula, tive que viver o luto da perda do meu avô-pai, de modo que a vida não pára a fim de que minha pesquisa aconteça. Precisei estar consciente de que haveria muitas outras situações que tirariam minha energia vital e que me dar um tempo ao luto foi necessário, pois não sou uma máquina com botão *on/off*. Essas perdas foram os insumos para eu iniciar e me abrir ao processo de inquirição intrapessoal para que o princípio da equiprimacia pudesse ser olhado e vivido em todo o processo de pesquisa.

O primeiro ano de mestrado foi marcado pelo processo eleitoral, cujas discussões de ideias foram aplacadas pelas francas agressões vividas cara a cara e virtualmente nas redes sociais. Em minha memória, foi o processo eleitoral com maior nível de agressão entre as pessoas e me foi muito caro compreender que, em meio a tudo isso, eu tinha a responsabilidade de trazer as minhas reflexões enquanto acadêmica e respeitar o processo enativo de cada pessoa que interagira comigo, pois, aprendi a desenvolver o meu Espírito Intermediário e Além na compreensão de que cada pessoa passa por um processo cocriativo de entendimento da realidade distinto do meu e que a minha percepção não é melhor do que a das outras pessoas. Chamava a mim a responsabilidade por ser a primeira pessoa da família a ingressar no *stricto sensu* de modo a trazer reflexões para ajudar no desvelamento da

realidade e nas decisões políticas mais conscientes, ao passo que foi necessário compreender que os conhecimentos adquiridos por mim não são melhores nem maiores que os desenvolvidos pelos meus entes queridos.

No ano seguinte, a crise política que estávamos passando refletiu diretamente na minha pesquisa, quando as pessoas não queriam responder o inventário e o questionário em virtude da desconfiança que estavam no atual governo e que, meses depois, foi revelado em entrevistas de dirigentes, trazendo a categoria de servidor público como uma ameaça à manutenção de suas plataformas. Foi, assim, mais um aprendizado deixado pelo processo de que não temos controle da realidade. Para dar conta de tudo o que se apresentava na minha trajetória de pesquisadora, lancei-me num processo de autocuidado, permitindo-me ser humana e cocriando um espaço seguro onde poderia dissipar minhas dores, sendo acompanhada por terapeutas integrais. Desse modo, as experiências vividas permitiram que eu pudesse compreender que aquele processo estava para além de meu controle, uma vez que ainda tive de lidar com a negação de minha licença e achar alternativas para poder cumprir com os meus objetivos de pesquisa dentro dos prazos legais.

E quando achava que já estava conseguindo concluir o meu intento, mesmo com as limitações que se apresentaram, com as prorrogações que se fizeram necessárias em virtude de todo o cenário instaurado, chega março de 2020 com uma crise sanitária mundial, em que temos que nos resguardar e nos recolher em nossas casas como contingência desse processo. A meu ver, essa crise possui grande relação com a forma que *Mechanos* opera nas relações, em que seres humanos e a natureza são dispostos como recursos que podem ser utilizados e/ou descartados para o acúmulo de bem poucos indivíduos. O comportamento de degradação para que nações se sobressaiam em relação às outras, em que devorar florestas e seus animais passa a ser algo natural porque alguns se julgam seres superiores aos demais seres vivos.

Nessa perspectiva, mais uma vez o Espírito Além vem para me fazer refletir sobre o modo egocentrado que o humano tem pautado sua vida. A pandemia impactou diretamente na minha pesquisa, pois, na reta final, em que me encontrava na construção dos dados, fazendo as últimas transcrições das entrevistas, tive de lidar com o medo da perda iminente da minha avó-mãe, pois estava com a saúde precária pela infecção do corona vírus. Além do risco de sua morte, meu marido e eu também adoecemos, pois, mesmo com todos os cuidados sanitários com a sua saúde em nossa casa, contraímos o vírus e tive muito medo de que não pudesse concluir esta dissertação.

Foram meses de angústia, pois a morte estava rondando os lares e as pessoas mais importantes da minha vida estavam numa situação mais difícil que a minha. Em meio ao sofrimento inevitável, foi a dimensão espiritual que permitiu que eu me mantivesse firme no propósito de restabelecer a minha própria saúde e cuidar das pessoas que amo e ser, também, ombro amigo para as pessoas próximas que estavam perdendo seus entes queridos: mães, pais, avós, avôs, tios, tias, filhos, filhas, amigos e amigas. Não tem como ficar imune a tanto sofrimento e essa crise me mostrava cada vez mais que a dimensão espiritual é primaz para a construção de uma sociedade saudável, para um humano que não seja imune ao sofrimento de outrem. Portanto, a inquirição eco-socio-política se apresenta a mim como urgente a toda e qualquer pessoa neste planeta, pois, enquanto olharmos a natureza e a nós como um recurso, possivelmente receberemos o anúncio de mais pandemias. Reflito: quantas perdas mais serão necessárias para nos ensinar que estamos numa experiência coletiva interdependente? Penso que a saída perpassa pelo Espírito Intermediário como promotor de tomadas de decisão necessárias à manutenção de toda a vida nesta terra.

Assim a experiência de aluna do curso de mestrado no núcleo de Educação Espiritualidade foi um divisor de águas para minha vida, uma vez que as respostas existenciais procuradas aconteceram na academia. Uma busca que não foi preenchida na entrada em diversas tradições religiosas por onde passei. Por mais que hoje o meu olhar seja de muito mais respeito do que outrora tivesse, pelo senso de comunidade que pertencer a uma tradição cultural religiosa pode promover, não foi nelas que eu consegui entender claramente a minha dimensão espiritual. Hoje compreendo que a espiritualidade é polissêmica e tenho condições de ser uma pessoa autônoma e livre para viver os meus valores éticos e estéticos de forma profunda. Compreendi, também, que minha existência precisa estar em constante provocação para que, nos meus atos, os valores sejam vistos nas minhas interações e que são eles que vão conduzir a forma de ser e estar no mundo em respeito às formas de ser e estar no mundo de quaisquer pessoas, numa perspectiva de abertura para que, juntas, possamos cocriar uma vivência coletiva mais justa entre humanos e de nós com natureza.

Assim, o processo de transformação que me dispus a fazer modificou a minha relação com o trabalho, com o futuro, com os meus dons. Procuo estabelecer o limite das minhas ações, pois não posso aguardar a aposentadoria para saber lidar com o tempo e estar atenta ao apelo que o mundo do trabalho imprime ao me ver como uma máquina de produzir, dando valor à minha existência pelo tanto que produzo, querendo me colocar a necessidade de estar à disposição ao tempo do trabalho. Essa postura de vida não é integral, mas uma ação da

lógica mecânica, em que as relações estão se pautando desde a modernidade. Portanto, conhecer o princípio da equiprimacia e os quadrantes do kosmos fez-me olhar para a minha vida de forma integral, estabelecendo comigo uma inquirição intrapessoal profunda para que eu possa ter clareza do sentido da minha vida sem me furtar a ser uma pessoa responsável ao que entrego à sociedade na função de servidora pública.

Compreendo que a minha espiritualidade é transcendência e imanência, pois me permito ter experiências profundas de cocriação transpessoal para acessar e fortalecer a minha dimensão espiritual e, assim, ter clareza sobre as minhas decisões livres e responsáveis. Mesmo dentro da caixa hermética a que estamos submetidas, pela forma disfuncional de se compreender o mundo, percebo, porém, que a caixa tem sido furada por pontos de luz, como aqueles que as duas servidoras, com quem tive o prazer de conviver, me fizeram enxergar. Elas foram pontos de luz no INSS para que eu vislumbrasse a existência de espaços de liberdade para depositar gotas de esperança na construção de ambientes de trabalho saudáveis para todas as pessoas e de transições para aposentadorias mais conscientes.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. H.; MORE, C. L. O. Revisão sistemática da literatura internacional sobre aposentadoria e redes sociais. **Rev. bras. orientac. prof** [online], v. 18, n. 1, p. 57-68, 2017.

ANTUNES, M. H. MORE, C. L. O. O. Família, trabalho e aposentadoria: uma revisão da produção científica no cenário brasileiro. **Contextos Clínic** [online], v. 7, n. 2, p. 145-154. 2014.

ARENT, H. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AZEVEDO, R. P. A. C.; CARVALHO, A. M. A. O lugar da família na rede social do lazer após a aposentadoria. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.** [online], v. 16, n. 3, p. 76-82, 2006.

BACKMAN, F. **Um homem chamado Ove** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARBOSA, A. A. S.; BARROSO, R. E. C. Envelhecimento e finitude em tempos de solidão: aspectos comunicacionais e relação com o outro. In: OLINDA, E. M. B; GOLDBERG, L.G; **Pesquisa (auto)biográfica em educação: afetos e (trans)formações**. Fortaleza: EdUECE, 2017.

BARBOSA, T. M.; TRAESEL, E. S. **Pré-aposentadoria: um desafio a ser enfrentado. Barbaroi** [online], n. 38, p. 215-234, 2013.

BAUM, C.; KROEFF, R. F. S. Enação: conceitos introdutórios e contribuições contemporâneas. **Rev. Polis Psique**, v. 8, n. 2, p. 207-236, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2018000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2018000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 out. 2020.

BRASIL. **A preparação para aposentadoria no setor público**. Brasília: ENAP, 1996b.

BRASIL. **Censo, Governo do Brasil**. Brasília, DF, 2019e. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2018/08/populacao-brasileira-ultrapassa-208-milhoes-de-pessoas-revela-ibge>>. Acesso em: 28 out. 2020.

BRASIL. **Constituição Federal da República do Brasil**. Senado Federal, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <[https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_08.09.2016/CON1988.pdf](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/CON1988.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 6.833, de 29 de abril de 2009**. Casa Civil, DF, 2009, <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6833.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6833.htm)> Acesso em: 26 fev. 2019.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 288, de 23 de fevereiro de 1938**. Câmara dos Deputados, Brasília, DF, 2019d. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-288-23-fevereiro-1938-350732-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 26 fev. 2019.

BRASIL. **Em Busca da Legislação Trabalhista**. Escola do Tribunal Regional do Trabalho, TRT, Belo Horizonte, MG, 2019c. Disponível em: <<https://www.trt3.jus.br/escola/institucional/memoria/historico.htm>>. Acesso em 26 fev. 2019.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 103**, Casa Civil, DF, 2019a. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm)>. Acesso em 26 fev. 2019.

BRASIL. **Instituto Nacional do Seguro Social**, Ministério da Economia, DF, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/inss/pt-br/aceso-a-informacao/institucional>>. Acesso em: 24/04/2020.

BRASIL. **Lei Complementar nº 152**, Casa Civil, DF, 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.394 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, Casa Civil, Brasília, 1996a.

BRASIL. **Parecer CNE/CES nº 438/2020**, Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação, Brasília - DF, 2020. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=154111-pces438-20-1&category\\_slug=agosto-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=154111-pces438-20-1&category_slug=agosto-2020-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 22 ago. 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CES nº 1.071/2019**. Conselho Nacional de Educação, MEC, DF, 2019g.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** - Indicadores mensais produzidos com informações do trimestre móvel terminado em abril de 2019. IBGE, 2019f. Disponível em: <[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/c2d250096d7e5b8cf181664f53337323.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/c2d250096d7e5b8cf181664f53337323.pdf)>. Acesso em 4 jun. 2019.

BRASIL. **Portaria nº 12**. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, Secretaria de Gestão de Pessoas, DF, 2018. Disponível em: <[https://www.in.gov.br/materia/-set\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51058639/do1-2018-11-21-portaria-n-12-de-20-de-novembro-de-2018-51058368](https://www.in.gov.br/materia/-set_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51058639/do1-2018-11-21-portaria-n-12-de-20-de-novembro-de-2018-51058368)>. Acesso em 4 jun. 2019.

BRASIL. **Previdência Social**. Ministério da Economia, Brasília, DF, 2019b. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/historico/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BRASIL. **Servidores Públicos, Portal da Transparência**. Brasília, DF, 2019e. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br/servidores.>> Acesso em: 26 fev. 2019.

BRASIL. **Suicídio. Saber, agir e prevenir Boletim epidemiológico**, v. 48, n. 30, p. 1-13, 2017.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3563462/mod\\_resource/content/1/Braun%20e%20Clarke%20-%20Traducao\\_do\\_artigo\\_Using\\_thematic\\_analys.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3563462/mod_resource/content/1/Braun%20e%20Clarke%20-%20Traducao_do_artigo_Using_thematic_analys.pdf)>. Acesso em 01/03/2018

BRESSAN, M. A. L. C. **A Significação do Trabalho e da Aposentadoria**: o Caso dos Servidores da Universidade Federal de Viçosa. 139 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Departamento de Economia Doméstica. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.

CABRAL, M. C. R. **A permanência de docentes de universidade pública no trabalho após o direito à aposentadoria**: um estudo no Brasil e em Portugal. 245 f. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

CAMARANO, A. A. Living longer: are we getting older or younger for longer? **Vibrant, Virtual Braz. Anthr.**, v.13, n.1, p. 155-175, 2016.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um *software* gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicolv.** 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 9 jan. 2019.

CAMPOS, D. A. M. **Resiliência e Preparação Para Aposentadoria**: Um Estudo Com Trabalhadores Participantes de um Programa Pós-Carreira. 186 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017.

CANIZARES, J. C. L., JACOB FILHO, W. Fatores de risco à senilidade na transição à aposentadoria. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** [online], v. 14, n.3, p. 425-432, 2011.

CASTRO, E. V. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131996000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 out. 2020.

CATTANI, A. D. **Trabalho & Autonomia**. 2. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2001.

CAVALCANTE, F. G. et al. Autópsia psicológica e psicossocial sobre suicídio de idosos: abordagem metodológica. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 17, n. 8, p. 2.039-2.052, 2012.

CORDEIRO, E. P. B. **Formação Humana de Jovens e Adultos**: Elaboração, Implementação e Teste de um Componente Curricular em Cursos Tecnológicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Pernambuco. 305f. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

COSTA, A. B. **Projetos de Futuro na Aposentadoria**. 110 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2009.

COSTA, A. M. M. R. **O significado da aposentadoria para os servidores públicos**: o caso de uma universidade. 126 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

COSTA, L. F.; MALAQUIAS, J. V. **Rede Social e Aposentadoria**. In: MURTA, S.; LEANDRO-FRANÇA, C.; SEIDL, J. **Programas de educação para aposentadoria: como planejar e avaliar**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.

COUtrim, R. M. E. **A Velhice Invisível**: O Cotidiano de Idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte. São Paulo: Annablume, 2010.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. **Pesquisa de Métodos Misto**. 2. ed. Porto Alegre, Penso, 2013.

CRUZ, M. A. G. **Adiando o Pós-Carreira**: um estudo sobre os fatores que levam servidores federais a adiar a aposentadoria em uma instituição de pesquisa. 109 f. 2011. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Gestão e Desenvolvimento Regional) – Departamento de Economia, Contabilidade e Administração, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2011.

CUNHA, D. P. **Fundamentos Paradigmáticos da Formação Humana**: contribuições dos paradigmas transpessoal, intercultural da espiritualidade em para Educação no Brasil e na França. 416f. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Université Lumière de Lyon, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

CUNHA, J. B.; BLANK, V. L. G.; BOING, A. F. Tendência temporal de afastamento do trabalho em servidores públicos (1995-2005). **Rev. Bras. Epidemiol.** [online], v. 12, n. 2, p. 226-236, 2009.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**, 11. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1978.

FERNANDES, R. et al. Reforma da Previdência: sustentabilidade e justiça atuarial. **Estud. Econ.**, v. 49, n. 3, p. 423-463, 2019. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-41612019000300423&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612019000300423&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 1º out. 2020.

FERREIRA, A. L. **Do Entre-Deux de Merleau-Ponty à Atenção Consciente do Budismo e da Abordagem Transpessoal: Análise de uma Experiência de Educação Integral**. 449f. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2007.

FERREIRA, A. L.; SILVA, S. C. R.; SILVA, S. C. R. **Psicologia transpessoal: histórias conquistadas e desafios**. Recife: Editora UFPE, 2015 (*e-book*).

FERREIRA, A. L. Espiritualidade e Educação: Um Diálogo sobre quão reto é o Caminho da Formação Humana. In: RÖHR, F. et al. **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

FERREIRA, A. L.; SILVA, S. C. R. A Espiritualidade como Acontecimento Transpessoal. In: **Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não-Hegemônicas**. v. 3, São Paulo: CRP-SP, 2016.

FERRER, J. N. **Participation And The Mystery: Transpersonal Essays in Psychology, Education, and Religion**. State University of New York, Albany: Editora da State University of New York, 2017.

FLICK, U. Conceito de triangulação. In: FLICK, U. **Qualidade da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, A. G. **Programas de Preparação para Aposentadoria: Instrumentos Efetivos de Responsabilidade Social nas Universidades Públicas Federais de Ensino Superior**. 108 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Administração), - Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

FRANÇA, C. L.; MURTA, S. G. Fatores de risco e de proteção na adaptação à aposentadoria. **Revista Psicologia Argumento**, v. 32, n. 76, p. 33-43, 2014. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=14560&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

FRANÇA, L. H. F. P. Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira (Resenha da Obra). **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, v. 10, n. 2, p. 177-181, 2010.

FRANÇA, L. H. F. P.; CARNEIRO, V. L. Programas de preparação para a aposentadoria: um estudo com trabalhadores mais velhos em Resende (RJ). **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** [online], v. 12, n. 3, p. 429-447, 2009.

FRANÇA, L. H. F. P.; CARNEIRO, V. L. Influências sociais nas atitudes dos “Top” executivos em face da aposentadoria: um estudo transcultural. **Rev. Adm. Contemp.**, v. 13, n.1, p. 17-35, 2009, Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/rac>>. Acesso em: data. 28/04/2018

FRANÇA, L. H. F. P.; CARNEIRO, V. L. **O desafio da aposentadoria**: o exemplo dos executivos do Brasil e Nova Zelândia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

FRANÇA, L. H. F. P.; SOARES, D. H. P. Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. **Psicol. cienc. prof.** [online], v. 29, n. 4, p. 738-751, 2009.

FRANÇA, L. H. F. P.; MENEZES, G. S.; SIQUEIRA, A. R. Planejamento para aposentadoria: a visão dos garis. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** [online], v. 15, n. 4, p. 733-745, 2012.

FRANCILEUDO, F. A. Envelhecer Com Sentido: um ensaio à luz de Viktor Frankl. In: MARTINS J. C. O.; ROCHA, L. D. J. L. (Org.). **No Envelhecer, Experimente Viver! Reflexões sobre experiências potencializadoras de vida nos tempos livres da velhice.** Curitiba: CRV, 2018.

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida** – Psicoterapia e Humanismo. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 35. imp.; Petrópolis: Editora Vozes/Sinodal, 2017.

FREITAS, A. S. O “Cuidado de Si” como Articulador de uma Nova Relação entre Educação e Espiritualidade. In: RÖHR, F. et al. **Diálogos em Educação e Espiritualidade.** 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

FREITAS, M. C. ; CAMPOS, T. D.; GIL, C. A. Expectativas e concepções de trabalho na velhice em homens na meia-idade. **Est. Inter. Psicol.** [online], v. 8, n. 2, p. 43-64, 2017.

GADELHA, S. Governamentalidade Neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação e Realidade**, v. 32, n. 2, p. 171-186, 2009.

GUBA, E.; LINCOLN, Y. **Avaliação de Quarta Geração**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

GUTZ, L.; CAMARGO, B. V. Espiritualidade entre idosos mais velhos: um estudo de representações sociais. **Rev. bras. geriatr. Gerontol.**, v. 16, n. 4, p. 793-804, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232013000400793&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232013000400793&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jul. 2020.

HODEN, J. L. M. **Professor Voluntário: O Ciclo da Longedocência no Ensino Superior**. 277 f. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

HOUAISS. A.; VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSS. **Carta de Princípios e Governança**. Brasília, DF: INSS, 2010.

INSS. **Fundamentos Legais e Orientações Gerais para Aposentadoria dos Servidores do Instituto Nacional do Seguro Social**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://nosdoins.blogspot.com/2017/04/aposentadoria-escolhas-conscientes.html>>. Acesso em: 22/06/2020

JAPIASSÚ, H. **A crise das ciências humanas**. São Paulo: Cortez, 2012.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LARA, C. V. **Programa de Educação para Aposentadoria aos Servidores de Uma Universidade Pública**. 108 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Profissional em Ensino em Saúde) – Centro De Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação em Saúde, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2017.

LEANDRO-FRANÇA, C. **Efeito de Programas de Preparação para Aposentadoria: Um Estudo Experimental**. 291 f. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, UnB, Brasília- DF, 2016.

LEANDRO-FRANÇA, C. **Modelo de Intervenção Breve para Planejamento da Aposentadoria: Desenvolvimento e Avaliação**. 198 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2012.

LEANDRO-FRANÇA, C. et al. Intervenção Breve na Preparação para Aposentadoria. **Rev. bras. orientac. prof.** [online], v. 14, n. 1, p. 99-110, 2013.

LEANDRO-FRANÇA, C.. Aposentadoria: Crise ou Liberdade? In: MURTA, S.; LEANDRO-FRANÇA, C.; SEIDL, J. **Programas de educação para aposentadoria**: como planejar e avaliar. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.

LEANDRO-FRANÇA, C.; GIARDINI MURTA, S. Fatores de risco e de proteção na adaptação à aposentadoria. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 32, n. 76, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19845>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

LEANDRO-FRANÇA, C.; MURTA, S. G.; IGLESIAS, F. Planejamento da aposentadoria: uma escala de mudança de comportamento. **Rev. bras. orientac. Prof.** [online], v. 15, n. 1, p. 75-84, 2014.

LEANDRO-FRANÇA, C.; MURTA, S. G.; VILLA, M. B. Efeitos de uma intervenção breve no planejamento para a aposentadoria. **Rev. Psicol., Organ. Trab.** [online], v. 14, n. 3, p. 257-270, 2014.

LEANDRO-FRANCA, C; IGLESIAS, F.; MURTA, S. G. Futuro e aposentadoria: evidências de validade para uma medida de perspectiva temporal. **Rev. Psicol., Organ. Trab.** [online], v. 18, n. 2, p. 390-395, 2018.

LEAO, M. A. B. G.; GIGLIO, J. S. Psicodinâmica da mulher trabalhadora de meia-idade em fase de pré-aposentadoria. **PsicoUSF** [online], v. 7, n. 2, p. 185-194, 2002.

LIMA, A. F. **Contribuições da teoria de Ken Wilber para pensar a integralidade na Educação**. 192f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

LIMA, M. S. **Bem-Estar e Qualidade de Vida na Aposentadoria**: Percepção de Servidores Públicos da Universidade Federal da Paraíba. 108 f. 2017. Dissertação, (Mestrado em Profissional em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

MacDONALD, D. A. **Expressions of Spirituality Inventory**: Test development, validation, and scoring information. Testmanual. 2000a. Test Manual. Etrievedfrom. Disponível em: <https://ckannet-storage.commondatastorage.googleapis.com/2015-01-04T21:42:45.640Z/esimanual.pdf>>. Acesso em: data. 22/11/2018

MacDONALD, D. A. Spirituality: description, measurement and relation to the Five Factor Model of personality. **Journal of Personality**, v. 68, n. 1, p. 153-197, 2000b.

MacDONALD, D. A. et al. Spirituality as a Scientific Construct: Testing Its Universality across Cultures and Languages. **PLoS ONE**, v. 10, n. 3, p. e0117701, 2015.

MACEDO, P. L. A. **Percepções e práticas de lazer de servidores públicos federais aposentados**. 166 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília, 2018.

MACHADO GIBERTI, G. **A única certeza da morte é a vida**: investigação fenomenológica sobre idosos que se preparam para a morte. 180f. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

MARQUES, L. F. A saúde e o bem-estar espiritual em adultos porto-alegrenses. **Psicol. cienc. prof.**, v. 23, n. 2, p. 56-65, 2003. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932003000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 set. 2020.

MELO, C. F. et al. Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. **Estud. pesqui. psicol.**, v. 15, n. 2, p. 447-464, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812015000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 set. 2020.

MEZA-MEJÍA, M.; VILLALOBOS-TORRES, E. M. La crisis de la jubilación como una oportunidad educativa. **Educ. educ.**, v. 11, n. 2, p. 179-190, 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, M. C. S.; MENEGHEL, S. N.; CAVALCANTE, F. G. Suicídio de homens idosos no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2.665-2.674, 2012.

MIRANDA, M.; VILLARDI, R. M. S. Projeto Horizontes - relação entre capital cultural, na aceção de Bourdieu, e o fracasso escolar. **Rev. Bras. Educ.**, v. 25, p. e250025, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782020000100222&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782020000100222&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 out. 2020.

MORAN, E. **Ciência com consciência**. 16. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.

MOREIRA, J O; SILVA, J M D. A imagem corporal e o envelhecimento na perspectiva de professores de uma universidade brasileira. **Salud & Sociedad** [online], v. 4, n. 2, p. 136-144, 2013.

MPOG. **Portaria Normativa** nº. 3, de 25 de março de 2013. DF: MPOG, 2013.

MURTA, S. G. et al. Preparação para a aposentadoria: implantação e avaliação do programa viva mais! **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. v. 27, n. 1, p. 1-9, 2014.

MURTA, S.; LEANDRO-FRANÇA, C.; SEIDL, J. **Programas de educação para aposentadoria: como planejar e avaliar**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.

NAKAHODO, S. N.; SAVOIA, J. R.. A reforma da previdência no Brasil: estudo comparativo dos governos Fernando Henrique Cardoso e Lula. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, v. 23, n. 66, p. 45-58, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092008000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 1º out. 2020.

OPAS. **Folha informativa - Envelhecimento e saúde**. Brasília: OPAS, 2018. Disponível em <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5661:folha-informativa-envelhecimento-e-saude&Itemid=820](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5661:folha-informativa-envelhecimento-e-saude&Itemid=820)>. Acesso em: data. 11/11/2019

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano** [recurso eletrônico]. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PARREIRA, V. A. **Pré-aposentadoria: Expectativas dos Técnicos Administrativos em Educação do Instituto Federal do Espírito Santo**. 146 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Profissional em Gestão Pública) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

PEREIRA, I. S. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicol. USP**, v. 26, n. 3, p. 390-396, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642015000300390&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000300390&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 set. 2021.

PINHEIRO, S. L. **Digitalização e transformações do trabalho real: estudo de caso de um Serviço Público**. 198 f. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2010.

PINHEIRO, S. L. **Práticas psicológicas promotoras de saúde do servidor no INSS**. 129f. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

POLICARPO JR, J. Um Caminho para uma Vida Integral e Preciosa – Reflexões Sobre Espiritualidade e Educação. In RÖHR, F. et al. **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

RHODEN, J. L. M. **Professor Voluntário: O Ciclo da Longedocência no Ensino Superior**. 277 f. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2018.

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educ. Soc.** [online], v. 22, n. 76, p.232-257, 2001.

RÖHR, F. Espiritualidade e formação humana. **Revista do programa de pós-graduação em Educação**, número ESPECIAL: Biopolítica, Educação e Filosofia p. 53-68, 2011. Disponível em: <///C:/Users/elexb/Downloads/748-1062-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.

RÖHR, F. Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico próprio da Educação. **Pro-Posições**, v. 18, n. 1, p. 52, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643573>>. Acesso em: 22/01/2019

RÖHR, F. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

RÖHR, F. et al. **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”. **Diálogos Educacionais**, v. 6, n. 6, p. 37-50, 2006.

SANTIAGO, M. B. N. Diálogo e Transcendência na Visão Educativa de Martin Buber. In: RÖHR, F. et al. **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

SANTOS, M. F. S. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SEIDL, J.; LEANDRO-FRANÇA, C.; MURTA, S. G. Avaliação de impacto e suporte de um curso de preparação para aposentadoria. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, v. 18, n. 4, p. 494-502, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572018000400006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572018000400006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 1º out. 2019.

SELIG, G. A.; VALORE, L. A. Imagens da aposentadoria no discurso de pré-aposentados: subsídios para a orientação profissional. **Cad. psicol. soc. trab.** [online], v. 13, n. 1, p. 73-87, 2010.

SEVERINO, A. J. Desafios da Formação Humana no Mundo Contemporâneo. **Revista de Educação PUC-Campinas**, n. 29, p. 153-164, 2010.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 3, p. 619-634, 2006.

SILVA, A. C. C. **Múltiplos Olhares sobre um Programa de Preparação para Aposentadoria**: Um Estudo de Caso em uma Organização Pública do Estado de Pernambuco.

127 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Profissional em Gestão Empresarial), Centro Universitário FBV Wyden, Recife, 2018.

SILVA, L. X. L. **Espiritualidade, Humanização e Parto**: Estudo de métodos mistos à Luz da perspectiva Integral Transpessoal de Ken Wilber. 395 f. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SILVA, L. X. L. et al. Psychometric examination of a Brazilian adaptation of the Expressions of Spirituality Inventory – Revised. **Estudos de Psicologia**, v. 22, n. 2, 132-143, 2017.

SILVA, S. C. R. A Espiritualidade na Perspectiva Transpessoal: contribuições para pensar o sujeito da educação. 143f. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SOUZA, L. B. C. **Fatores de postergação da aposentadoria pelos servidores públicos idosos de uma instituição de ensino superior**. 120 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

TORBERT, W. R.; REASON, P. Toward a Participatory Worldview Part 1. **ReVision**, v. 24, n. 1, p. 1-48, 2001.

UFPE. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2019-2023**. Recife, 2019a. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/pdi>>. Acesso em: 06/03/2020

UFPE. **Relatório de Gestão UFPE - 2019**. Recife, 2019b. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/proplan/relatorios-de-gestao>>. Acesso em: 06/03/2020.

VENTURINI, D. O. **Aposentadoria “Como Prêmio” Ou “Como Castigo”**: Avaliando as Peculiaridades dos Servidores da UFSM. 152 f. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Públicas) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

WHO. **Active Ageing**: A Policy Framework, World Health Organization, Genebra, 2002. Disponível em: <[https://www.who.int/ageing/publications/active\\_ageing/en/](https://www.who.int/ageing/publications/active_ageing/en/)>. Acesso em: data.07/01/2020

WILBER, K. **A Visão Integral** – uma introdução à revolucionária abordagem integral da vida, de Deus, do Universo e de tudo mais. São Paulo: Cultrix, 2007.

ZANELLI, J. C. **Aposentadoria – Prioridades da vida para ser bem vivida**: cuidar-se para desfrutar. Curitiba: Maxi, 2017.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N., SOARES, D. H. P. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**: construção de projetos para o pós-carreira. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZANELLI, J. C. Processos Psicossociais, bem-estar e estresse na aposentadoria. **Rev. Psicol., Organ. Trab.** [online], v.12, n.3, p. 329-340, 2012.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nº	Questionário
1.	Data de Nascimento:
2.	Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino
3.	Escolaridade: ( ) Alfabetizado ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( ) Pós-graduação △ Especialização △ Mestrado △ Doutorado △ Pós-doutorado
4.	Curso de Graduação: _____ Possui outra graduação? Qual? _____
5.	Órgão de trabalho: _____ Última Unidade de trabalho: _____
6.	Tempo de serviço no serviço público: _____ Tempo de serviço na iniciativa privada: _____
7.	Idade do 1º trabalho ou 1º emprego: _____
8.	Situação: ( ) Aposentado/a ( ) Em abono de Permanência ( ) Pré-aposentável
9.	A reforma da previdência em tramitação no congresso antecipou sua decisão por se aposentar? ( ) sim ( ) não, Justifique?
10.	O que você entende por Educação para Aposentadoria? (...) Não sei do que se trata. (...) É um planejamento financeiro para não ter impactos no orçamento quando parar de trabalhar. (...) É um processo formativo que permite autorreflexões para o meu bem-estar ao longo de sua carreira. (...) É uma preparação para gozar do tempo livre depois de aposentar. (...) É aprender a cuidar da saúde para aproveitar a aposentadoria.
11.	Você participou de alguma ação de educação para aposentadoria? ( ) SIM ( ) Não
12.	Se sim, em medida a ação colaborou em relação com a preparação para aposentadoria?



## APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

**Pesquisa: ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA:** um estudo com as servidoras da UFPE e do INSS

Nome	
Instituição	
Tempo de serviço	
Cargo	

### Entrevista

#### Bloco 1 - Espiritualidade

O que você entende por espiritualidade? Ela faz parte de sua vida? Se sim ou não, comente. A espiritualidade tem afetado ou afetou o processo de sua aposentadoria? Como?

#### Bloco 2 - Aposentadoria

Como foi o processo de decisão pela aposentadoria? Quais pensamentos, sentimentos, sensações, intuições você teve neste momento? Você passou por alguma ação de EPA no INSS/UFPE? Como estas ações afetaram o processo de sua aposentadoria? Que sugestões você daria para as instituições no intuito de melhorar a Educação para Aposentadoria os pré-aposentados e aposentados? Indique 3 temáticas que você considera ser fundamental na preparação para aposentadoria?

## APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa de Mestrado “**A ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA: um estudo com servidor@s da UFPE e INSS**”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora : Elexandra Santos do Nascimento Bayma, R.G. 5.386.465 PC/PA, elexbayma@gmail.com, Av. Ulisses Montaroyos, 7705, Candeias, Jaboatão dos Guararapes - PE, fones: 81-986504653 Esta pesquisa está sob a orientação prof. Dr. Aurino Lima Ferreira, do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE (www.ufpe.br/ppgedunova), aurinolima@gmail.com, fone: 81-999751594.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

O objetivo geral do estudo é compreender as contribuições da espiritualidade no processo de construção de uma educação para aposentadoria à luz da integralidade/transpessoalidade em servidores(as) públicos(as) federais aposentados(as) e pré-aposentáveis. Você receberá por e-mail um link deste documento em formato digital e do formulário eletrônico do inventário de espiritualidade e do questionário sociodemográfico. Caso não deseje responder por meio eletrônico, faça contato telefônico (pode ser a cobrar) ou por e-mail para que a pesquisadora possa levar uma cópia impressa do questionário e do inventário até você. Esse termo também é válido caso você seja selecionado(a) para fazer a entrevista, da qual poderá declinar do convite mesmo que já tenha respondido os instrumentos anteriores. A data e o local da entrevista será de acordo com sua disponibilidade.

O risco no qual você poderá se submeter ao responder essa pesquisa será a reflexão acerca do papel da dimensão espiritual em sua vida e de sua relação, de forma negativa, com o trabalho ou aposentadoria. Desse modo, a pesquisadora colocará-se à disposição para uma escuta sensível e encaminhamento de alguma intervenção por meio dos canais de comunicação disponíveis neste documento, e-mail e telefone, ou presencialmente se você for conceder a entrevista.

Como benefício, a pesquisa pode ser uma oportunidade para você refletir acerca de suas escolhas de vida no tocante à aposentadoria e ao trabalho, de modo promover mudanças que acolham escolhas que promovam bem-estar.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos (as) voluntários (as), a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. A pesquisadora declara que os dados coletados dos questionários sociodemográfico, os inventários de espiritualidade e as entrevistas que serão desenvolvidas nesta pesquisa ficarão armazenados em meio digital no computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora Elexandra Santos do Nascimento Bayma, no endereço Av. Ulisses Montaroyos, 7705, Candeias Jaboatão dos Guararapes pelo período de mínimo 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pela pesquisadora (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepeccs@ufpe.br)**.

---

Elexandra Santos do Nascimento Bayma

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as

minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo “**A ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO PARA APOSENTADORIA: um estudo com servidor@s da UFPE e INSS**” como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade

Local e data \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar.** (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

## ANEXO A - INVENTÁRIO DE EXPRESSÕES DE ESPIRITUALIDADE - REVISADO (ESI-R-BR; MACDONALD, 2000)

Este questionário diz respeito às suas experiências, atitudes, crenças e práticas de vida relacionadas à espiritualidade. Abaixo são apresentadas várias afirmações. Leia cada uma delas cuidadosamente. Usando as opções de concordância nas colunas à direita, avalie e assinale até que ponto você concorda com cada afirmação, indicando o quanto ela se aplica a você. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, responda cada afirmação da maneira mais sincera possível. O número 0 indica “Discordo Fortemente”; 1 indica “Discordo”; 2 “Neutro”; 3 “Concordo”; 4 “Concordo Fortemente”.

	DF	D	N	C	CF
1. A espiritualidade é uma parte importante de quem eu sou como pessoa.					
2. Já tive uma experiência em que eu parecia estar intimamente ligado(a) a todas as coisas					
3. Sempre parece que estou fazendo as coisas da maneira errada					
4. É possível se comunicar com os mortos					
5. Eu acredito que frequentar cultos ou práticas religiosas é importante					
6. A espiritualidade é uma parte essencial da existência humana					
7. Já tive uma experiência onde eu parecia ir além do tempo e do espaço					
8. Eu não me sinto confortável comigo mesmo					
9. Eu acredito que bruxaria existe					
10. Eu tenho um sentimento de proximidade com um Ser Superior					
11. Estou mais consciente das minhas escolhas de vida por causa da minha espiritualidade					
12. Eu já tive uma experiência mística, ou seja, uma experiência espiritualmente significativa que parecia ir além do entendimento humano					
13. Muito do que eu faço na vida parece feito por obrigação, e não de forma espontânea					
14. É possível adivinhar o futuro					
15. Eu me vejo como uma pessoa voltada para a religião					
16. Eu tento considerar todos os elementos de um problema, incluindo os aspectos espirituais, antes de tomar uma decisão.					
17. Já tive uma experiência de união com uma Força maior do que eu					
18. Minha vida é frequentemente problemática					
19. Eu não acredito em espíritos ou fantasmas					
20. Eu vejo Deus ou um Poder Superior presente em tudo que faço					
21. Minha vida tem se beneficiado da minha espiritualidade					
22. Eu já tive uma experiência na qual tudo parecia divino					
23. Eu me sinto tenso(a) com frequência					
24. Eu acho que a psicocinese, ou seja, mover objetos com a força da mente é possível					
25. Eu pratico alguma forma de oração					
26. Eu acredito que dar atenção ao próprio crescimento espiritual é importante					
27. Já tive uma experiência na qual eu parecia ir além da percepção normal que tenho de mim mesmo(a)					
28. Eu sou uma pessoa infeliz					
29. É possível sair do próprio corpo					
30. Eu acredito que Deus ou um Poder Superior é responsável pela minha existência					
31. Este questionário parece estar medindo espiritualidade					
32. Eu respondi a todas as afirmações com sinceridade					

Nota: Frase alternativa ao item 27: “Já tive uma experiência em que eu me percebia espiritualmente ampliado(a)/elevado(a)”. O coeficiente Alpha de Cronbach, com esta opção, foi igual ao do item original (90). (SILVA, 2018, p.395)